QUANTO MAIS ALTO VOCÊ ESTÁ, PIOR É A QUEDA



O milésimo andar

ROCCO
JOVENS LEITORES

BESTSELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

KATHARINE McGEE

KATHARINE McGEE

O milésimo andar

Tradução
Ana Carolina Mesquita

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Lizzy

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo

1. Avery

2. Leda

3. Rylin

4. Eris

5. Watt

6. Avery

7. Leda

8. Avery

9. Eris

10. Rylin

11. Watt

12. Leda

13. Avery

14. Eris

15. Rylin

16. Avery

17. Watt

18. Eris

19. Leda

20. Rylin

21. Eris

22. Avery

23. Eris

24. Watt

25. Rylin

26. Watt

27. Leda

28. Eris

29. Leda

30. Avery

31. Rylin

32. Leda

33. Avery

34. Eris

35. Rylin

36. Leda

37. Avery

38. Watt

39. Rylin

40. Eris

41. Leda

42. Watt

43. Rylin

44. Avery

45. Leda

46. Eris

47. Avery

48. Watt

49. Leda

50. Avery

51. Watt

52. Rylin

53. Eris

54. Leda

55. Avery

56. Leda

57. Watt

58. Rylin

59. Eris

60. Watt

61. Rylin

62. Leda

63. Eris

64. Avery

65. Leda

66. Rylin

67. Eris

68. Rylin

69. Leda

70. Watt

71. Avery

72. Mariel

Agradecimentos

Créditos

A Autora

PRÓLOGO

Novembro de 2118

OS SONS DE RISADAS e música já estavam morrendo no milésimo andar e a festa ia se dividindo em grupos, mesmo os mais animados dos convidados já entrando no elevador para descerem para suas casas. Os janelões do chão ao teto eram quadrados de escuridão aveludada, apesar de o sol estar começando a nascer, pintando o horizonte de ocre, rosa-claro e um dourado brilhante e suave.

Foi então que um grito cortou o silêncio abruptamente quando uma garota despencou, seu corpo caindo cada vez mais rápido no ar frio de antes do amanhecer.

Em apenas três minutos, ela iria colidir com o cimento implacável da East Avenue, mas agora – com os cabelos esvoaçantes, o vestido de seda grudando nas curvas do seu corpo, a boca vermelha congelada em um círculo perfeito de choque –, neste exato momento, ela estava mais linda do que nunca.

Dizem que antes de morrer, a vida de uma pessoa passa como um filme diante de seus olhos, mas à medida que o chão se aproximava dela, cada vez mais rápido, a garota só pensava nas suas últimas horas, no caminho que havia tomado e que a levara até ali. Se ela não tivesse falado com ele. Se não tivesse sido tão ingênua. Se nem tivesse subido até ali.

Quando o vigia encontrou o que havia restado de seu corpo e, tremendo, ligou para fazer um relatório sobre o incidente, tudo o que sabia era que ela fora a primeira pessoa a cair da Torre em seus vinte e cinco anos de existência. Ele não sabia quem ela era ou como ela havia conseguido acesso à área externa.

Não sabia sequer se ela havia caído, se tinha sido empurrada ou se, pressionada pelo peso de segredos terríveis, decidira pular.

AVERY

Dois meses antes

– FOI MUITO LEGAL hoje à noite – disse Zay Wagner enquanto acompanhava Avery Fuller até a porta da cobertura de seus pais. Eles estiveram no Aquário de Nova York, no 830º andar, dançando iluminados pelo brilho suave dos tanques e dos rostos conhecidos. Não que Avery gostasse do aquário, mas, como sua amiga Eris sempre dizia, festa é festa, certo?

– Eu também achei.

Avery virou sua cabeça em direção ao scanner de retina, balançando o cabelo loiro, e a porta se abriu. Ela sorriu para Zay.

– Boa noite.

Ele segurou a mão dela.

– Estava pensando... Será que eu posso entrar? Já que seus pais estão fora e tal...

– Desculpe – murmurou Avery, escondendo seu aborrecimento com um falso bocejo. Ele havia encontrado desculpas para tocá-la a noite toda, ela já deveria imaginar que isso iria acontecer. – Estou exausta.

– Avery. – Zay soltou a mão dela e deu um passo para trás, passando a mão pelos cabelos. – Estamos nessa há semanas. Você ao menos *gosta* de mim?

Avery abriu a boca para responder, mas ficou em silêncio. Não fazia a menor ideia do que deveria dizer.

Algo passou pelo rosto de Zay – irritação? confusão?

– Entendi. A gente se vê.

Zay caminhou em direção ao elevador, depois se virou, os olhos percorrendo o corpo dela mais uma vez.

– Você estava linda hoje – completou ele. As portas do elevador se fecharam com um clique.

Avery suspirou e entrou no saguão de seu apartamento. Antes de ela nascer, quando a Torre ainda estava em construção, seus pais haviam feito ofertas agressivas para conseguir esse lugar – o último piso inteiro, com o único hall de entrada de dois andares na estrutura. Eles tinham tanto orgulho desse hall, mas Avery o odiava: a maneira como fazia seus passos ecoarem, os espelhos brilhantes em todas as paredes. Ela não podia olhar em nenhuma direção sem ver o próprio reflexo.

Tirou os sapatos de salto, deixando-os no meio do hall, e caminhou descalça até seu

quarto. Alguém iria recolher os sapatos amanhã, algum dos robôs ou Sarah, se ela chegasse no horário.

Coitado de Zay. Avery gostava dele: ele era engraçado, ele a fazia rir; ela só não sentia nada quando eles se beijavam.

Porém, o garoto que Avery *realmente* queria beijar era o único que jamais poderia ser seu.

Ela entrou no quarto e ouviu o zumbido suave enquanto o computador era ativado, escaneando seus dados vitais e ajustando a temperatura ambiente de acordo com eles. Um copo com água gelada apareceu na mesinha ao lado de sua cama antiga – provavelmente devido ao champanhe que ainda se revirava em seu estômago vazio, embora Avery não fosse perguntar. Depois que Atlas foi embora da cidade, ela havia desabilitado a função de voz do computador. Tinha sido ele quem habilitara a máquina com sotaque britânico, apelidando-a de Jenkins. Conversar com Jenkins sem Atlas era muito deprimente.

As palavras de Zay ecoaram em sua cabeça. *Você estava linda hoje.* Ele só quis elogiar Avery, é claro; não poderia fazer ideia de como ela odiava aquela palavra. Durante toda a sua vida ela escutou todo mundo dizendo-lhe o quanto ela era linda – professores, rapazes, seus pais. Àquela altura o termo havia perdido o sentido completamente. Atlas, seu irmão adotivo, era o único que sabia que não deveria elogiá-la.

Os Fuller haviam gastado anos de suas vidas e uma quantia considerável de dinheiro tentando conceber Avery. Ela não tinha certeza de quanto havia custado, mas suas estimativas eram de que o valor era pouco menor do que o apartamento da família. Seus pais, ambos de estatura mediana, aparência comum e cabelos castanhos finos, haviam contratado o mais famoso cientista do mundo e o trazido da Suíça para selecionar seu material genético. Em alguma das milhões de combinações possíveis do DNA comum deles, encontraram a única possibilidade que se transformou em Avery.

Às vezes ela se perguntava qual seria a sua aparência se seus pais a tivessem concebido naturalmente, ou se tivessem feito apenas uma varredura para evitar doenças genéticas, como faziam a maioria das pessoas dos andares superiores. Será que ela teria herdado os ombros ossudos da mãe ou os dentes grandes do pai? Não que isso fosse importante. Pierson e Elizabeth Fuller haviam pagado por *esta* filha específica, com cabelos cor de mel, pernas longas e olhos azuis, além da inteligência do pai e do humor da mãe. Atlas sempre brincava que sua única imperfeição era ser cabeça-dura.

Avery desejava que aquela fosse a única coisa de errado com ela.

Ela balançou os cabelos, prendeu-os num coque displicente e saiu do quarto, determinada. Na cozinha, abriu a despensa e buscou a maçaneta escondida que dava para o painel de controle eletrônico geral. Ela havia encontrado aquela maçaneta anos atrás, quando brincava de pique-esconde com Atlas. Ela nem sequer tinha certeza de se

seus pais sabiam da existência daquilo; nunca botavam o pé ali.

Avery empurrou o painel de metal, e uma escada desceu para o interior da despensa estreita. Segurando a saia de seu vestido branco de seda com as duas mãos, ela se encolheu para caber na passagem e começou a subir, contando os degraus em italiano, instintivamente, *uno, due, tre.* Ela se perguntava se Atlas teria passado algum tempo na Itália esse ano, ou mesmo se ele tinha ido para a Europa no fim das contas.

Equilibrando-se nos degraus superiores, ela estendeu a mão para abrir a porta e adentrou, ansiosa, a escuridão e o vento.

Sob o ruído ensurdecedor do vento, Avery escutou o barulho da atividade de várias máquinas no terraço ao seu redor, concentradas em seus painéis fotovoltaicos e suas caixas à prova de intempéries. Seus pés descalços sentiram o metal frio dos degraus da plataforma. Suportes metálicos pendiam de cada extremidade, encontrando-se no topo para moldar a forma piramidal icônica da Torre.

A noite estava clara, nada de nuvens que pudessem fazer seus cílios ficarem úmidos ou formar gotas em sua pele. As estrelas brilhavam como vidro moído contra a imensidão escura da noite. Se alguém a descobrisse ali, ela ficaria de castigo pelo resto de sua vida. Era proibido o acesso externo acima do piso 150. Todos os terraços acima daquele andar eram protegidos contra os ventos por pesados painéis de vidro de polietileno.

Avery não sabia se alguém além dela já havia pisado ali. Havia grades de segurança de um dos lados do terraço, provavelmente para o caso de necessidade de algum reparo que solicitasse a vinda de pessoal da manutenção, mas, até onde ela sabia, isso jamais havia acontecido.

Ela nunca havia contado a Atlas. Era um dos dois únicos segredos que ela ocultara dele. Se ele descobrisse, daria um jeito para que ela jamais voltasse ali, e Avery não poderia abrir mão daquele lugar. Ela amava estar ali em cima – amava a sensação do vento batendo em seu rosto e embaraçando seus cabelos, fazendo seus olhos lacrimejarem, uivando tão alto que calava seus pensamentos.

Ela se aproximou do parapeito, saboreando o nó no estômago ao olhar para a cidade lá embaixo, os trens suspensos correndo pelos trilhos sinuosos como cobras fluorescentes. O horizonte parecia estar impossivelmente longe. Dava para ver das luzes de Nova Jérsei, no oeste, às ruas do Sprawl, no sul, e ao Brooklyn, no leste, e, mais ao longe, o brilho azul metálico do Atlântico.

E sob seus pés descalços estava a maior estrutura do mundo, um mundo inteiro em si. Que estranho pensar que havia milhões de pessoas nos andares abaixo dela naquele exato momento, comendo, dormindo, sonhando, tocando. Avery piscou, sentindo-se extremamente sozinha. Todos eles eram estranhos, mesmo aqueles que ela conhecia. Ela não se importava com nenhum deles, nem tampouco com ela mesma – na verdade, ela já

não se importava com absolutamente nada.

Apoiou os cotovelos na balaustrada e estremeceu. Um movimento errado poderia lançá-la lá embaixo. Não pela primeira vez, ela imaginou como seria uma queda de quatro mil metros. Imaginava que deveria ser estranhamente de calma, a sensação de leveza ao atingir a velocidade final. E, de qualquer maneira, ela morreria de um ataque do coração muito antes de tocar o solo. Fechando os olhos, ela se inclinou para a frente, curvando os dedos dos pés sob o parapeito, justamente quando a parte de trás de suas pálpebras se acendeu, suas lentes de contato registrando uma ligação.

Ela hesitou; uma onda de excitação e culpa tomou conta dela ao ver quem estava ligando. Avery tinha conseguido evitar essa situação o verão inteiro, ocupada com o intercâmbio em Florença e, mais recentemente, com Zay. Porém, depois de alguns instantes, ela se virou e desceu a escada depressa.

– Oi – atendeu ela sem fôlego quando estava de volta na despensa, sussurrando apesar de não haver ninguém por perto para escutá-la. – Faz tempo que você não liga. Cadê você?

– Em um lugar novo, que você iria amar. – A voz dele parecia a mesma de sempre, morna e maravilhosa. – Como estão as coisas, Aves?

E pronto, ali estava: o motivo pelo qual Avery tinha de engatinhar para fora, para que o uivo do vento calasse seus pensamentos, a parte de sua engenharia genética que havia dado terrivelmente errado.

Do outro lado da linha estava Atlas, seu irmão – e o motivo pelo qual ela jamais sentiu vontade de beijar nenhum outro garoto.

LEDA

ENQUANTO O HELICÓPTERO cruzava o rio East em direção a Manhattan, Leda Cole se inclinou para a frente, pressionando o rosto contra o vidro flexível para ver melhor.

Havia sempre algo de mágico nessa primeira vista da cidade, especialmente agora, com as janelas dos andares superiores brilhando por causa do sol da tarde. Sob a superfície cromada, Leda viu lampejos de cor onde os elevadores subiam rapidamente, as veias da cidade bombeando sangue para cima e para baixo. Tudo estava como sempre esteve, pensou ela, extremamente moderno e mesmo assim atemporal. Leda havia visto inúmeras fotografias da antiga Nova York, a paisagem que todos romantizavam, mas, comparada à Torre, a antiga cidade parecia velha e feia.

– Feliz em voltar para casa? – perguntou a mãe, cautelosa, fitando-a do assento do outro lado do corredor.

Leda assentiu, sem se importar em responder. Ela mal havia conversado com os pais desde que eles a haviam buscado na clínica de reabilitação naquela manhã. Na verdade, desde o incidente ocorrido em julho, motivo pelo qual ela foi internada.

– Podemos pedir comida no Miatza hoje à noite? Tem um tempão que tô com vontade de comer um hambúrguer – disse seu irmão, Jamie, numa tentativa óbvia de animá-la. Leda o ignorou. Jamie era apenas onze meses mais velho, prestes a iniciar o último ano do ensino médio, mas ele e Leda não eram muito próximos. Provavelmente porque não tinham nada a ver um com o outro.

Para Jamie tudo era simples e direto, ele nunca parecia se preocupar com nada. Ele e Leda nem mesmo se pareciam *fisicamente*. Leda tinha a pele escura e era animada como a mãe, enquanto Jamie tinha a pele quase tão clara quanto a do pai e, apesar dos esforços de Leda, estava sempre desarrumado. Nesse momento ele estava usando uma barbicha espetada que aparentemente havia deixado crescer durante o verão.

– Vamos comer o que Leda quiser – respondeu o pai. Porque, óbvio, deixar que ela escolhesse o jantar resolveria todos os problemas.

– Tanto faz para mim.

Leda olhou para os pulsos. Duas pequenas cicatrizes deixadas pelo bracelete de monitoramento que ela havia usado o verão inteiro eram as únicas evidências de sua estadia em Silver Cove. Apesar do nome, a clínica era localizada muito longe do oceano, em Nevada.

Porém, Leda não podia culpar os pais. Se ela tivesse presenciado a cena que eles presenciaram em julho, teria enviado sua filha para uma clínica de reabilitação também. Quando chegou à clínica, Leda estava um caco: revoltada, violenta, chapada de xenperheidrina e sabe-se lá mais do quê. Foi necessário um dia inteiro do que as outras meninas de Silver Cove chamavam de "suco da felicidade" – um potente coquetel intravenoso de sedativos e dopamina – antes que ela sequer concordasse em conversar com os médicos.

À medida que as drogas foram lentamente deixando o organismo de Leda, o gosto acre de seu ressentimento começou a desaparecer. Em seu lugar, a vergonha tomou conta dela, desconfortável e inesquecível. Ela sempre havia prometido a si mesma que permaneceria no controle, que não se transformaria num daqueles viciados ridículos que se mostravam nas aulas de saúde da escola. No entanto, ali estava ela, tomando sedativos na veia.

– Tudo bem? – perguntou uma das enfermeiras, observando sua expressão.

"Nunca deixe ninguém te ver chorar", Leda lembrou a si mesma, piscando para afastar as lágrimas.

– Claro – disse ela, com a voz firme.

Com o passar do tempo, Leda de fato encontrou alguma paz na reabilitação: não com seu psicólogo inútil, mas na meditação. Ela passava quase todas as manhãs ali, sentada com as pernas cruzadas e repetindo o mantra que o Guru Vashmi entoava. *Que minhas ações tenham propósito. Eu sou minha maior aliada. Eu sou o suficiente para mim mesma.* De vez em quando Leda abria os olhos e olhava para as outras garotas na tenda de yoga, cercadas pelo vapor de lavanda. Todas tinham uma aparência assombrada, como se tivessem sido perseguidas até aqui e não tivessem forças para sair. *Não sou como elas*, disse Leda a si mesma, endireitando os ombros e fechando os olhos novamente. Ela não precisava das drogas, não da mesma maneira que aquelas meninas.

Agora eles estavam a apenas poucos minutos da Torre. De repente, uma ansiedade enorme fez o estômago de Leda se revirar. Será que ela estava pronta para isso? Pronta para voltar e encarar tudo o que a havia enviado para o fundo do poço?

Tudo, não. Atlas ainda estava sumido.

Fechando os olhos, Leda murmurou algumas palavras para instruir suas lentes a abrirem a caixa de entrada, que ela estava checando sem parar desde que havia deixado o centro de reabilitação pela manhã. Três mil mensagens acumuladas apitaram instantaneamente em seus ouvidos, convites e alertas soando uns sobre os outros como notas musicais. O ruído era estranhamente calmante.

No topo da lista havia uma nova mensagem de Avery. *Quando você volta?*

Todo verão a família de Leda a forçava a fazer uma visita anual à "casa" em Podunk, no meio do nada em Illinois.

– Nossa casa é em Nova York – protestava ela todos os anos, mas seus pais a ignoravam. Sinceramente, Leda não conseguia entender por que seus pais faziam *questão* de continuar visitando aquele lugar ano após ano. Se ela tivesse feito o que eles fizeram – mudar-se de Danville para Nova York assim que se casaram, logo depois que a Torre foi construída, e lentamente aumentar o patrimônio a ponto de poder morar num dos andares cobertos superiores –, ela não ia querer olhar para trás.

Entretanto, seus pais faziam questão de voltar para sua cidade natal todos os anos e ficar com os avós de Leda e Jamie numa casa sem qualquer tecnologia, onde não havia nada além de manteiga de soja e refeições congeladas. Leda até gostava de ir para lá quando era pequena, quando a viagem era apenas mais uma aventura. Entretanto, quando ficou mais velha, começou a implorar para não ir. Já não gostava mais de ficar com os primos, com suas roupas bregas produzidas em massa e suas estranhas pupilas sem lentes. Porém, por mais que ela protestasse, nunca conseguia se livrar da viagem. A não ser esse ano.

– Já estou de volta! – respondeu Leda, dizendo a mensagem em voz alta e assentindo para que fosse enviada. Parte dela sabia que devia contar a Avery a respeito de Silver Cove. Na reabilitação, haviam falado muito sobre assumir a responsabilidade pelos seus atos e pedir ajuda aos amigos. Mas só pensar em contar a Avery a fez agarrar o assento até que os nós dos dedos ficassem brancos. Ela não podia contar. Não poderia revelar tamanha fraqueza para sua melhor amiga, a garota mais que perfeita. Com certeza Avery reagiria educadamente, mas Leda sabia que em algum nível ela a julgaria e olharia para Leda nem que fosse um pouquinho diferente. E ela não poderia suportar isso.

Avery sabia partes da verdade: que Leda começara a usar xenperheidrina de vez em quando, antes das provas, para deixar seu pensamento mais afiado... e que algumas vezes ela havia experimentado coisas mais fortes com Cord, Rick e o resto da turma. Mas Avery não fazia ideia do quanto as coisas tinham ficado pesadas no final do ano, depois da viagem aos Andes – e definitivamente não fazia a menor ideia do que havia acontecido no verão.

Eles pararam na Torre. O helicóptero balançou por um momento na entrada do heliporto situado no 700º andar; mesmo com estabilizadores, a aeronave ainda teve que lutar contra o vento forte que envolvia a Torre. Então ele deu um último impulso e aterrissou no hangar. Leda tirou o cinto de segurança e desceu a escada atrás de seus pais. Sua mãe já estava ao telefone, provavelmente reclamando sobre algum negócio que havia dado errado.

– Leda! – Um furacão loiro voou para cima dela, enlaçando-a num abraço.

– Avery! – disse Leda, sorrindo entre os cabelos da amiga, se libertando do abraço gentilmente. Ela deu um passo para trás e ergueu os olhos – e momentaneamente suas antigas inseguranças voltaram com força total. Ver Avery novamente era como tomar

um choque. Leda tentava fazer com que não a incomodasse, mas às vezes ela não conseguia deixar de pensar como era injusto. Avery já tinha uma vida perfeita na cobertura do milésimo andar da Torre, será que era justo ela *ser* perfeita também? Vendo Avery perto dos Fuller, era impossível imaginar que ela havia sido criada a partir da combinação do DNA deles.

Era uma merda, às vezes, ser amiga da garota perfeita demais para ter sido criada naturalmente. Leda, por outro lado, provavelmente havia sido concebida após um porre de tequila durante a comemoração do aniversário de casamento dos pais.

– Quer dar o fora daqui? – disse Avery, mais uma súplica do que uma pergunta.

Leda não tinha que ser convencida de nada.

– Sim! – disse ela, automaticamente. Sempre faria qualquer coisa por Avery.

Avery se virou para abraçar os pais de Leda.

– Sr. Cole! Sra. Cole! Bem-vindos de volta.

Leda observou enquanto eles riram e abraçaram Avery, abrindo-se como flores ao sol. Ninguém conseguia ficar imune aos encantos dela.

– Posso roubar a filha de vocês? – perguntou Avery, e eles assentiram. – Obrigada. Trago ela de volta na hora do jantar – gritou ela, os braços entrelaçados aos de Leda, puxando-a insistentemente em direção ao elevador do 700º andar.

– Peraí.

Perto da saia vermelha e camiseta branca de Avery, a roupa que Leda usava, recém-saída do centro de reabilitação – uma camiseta cinza e jeans – parecia um trapo.

– Quero trocar de roupa, se vamos sair.

– Estava pensando em irmos apenas até o parque... – Avery piscou rapidamente, suas pupilas se dilatando e contraindo enquanto ela chamava um hover. – Várias das garotas estarão lá e todo mundo quer ver você. Tudo bem?

– Claro! – respondeu Leda automaticamente, deixando de lado a pontinha de irritação por não passarem um pouco de tempo apenas elas duas.

Elas saíram pelas portas duplas do heliporto e para dentro da avenida movimentada, um centro de transporte enorme que se estendia por várias quadras. O teto acima brilhava num tom vivo de azul-celeste. Para Leda, parecia tão lindo quanto o céu que ela via em suas caminhadas vespertinas em Silver Cove, mas Leda não era o tipo de pessoa que procurava beleza na natureza. *Beleza* era uma palavra que ela guardava para joias caras, vestidos e o rosto de Avery.

– Como foi? – disse Avery daquele seu jeito direto, enquanto subiam nas calçadas de compósitos de carbono que formavam as pistas prateadas dos hovers. Robôs cilíndricos desciam zumbindo pelas ruas em rodas enormes, vendendo frutas desidratadas e grãos de café.

– O quê? – disse Leda, tentando se concentrar na conversa. Os hovers passavam pela

sua esquerda em movimentos rápidos e ritmados como um cardume de peixes verdes ou vermelhos, a depender se estavam livres ou ocupados. Ela se aproximou um pouquinho mais de Avery, instintivamente.

– Lá em Illinois. Foi tão terrível quanto sempre? – Os olhos de Avery ficaram distantes. – Chamando hover – disse ela, baixinho, e um dos veículos se aproximou delas.

– Você quer ir de hover até o parque? – perguntou Leda, tentando fugir da pergunta da amiga e manter o tom de voz normal. Ela havia se esquecido de como havia *gente* ali: pais arrastando seus filhos, executivos falando alto em suas lentes, casais caminhando de mãos dadas. Aquilo era insuportável depois da tranquilidade e silêncio de Silver Cove.

– Você está de volta, é uma ocasião especial! – exclamou Avery.

Leda respirou fundo e sorriu, enquanto o hover se aproximava. Era um veículo estreito, com apenas dois assentos e interior branco e macio, que flutuava a vários centímetros do chão graças a barras de propulsão magnéticas em seu piso. Avery se sentou de frente para Leda e disse o destino, fazendo o hover começar a se mexer.

– Talvez ano que vem eles deixem você ficar. Aí eu e você poderemos viajar juntas – continuou Avery, enquanto o hover descia por um dos corredores verticais da Torre. A luz amarela de segurança das paredes do corredor formava padrões estranhos no rosto dela.

– Talvez – disse Leda, dando de ombros. Ela queria mudar de assunto. – Você está toda bronzeada, por falar nisso. Ficou assim em Florença?

– Mônaco. As melhores praias do mundo.

– Não melhor do que a casa da sua avó no Maine. – Elas haviam passado uma semana lá depois do nono ano, tomando sol e surrupiando goles de vinho do Porto da vó Lasserre.

– É verdade. Não havia nenhum salva-vidas gato em Mônaco – disse Avery, rindo.

O hover diminuiu a velocidade e começou a se movimentar horizontalmente quando entrou no andar 307. Normalmente, vir para um piso tão baixo era considerado muito decadente, mas visitas ao Central Park eram um caso à parte. Quando elas pararam na entrada noroeste do parque, Avery se virou para Leda, seus olhos azuis escuros ficando sérios de repente.

– Estou tão feliz que você esteja de volta, Leda. Senti muito a sua falta nesse verão.

– Eu também – disse Leda baixinho.

Ela seguiu Avery pela entrada do parque, passando pela famosa cerejeira que havia sido trazida do Central Park original. Alguns turistas estavam apoiados na cerca que a circundava, tirando fotos e lendo a história da árvore na tela interativa que ficava ao lado da cerca. Não restava mais nada do parque original, que ficara debaixo das

fundações da Torre, muitos metros abaixo de seus pés.

Elas se viraram em direção à encosta, onde Leda já sabia que encontraria as amigas. Avery e Leda haviam descoberto esse lugar juntas na sétima série; depois de experimentar muito, chegaram à conclusão de que era o melhor lugar para se banhar nos raios livres de UV das lâmpadas solares. À medida que elas caminhavam, a grama espectral ao longo da trilha mudou de verde para um lavanda suave. Uma animação holográfica de um gnomo correu ao lado delas, seguido por uma fila de crianças barulhentas.

– Avery! – Risha foi a primeira a avistar as duas. As outras garotas, todas deitadas em toalhas de praia coloridas, ergueram os olhos e acenaram. – E Leda! Quando você voltou?

Avery se posicionou no centro do grupo, arrumando uma mecha de cabelos loiros atrás da orelha, e Leda se sentou ao lado dela.

– Acabei de chegar. Vim direto do heliporto – disse ela, pegando na bolsa o par de óculos escuros vintage de sua mãe. Ela poderia ter colocado as suas lentes em modo de proteção solar, é claro, mas aqueles óculos tinham se tornado sua assinatura. Ela gostava da maneira como eles tornavam sua expressão ilegível.

– Onde está Eris? – disse ela, pensando em voz alta. Embora não sentisse tanta falta dela, normalmente Eris estaria ali para se bronzear.

– Provavelmente fazendo compras. Ou com Cord – disse Ming Jiaozu, com uma amargura reprimida em seu tom de voz.

Leda não disse nada, sentindo-se pega de surpresa. Ela não tinha visto nada sobre Eris e Cord nos feeds quando checara as mensagens naquela manhã. Na verdade era difícil se manter a par de tudo sobre Eris, que havia se relacionado – ou pelo menos ficado – com quase metade dos meninos e meninas da classe, alguns deles mais de uma vez. Mas Eris era a amiga mais antiga de Avery, e sua família era rica e tradicional, o que fazia com que ela se safasse de praticamente tudo.

– Como foi seu verão, Leda? – continuou Ming. – Você estava com sua família em Illinois, né?

– É.

– Deve ter sido *terrível* ficar no meio do nada desse jeito. – O tom de voz de Ming era enjoativo de tão doce.

– Bom, eu sobrevivi – disse Leda em tom neutro, se recusando a deixar que a outra a provocasse. Ming sabia o quanto Leda detestava falar sobre o passado de seus pais. Era uma maneira de lembrar que ela não fazia parte desse mundo como as demais, que ela havia se mudado para os andares superiores na sétima série, vinda do subúrbio, nos andares da metade da Torre.

– E você? – perguntou Leda. – Como foi na Espanha? Você saiu com algum espanhol?

– Não.

– Engraçado. Pelos feeds, parecia que você tinha feito amigos bem *íntimos*.

No download em massa que fizera mais cedo, Leda havia visto algumas fotos de Ming com um rapaz espanhol e podia jurar que havia alguma coisa entre eles – pela linguagem corporal, a falta de legendas nas fotos e, acima de tudo, o rubor que estava tomando conta do rosto de Ming agora, subindo pelo seu pescoço.

Ming ficou em silêncio. Leda se permitiu um sorriso discreto. Quando as pessoas a cutucavam, ela cutucava de volta.

– Avery! – disse Jess McClane, inclinando-se para frente. – Você terminou com Zay? Encontrei com ele mais cedo e ele estava arrasado.

– É... – respondeu Avery, devagar. – Quer dizer, acho que sim? Eu gosto dele, mas... – Ela deixou a frase no ar.

– Deus do céu, Avery. Você devia simplesmente acabar logo com essa novela! – exclamou Jess. As pulseiras de ouro em seus pulsos brilhavam sob a luz das lâmpadas solares. – O que você está esperando, hein? Ou talvez fosse melhor perguntar: *quem* você está esperando?

– Dá um tempo, Jess. Você não pode falar nada – disse Leda. As pessoas sempre faziam esse tipo de comentário a respeito de Avery, pois na verdade não havia mais nada para criticar nela. Aquele tipo de crítica, entretanto, fazia ainda menos sentido vinda de Jess, que também era virgem.

– Se você quer saber, eu posso sim – disse Jess.

Um coro de gritinhos ecoou imediatamente.

– Quê? Você e o Patrick?

– Quando?

– Onde?

Jess sorriu, claramente ansiosa para contar todos os detalhes. Leda deitou-se, fingindo estar escutando. Todas pensavam que ela era virgem também. Ela não tinha contado a verdade para ninguém, nem mesmo para Avery. E jamais contaria.

Tudo aconteceu em janeiro, durante a viagem anual para esquiar em Catyan. As famílias delas faziam aquela viagem há anos: primeiro apenas os Fuller e os Anderton, depois Leda e Avery ficaram tão amigas que os Cole também se juntaram. Os Andes eram o melhor lugar para esquiar que restara na Terra; até os Alpes ou o Colorado contavam apenas com máquinas de fazer neve. Somente no Chile, nos picos mais altos dos Andes, é que ainda havia neve natural suficiente para esquiar de verdade.

No segundo dia da viagem eles estavam todos lá fora esquiando com drones – Avery, Leda, Atlas, Jamie, Cord e o irmão mais velho de Cord, Brice –, pulando dos assentos de seus drones, aterrissando na neve, esquiando pelas árvores e pegando os drones novamente antes da chegada à beirada das geleiras. Leda não esquiava tão bem quanto

os outros, mas tomara umas gotas de adrenalina durante a subida e se sentia bem, quase tão bem quanto da vez em que roubou adrenalina *da boa* da mãe. Ela seguiu Atlas pelo meio das árvores, esforçando-se ao máximo para acompanhar o ritmo dele, amando a maneira como o vento abraçava os contornos da sua roupa de esquiar. Ela não ouvia nada além do som abafado dos seus esquis sobre a neve e, sob ele, o som oco do vazio. Ela se deu conta de que eles estavam brincando com a sorte, deslizando a toda velocidade em uma geleira através do ar rarefeito, tão perto dos céus.

Foi naquele momento que Avery gritou.

Depois disso, tudo era um borrão. Leda tentou tirar as luvas para apertar o botão vermelho que chamaria seu drone, mas Avery já estava sendo resgatada alguns metros à frente. Sua perna se dobrara num ângulo estranho.

Quando eles chegaram à suíte do hotel, Avery já tinha embarcado num jatinho de volta para casa. Ela ficaria bem, garantiu o sr. Fuller. Só precisava ter o joelho recolocado, e ele queria que isso fosse feito com especialistas em Nova York. Leda sabia o que aquilo queria dizer. Avery visitaria Everett Radson para fazer uma cirurgia com microlaser. Deus a livre de ter nem que fosse uma única cicatriz em sua pele perfeita.

Mais tarde naquela noite, os jovens estavam na jacuzzi no deque, passando na roda garrafas de licor de uísque e brindando a Avery, aos Andes e à neve que havia começado a cair. Quando começou a nevar ainda mais forte, os outros foram se retirando pouco a pouco para irem se deitar, murmurando reclamações. Porém Leda, que estava sentada ao lado de Atlas, permaneceu onde estava. Ele também não havia se movido.

Ela desejava Atlas desde sempre, desde que ela e Avery tinham se tornado amigas, desde a primeira vez em que o havia conhecido no apartamento da amiga, quando ele as surpreendeu cantando músicas da Disney e Leda ficara vermelha como um tomate. Mas Leda nunca pensou que poderia ter qualquer chance com ele. Atlas era dois anos mais velho e, além do mais, era irmão de Avery. Até aquele momento, quando todos estavam indo embora e ela hesitou, imaginando se talvez, quem sabe... Ela estava muito consciente de que seu joelho roçava o dele debaixo d'água, enviando arrepios pelo lado esquerdo do corpo.

– Quer um pouco? – murmurou ele, passando a garrafa de bebida para ela.

– Obrigada.

Leda se obrigou a desviar o olhar dos cílios dele, onde flocos de neve estavam se juntando como pequenas estrelas. Ela deu um longo gole no licor de uísque. Era macio, doce como uma sobremesa, e o sabor residual queimava sua garganta. Ela sentiu a cabeça leve, tonta por causa do calor da jacuzzi e por ter Atlas tão perto dela. Talvez os efeitos da adrenalina ainda não tivessem passado, ou talvez fosse sua própria excitação que a deixava sentindo-se estranhamente corajosa.

– Atlas – disse ela, baixinho. Quando ele se virou para ela, com uma das sobrancelhas

erguidas, ela se inclinou e o beijou.

Depois de hesitar por um momento, ele a beijou de volta, suas mãos pegando os cachos pesados dos cabelos dela, salpicados de neve. Leda perdeu completamente a noção do tempo. Em algum momento percebeu que estava sem a parte de cima do seu biquíni, nem a de baixo – ela não estava usando muita roupa, afinal –, e Atlas sussurrou "Você tem certeza?". Leda assentiu, o coração batendo forte. Claro que ela tinha certeza. Nunca teve tanta certeza na vida.

Na manhã seguinte ela entrou na cozinha quase saltitando, os cabelos ainda molhados por causa do vapor da banheira, a lembrança do toque de Atlas cravada para sempre em sua pele, como tatuagem. Mas ele havia ido embora.

Ele tinha embarcado no primeiro jatinho para Nova York. Para checar como Avery está, segundo o pai. Leda assentiu como se tudo estivesse normal, mas por dentro ela se sentia enjoada. Ela sabia a verdade, sabia o motivo pelo qual Atlas tinha ido embora. Ele a estava evitando. *Ótimo*, pensou ela, a raiva ocultando a sensação de perda. Ele ia ver. Ela também não iria se importar.

Só que Leda nunca chegou a ter a chance de confrontar Atlas. Ele sumiu alguns dias depois, antes do início das aulas, muito embora fosse o último semestre do seu último ano na escola. Houve uma busca frenética por ele, limitada apenas à família de Avery. A busca terminou algumas horas depois, quando os pais receberam a notícia de que ele estava bem.

Agora, quase um ano depois, o sumiço de Atlas já não era mais novidade. Os pais dele riam em público quando falavam a respeito, como se fosse apenas uma graça da juventude: Leda os escutou em várias festas dizendo que Atlas estava tirando um ano sabático e viajando pelo mundo, e que a ideia tinha sido deles. Essa era a história que haviam inventado e eles a sustentaram, mas Avery contou a verdade para Leda. Os Fuller não faziam a menor ideia do paradeiro de Atlas e nem quando – ou se – ele iria voltar para casa. Ele ligava de vez em quando para Avery para dar notícias, mas sempre com a localização fortemente codificada, e logo em seguida rumava para outro lugar.

Leda jamais contou a Avery sobre aquela noite nos Andes. Diante do desaparecimento de Atlas, ela não soube como tocar naquele assunto e, quanto mais tempo passava, mais ela guardava o ocorrido para si mesma, mais secreto aquilo foi se tornando. Doía na carne pensar que o único garoto de quem ela havia gostado tinha literalmente *fugido* depois de dormir com ela. Leda tentou ficar brava. Ficar brava parecia mais seguro do que se deixar magoar. Mas mesmo a raiva não foi o suficiente para acalmar a tristeza que tomava conta dela cada vez que pensava em Atlas.

Foi assim que ela acabou no centro de reabilitação.

– Leda, você quer vir comigo? – A voz de Avery interrompeu seus pensamentos. Leda piscou. – Para o escritório do meu pai, pegar uma coisa comigo – repetiu Avery. Os

olhos dela estavam arregalados, querendo dizer algo. O escritório do pai de Avery era a desculpa que elas usavam há anos quando uma das duas queria se livrar de quem mais estivesse com elas.

– Seu pai não tem robôs mensageiros para fazer esse tipo de coisa? – perguntou Ming. Leda a ignorou.

– Claro! – disse Leda para Avery, se levantando e limpando a grama presa em seu jeans. – Vamos.

Elas se despediram e começaram a caminhar em direção à estação de transporte mais próxima, onde a coluna vertical transparente do expresso C seguia para cima. As laterais do transporte eram extremamente transparentes. Leda viu um grupo de senhoras conversando e um garotinho tirando meleca do nariz.

– Atlas me ligou ontem à noite – sussurrou ela enquanto as duas caminhavam até a plataforma de onde poderiam subir a Torre.

Leda ficou tensa. Ela sabia que Avery parara de contar aos pais sobre as ligações de Atlas – ela dizia que eles ficavam ainda mais aborrecidos. Mas havia algo de estranho no fato de Avery não falar sobre isso com mais ninguém além de Leda.

Por outro lado, Avery sempre teve um comportamento superprotetor com Atlas. Quando ele arrumava alguma namorada, ela era educada, mas um pouquinho fria – como se não aprovasse o namoro ou achasse que Atlas estava cometendo um erro. Leda se perguntava se isso tinha a ver com o fato de Atlas ser adotado, se ela temia que ele fosse mais vulnerável por causa de suas origens e sentisse um impulso protetor.

– Sério? – perguntou ela, mantendo a voz firme. – Dava para saber onde ele estava?

– Ouvi muito barulho ao fundo. Provavelmente num bar em algum lugar – disse Avery, dando de ombros. – Você conhece Atlas.

"Não, não conheço mesmo." Talvez se ela entendesse Atlas, conseguisse encontrar algum sentido em seus próprios sentimentos. Ela apertou de leve o braço da amiga.

– Bom, de qualquer maneira – disse Avery, fingindo alegria –, ele vai voltar para casa logo, assim que estiver pronto. Certo?

Ela olhou para Leda com dúvidas nos olhos. Por um instante, Leda notou o quanto Avery a fazia lembrar Atlas. Eles não eram irmãos de sangue, mas ainda assim tinham a mesma intensidade. Quando focavam sua atenção em você, era como olhar o sol e ficar cego.

Leda se mexeu, incomodada.

– Claro – disse ela. – Logo, logo ele está aí.

Ela rezava para que não fosse verdade e, ao mesmo tempo, desejava com todas as forças que fosse.

RYLIN

NA NOITE SEGUINTE, Rylin Myers estava em frente à porta de seu apartamento, tentando passar seu anel de identificação pelo scanner ao mesmo tempo em que equilibrava uma sacola de compras num braço e uma lata de bebida energética no outro. Claro, pensou ela enquanto chutava a porta, isso não seria problema se elas tivessem um scanner de retina ou aquelas lentes computadorizadas brilhantes que os garotos ricos tinham. Mas onde Rylin morava, no 32º andar, ninguém tinha dinheiro para comprar aquelas coisas.

No momento em que estava se preparando para chutar mais uma vez, a porta abriu.

– Até que enfim! – murmurou Rylin, passando pela irmã de quatorze anos.

– Se tivesse consertado seu anel, como eu sempre te digo, isso não aconteceria – disse Chrissa. – Mas, pensando bem, o que você iria dizer? "Foi mal aí, policiais, mas é que eu vivo usando meu anel de identificação para abrir garrafas de cerveja e agora ele parou de funcionar?"

Rylin ignorou a irmã. Tomando um longo gole de sua bebida energética, pousou a sacola de compras na bancada e jogou para a irmã um pacote de arroz com vegetais.

– Você pode guardar essas coisas? Estou atrasada.

O STEA, Sistema de Transporte Entre Andares, estava quebrado de novo, por isso ela tivera que caminhar os vinte quarteirões da parada do elevador até sua casa.

Chrissa olhou para ela.

– Você vai sair *hoje*?

Ela havia herdado da mãe as feições coreanas suaves, o nariz delicado e as sobrancelhas arqueadas, mas Rylin, com sua mandíbula quadrada, se parecia muito mais com o pai. De alguma maneira, porém, as duas tinham herdado os olhos verdes da mãe, que brilhavam como esmeraldas.

– Hum. Pois é, vou. É sábado – respondeu Rylin, ignorando de propósito o que a irmã queria dizer. Ela não queria conversar sobre o que havia acontecido neste mesmo dia há um ano, o dia em que a mãe delas morreu e o mundo veio abaixo. Ela jamais esqueceria como o juizado de menores veio à casa delas naquela noite mesmo, enquanto as meninas ainda estavam abraçadas uma à outra chorando, para dizer a elas que teriam de ser adotadas.

Rylin escutou o que eles tinham a dizer por alguns minutos, a cabeça de Chrissa enterrada em seu ombro enquanto chorava. Sua irmã era inteligente, muito inteligente,

e craque no vôlei a ponto de ter chance de ganhar uma bolsa de estudos para entrar na universidade. Mas Rylin sabia o que aconteceria com elas no sistema de adoção – especialmente com Chrissa.

Ela faria qualquer coisa para manter a família unida, não importava o que fosse lhe custar.

No dia seguinte ela foi até o juizado mais próximo e se declarou emancipada, para poder começar a trabalhar em tempo integral naquele emprego horroroso na estação de trem. Que outra escolha ela tinha? Elas mal estavam conseguindo sobreviver na atual situação – Rylin havia acabado de receber outra notificação do locador; elas estavam sempre com o aluguel atrasado em pelo menos um mês. Isso sem falar nas contas a pagar referentes ao período em que a mãe ficou internada no hospital. Rylin vinha tentando quitar as contas, mas as taxas de juros eram tão altas que a montanha de dívida começava na verdade a *crescer*. Às vezes Rylin sentia que jamais se livraria do problema.

Essa era a vida delas agora, e não iria mudar tão cedo.

– Rylin. Por favor?

– Já estou atrasada – disse Rylin, indo para seu canto no quartinho que elas dividiam, pensando no que iria vestir, que estaria de folga pelas próximas trinta e seis horas, pensando em qualquer coisa, menos no olhar de decepção de sua irmã, que se parecia tanto com o da mãe.

* * *

Rylin e seu namorado, Hiral, desceram a escada até a saída 12 da Torre.

– Lá estão eles – murmurou Rylin, erguendo a mão para tapar a luz do sol. Seus amigos estavam reunidos no lugar de sempre, um banco quente de metal na esquina da 127 com a Morningside.

Ela olhou para Hiral.

– Tem certeza mesmo de que você não trouxe *nada*? – perguntou ela de novo. Ela não se sentia exatamente empolgada com o fato de Hiral ter começado a vender – no começo apenas para os amigos, depois em uma escala maior –, mas a semana tinha sido longa e ela ainda estava estressada por causa da conversa com Chrissa. Ela precisava de alguma coisa, uns relaxantes ou um pouco de alucigarro, qualquer coisa que silenciasse os pensamentos que passavam sem parar pela sua cabeça.

Hiral balançou a cabeça.

– Foi mal. Vendi meu estoque todo essa semana. – Ele olhou para ela. – Tudo bem com você?

Rylin ficou calada. Hiral pegou sua mão e ela deixou. As palmas dele eram calejadas de tanto trabalhar e havia círculos de gordura escura debaixo de suas unhas. Hiral

abandonara a escola no ano passado para trabalhar como técnico, consertando o interior dos enormes elevadores da Torre. Ele passava os dias suspenso a centenas de metros, como uma aranha humana.

– Ry! – exclamou Lux, sua melhor amiga, correndo para encontrá-la. Seus cabelos, cortados de forma assimétrica, estavam pintados de loiro-acinzentado essa semana. – Você veio! Estava com medo de que não conseguisse vir.

– Desculpe. Acabei me enrolando – desculpou-se Rylin.

Andrés riu.

– Teve que dar umazinha antes do show? – disse, fazendo gestos obscenos com as mãos.

Lux revirou os olhos e envolveu Rylin num abraço apertado.

– Como você está hoje? – murmurou ela.

– Tudo bem.

Rylin não sabia o que dizer, além disso. Sentia ao mesmo tempo gratidão por Lux se lembrar da importância do dia de hoje e irritação por ter que falar no assunto. Reparou que estava brincando com o colar que pertencera à mãe e logo o soltou. Ela não tinha saído justamente para *esquecer* o aniversário da morte da mãe?

Balançando a cabeça, Rylin percorreu os olhos pelo restante do grupo. Andrés estava recostado no banco, insistindo em usar uma jaqueta preta de couro apesar do calor. Hiral estava de pé ao lado dele, a pele bronzeada reluzindo no pôr do sol. E, no extremo do banco, estava Indigo, usando uma camisa que ela mal conseguira transformar em vestido e botas de cano longo.

– Onde está V? – quis saber Rylin.

– Providenciando nossa diversão. A não ser que *você* esteja planejando fornecer hoje – disse Indigo, sarcástica.

– Hoje eu vou só consumir, obrigada – respondeu Rylin.

Indigo revirou os olhos e voltou a teclar em seu tablet.

Rylin usava muitas drogas ilegais, é claro – todos eles usavam –, mas havia traçado um limite: nada de comprar ou vender. Ninguém dava muita bola para alguns adolescentes fumando, mas com traficantes as leis eram mais duras. Se ela acabasse na cadeia, Chrissa iria direto para adoção. Rylin não podia correr esse risco.

Andrés ergueu os olhos de seu tablet.

– V vai nos encontrar lá. Vamos nessa.

O vento soprou um pouco de lixo na calçada. Rylin pisou nele, respirando fundo. O ar dali podia até ser quente, mas pelo menos não era o ar reciclado cheio de oxigênio da Torre.

Do outro lado da rua, Hiral estava agachado ao lado da Torre, enfiando uma faca na lateral de um painel de metal para arrancá-lo.

– Tudo beleza – murmurou ele. As mãos deles se tocaram quando Rylin entrou pela abertura e eles se entreolharam. E então Rylin entrou na floresta de aço.

Os sons do exterior imediatamente sumiram, substituídos pelo ruído de vozes e risadas drogadas, além do zumbido do ar circulando pela base da Torre. Eles estavam no submundo abaixo do primeiro andar; um espaço estranho e escuro, cheio de tubulações e colunas de metal. Rylin e Lux caminharam devagar na sombra, cumprimentando os outros grupos que ali estavam. Um deles estava reunido ao redor do brilho rosado de um alucigarro. Outro, de gente parcialmente despida e espalhada sobre uma pilha de almofadas, estava claramente prestes a iniciar uma orgia de Oxitose. Rylin viu o brilho da porta do quarto de máquinas à frente e começou a caminhar um pouco mais rápido.

– Podem me agradecer agora – disse uma voz vinda das sombras e ela quase pulou de susto. Era V.

Ele não era tão alto quanto Andrés, mas pesava pelo menos uns vinte quilos a mais, todos de puro músculo. Seus ombros largos e braços fortes eram completamente cobertos por tatuagens, que dançavam pelo seu corpo como uma espiral caótica: juntavam-se em formas, depois se separavam e se uniam novamente em outro ponto. Rylin fez uma careta ao pensar em tatuar tamanha extensão do corpo.

– Muito bem, pessoal. – V enfiou a mão na mochila e retirou um saco cheio de adesivos dourados do tamanho da unha de Rylin. – Quem tá a fim de ficar chapado de comunal?

– Puta merda! – exclamou Lux, rindo. – Como você conseguiu isso?

– Opa! – disse Hiral, comemorando com Andrés.

– É sério? – perguntou Rylin, sua voz soando acima da comemoração dos demais. Ela não gostava de comunal, usado para ficar chapado em grupo. Era um pouco invasivo, como transar com um monte de estranhos. A pior parte era não ser capaz de controlar a onda, colocando-se completamente nas mãos de outra pessoa.

– Achei que a gente iria fumar hoje à noite – disse ela. Tinha até trazido seu alucigarro, um cachimbo compacto que podia ser usado para praticamente todo tipo de droga: luznegra, estalos e, claro, a erva alucinógena para o qual havia sido originalmente criado.

– Tá com medo, Myers? – desafiou V depois de alguns segundos.

– Não estou com *medo* – respondeu Rylin, levantando-se e encarando V. – Só estava a fim de outra coisa hoje.

O tablet dela vibrou com a chegada de uma mensagem. Ela olhou para a tela e viu um texto de Chrissa. *Fiz a maçã de forno da mamãe*, escrevera ela. *Para o caso de você decidir voltar para casa!*

V a estava observando, desafiando-a com o olhar.

– Dane-se – disse Rylin baixinho. – Por que não? – Ela estendeu a mão para pegar

um dos adesivos na mão de V e o colocou na parte interna do braço, perto do cotovelo, onde sua veia estava mais à vista.

– Foi o que pensei – disse V, enquanto os demais começavam a pegar os adesivos, ansiosos.

Eles entraram na sala de máquinas e de repente tudo o que Rylin pôde ouvir era música eletrônica. O ritmo batia pesado em sua cabeça, calando qualquer outro pensamento. Lux pegou o braço dela e começou a pular, histérica, gritando algo ininteligível.

– Prontos pra despirocar?! – exclamou o DJ de perto de um tanque resfriador, um amplificador aumentando o volume de sua voz. A sala, quente e apertada com tantos corpos, vibrou com os gritos de todos ali. – Beleza! – continuou ele. – Se você tem um dourado, coloque agora. Porque eu sou o DJ Lowy e vou te levar na viagem mais louca da sua vida! – A luz fraca refletiu os adesivos de comunal. Quase todos ali tinham adesivos, reparou Rylin. Aquela experiência ia ser intensa.

– Três... – gritou Lowy, fazendo contagem regressiva.

Lux riu, ansiosa, e começou a pular na ponta dos pés, tentando enxergar acima da multidão. Rylin olhou para V; suas tatuagens estavam se mexendo ainda mais ao redor do adesivo dele, como se sua pele soubesse o que estava prestes a acontecer.

– Dois...

A maioria da multidão havia se juntado à contagem. Hiral veio ficar perto de Rylin e a enlaçou pela cintura, pousando o queixo sobre sua cabeça. Ela se recostou nele e fechou os olhos, se preparando para a ativação do adesivo.

– *Um!*

O grito reverberou na sala de máquinas. Lowy estendeu a mão para pegar o tablet que estava na sua frente e ativou o pulso eletromagnético, sintonizando a frequência do comunal. Instantaneamente, os adesivos da sala liberaram ondas de estimulantes na corrente sanguínea de todo mundo. Era a verdadeira onda sincronizada.

O volume da música aumentou e Rylin ergueu as mãos, se juntando aos gritos da multidão. Ela já podia sentir a droga tomando conta de seu corpo. O mundo havia se realinhado com a música. Tudo – as luzes piscando no teto, a respiração dela, seus batimentos cardíacos, os batimentos de *todo mundo* – estava em perfeita sintonia com o pulsar insistente do baixo.

– Não é o máximo? – disse Lux, mexendo os lábios sem emitir som. Pelo menos foi isso que Rylin leu, mas não tinha certeza se estava certa. Já estava começando a perder o controle sobre seus pensamentos. Chrissa e suas mensagens de texto não importavam mais, seu emprego e o sacana do seu chefe não importavam mais. Nada tinha importância, a não ser esse momento. Ela se sentia invencível, intocável, como se fosse ficar daquele jeito para sempre: jovem, dançando, elétrica, cheia de vida.

Luzes. Uma garrafa com algo forte chegou até ela. Rylin deu um gole sem sentir o gosto. Alguém tocou seu quadril – *Hiral*, pensou ela, puxando a mão dele mais para perto de si, convidativa. Mas então ela viu Hiral mais à frente, pulando e dando socos no ar com Andrés. Ela se virou e viu o rosto de V sair da escuridão. Ele ofereceu outro adesivo dourado, erguendo a sobrancelha, sugestivo. Rylin fez que não. Não fazia ideia de como iria pagar pelo primeiro que já havia tomado.

Mas V já estava abrindo o adesivo.

– É por conta da casa – sussurrou ele, como se lesse os pensamentos dela. Ou será que ela tinha falado em voz alta? Ele afastou o cabelo dela da nuca. – Um segredinho: quanto mais perto do seu cérebro, mais rápido ele age.

Rylin fechou os olhos, em transe, enquanto a segunda dose da droga entrava em sua corrente sanguínea. Ela sentiu todos os nervos pegando fogo. Estava dançando e de alguma maneira flutuando quando sentiu algo vibrando no seu bolso. Ignorou a vibração e continuou pulando, mas então vibrou novamente, trazendo-a de volta ao seu corpo físico. Desajeitada, ela conseguiu pegar o tablet.

– Alô? – disse Rylin, sôfrega, enquanto sua respiração ficava irregular, não mais acompanhando o ritmo da música.

– Rylin Myers?

– Sim... quem é? – Ela não conseguia ouvir. A multidão ainda a empurrava de um lado para o outro.

Houve uma pausa, como se a outra pessoa não acreditasse naquela pergunta.

– Cord Anderton – disse ele finalmente, e Rylin piscou, chocada. A mãe dela havia trabalhado como empregada dos Anderton, antes de ficar doente. Rylin percebeu que reconhecia aquela voz, já a tinha escutado nas poucas vezes em que estivera lá. Mas por que diabos Cord Anderton estava ligando para *ela*?

– E aí, você vai poder trabalhar na minha festa?

– Eu não... do que você tá falando? – Ela tentou gritar mais alto que a música, mas sua voz saiu rouca.

– Eu te mandei uma mensagem. Vou dar uma festa hoje. – A voz dele era rápida, impaciente. – Preciso de alguém aqui para manter tudo limpo, lidar com o pessoal do bufê, tudo o que sua mãe costumava fazer. – Rylin se encolheu ao ouvir a menção à sua mãe, mas obviamente ele não pôde ver. – A pessoa que normalmente me ajuda deu pra trás na última hora, mas então me lembrei de você e procurei seu número. Quer pegar o trabalho ou não?

Rylin limpou uma gota de suor que se formava em sua testa. Quem Cord Anderton achava que era, *convocando* ela assim em pleno sábado à noite? Ela abriu a boca para mandar aquele almofadinha babaca e metido enfiar a proposta no...

– Esqueci de dizer – continuou ele – que estou pagando 200 nanos.

Rylin engoliu o que ida dizer. Duzentos nanodólares por uma única noite lidando com filhinhos de papai bêbados?

– Você precisa que eu esteja aí que horas?

– Ah, meia hora atrás.

– Já estou indo – disse ela, ainda vendo o mundo girar. – Mas...

– Ótimo – disse Cord, encerrando a ligação ping.

Com um esforço hercúleo, Rylin arrancou o adesivo do braço e, em seguida, o do pescoço. Olhou para os amigos. Hiral estava dançando, sem perceber nada. Lux estava agarrada a um estranho, enfiando a língua em sua garganta. Indigo estava sentada nos ombros de Andrés. Ela se virou para ir embora. V ainda a estava observando, mas Rylin não se despediu. Simplesmente foi embora, entrando no calor úmido da noite e deixando os adesivos usados caírem no chão atrás dela.

ERIS

ERIS DODD-RADSON ENTERROU a cabeça em seu travesseiro macio de seda, irritada com o barulho que tocava sem parar nas suas antenorelhas.

– Mais cinco minutinhos – murmurou ela. O barulho não parou. – Eu falei cinco minutos! – gritou ela, antes de perceber que não era seu alarme tocando. Era o toque reservado para Avery, que Eris tinha programado há muito tempo em volume máximo, para que ela pudesse ouvir mesmo quando estivesse dormindo. – Aceitar a ligação – disse ela.

– Você já está a caminho? – disse Avery em seu ouvido, falando mais alto do que de costume para conseguir ser ouvida em meio ao barulho da festa. Eris olhou para o relógio, os números cintilando com uma luz rosada à esquerda do seu campo de visão. A festa de Cord tinha começado havia meia hora e ela ainda estava deitada na cama, sem fazer a menor ideia do que iria vestir.

– Óbvio! – disse ela, já a caminho do closet, despindo a camiseta larga enquanto caminhava em meio a roupas espalhadas no chão e travesseiros jogados. – Eu só... ai! – gritou ela, depois de dar uma topada no dedão.

– Fala sério! Você ainda está em casa! – disse Avery, acusadora, mas rindo. – O que aconteceu? Perdeu a hora por causa do soninho de beleza de novo?

– Eu gosto de fazer as pessoas esperarem, assim quando eu chegar todo mundo vai estar com saudades de mim – respondeu Eris.

– Quando você diz "todo mundo", na verdade você quer dizer Cord.

– Não. Quero dizer todo mundo. Principalmente você, Avery – respondeu Eris. – Não se divirta muito sem mim, ok?

– Prometo. Manda um flicker quando estiver a caminho? – disse Avery, finalizando a ligação.

Eris culpava o pai por aquilo. Seu aniversário de dezoito anos seria dali a algumas semanas e hoje ela teve de visitar o advogado da família para iniciar as burocracias referentes à sua herança. Era extremamente chato ter de assinar um monte de papéis com uma testemunha presente, além de fazer exames de sangue para checar se ela usava drogas e fazer teste de DNA. Na verdade, ela nem tinha entendido tudo direito, exceto que, se ela assinasse tudo, um dia seria rica.

O pai de Eris era de uma família rica tradicional – a família dele havia inventado a tecnologia de repulsão magnética responsável pela flutuação dos hovers. E Everett havia

aumentado ainda mais a enorme fortuna herdada ao se tornar o maior cirurgião plástico do mundo. Os únicos erros que ele havia cometido foram dois divórcios caríssimos antes de finalmente conhecer a mãe de Eris, quando ele tinha quarenta anos e ela era uma modelo de vinte e cinco. Ele nunca falava sobre os casamentos anteriores e, como não tinha filhos com as ex-mulheres, Eris nunca perguntava nada a respeito. Para ser sincera, ela não gostava de pensar sobre isso.

Entrando no closet, Eris desenhou um círculo na parede espelhada e ela se transformou num *touch screen* que se acendeu com uma lista de tudo o que havia ali dentro. Todos os anos Cord fazia uma festa à fantasia de volta às aulas e todos os anos ninguém confessava, mas havia uma competição acirrada para ver quem tinha a melhor fantasia. Ela suspirou e começou a listar suas várias opções: o vestido dourado, o casaco de pele falsa que sua mãe tinha lhe dado, um vestido rosa de lantejoulas do último Halloween.

Nenhum deles parecia ser adequado.

Que se dane!, decidiu ela. Por que estava tentando encontrar uma fantasia? Ela seria mais notada se estivesse sem fantasia alguma.

– A blusa preta da Alicia – declarou ela para o closet, que imediatamente respondeu com o artigo pedido na caixa de coleta logo abaixo. Eris colocou a blusa por cima do sutiã de renda e vestiu sua calça de camurça favorita, que acentuava os contornos de sua bunda. Pôs um conjunto de pulseiras de prata e tirou o rabo de cavalo, deixando os cabelos loiro-avermelhados caírem livremente sobre os ombros.

Mordendo os lábios, ela se sentou diante da penteadeira e colocou as mãos nos dois eletropulsores do penteador.

– Liso – ordenou ela, fechando os olhos e se preparando.

Um arrepio subiu pela palma de suas mãos, percorrendo os braços e chegando à cabeça, quando a máquina a atingiu com uma corrente elétrica. As outras garotas da escola sempre reclamavam do penteador de cabelos elétrico, mas Eris secretamente gostava daquela sensação, da maneira quente e intensa com que a corrente punha todos os nervos do seu corpo em fogo, quase como se fosse dor. Quando ela ergueu os olhos, os cabelos estavam perfeitamente arrumados em mechas lisas ao redor do seu rosto. Ela tocou a tela da penteadeira e fechou os olhos, então um spray fino de maquiagem foi borrifado sobre ela. Quando abriu os olhos de novo, o delineador havia acentuado as manchas douradas em sua íris e uma camada de blush coloria suas bochechas, fazendo com que suas sardas sobressaíssem em seu nariz. Mas ainda faltava alguma coisa.

Antes de pensar duas vezes, Eris caminhou decidida até o quarto dos pais e entrou no closet da mãe. Tateou em busca do cofre de joias na escuridão e digitou o código, que ela havia descoberto aos dez anos. Dentro do cofre, ao lado de uma coleção de joias com gemas coloridas e um colar grosso de pérolas negras, estavam os brincos de vidro. O tipo

de vidro raro de antigamente – não o vidro flexível, mas o tipo de vidro que se quebra de verdade.

Aqueles brincos eram extremamente caros, feitos à mão a partir dos vitrais de uma igreja antiga. O pai de Eris os comprara num leilão como presente pelo vigésimo aniversário de casamento deles. Deixando de lado a pontinha de culpa, Eris pegou os brincos e os colocou delicadamente nas orelhas.

Estava quase na porta de casa quando seu pai a chamou da sala.

– Eris? Aonde você vai?

– Oi, pai – disse ela, virando-se, mas mantendo um dos pés, calçados em botas de salto, no corredor para poder sair depressa. Seu pai estava sentado no seu canto favorito do sofá de couro, lendo alguma coisa em seu tablet, provavelmente o histórico de algum paciente ou um artigo de medicina. Seus cabelos grossos estavam quase completamente grisalhos e seus olhos tinham rugas, que ele se recusava a apagar cirurgicamente como fazia a maioria dos pais dos amigos de Eris. Ele dizia que os pacientes achavam ele mais confiável com as rugas. Ela achava legal seu pai insistir em envelhecer naturalmente.

– Estou indo para a festa de um amigo – explicou ela. Seu pai olhou sua roupa de cima a baixo e Eris percebeu um segundo tarde demais que não havia ocultado os brincos. Ela tentou cobri-los discretamente com os cabelos, mas Everett já estava balançando a cabeça.

– Eris, você sabe que não pode usá-los – disse ele, parecendo achar engraçado. – Eles são o artigo mais caro nesse apartamento.

– Você sabe que isso é um exagero – disse a mãe de Eris, vindo da cozinha com um vestido de festa vermelho, os cabelos arrumados numa cascata de cachos. – Oi, linda! – disse Caroline Dodd, virando-se para a filha. – Quer um pouquinho de espumante antes de sair? Vou abrir uma garrafa daquele Montès rosé que você tanto gosta.

– O daquela vinícola onde nadamos na piscina?

– Você quer dizer, aquela com o sinal de "piscina interditada" – corrigiu o pai, um sorriso iluminando seu rosto. Aquela viagem em família tinha sido especialmente ridícula. Os pais de Eris haviam deixado que ela tomasse o vinho das degustações no almoço e estava tão quente lá fora que Erin e a mãe ficaram se abanando com os guardanapos o tempo todo e acabaram escapulindo para uma piscina cercada, entrando de roupa e tudo.

– A gente não viu a placa! – protestou rindo Caroline, enquanto abria a garrafa. O som reverberou no apartamento. Eris aceitou o copo que lhe foi estendido, dando de ombros. Afinal, aquela era sua bebida favorita.

– De quem é essa festa? – perguntou Caroline.

– Do Cord. E já estou atrasada... – Eris ainda não tinha contado à mãe sobre ela e Cord. Ela contava quase tudo para sua mãe, mas nunca os lances de ficantes.

– Acho que se chama elegantemente atrasada... – disse o pai. – E você vai se atrasar só mais um minutinho e continuar igualmente elegante quando devolver os brincos para o cofre.

– Ora, vamos, Everett. Que mal pode haver?

O pai de Eris balançou a cabeça, cedendo, como Eris sabia que faria.

– Tudo bem, Caroline. Se você não se importa, então Eris pode usá-los.

– Mais uma vez, vencido – cutucou Eris, trocando um sorriso cúmplice com o pai. Ele sempre brincava sobre ser a pessoa menos poderosa naquele apartamento, pois estava em menor número contra duas mulheres de opiniões fortes.

– Sempre. – Riu Everett.

– Como eu poderia negar, quando eles ficam tão lindos em você? – Caroline pousou as mãos sobre os ombros de Eris e a virou para que ela se visse no enorme espelho antigo na parede.

Eris parecia uma versão mais nova da mãe. As únicas diferenças entre elas, além da idade, eram as discretas modificações que seu pai havia concordado em fazer naquela primavera – nada muito radical, apenas a adição dos pontos dourados em seus olhos e a adição a laser de algumas sardas para conferir mais textura. Ela não precisava de nada além disso. As feições de Eris eram bonitas por si só, a boca carnuda, o narizinho arrebitado e especialmente seus cabelos, uma explosão de cores em tons de cobre e mel, morango e dourado. Os cabelos de Eris eram o ponto alto de sua beleza, mas na verdade não havia nada nela que não fosse lindo, e ela sabia muito bem disso.

Ela balançou a cabeça, e os brincos dançaram, acompanhando o movimento, capturando as cores dos seus cabelos como se iluminados por dentro.

– Aproveite a festa – disse a mãe de Eris. A garota olhou para ela no espelho e sorriu.

– Obrigada. Vou cuidar bem deles. – Ela finalizou o espumante e pousou a taça sobre a mesa. – Amo vocês – disse aos pais enquanto saía. Os brincos reluziam, como estrelas, cercados pelos seus cabelos.

***

O elevador C descendente estava parando quando ela chegou à estação, o que Eris considerava um bom sinal. Talvez fosse porque o nome dela era inspirado no de uma deusa grega, mas ela sempre atribuía um significado mágico às mínimas coisas. Ano passado havia aparecido uma manchinha em sua janela que parecia um coração. Ela nunca informou o caso à manutenção, portanto o coração permaneceu lá por semanas, até que a próxima chuva finalmente o lavou. Ela gostava de pensar que ele havia trazido sorte.

Eris seguiu a multidão, embarcando e se posicionando na lateral do elevador.

Normalmente teria pegado um hover, mas estava atrasada e assim chegaria mais rápido. Além do mais, a linha C sempre foi a sua favorita, com seus painéis transparentes.

Ela amava ver o chão passando em alta velocidade, luz e escuridão se alternando com a armação de metal que separava cada andar, a multidão que aguardava pelos elevadores locais misturando-se em um fluxo de cores indistinguível.

Poucos segundos depois, o elevador parou. Eris abriu caminho pelo turbilhão frenético ao redor da estação expressa, os hovers e os robôs de notícias, e se virou em direção à avenida principal. Assim como ela, Cord vivia numa área nobre da Torre, virada para o norte, a vista livre dos prédios do centro ou do Sprawl. O piso dele era ligeiramente mais largo – a Torre tornava-se mais estreita à medida que se elevava, terminando com o apartamento de Avery, que era o único do último andar –, mas ela conseguia sentir a diferença mesmo naqueles dezesseis pisos. As ruas eram tão largas quanto no andar dela, adornadas com pequenos canteiros gramados e árvores de verdade, alimentados por borrifadores discretamente posicionados, e as lâmpadas solares tinham sua intensidade controlada para que se parecessem com a luz do sol, que só era visível dos apartamentos que tinham vista para a rua. Mas a energia aqui era um pouco diferente, mais intensa e mais vibrante. Talvez fosse por causa do espaço comercial que cobria a avenida principal, mesmo que fosse apenas um café e um provador da Brooks Brothers.

Eris chegou à rua de Cord – o beco sem saída que terminava nos degraus da casa dos Anderton; ninguém mais vivia naquele quarteirão. Uma placa com 1A ficava acima da porta de entrada, como se alguém precisasse de algum lembrete de quem vivia ali. Assim como o resto do mundo, Eris se perguntava por que Cord insistia em continuar vivendo ali depois que seus pais morreram e seu irmão mais velho, Brice, havia se mudado. Era uma casa grande demais para uma pessoa só.

Lá dentro, o apartamento já estava cheio de gente e começava a ficar abafado apesar do sistema de ventilação. Eris viu Maxton Feld na estufa, tentando reprogramar o sistema hidráulico para fazer chover cerveja. Ela parou na sala de jantar, onde alguém havia apoiado a mesa sobre descansos flutuantes para jogar pingue-pongue no ar, mas não viu Cord ali também. E, na cozinha, não havia ninguém além de uma garota que Eris não conhecia, de rabo de cavalo, cabelo escuro e jeans justo. Eris se perguntou quem ela era, até ver a garota recolher os pratos, empilhando-os. Então Cord tinha uma nova empregada – uma empregada que já estava sem uniforme. Eris ainda não conseguia entender por que ele pagava por uma empregada. Apenas pessoas como os Fuller ou a avó de Eris ainda faziam isso. Os demais apenas compravam todos os robôs de limpeza disponíveis e os acionavam quando as coisas pareciam estar sujas demais. Entretanto, talvez fosse justamente por isso – pagar pelo humano e ter um serviço que não era automático.

“Qual a sua fantasia? ‘Não usar fantasia é mais descolado’? ‘Dorminhoca’?”, disse Avery, num flicker.

“Eu prefiro ‘chamadora de atenção profissional’”, respondeu Eris, sorrindo enquanto olhava ao redor da sala.

Avery estava diante de uma das janelas da sala de estar, usando um vestido branco simples e um par de asas holográficas, além de uma auréola que flutuava sobre sua cabeça. Em qualquer outra pessoa, aquela fantasia improvisada de anjo pareceria sem graça, mas Avery estava etérea. Ao lado dela estava Leda, usando um vestido de penas pretas, e Ming, com uma fantasia idiota de diabo. Provavelmente tinha ficado sabendo que Avery ia de anjo e quis passar a impressão de que formavam uma dupla. Que ridículo! Eris não estava a fim de falar com nenhuma delas, por isso enviou um flicker para Avery dizendo que voltaria logo e saiu à procura de Cord.

Eles tinham começado a ficar juntos naquele verão, quando sobraram em Nova York. No começo, Eris ficara um pouco preocupada – todo mundo tinha ido para a Europa, os Hamptons ou as praias do Maine, enquanto ela havia de ficar ali, na cidade, estagiando na clínica do pai. Ele tinha proposto esse estágio em troca dos retoques que ela havia lhe pedido, dizendo que ela precisava de experiência profissional. Como se ela planejasse trabalhar algum dia de sua vida! Apesar disso, Eris havia concordado. Queria muito aquelas cirurgias.

E o estágio foi tão chato quanto ela previa que fosse, até a noite em que ela se encontrou por acaso com Cord no Lightning Lounge. Uma coisa levou à outra; logo eles estavam tomando uns drinques e caminhando até a varanda mais próxima. Foi ali, pressionados contra o vidro flexível, que eles se beijaram pela primeira vez.

Agora Eris não sabia por que aquilo não acontecera antes. Ela era amiga de Cord há anos, desde que a família dela voltou para Nova York quando ela tinha oito anos. Eles haviam morado vários anos na Suíça, para que o pai pudesse estudar as últimas técnicas europeias de cirurgia plástica. Eris frequentara a primeira e a segunda séries na escola norte-americana em Lausanne, mas, quando ela voltou – falando uma mistura de francês e inglês e sem entender nada de tabuada –, a Academia Berkeley sugeriu educadamente que ela repetisse a segunda série.

Ela jamais esqueceria aquele primeiro dia depois de sua volta, quando entrou no refeitório sem conhecer ninguém da sua nova turma. Foi Cord quem se esgueirou para o banco ao lado dela em sua mesa vazia.

– Quer jogar um jogo de zumbi bem legal? – perguntou ele, mostrando para Eris como ajeitar suas lentes de contato para que a comida do refeitório se parecesse com cérebros. Eris riu tão forte que quase engasgou com espaguete.

Isso foi dois anos antes de os pais dele morrerem.

Ela encontrou Cord no salão de jogos, sentado ao redor da enorme mesa antiga com

Drew Lawton e Joaquin Suarez, todos segurando cartas de verdade em suas mãos. Era uma das esquisitices de Cord, insistir em jogar Ócio com aquelas cartas de papel velhas. Ele reclamava que todo mundo parecia distraído demais quando jogava usando as lentes de contato, sentados ao redor de uma mesa mas olhando para o nada, para o vazio.

Eris ficou ali um pouco, admirando-o. Ele era tão inacreditavelmente gato. Não do jeito perfeito de Avery, mas de um jeito meio selvagem, rústico. Suas feições eram uma mistura perfeita da sensualidade brasileira da mãe e do nariz e maxilar clássicos dos Anderton. Eris deu um passo à frente e Cord ergueu o olhar. Ela ficou feliz de ver a satisfação nos olhos azuis dele.

– Oi – disse ele, enquanto ela puxava uma cadeira vazia. Ela se debruçou na mesa sobre os cotovelos, de maneira que seu decote ficasse mais cavado, mostrando mais os seios, e o fitou do outro lado da mesa. Havia algo extremamente íntimo no olhar de Cord. Parecia que ele podia tocá-la apenas com o olhar.

– Quer jogar? – falou ele, passando algumas cartas para ela.

– Não sei. Acho que vou dançar.

Estava tão quieto ali. Ela queria voltar para o caos barulhento da festa.

– Vamos, só uma rodada. Por enquanto sou apenas eu contra esses dois. E jogar sozinho não é muito divertido – cutucou Cord.

– Então beleza, mas vou fazer dupla com Joaquin – disse Eris, por nenhum motivo além de querer provocá-lo um pouquinho. – E você sabe que eu sempre ganho.

– Acho que não dessa vez. – Riu Cord.

Dito e feito: quinze minutos mais tarde, a pilha de fichas em frente a Eris e Joaquin havia triplicado de tamanho. Eris ergueu os braços, se espreguiçando, e empurrou a cadeira para se levantar.

– Vou pegar uma bebida. Alguém quer alguma coisa?

– Por que não? – Os olhos de Cord encontraram os dela. – Vou com você.

Eles entraram na sala dos casacos, os corpos pressionados um contra o outro.

– Você está linda hoje – sussurrou Cord.

– Chega de conversa. – Eris puxou a cabeça dele e o beijou, ávida.

Em resposta, Cord se inclinou ainda mais para cima dela, as bocas coladas. Ele enlaçou a cintura de Eris, brincando com a barra da camisa dela. Eris sentiu sua pulsação se acelerar quando o pulso dele tocou sua pele. O beijo ficou mais urgente, mais quente.

Ela o empurrou e se afastou, e Cord meio que caiu para a frente.

– O que foi? – disse ele, sôfrego.

– Vou dançar – disse ela, simplesmente, ajeitando o sutiã e os cabelos. Suas emoções eram controladas, treinadas. Essa era a parte preferida dela, lembrar a Cord que ele a desejava, deixando-o só um pouquinho desesperado para tê-la. – Até mais.

Enquanto caminhava pelo corredor, Eris sentia o olhar de Cord nas curvas de seu corpo. Não se permitiu olhar para trás, mas um sorriso triunfante curvou os cantos de seus lábios, onde o batom vermelho estava ligeiramente borrado.

WATT

– POR QUE MESMO estamos aqui, hein? – perguntou Watzahn Bakradi, Watt para todos, menos para seus professores, para seu melhor amigo, Derrick Rawls.

– Eu já te disse, esse lugar faz as garotas ficarem doidas – disse Derrick. A voz dele veio filtrada pelas antenorelhas de Watt, que estavam tocando um jazz relaxante, abafando todos os ruídos da boate. – Tem gente que precisa de toda a ajuda que possa conseguir – completou ele, sem ressentimento.

Watt não discutiu. Só na última hora ele havia recebido sete pedidos de contato por flicker, enquanto Derrick não tinha recebido ainda nenhum.

– Tá bem – cedeu ele. – Vou pegar uma bebida.

– Traz uma cerveja pra mim? – perguntou Derrick, sem conseguir tirar os olhos de uma morena que dançava perto deles, os braços se movendo em nenhum ritmo aparente.

– Até pego, mas você que paga. – Riu Watt. No bar, ele desligou sua música e começou a olhar ao redor, ouvindo o som de passos e um coro de sussurros ecoando no silêncio.

Eles tinham vindo para a Pulse, a discoteca silenciosa da metade da Torre, onde a música tocava diretamente nas antenorelhas das pessoas, em lugar de soar através de caixas de som externas. Porém o mais estranho na Pulse era que cada antenorelha tocava uma música diferente. Ninguém ouvia a mesma música de outra pessoa ao mesmo tempo. Watt achava que aquilo devia ser divertido para a maioria das pessoas, tentar adivinhar o que o outro estava ouvindo, rindo do fato de seu parceiro estar ouvindo uma balada enquanto você escutava música eletrônica, mas, para ele, aquilo significava apenas que as pessoas acabavam tropeçando umas nas outras, desengonçadas, na pista de dança.

Ele apoiou o cotovelo no balcão, inclinou-se para trás e seu olhar cruzou-se com o de uma garota do outro lado do bar. Ela era linda, alta e magra com olhos grandes, com certeza areia demais para seu caminhãozinho. Mas ele tinha uma arma secreta e sabia exatamente por quanto tempo fitar a garota antes de desviar o olhar. De acordo com as estimativas de Nadia, a garota iria caminhar até ele em três, dois...

As suas antenorelhas emitiram um duplo sinal, que indicava um pedido de ping. Ele assentiu, aceitando, e a voz da garota soou em seus ouvidos, a conexão wireless permitindo que ambos falassem diretamente no ouvido do outro por cima de suas

músicas individuais, mas de qualquer maneira Watt já tinha desligado seu som.

– Me paga uma bebida – disse ela, posicionando-se ao lado dele no bar. Era uma ordem, não um pedido. A garota sabia que era muito mais bonita do que ele.

– O que você está bebendo? – perguntou Watt, tamborilando no balcão do bar, ativando um menu *touch screen*.

A garota deu de ombros e começou a desenhar círculos no menu, passando pelas bolhas coloridas que representavam os tipos de bebidas. Ela tinha uma pequena tatuagem no canto interno do pulso, um botão de rosa que se transformava em flor e depois se fechava de novo.

– Adivinhe.

Watt colocou a mão sobre a dela para fazer com que ela parasse. Ela olhou para ele, a sobrancelha erguida.

– Se eu acertar, *você* me paga uma bebida – desafiou ele.

– Claro, mas você nunca vai adivinhar.

– Eu acho... – Ele passou as páginas, olhando as diferentes categorias por um instante, como se considerando as diferentes opções. Mas ele já sabia a bebida que ela queria de verdade, e esta não estava no menu. – Algo especial – concluiu ele, escolhendo a opção OUTROS e acessando um teclado para digitar *martíni de tinta de lula*.

A garota jogou a cabeça para trás, rindo.

– Não pode ser! Você trapaceou! – acusou ela, olhando Watt com mais interesse agora. Ela se debruçou para pedir as bebidas ao robô garçom.

Watt sorriu. Ele sentiu que estavam atraindo a atenção das pessoas ao redor deles, todos obviamente se perguntando o que ele tinha feito para atrair uma garota daquelas. Watt não conseguia se conter. Ele adorava aquela parte, amava sentir que havia vencido uma competição velada.

– Obrigado – disse ele quando a garota lhe entregou uma cerveja escura.

– Como você adivinhou o que eu queria? – perguntou ela.

– Imaginei que seria uma bebida especial para uma garota especialmente linda.

"Obrigado, Nadia", disse ele em sua cabeça.

"Não perderia tempo com ela, se fosse você. As garotas 2 e 6 eram mais interessantes", respondeu Nadia, o computador quantum de Watt, fazendo as palavras cintilarem nas lentes de contato dele. Quando estavam sozinhos, Nadia falava diretamente nos ouvidos de Watt, mas ela conversava via texto sempre que Watt estava acompanhado de outra pessoa. Ele achava muito confuso manter duas conversas ao mesmo tempo.

"Bom, essa é mais bonita", respondeu Watt, sorrindo, na mensagem de texto mandada diretamente para Nadia. Ela não podia ler todos os pensamentos dele, apenas aqueles que eram direcionados para ela.

Redefinir critério de seleção para parceiras em potencial apareceu em sua lista de coisas a fazer, ao lado de comprar um presente para o aniversário do irmão e da irmã e sua lista de livros para ler no verão.

"Às vezes eu queria não ter te programado para ser tão engraçadinha." Watt havia construído a arquitetura mental de Nadia para favorecer pensamentos mais complexos ao invés de um pensamento puramente lógico, tipo *se-então*. Em outras palavras, ele a programou para ser uma parceira interessante de conversa e não simplesmente uma calculadora poderosa. Mas ultimamente o padrão de diálogo dela beirava o sarcasmo.

Nadia estava com Watt há quase cinco anos, desde que ele a criou na época em que era bolsista de um curso de verão do MIT, aos treze anos. É claro que ele sabia que aquilo era tecnicamente ilegal: criar qualquer computador quantum com um quociente Robbens acima de 3.0 era proibido no mundo inteiro desde o incidente AI em 2093. Mas ele se sentia tão solitário naquele campus, rodeado de estudantes mais velhos que faziam questão de ignorá-lo, e aquilo lhe pareceu tão inofensivo... Ele havia começado a trabalhar com alguns refugos e logo, pedaço por pedaço, estava construindo um supercomputador quantum.

Até que a professora responsável pelo programa o pegou trabalhando em Nadia tarde da noite no laboratório de engenharia.

– Você tem que destruir isso... essa *coisa*! – disse ela, meio histérica. E recuou vários passos, com medo. Ambos sabiam que, se Watt fosse pego com um quant, ele pegaria prisão perpétua; e ela provavelmente seria presa também, simplesmente por não ter conseguido impedi-lo. – Eu juro que se você não o fizer, vou denunciar!

Watt assentiu e prometeu fazer o que ela disse, xingando a si mesmo por sua estupidez. Ele deveria saber que trabalhar num espaço não privativo era perigoso. Logo que a professora saiu, ele transferiu Nadia rapidamente para um hardware menor, depois estraçalhou a caixa originalmente usada para abrigá-la e a entregou à professora. Ele não tinha a menor vontade de ir para a cadeia e precisava de uma boa recomendação dela para poder entrar no MIT dali a alguns anos.

Quando o programa de verão de Watt terminou, Nadia consistia num hardware do tamanho do seu punho. Ele a transportou em sua mala, dentro de um sapato, e a levou para a Torre.

E assim começou a carreira de hacker de Watt e Nadia.

Eles começaram pequeno, basicamente sacaneando os amigos e colegas de classe de Watt, lendo suas mensagens privadas ou invadindo seus feeds para postar piadinhas engraçadas e constrangedoras. Mas, com o passar do tempo, Watt descobriu o verdadeiro potencial do computador que ele tinha nas mãos e começou a pensar mais alto. Nadia podia fazer muito mais do que conseguir as senhas das contas de adolescentes. Ela podia escanear milhares de linhas de código em menos de um milésimo

de segundo e encontrar a única sequência frágil, a brecha no sistema de segurança que poderia deixá-los entrar. Com Nadia, ele podia acessar qualquer tipo de dado sigiloso. E poderia ganhar dinheiro com isso também, se fosse cuidadoso o bastante. Durante anos, Watt manteve Nadia em seu quarto, periodicamente fazendo o upgrade dela para peças menores, mais fáceis de transportar.

E então, dois verões antes, Watt aceitou um trabalho de hacker que parecia normal, um pedido para apagamento de um registro criminal. Porém, quando chegou a hora do pagamento, as mensagens se tornaram ameaçadoras – de maneira que fez Watt suspeitar que o cliente de alguma maneira sabia sobre Nadia.

De repente ele se encheu de muito medo. Normalmente tentava não pensar no que poderia lhe acontecer se fosse pego, mas percebeu naquele momento o quanto tinha sido tolo. Ele tinha em mãos um quant ilegal e precisava escondê-lo em algum lugar que jamais pudesse ser encontrado.

Colocou Nadia no bolso e pegou o próximo trem para o centro.

Desembarcou na Estação Sul e entrou em outro mundo, um labirinto de becos, portas sem marcação e carrinhos vendendo frituras gordurosas de trigo. O vulto de aço da Torre se estendia para o alto, deixando a maior parte do Sprawl – o bairro ao sul da rua Houston – na sombra.

Watt se virou em direção à água, piscando diante da súbita rajada de vento. Boias verdes e amarelas flutuavam nos tanques de aquacultura sobre o Battery Park, há tempos submerso. Eles deveriam estar cultivando algas e krill, mas Watt sabia que muitos deles também cultivavam oceafarma, uma droga altamente viciante que era produzida a partir das águas-vivas. Mantendo a cabeça baixa, Watt encontrou a porta que estava procurando e entrou.

– O que posso fazer por você? – disse um homem musculoso, com cabelo cortado bem rente à cabeça e metido em um jaleco de plástico cinza e luvas cirúrgicas, dando um passo à frente.

O dr. Smith, como ele se denominava, tinha a reputação de realizar cirurgias ilegais, como limpar drogas do organismo, substituir impressões digitais e até mesmo transferir retinas. Diziam que não havia nada que ele não pudesse fazer. Porém, quando Watt explicou o que queria, o médico balançou a cabeça.

– Impossível! – disse ele.

– Tem certeza? – desafiou Watt, colocando a mão no bolso e pegando Nadia para que o médico a inspecionasse. O hardware que continha Nadia estava quente na sua mão.

Smith deu um passo à frente, involuntariamente, e ficou boquiaberto.

– Você quer me dizer que *isso* é um quant?

– É. – Watt sentiu uma pontada de orgulho. Nadia era mesmo impressionante.

– Tudo bem – disse Smith, relutante. – Posso tentar. – Ele tirou uma das luvas

cirúrgicas e estendeu a mão num cumprimento, mostrando seis dedos. – Destreza extra. Eu mesmo fiz, usando apenas a mão esquerda – se gabou, notando a reação intrigada.

Watt apertou a mão de seis dedos do médico e entregou Nadia a ele, rezando para que aquela ideia maluca funcionasse.

***

Encostado no balcão do bar na Pulse, Watt percorreu com os dedos a pequena protuberância sobre sua orelha direita, a única evidência daquele dia. Às vezes ele não acreditava que a cirurgia havia dado certo. Agora Nadia estava sempre com ele – sobre o lobo temporal de sua orelha direita, onde Smith a colocara, movida à pulsação piezelétrica do próprio sangue dele. As autoridades não tinham conseguido encontrá-lo, mas Watt se sentia mais seguro desta maneira. Se algo acontecesse, ninguém pensaria em procurar um computador no cérebro dele.

– Você vem sempre aqui? – perguntou a Garota do Martíni de Tinta de Lula. Ela deu um golinho na bebida roxa, que se moveu no copo como uma tempestade iminente.

Diversas linhas de texto imediatamente piscaram em frente às lentes de contato de Watt. Ela era um ano mais velha e cursava estudos da arte na faculdade local.

– Gosto de vir até aqui para observar – disse Watt. – Isso me ajuda com a minha arte.

– Você é um artista? O que você faz?

Ele suspirou.

– Bom, eu trabalhava principalmente com instalações 3D, mas acho que já tem gente demais fazendo isso. Estou pensando em incorporar mais áudio no meu trabalho. Em parte foi por isso que vim aqui, para ler as reações das pessoas à música. – Ele se virou para olhar nos olhos da garota; ela piscou diante da insistência. – O que *você* acha? – perguntou ele.

– Concordo plenamente – disse ela, embora ele não tivesse na verdade expressado uma opinião. – Parece que você leu meus pensamentos.

Esse era o efeito colateral que Watt não tinha previsto ao implantar Nadia em seu cérebro: que ela se tornaria sua arma secreta para pegar garotas. Antes do procedimento, sua média de conquistas amorosas era nada mais que mediana. Ele não era feio, com sua pele dourada e olhos escuros, mas não era especialmente alto ou confiante. Ter Nadia havia mudado isso tudo.

É claro que aqui, nos andares médios da Torre – quase dois quilômetros acima do andar em que ele e Derrick viviam *de verdade* –, todos podiam comprar lentes de boa qualidade. Você até podia fazer pesquisas com suas lentes enquanto conversava com alguém, mas seria obrigado a fazer as perguntas em voz alta. Exceto por alguns comandos previamente programados, como assentir para aceitar uma ligação ou piscar

repetidamente para tirar uma foto, as lentes ainda eram operadas via comando de voz. E, embora fosse normal murmurar enquanto você estava no STEA ou em casa, era completamente grosseiro dar comandos para as lentes no meio de uma conversa.

Nadia era diferente. Como ela estava na mente de Watt, eles podiam se comunicar pelo que Watt chamava de "modo telepático transcraniano", o que significava que ele podia *pensar* perguntas e Nadia as respondia. E, quando ele conversava com garotas, ela acompanhava a conversa, instantaneamente alimentando-o com detalhes e informações relevantes.

Neste caso, por exemplo, Nadia fizera uma pesquisa completa sobre a Garota do Martíni de Tinta de Lula em menos de dez milésimos de segundo. Ela havia invadido os posts da garota, checado todos os lugares onde ela já tinha ido e quem eram seus amigos; tinha lido até mesmo as dez mil páginas dos feeds da garota e calculado o que Watt deveria fazer para manter a conversa interessante. Agora ele estava autoconfiante, até relaxado, porque sabia a todo instante a coisa certa a dizer.

A Garota do Martíni o estudava enquanto mexia o copo de bebida. Watt permaneceu em silêncio, sabendo que ela não gostava de caras muito agressivos, que queria sentir que estava dando o primeiro passo. E, como ele suspeitava...

– Quer ir para outro lugar?

Ela era linda, mas, apesar disso, Watt não se animou muito quando respondeu automaticamente:

– Claro. Vamos lá.

Ele colocou a mão ao redor da cintura da garota, caminhando com ela até a saída e percebendo os olhares invejosos dos outros caras. Normalmente sentia o gostinho da vitória em momentos como esse, seu lado competitivo vinha à tona, porém agora ele não conseguia dar a mínima. A situação parecia fácil demais, até mesmo previsível. Ele já tinha esquecido o nome da garota e ela já lhe dissera duas vezes.

– A maldição dos vencedores – sussurrou Nadia em suas antenorelhas, e ele podia jurar ter percebido uma certa satisfação no tom de voz dela. – Quando o vitorioso conquista o que queria, mas percebe que não é exatamente como ele esperava.

AVERY

– ZAY ESTÁ CONVERSANDO com Daniela Leon.

Os olhos de Leda fitaram a garota que estava abaixo delas usando um vestido esvoaçante preto. Daniela levantou o queixo e pousou levemente a mão no antebraço de Zay, rindo exageradamente do que ele dizia.

Avery seguiu o olhar de Leda, embora não se importasse com quem Zay conversava.

– Não tem problema.

– Do que ela está fantasiada com aquele vestido? De matador? – explodiu Leda, se virando para Avery.

– Acho que é o uniforme de uma empregada francesa – disse Avery, tentando não rir enquanto pegava sua bebida, apoiada num descanso flutuante próximo a seu cotovelo.

Leda não estava escutando. Ela estava absorta em seus pensamentos, murmurando para si mesma, provavelmente planejando alguma vingança contra Daniela. Isso era típico de Leda. Quando achava que Avery tinha sido passada para trás, sua reação era rápida e implacável. Era seu tipo de amizade e Avery aceitava, pois sabia que por trás daquela reação havia amor e uma lealdade inabalável. *Espero nunca pisar no seu calo*, brincava ela com a amiga, e Leda apenas ria e revirava os olhos, como se a ideia fosse improvável.

As duas amigas estavam de pé no patamar do segundo andar do apartamento de Cord. Os olhos de Avery analisavam a sala lotada abaixo. Estava um pouco claustrofóbico lá embaixo, com vários garotos dizendo como ela estava linda. Ela se inclinou no corrimão, e a auréola sobre sua cabeça acompanhou, programada para seguir seus movimentos.

Todos estavam na festa. Kemball Brown, usando uma detalhada armadura viking fantástica, contrastando com seus ombros morenos fortes. Laura Saunders, a luz refletindo contra as lantejoulas do seu corpete de pirata decotado. E, usando um uniforme de ascensorista, estava o irmão de Leda, Jamie, o rosto coberto por uma barba desalinhada.

– Qual é a da barba do Jamie? – perguntou Avery, achando engraçado.

– *Eu sei* – concordou Leda, enquanto ajustava o foco dos olhos. – Quando vi pela primeira vez no outro dia, fiquei enojada também.

– No outro dia? – repetiu Avery, confusa. – Jamie não estava com você o verão inteiro?

Leda pareceu confusa por um instante, mas foi tão rápido que Avery pensou ter sido coisa de sua imaginação.

– Claro. Eu quis dizer, quando vi tudo junto, com o uniforme e tudo. Sabia que o uniforme é de verdade, que ele o comprou na mão de um ascensorista mesmo?

As palavras de Leda pareciam normais. Avery tinha que estar imaginando algo estranho na voz dela, não é?

– Preciso de outra bebida – disse ela, mandando o drinque de volta para o bar. – Quer uma também?

– Não, estou bem – recusou Leda. O copo dela ainda estava praticamente cheio. Avery percebeu que, pensando bem, Leda não havia bebido quase nada a noite inteira.

– Parece que você precisa recuperar o tempo perdido – cutucou Avery.

Lá estava a hesitação de novo. Os sons que subiam da festa pareciam subitamente amplificados.

– Acho que ainda não estou completamente de volta ao modo festa – respondeu Leda, mas sua risada soou forçada.

Avery observou sua melhor amiga, a maneira como ela se mexia para frente e para trás, observando os lacinhos em seus sapatos de salto pretos. Ela estava mentindo sobre alguma coisa. Perceber isso fez com que o peito de Avery se apertasse. Ela sempre pensou que não existiam segredos entre as duas.

– Você sabe que pode sempre conversar comigo, né?

– Eu sei – respondeu Leda rapidamente, embora não parecesse acreditar no que dizia.

– Onde você esteve, de verdade, nesse verão? – pressionou Avery.

– Deixa pra lá, tá legal?

– Eu prometo que não vou...

A boca de Leda ficou firme e as palavras que ela disse soaram frias e formais.

– É sério. Eu disse para deixar pra lá.

Avery se encolheu, magoada.

– Eu só não consigo entender por que você não quer se abrir comigo.

– Bom, às vezes o mundo não gira em torno de *você*, Avery.

Avery ia começar a responder quando escutou uma comoção lá embaixo, vozes falando mais alto, saudando alguém. Ela olhou para baixo, curiosa, e viu a pessoa que estava no meio de toda aquela agitação.

Tudo pareceu parar, como se não houvesse mais ar. Avery tentou pensar. Ao lado dela, sentiu Leda ficar congelada de surpresa, mas não conseguia desviar os olhos por tempo o bastante para fitar a amiga.

Ele estava de volta.

– Atlas – sussurrou ela, embora ele logicamente não pudesse ouvir.

Ela desceu a escada correndo, a multidão abrindo caminho para deixá-la passar,

centenas de olhos nela, provavelmente tirando fotos e fazendo o upload imediato delas nos feeds. Mas nada disso importava. Atlas estava de volta.

Quando percebeu, Avery já estava nos braços dele, sentindo seu perfume característico por um breve instante antes que as regras do comportamento normal entre irmãos a forçassem a se afastar.

– Você voltou! – disse ela, boba, seus olhos bebendo cada pedacinho dele.

Ele estava com calças cáqui amassadas e um agasalho azul-marinho. Parecia um pouco mais forte do que antes e seus cabelos castanho-claros estavam mais longos, formando cachos ao redor de suas orelhas, do mesmo jeito de quando ele era pequeno. Todo o resto estava igual a sempre: seus olhos castanhos emoldurados por cílios longos, quase longos demais para serem masculinos, o salpicado de sardas em seu nariz, um de seus dentes inferiores levemente torto, um lembrete de que ele não era perfeito. Essa era uma das coisas que ela amara em Atlas desde o primeiro dia em que seus pais o trouxeram para casa, doze anos antes – o fato de ele ter defeitos visíveis, de verdade.

– Voltei – repetiu ele. Havia a sombra de um cavanhaque em seu maxilar. Os dedos de Avery coçaram de vontade de tocá-lo. – Como estão as coisas?

– Por onde você andou? – disse ela, se encolhendo ao som da própria voz e então falando mais baixo. Ninguém além de Leda sabia que Atlas não dissera para a família onde estivera todo esse tempo.

– Por aí. Um monte de lugares.

– Ah. – Foi tudo o que ela conseguiu responder. Estava difícil formular pensamentos coerentes tendo Atlas assim tão perto. Ela queria correr para seus braços de novo e abraçá-lo tão forte que ele não poderia ir embora de novo. Queria percorrer as mãos sobre seus ombros e ter certeza de que ele estava ali *de verdade*. Ela tinha feito tanto progresso naquele verão, mas apesar disso sentia aquilo de novo, lutava contra a vontade de estender a mão e tocá-lo.

– Bem, fico feliz que tenha voltado para casa – disse ela.

– É melhor estar feliz mesmo. – O rosto dele se abriu num sorriso largo, como se fosse a coisa mais natural do mundo ele aparecer numa festa, sem ser convidado, depois de ter sumido por dez meses.

– Atlas... – disse ela, hesitando, sem ter certeza do que queria dizer. Ela tinha ficado tão preocupada. Pela segurança dele, é claro, mas pior ainda era a sensação, lá no fundo, de medo de que ele nunca retornasse.

– O que foi? – perguntou ele suavemente.

Avery deu um passo à frente. O corpo dela reagiu instantaneamente àquela proximidade, como uma planta que havia ficado muito tempo na escuridão e finalmente era exposta à luz do sol.

– Fuller! – gritou Ty Rodrick, dando um tapinha nas costas de Atlas. Os outros

rapazes do time de hóquei apareceram e o puxaram, falando alto demais.

Avery resistiu a protestar e se afastou. *Aja normalmente*, disse para si mesma. No meio daquele caos, os olhos dela encontraram os de Atlas, e ele piscou, dizendo, sem som, “nos vemos mais tarde”.

Ela assentiu, quebrando todas as promessas feitas para si mesma, amando Atlas.

LEDA

LEDA LARGOU SUA BOLSA na pia de mármore do banheiro de Cord e piscou para seu reflexo no espelho. Seus cabelos estavam presos num coque e adornados com penas e sua fantasia de bailarina moldava seu corpo nos lugares certos, criando até a impressão de que ela tinha seios maiores. Penas de pavão de verdade, adquiridas ilegalmente, forravam seu tutu. Ela passeou os dedos sobre elas. Pagar propinas para os caras da importação tinha valido a pena.

Há muito tempo Leda já havia aceitado que não era linda. Ela era dura demais, desprovida de curvas, e seus seios eram tragicamente pequenos. Ainda assim, tinha a pele morena da mãe e os lábios carnudos do pai. E havia algo de interessante no seu rosto, um olhar de inteligência que intrigava as pessoas.

Ela respirou fundo, tentando ignorar a sensação de ansiedade que subia pelo seu corpo. Quase não parecia possível, mas ainda assim, depois de tantos meses, finalmente havia acontecido.

Atlas estava de volta.

De repente, Leda ouviu música tocando em suas antenorelhas, a melodia de uma música pop que ela e Avery tinham ouvido sem parar na primavera passada. O toque de Avery, de novo. Leda balançou a cabeça para recusar a ligação. Ela sabia que Avery a estava procurando, mas ainda não era capaz de encarar a melhor amiga, não depois da maneira que havia explodido com ela mais cedo. Ela não teve a intenção: estava apenas com os nervos à flor da pele e bastante na defensiva a respeito da reabilitação. Por que Avery não podia simplesmente parar de fazer pressão e lhe dar algum espaço? Leda não queria falar sobre aquele assunto.

Principalmente naquele momento, quando o motivo de ela ter chegado ao fundo do poço estava de volta – e mais maravilhoso do que nunca.

Sai dessa!, disse Leda para si mesma. Sem pensar, ela abriu a bolsa e reaplicou o brilho labial, então voltou para a festa de cabeça erguida. Ela não ia deixar que Atlas a derrubasse. Não podia deixar isso acontecer. De novo não.

– Leda. – Cord apareceu ao lado dela, usando uma fantasia preta com uma faixa atravessada no peito. – Há quanto tempo.

– Oi – disse Leda, cautelosa. Ela sempre ficava um pouco acanhada perto de Cord. Diferentemente de Eris e Avery, ela não o conhecia dos tempos de criança e, desde que havia pedido a ele ajuda para descolar xenperheidrina há alguns anos, sentia que de

alguma forma ele tinha alguma vantagem sobre ela.

– Como foi seu verão? – perguntou ele, pegando duas doses atômicas de uma bandeja que passou ao lado deles e entregando uma para ela. – Saúde – disse ele, antes de beber o drinque.

Os dedos de Leda envolveram o copo contendo o líquido transparente. Ela tinha prometido à mãe que não beberia hoje à noite. Cord a observou, lendo sua hesitação sem perder nenhum detalhe. Ergueu uma sobrancelha, espantado.

Então ela escutou a explosão de uma risada familiar vinda de trás deles – Atlas estava passando. "Por que não?", pensou Leda de repente. Uma dose atômica não iria fazer com que ela voltasse a consumir xenperheidrina. Ela levou o copo aos lábios e bebeu num só gole. O líquido desceu queimando sua garganta, mas não de forma desagradável.

– Agora eu lembro por que gosto de você – disse Leda, pousando o copo vazio na bandeja.

Ele riu, satisfeito.

– Senti sua falta nesse verão, Cole. Eu bem que precisava da minha companheira de baseado.

– Ora, deixe disso. Você tem um monte de outras pessoas com quem ficar chapado.

– Nenhuma delas é tão interessante quanto você – insistiu Cord –, todos os outros ficam mais idiotas quanto mais drogas consomem.

Leda se sentiu desconfortável ao lembrar daquilo. *Sou inteligente o bastante sem a xenperheidrina*, disse ela a si mesma, mas as palavras não soavam tão verdadeiras agora quanto há alguns dias. Murmurando uma desculpa, ela se virou e se misturou mais às pessoas da festa. As penas na sua saia de bailarina começaram a de desprender, deixando um rastro pelo chão.

Onde está você?, escreveu ela para Avery num flicker. Leda não contou para ela que costumava fumar com Cord às vezes – e nem pretendia contar –, mas vê-la poderia fazer com que se acalmasse.

– Leda?

Ela se virou devagar, tentando fingir que não se importava, mas é claro que não era verdade.

Atlas estava em meio ao seu antigo grupo de hóquei. Leda aguardou, sem se mexer, enquanto ele murmurava alguma coisa para os amigos e caminhava na direção dela.

– Oi! – disse ele, simplesmente.

A calma de Leda foi embora. Isso era tudo o que ele tinha a dizer, quando da última vez em que se viram estavam nus numa jacuzzi, do outro lado do mundo?

– Onde você estava?

Atlas piscou.

– Tirei um ano sabático, viajei por aí.

– Não me venha com essa baboseira – disse ela, cruzando os braços. – Eu sei da verdade, ok?

– Eu não...

– Foi uma bela sacanagem sumir desse jeito. Especialmente depois de... você sabe.

A mente dela voltou para aquela noite, para a maneira com que ele a havia tocado e a neve que caía sobre ambos, derretendo onde quer que encostasse na pele quente deles. Ela se sentiu corar diante da memória.

– Fuller! – gritou Henry Strittmayer. – Vamos começar a jogar roleta! Venha logo.

– Um minuto. – Os olhos de Atlas estavam cravados nos dela. – Ainda bem que você disse alguma coisa, Leda. Pensei muito em você enquanto estive fora.

– É? – disse ela, cautelosa, tentando não esperar muito.

– Eu te devo desculpas.

Leda sentiu como se tivesse levado um tapa.

– Você não me deve nada – disse ela rapidamente, na defensiva. *Idiota*, se repreendeu, chegando a pensar que Atlas tinha sentido sua falta quando aparentemente ele simplesmente sentia que *devia* alguma coisa a ela. Meu Deus, como ela odiava aquela palavra. Era o mais longe do romantismo que se podia chegar.

Eles se olharam em silêncio.

– Quer jogar roleta? – disse ele depois de alguns instantes.

– Não.

A última coisa que ela queria era sentar ao lado de Atlas como se tudo estivesse normal e jogar um jogo onde eles poderiam acabar sendo forçados a se beijar.

– Vou procurar Avery – completou ela. – Ela me pareceu um pouco bêbada mais cedo.

– Vou com você – ofereceu Atlas, mas ela já estava se afastando dele.

– Não. Tudo bem – disse ela rapidamente enquanto seguia para o hall. – Deixe comigo.

A força que ela sentia puxando-a na direção dele era tão insistente e poderosa agora quanto havia sido em Catyan, quando seus corpos ficaram tão entrelaçados que ela sentiu como se ele fosse parte dela. Ainda assim, ela não o entendia melhor agora do que havia entendido antes. Talvez jamais fosse entendê-lo.

O estômago de Leda se revirou de repente, sua cabeça latejando de raiva. Parecia que algo a estava pressionando por dentro, a mesma sensação que ela tinha quando saía rápido demais de um barato.

Ela tinha que sair dali. Imediatamente.

Abriu caminho pela multidão que enchia o apartamento de Cord, um sorriso mecânico estampado no rosto, e entrou no primeiro hover que viu.

Quando chegou em casa, Leda estava quase histérica. Ela correu pelo corredor até seu

quarto e abriu a porta, procurando pelo seu travesseiro de aromaterapia com perfume de lavanda e enterrando o rosto nele, respirando fundo, desesperadamente. Lágrimas quentes se acumularam nos cantos de seus olhos. Meu Deus, ela era mesmo uma idiota. Ela não podia acreditar como o simples fato de ver Atlas podia desestabilizá-la tão completamente.

Finalmente ela se sentou na cadeira de sua penteadeira. Começou a limpar a maquiagem – e as lágrimas – do seu rosto com movimentos bruscos e irritados. Seu corpo estava tão tenso que quase tremia.

Uma batida leve à sua porta.

– Leda? – Ilara Cole apareceu à porta da filha. – Como foi a festa?

– Você não precisava me esperar acordada. – Leda não se virou, apenas encontrou o olhar da mãe no espelho. Ilara nunca havia esperado acordada pela filha antes.

Sua mãe ignorou o comentário.

– Vi algumas de suas fotos pelo feed – insistiu ela, numa tentativa clara de parecer relaxada. – As fantasias estavam fantásticas! Especialmente você e Avery juntas!

Leda se virou na cadeira da penteadeira e se levantou, as mãos se fechando.

– Você está me *espionando* agora? Pensei que havia dito que iria confiar em mim esse ano!

– E *você* disse que, se eu deixasse que fosse à festa, não iria beber!

Leda se encolheu e o tom da mãe ficou mais suave.

– Desculpe – continuou Ilara. – Mas Leda, eu não sou boba. Estou sentindo o cheiro da dose atômica daqui. O que você quer que eu pense?

– Foi só um drinque – disse Leda, dura. – Isso não é a mesma coisa que ficar chapada de xenperheidrina, pelo que eu saiba.

Ilara começou a tocar o ombro da filha, mas Leda afastou a mão da mãe e ela abaixou o braço, derrotada.

– Leda, por favor – disse ela, baixinho. – Estou tentando. Eu *quero* confiar em você de novo. Mas a confiança tem que ser conquistada. E até o momento não estou vendo você fazer nenhum esforço para...

– Tudo bem – disse Leda, fria, interrompendo a mãe. – A festa foi ótima. Obrigada por me deixar ir. Prometo que não vou beber na próxima.

Elas ficaram se olhando, nenhuma das duas certas do que fazer em seguida. Havia carinho no rosto de ambas, mas havia preocupação também. Elas já não sabiam mais como interagir.

Finalmente Ilara suspirou e se virou.

– Que bom que você se divertiu. Nos vemos pela manhã.

A porta se fechou atrás dela.

Leda arrancou o vestido e colocou o pijama com seu monograma. Ela mandou um

último flicker para Avery, se desculpando pela explosão e dizendo que havia saído da festa mais cedo. Então se enfiou debaixo das cobertas, a cabeça rodando.

Ela se perguntava se Avery e Atlas ainda estavam na festa. Teria sido estranho ela ter ido embora mais cedo? Será que Avery estava irritada com ela por causa do que aconteceu? Por que Avery não podia simplesmente aceitar que algumas coisas na vida de Leda eram privadas? E agora, como se ela não tivesse o suficiente com que se preocupar, sua mãe começou a monitorar seus movimentos nos feeds. Leda nem sabia que Ilara sabia mexer nessas coisas.

Ao pensar nos feeds, ela decidiu acessar o de Atlas, embora já soubesse o que iria encontrar. Dito e certo, era tão vago como sempre. Enquanto a maioria dos rapazes que ela conhecia publicava a vida inteira nos feeds, o perfil de Atlas não tinha nada além de uma foto antiga dele na casa de praia dos avós e algumas citações favoritas. Ele era tão opaco que chegava a ser irritante.

Se ao menos Leda pudesse acessar além do perfil público, acessar suas mensagens e tudo o mais que ele não dividia com o mundo. Se ao menos ela soubesse o que ele estava *pensando,* talvez ela pudesse deixar isso tudo para trás e seguir em frente.

Ou talvez ela pudesse tê-lo de volta, uma parte dela sussurrou, a parte que ela não conseguia ignorar.

Leda deitou de bruços, enlaçando os punhos nos lençóis, frustrada – e teve uma ideia tão simples que ou era brilhante ou era estúpida.

Atlas podia até ser difícil de entender, mas talvez houvesse outra maneira de compreendê-lo.

AVERY

DEPOIS DE ESTAR na festa por várias horas, Avery se viu no armário de bebidas da cozinha de Cord. Ela não sabia exatamente por que estava ali: talvez à procura de um pouco do bourbon dourado enfileirado na prateleira de cima, ou do estoque de bebidas antigas ilegais. Ela parou, balançando os cubos de gelo em seu copo vazio. Seus *dois* copos vazios, percebeu ela, pois trazia um em cada mão.

Atlas estava de volta. O olhar dele quando a viu e as palavras "mais tarde" ficavam passando pela sua cabeça. Ela tinha ficado tanto tempo esperando ansiosamente pela volta dele e agora que ele finalmente havia voltado, ela não sabia o que aquilo tudo significava. Então ela havia decidido que a melhor estratégia para o momento era ficar o mais bêbada que conseguisse. Evidentemente ela havia conseguido.

Um raio de luz cortou a escuridão quando a porta se abriu.

– Avery?

Cord. Ela deu um suspiro, querendo ficar a sós com seus pensamentos naquele momento.

– Oi. Que festa legal! – murmurou ela.

– Um brinde ao seu cara – disse ele, e esticou a mão para pegar a garrafa de bourbon. Ele deu um longo gole, seus olhos brilhando na luz fraca.

– Quem? – perguntou ela, abruptamente. Será que Cord sabia, de alguma maneira? Se tinha alguém capaz de descobrir, pensou ela, com medo, era Cord. Ele a conhecia há um tempão. E ele também era problemático o suficiente para decifrar essa verdade louca.

– Quem quer que seja que te deixou assim tão perturbada, acordando a Fuller Bêbada. Porque com certeza não é Zay Wagner. Até eu sei disso.

– Você é um idiota às vezes, sabia? – disse Avery, sem pensar.

Ele riu alto.

– Eu sei. Mas eu organizo festas tão legais que as pessoas relevam esse meu defeito. Assim como perdoam você por ser tão pudica e misteriosa, simplesmente porque é a garota mais linda do planeta.

Avery queria ficar brava com ele, mas por algum motivo não estava. Talvez porque no fundo sabia como Cord era de verdade, debaixo daquelas camadas de sarcasmo.

– Lembra de quando éramos crianças? – disse ela, subitamente – Quando você me desafiou a entrar no depósito de lixo e fiquei entalada? Você ficou ao meu lado o tempo inteiro esperando os robôs chegarem para que eu não ficasse sozinha.

As luzes do armário de bebidas desligaram. Eles deveriam estar completamente imóveis para desativar os sensores de movimento. Cord agora não passava de uma sombra.

– Lembro – disse ele. – E daí?

– Somos completamente diferentes agora, né?

Balançando a cabeça, Avery empurrou a porta e caminhou pelo corredor.

Ela passeou sem rumo pela festa por alguns instantes, cumprimentando todo mundo que ela não via desde o final da primavera passada, bebendo de seus dois copos. Ela não conseguia parar de pensar em Altas – ou Leda. Onde tinha estado Leda durante todo o verão que ela se recusava a contar para Avery? O que quer que estivesse acontecendo, Avery se sentia terrível pelo jeito com que ela havia pressionado Leda, deixando-a visivelmente irritada. Ela não costumava sair cedo das festas. Avery sabia que deveria ir à casa dos Cole checar como ela estava, mas ainda assim não conseguia imaginar deixar a festa enquanto Atlas ainda estava lá. Depois de todos aqueles meses longe, ela queria apenas ficar perto dele.

Afastando a culpa que sentia, enviou uma mensagem para Leda: “Desculpa pelo que aconteceu mais cedo. Nos vemos amanhã?”

Ela acabou encontrando Atlas na biblioteca, jogando roleta, e parou próximo à soleira da porta, observando-o. Ele se debruçava na mesa enquanto girava a roleta, seus cílios lançando sombras sutis em suas bochechas. Avery não jogava roleta há anos, desde aquela última vez quando ela tinha quatorze anos – em outra das festas de Cord, nessa mesma biblioteca. Se ela fechasse os olhos, sentia como se tivesse sido ontem, não há três anos.

Ela estava nervosa por entrar no jogo. Era a sua primeira vez bebendo e ainda que ela nunca tenha dito a ninguém, era sua primeira vez jogando roleta. Nunca havia sido beijada. E se eles descobrissem?

– Vamos logo, Fuller! – gritou Marc Rojas, um garoto do último ano, exasperado com a sua demora. – Gira!

– Gira, gira! – gritaram todos que estavam na sala. Mordendo os lábios, Avery estendeu a mão para girar a roleta holográfica que se projetou no centro da mesa.

A seta girou pela sala rapidamente. Todos se inclinaram para a frente, acompanhando sua trajetória. Finalmente a roleta começou a perder velocidade e parou em frente a Breccan Doyle. Avery se preparou em sua cadeira.

No último minuto, a seta deu seu último giro e parou em frente a Atlas.

O console do jogo imediatamente projetou um Cone de Privacidade onde eles estavam sentados, barrando a luz para ocultá-los do restante da sala e ocultando as ondas de som. Além da brilhante parede de fótons – que tremulava como a superfície da água num lago –, Avery podia ver os demais, embora eles não pudessem vê-la. Todos

gritavam e gesticulavam para o console do jogo, provavelmente tentando reiniciar a partida e fazer Avery girar novamente. Não era nada divertido dois irmãos juntos no cone, não é?

– Você está bem? – perguntou Atlas, baixinho. Ele tinha nas mãos meia garrafa de bebida atômica e a ofereceu para Avery, mas ela balançou a cabeça. Já estava confusa e o álcool estava mexendo em seus sentimentos por Atlas de maneira perigosa.

– Nunca beijei ninguém antes. Vou ser horrível! – disse ela, se encolhendo. O que deu nela para falar isso?

Atlas deu um gole na bebida e abaixou a garrafa com cuidado. Um ponto a favor dele é que ele não riu.

– Não se preocupe – disse ele. – Tenho certeza de que você vai ser ótima.

– Mas eu nem sei o que fazer! – Fora do cone, Avery viu Tracy Ellison, que tinha uma queda por Atlas, gesticulando agitadamente.

– Você só precisa praticar. – Sorriu Atlas, dando de ombros. – Sinto muito que seja eu aqui dentro ao invés de Breccan.

– Você está brincando, né? Eu preferia... – Avery se conteve. Não podia terminar aquela frase.

Atlas olhou para ela, curioso. Franziu o cenho numa expressão que ela não conseguiu ler.

– Aves – disse ele, mais parecendo uma pergunta. Ele se aproximou dela. Avery prendeu a respiração...

O cone invisível se dissolveu, deixando a realidade entrar novamente.

Avery nunca conseguiu saber com certeza se aquele quase beijo realmente aconteceu ou se ela o havia imaginado. Agora, enquanto aquela lembrança tomava conta dela, Avery olhou para Atlas, que ergueu o olhar, parecendo sentir os olhos dela sobre ele. Mas se ele também estava lembrando aquela noite, não deu qualquer pista. Simplesmente a estudou por alguns instantes, então pareceu tomar uma decisão.

– Estou fora dessa rodada – disse ele, saindo do jogo e caminhando até onde ela estava.

– Oi.

Ele pegou as bebidas das mãos dela e as pousou sobre a mesa. Avery já tinha esquecido que as estava segurando. Ela deu um passo à frente.

– Quer que eu te leve para casa? – Atlas estendeu a mão para segurá-la. Como sempre, Atlas sabia exatamente o que ela queria sem que ela precisasse falar. Exceto, é claro, a única coisa que ele jamais poderia saber.

– Sim – respondeu Avery, um pouco rápido demais.

Ele assentiu.

– Então vamos.

Eles caminharam até a porta da casa e subiram no hover que Atlas havia chamado. Avery se recostou no assento e fechou os olhos, deixando o ruído familiar do veículo tomar conta dela. Ficou escutando a respiração de Atlas. Ele estava mesmo ali, dizia para si mesma. Não era simplesmente mais um sonho.

Quando chegaram à cobertura do milésimo andar, Avery caiu na cama ainda com seu vestido de festa. Ela estava um pouco tonta.

– Tudo bem? – perguntou Atlas, sentando-se na beirada de sua enorme cama.

– Mmm-humm – sussurrou ela. Há meses não se sentia tão bem como aqui, sozinha, com Atlas, no escuro. Ele se aproximou mais um pouco. Ela fechou os olhos. Naquele momento, com ele sentado na cama dela, Avery podia fazer de conta que ele era um garoto que ela conheceu na festa e trouxe para casa. Não alguém que seus pais adotaram quando ela tinha cinco anos porque ela se sentia sozinha e eles não tinham tempo para ela.

– Lembra quando você chegou aqui? – perguntou ela. Avery estava sentada no chão do quarto de brinquedos penteando os cabelos de sua boneca, e a porta se abriu, revelando sua mãe, segurando a mão de um garoto que parecia perdido.

– Esse é Atlas – dissera ela, e o garoto esboçou um sorriso. A partir daquele momento, Avery o adorou.

– Claro que lembro – provocou Atlas. – Você exigiu que eu fosse imediatamente para o parque com você e a puxasse em sua prancha de hover, para que pudesse fingir ser um navio pirata.

– Eu não fiz isso! – Avery se ergueu, apoiada nos cotovelos, olhando para ele com uma irritação encenada.

– Tudo bem. Eu não me importei – disse ele.

Avery deitou no travesseiro novamente. Que estranho que possa ter havido uma época em que Atlas não existia em sua vida. Isso não parecia mais possível.

– Aves? – disse ele – Se tivesse algo que eu precisasse saber você me diria, né?

Ela abriu os olhos e olhou para o rosto dele, tão calmo e ilegível. Ele não estava sugerindo a verdade, estava? Não era possível. Ele não sabia como era querer algo que você jamais poderia ter; quão impossível era parar de querer depois que você permitia que o sentimento nascesse.

– Estou muito feliz que você tenha voltado. Senti sua falta – disse ela.

– Eu também.

O silêncio entre eles se estendeu por mais alguns instantes. Avery lutou contra o sono, tentando sorver a presença de Atlas, mas o sono a estava dominando. Depois de mais alguns instantes, ele se levantou e caminhou para o corredor.

– Eu te amo – disse ele, fechando a porta.

Eu também te amo, sussurrou seu coração, abraçando a frase como se fosse uma

oração.

ERIS

ESTOU INDO PARA CASA, escreveu Eris para Cord, sem esperar por sua resposta. O apartamento dele estava ficando vazio à medida que a festa lentamente se desintegrava, as pessoas cambaleando para casa sozinhas ou aos pares. Para todo lugar que olhava, Eris via escombros de uma noite épica, copos espalhados, pedaços de fantasias e alucigarros quebrados.

Ela não havia pretendido ficar todo esse tempo. Tinha passeado de grupo em grupo e perdera completamente a noção do tempo. Não tinha certeza de onde estava Cord e de repente se sentia exausta demais para procurá-lo. Ela só queria um banho e deitar em seus lençóis de mil fios.

Eris começou a caminhar em direção à porta, checando suas mensagens, e percebeu, preocupada, que havia perdido várias ligações de casa. Elas tinham sido recebidas há cerca de duas horas – quando ela estava na pista de dança. Ela se lembrava de ter balançado a cabeça de um lado para o outro, ignorando as ligações, mas no momento não tinha registrado que as ligações eram de seus pais. Ela ficou se perguntando o que poderia ter acontecido.

Quando chegou ao seu apartamento no 985º andar, Eris abriu a porta de casa o mais lentamente possível, os sapatos pretos em uma mão e a bolsa na outra. Assim que pisou em casa, ela teve certeza de que alguma coisa estava errada. As luzes estavam ajustadas para ficarem o mais forte possível e um som horrível vinha da sala de estar. Era sua mãe, chorando.

Eris deixou os sapatos caírem no chão, fazendo barulho.

– Eris? – disse Caroline, levantando sua cabeça do encosto do sofá, onde estava enrodilhada. Ela ainda usava seu vestido de noite, uma bela curva vermelha entre as almofadas brancas.

Eris correu em direção à mãe para abraçá-la. De repente ela se lembrou de quando era pequena e seus pais chegavam em casa das festas. Eris ouvia os saltos da mãe no corredor – um som que ela sempre achou extremamente calmante – e, independentemente do horário, Caroline sempre ia ao quarto de Eris acariciar seus cabelos e contar para ela todas as coisas mágicas, maravilhosas e adultas que havia visto naquela noite. Quantas vezes Eris tinha adormecido ouvindo o som da voz da mãe?

– Está tudo bem – disse Eris, embora claramente não estivesse. Seus olhos percorriam o apartamento, nervosos. Onde estava seu pai?

– Não, não está tudo bem – disse Caroline, respirando fundo e se afastando para olhar fundo nos olhos de Eris. Suas lágrimas estavam borradas de rímel, formando rios negros que desciam pelo seu rosto. – Sinto muito.

– O que aconteceu? – Eris se afastou da mãe, sentando-se ereta num movimento mais brusco do que ela havia planejado. – Onde está o papai?

– Ele... foi embora. – Caroline baixou o olhar, fitando as mãos em seu colo e as dobras amassadas de seu lindo vestido vermelho.

– Como assim, *foi embora*?

– Lembra o teste de DNA que você fez hoje?

Eris assentiu, impaciente. Claro que ela se lembrava; ela tinha se submetido a um monte de testes, tirado amostras de dentro de sua bochecha e feito xixi num tubo. Tinha assinado tantos documentos antiquados em papel usando uma caneta com tinta de verdade que sua mão tinha ficado com câimbra por causa do movimento com o qual não estava acostumada.

Sem dizer nada, a mãe de Eris deu uma leve batida na mesinha de centro, que, assim como todas as superfícies do apartamento, era *touch screen*. Depois de algumas seleções, ela escolheu um arquivo dentre suas mensagens. Eris se aproximou para verificar.

O DNA dela estava gloriosamente mapeado, as fitas mostradas em rosa-chiclete, mas os olhos de Eris já estavam em outra parte do documento, se concentrando no conjunto de termos médicos que acompanhavam os gráficos abaixo. Ela sabia que tinham comparado seu DNA com o de seu pai, que já estava arquivado. Mesmo assim, ela ainda não estava conseguindo processar o que estava vendo ali. O que aquilo tudo tinha a ver com ela?

Seus olhos se fixaram numa única linha no final do relatório – possibilidade de vínculo genético: 0,00 % – e ela estendeu a mão para se segurar na mesa. Ela começou a entender o que estava acontecendo e um nó começou a fechar sua garganta.

– Não acredito nisso – disse ela, se sentando mais ereta, sua voz aumentando de volume. – O laboratório errou o mapeamento. Precisamos entrar em contato com eles para pedir que refaçam o teste.

– Eles refizeram. Não está errado. – Parecia que sua mãe estava falando de muito longe, como se Eris estivesse debaixo d'água ou enterrada sob uma montanha de areia.

– Não – repetiu Eris.

– É verdade, Eris.

A certeza na voz de Caroline fez com que Eris gelasse. E então ela entendeu por que seu DNA não tinha vínculo genético com o do pai, por que sua mãe não estava surpresa. Porque a verdade era que Eris não era filha legítima de seu pai.

Sua mãe tinha traído seu pai e havia mantido aquilo em segredo por dezoito anos.

Eris fechou os olhos. Aquilo não podia estar acontecendo. Simplesmente não podia.

Se ela ficasse de olhos fechados tudo aquilo desapareceria, como um sonho ruim.

Sua mãe estendeu a mão, e Eris prontamente se levantou, derrubando a mesinha de centro. Nenhuma das duas olhou para a mesa. Ficaram se olhando, mãe e filha, tão parecidas – e ainda assim, para Eris, elas nunca pareceram tão diferentes.

– Por quê? – perguntou ela, pois aquelas eram as únicas palavras que sua mente conseguia processar. – Por que você *mentiu* para mim durante todos esses anos?

– Oh, Eris. Eu não quis... não tinha a ver com você...

– Sério? *Claro* que tinha a ver comigo!

Caroline se encolheu.

– Não foi isso que eu quis dizer. É que... o que quer que aconteça entre mim e Everett... não é sua culpa.

– Eu sei, porque é *sua* culpa!

Nenhuma das duas disse nada. O silêncio era ensurdecedor.

– Para onde papai foi? Quando ele vai voltar? – perguntou ela, finalmente.

– Não sei direito – suspirou a mãe. – Sinto muito, Eris.

– *Pare de dizer isso!*

A essa altura da conversa, Eris estava gritando. Não conseguia evitar, simplesmente não conseguia ouvir a mãe se desculpando mais uma vez. Desculpas não significavam nada quando a pessoa em quem você mais confiava passou a vida inteira mentindo para você.

Sua mãe estava completamente imóvel.

– Eu sei que isso é muito difícil para você e você deve ter um monte de perguntas. Estou aqui para responder...

– Vá se foder. E *que se fodam* suas explicações – interrompeu Eris, pronunciando cada palavra.

Sua mãe se encolheu, chocada, mas Eris a ignorou. Sua mente percorria todas as lembranças que tinha da mãe: quando Caroline vinha em seu quarto acordá-la para ir à escola e se aninhava em sua cama, pegando no sono com ela, fazendo com que o pai de Eris tivesse de ir até lá acordar as duas, rindo porque suas duas meninas eram belas adormecidas; os natais em que eles faziam biscoitos praticamente crus para colocar debaixo da árvore para o Papai Noel, e seu pai ia comê-los depois que Eris adormecia, isso mesmo depois que ela já havia descoberto que Papai Noel não existia; todos os anos em seu aniversário, quando sua mãe dava a desculpa de uma consulta médica falsa e fazia Eris faltar aulas, simplesmente para que elas pudessem comprar os presentes dela e depois irem tomar chá no Bergdorf's.

– Sua mãe é o máximo! – diziam as outras garotas, porque as mães de nenhuma delas deixava que elas faltassem aula para se divertir.

Eris ria e falava:

– Eu sei, ela é demais!

Tudo isso parecia falso, agora. Cada gesto, cada "eu te amo"; tudo estava tingido pela grande e feia mentira em que sua vida era baseada. Eris piscou, confusa, olhando o rosto da mãe.

– Então você já sabia. A minha vida toda você já sabia – disse ela, amarga.

– Não. Eu nunca tive certeza. – Os olhos de sua mãe estavam cheios de lágrimas, mas ela conseguiu contê-las. – Eu sempre pensei, desejei, que você fosse filha de Everett. Mas nunca tive certeza, até agora.

– Por que você me deixou fazer esse teste de DNA, então?

– Você acha que, se eu soubesse que fariam esse teste, teria deixado você ir?! – gritou Caroline.

Eris não sabia o que dizer. Não entendia como sua mãe poderia ter feito isso com ela, com seu pai, com a *família deles*.

– Por favor, Eris. Quero consertar as coisas – começou ela, mas Eris balançou a cabeça.

– Não fale comigo – disse ela, e se virou.

De alguma maneira Eris conseguiu chegar em sua cama redonda, protegida num canto do enorme quarto redondo. Choque e medo se misturavam perigosamente em seu peito. Ela não conseguia respirar. Agarrou o colarinho da camisa, ainda úmido por causa das lágrimas de sua mãe, e a arrancou violentamente, tentando recobrar o fôlego. Ela tinha certeza de que tinha escutado alguns pontos da costura se romperem.

– *Posso ajudar?* – soaram suas lentes de contato, percebendo que ela estava quase chorando.

– Cala a boca! – murmurou ela, e as lentes obedeceram.

Everett Radson não era seu pai. Aquela verdade ficava ricocheteando em sua cabeça, como bala perdida. Coitado de seu pai. Ela imaginou o que ele havia dito quando recebeu o resultado dos testes. Onde estaria ele agora? No hotel? No hospital? Ela queria ir falar com ele, mas ao mesmo tempo não se sentia pronta para encará-lo. Ela sabia que quando o visse – quando verdadeiramente encarasse o problema – tudo mudaria para sempre.

Eris fechou os olhos, mas o mundo girava ao seu redor. E ela nem estava bêbada essa noite. "Deve ser esse o sentimento de alguém que tem a vida despedaçada", pensou ela, amargamente.

Ela se sentou e observou seu quarto com um certo distanciamento. Para todo lado que ela olhava, via objetos caros – o vaso de cristal com suas rosas eternamente frescas, o armário repleto de vestidos delicados e coloridos, a penteadeira feita sob medida, coberta de aparatos tecnológicos brilhantes. Todas as partes da sua vida, tudo o que a tornava Eris Dodd-Radson.

Ela começou a se recostar nos travesseiros e xingou alto quando algo beliscou sua

orelha. Eram os brincos da mãe. Ela tinha se esquecido deles completamente.

Eris tirou o brinco direito e o segurou na palma da mão. Era tão lindo; uma esfera de vidro brilhando com cores diferentes, como o olho de uma tempestade se aproximando. Um presente lindo, raro e muito caro que seu pai dera para sua mãe. De repente os brincos e tudo o que eles significavam pareceram completamente falsos e sem sentido para Eris.

Ela estendeu o braço e arremessou o brinco contra a parede com toda sua força. Ele explodiu em milhares de cacos, que se espalharam no chão como lágrimas derramadas.

RYLIN

ENQUANTO O ÚLTIMO convidado cambaleava da casa de Cord em direção a um hover, Rylin suspirou, aliviada. Aquela noite parecia ter sido interminável – limpar a bagunça feita por aqueles riquinhos bêbados, fingindo não perceber como alguns dos rapazes olhavam para ela. Rylin estava exausta, e sua cabeça ainda latejava por ter sido arrancada da onda coletiva. Mas graças a Deus tinha acabado.

Se espreguiçando, ela caminhou até as janelas da sala de estar de Cord e observou faminta a linha do horizonte a distância. As telas de observação de seu apartamento eram tão velhas que nem se pareciam mais com janelas, mais lembravam caricaturas de uma paisagem falsa, com um sol brilhante demais e árvores muito verdes. Havia uma janela lateral em sua parada do trem – a barraca de lanches dela era na parada Crayne Boulevard, entre Manhattan e Jérsei – mas mesmo ela era próxima demais para ver qualquer coisa além da Torre, posicionada como um sapo gigante de metal que bloqueava a visão do céu. Impulsivamente, ela pressionou o rosto contra o vidro. A sensação era de um frescor delicioso em sua testa.

Finalmente Rylin se afastou e começou a subir a escada, para falar com Cord e dar o fora dali. Enquanto ela caminhava, as luzes atrás de si se apagaram e as à frente dela se acenderam, iluminando um corredor coberto de quadros antigos. Ela passou em frente a um banheiro enorme, repleto de toalhas felpudas e com telas *touch screen* em todas as paredes. Ora, provavelmente até *o chão* era *touch screen*! Tudo aqui era o melhor, o mais novo, o mais caro – ela via dinheiro em todo canto que olhava. Rylin apressou o passo.

Quando chegou à sala de holografia, Rylin hesitou. Um filme antigo da família estava sendo projetado na parede, não uma comédia idiota ou um filme de ação, como ela havia esperado.

– Oh, não! Não se atreva! – exclamou a mãe de Cord em 3D. Cord, que devia ter uns quatro anos no vídeo, ria enquanto segurava uma mangueira de jardim. *Onde foi isso? Durante as férias em algum lugar?,* pensou Rylin.

– Oooopa! – disse ele, sem um pingo de arrependimento, enquanto ligava a mangueira em cima da mãe. Ela riu, erguendo seus braços bronzeados, os cabelos escuros molhados como os de uma sereia. Rylin tinha se esquecido de como ela era bonita.

Cord se inclinou para frente, animado, sentado quase na beirada de sua poltrona de couro. Um sorriso estampava seu rosto enquanto assistia ao pai persegui-lo pelo jardim.

Rylin deu um passo atrás. Se ela conseguisse...

O chão estalou sob seus pés e Cord virou a cabeça. O vídeo sumiu imediatamente.

– Eu, eu sinto muito – gaguejou ela. – Queria só informar que acabei. Então estou indo.

Os olhos de Cord percorreram as roupas dela lentamente, a calça jeans justa, a camiseta decotada e o emaranhado de pulseiras néon em seus pulsos.

– Eu não tive tempo de ir em casa trocar de roupa – completou ela, sem saber ao certo por que estava se explicando para ele. – Você não me avisou com muita antecedência.

Cord ficou apenas olhando para ela, sem dizer nada. Rylin percebeu, chocada, que ele não a reconheceu. Mas, pensando bem, por que deveria? Eles não se viam fazia anos, desde aquele Natal em que os pais dele haviam convidado a família dela para abrir presentes e comer biscoitos. Rylin se lembrava de como aquele dia tinha sido mágico para ela e Chrissa, as brincadeiras na neve no jardim de inverno da família, como uma versão gigante do globo de brinquedo que a mãe usava para enfeitar a casa no fim do ano. Cord tinha passado o tempo todo ocupado com algum joguinho eletrônico, sem ligar para elas.

– Rylin Myers – disse Cord finalmente, como se ela tivesse aparecido na festa dele por acaso, em vez de ter sido paga para trabalhar nela. – Como está você?

Ele gesticulou para a poltrona ao lado dele e Rylin se surpreendeu ao aceitar o convite, afundando no estofado e sentando de pernas cruzadas.

– Exceto por ser assediada por seus amigos, tudo bem – disse ela, sem pensar. – Desculpe! – completou rapidamente. – Foi uma noite longa. – Ela tentou imaginar onde estariam Hiral e o resto da turma, ou se eles haviam percebido que ela foi embora.

– Bem, a maioria deles não é meu amigo – disse Cord. Ele mudou de posição e Rylin não pôde deixar de notar a maneira como seus ombros pareciam musculosos debaixo da camisa de botão. Ela percebeu de repente que sua maneira relaxada era uma máscara, que debaixo dela ele a observava atentamente.

Por um instante, os dois ficaram olhando para a tela em branco. Rylin achou engraçado. Se alguém tivesse dito a ela que a noite terminaria aqui, na casa de Cord Anderton, ela teria dado risada.

– O que é isso? – perguntou Cord, e Rylin percebeu que estava dedilhando o colar novamente. Ela levou as mãos ao colo.

– Era da minha mãe – disse ela, esperando que ele não continuasse a perguntar sobre o assunto. Ela tinha dado aquele colar para a mãe como presente de aniversário e depois disso sua mãe não parou mais de usar. Rylin se lembrava da pontada que sentiu quando o hospital o enviou de volta para ela, embrulhado em plástico e identificado por uma alegre etiqueta laranja. A morte da mãe não tinha parecido real até aquele momento.

– Por que a Torre Eiffel? – continuou Cord, parecendo interessado.

O que importa para você?, queria perguntar Rylin, mas se conteve.

– Era uma brincadeira nossa – disse ela, simplesmente – A gente costumava dizer que, se algum dia tivesse dinheiro suficiente, pegaria o trem para Paris e comeria num elegante "Café Paris". – Ela não quis elaborar, contando sobre como ela e Chrissa transformavam a cozinha da casa delas num café francês chique. Elas faziam boinas de papel e desenhavam bigodes no rosto usando o lápis de olho da mãe, e fingiam terríveis sotaques franceses enquanto serviam o "especial do chef": a comida congelada que estivesse em promoção naquela semana. Aquilo sempre colocava um sorriso no rosto da mãe, depois de um longo dia de trabalho.

– Vocês conseguiram ir? – perguntou Cord.

Rylin quase riu diante da estupidez daquela pergunta.

– Eu mal deixei essa Torre.

A sala foi subitamente invadida pelo som de água jorrando e gritos, quando a tela ligou de novo. Cord a desligou rapidamente. Rylin lembrou que os pais dele haviam morrido há anos num acidente de avião.

– Que legal você ter esses vídeos – disse ela, quebrando o silêncio. E entendia perfeitamente que ele fosse possessivo com relação aos vídeos. Ela agiria da mesma maneira se ela e Chrissa tivessem algo semelhante. – Eu queria que tivéssemos mais coisas para lembrar minha mãe.

– Sinto muito – disse Cord.

– Tudo bem – disse ela, dando de ombros, embora é claro que nada estivesse bem. Nada jamais estaria bem novamente.

A tensão foi quebrada por um ronco repentino na sala. Rylin demorou alguns segundos para perceber que o som vinha do seu estômago. Cord olhou para ela, curioso.

– Está com fome? – perguntou ele, embora a resposta fosse óbvia. – Podemos pegar a comida que sobrou da festa, se você quiser.

– *Sim!* – respondeu Rylin, demonstrando mais entusiasmo do que pretendia. Sua última refeição tinha sido o almoço.

– Da próxima vez você deveria comer do bufê – disse Cord, enquanto saíam da sala e desciam a escadaria de vidro. – Acho que eu deveria ter te dito isso.

Rylin tentou imaginar o que o fazia pensar que haveria uma próxima vez.

Quando chegaram à cozinha, a geladeira informou Cord que ele já havia consumido quatro mil calorias naquele dia, 40% dessas calorias de bebida alcóolica, e por causa do seu "Regime de Músculos 2118" ele não poderia comer mais nada. Um copo d'água se materializou no compartimento exterior da geladeira.

– Regime de músculos. Eu devia arrumar um desses para mim – disse Rylin, sarcástica.

– Estou tentando seguir uma dieta saudável. – Cord se virou para a geladeira – Permissão para comer com um convidado, por favor – murmurou ele, então olhou para Rylin, o rosto corado. – Hum, você poderia colocar sua mão na geladeira para provar que está aqui?

Rylin colocou a palma da mão sobre a geladeira, que imediatamente se abriu. Cord começou a retirar potes aleatoriamente, barrinhas de chocolate com sementes de abóbora, lasanha mil folhas e maçãs frescas. Rylin pegou uma caixa de cones de pizza da mão dele e começou a comer. Era cheia de queijo, frita e perfeita, talvez até mais gostosa assim, fria. Quando Cord lhe entregou um guardanapo, ela percebeu que tinha molho no queixo, mas não se importava.

Quando ele se recostou na bancada da cozinha, Rylin viu de relance algo por sobre seus ombros e soltou um gritinho.

– Meu Deus. É Gummy Buddies? Eles se mexem de verdade quando você arranca a cabeça deles como mostram na propaganda?

– Você nunca comeu um Gummy Buddy?

– Não. – Um pacote de Gummy Buddy custava mais do que ela e Chrissa gastavam com alimentação em uma semana. Eles eram os primeiros eletrônicos comestíveis, com etiquetas de identificação eletrônica microscópicas dentro de cada doce.

– Vamos lá – disse Cord, entregando o pacote para ela. – Prove um.

Rylin pegou uma jujuba verde e a colocou inteira dentro da boca. Ela mastigou, ansiosa, então olhou para ele quando nada aconteceu.

– Você não fez direito. – Cord parecia estar se contendo para não rir. – Você tem que morder a cabeça, ou as pernas. Não pode simplesmente comer tudo de uma vez.

Ela pegou outra jujuba e mordeu a metade inferior. O chip RFID na parte restante subitamente soltou um grito agudo.

– Merda! – gritou Rylin, deixando a cabeça da jujuba cair no chão. A jujuba continuou a se contorcer e ela deu um passo atrás.

Cord riu, pegou o restante da jujuba e a jogou no lixo, que seria sugado para o centro de reciclagem.

– Aqui, tente de novo – disse ele, dando o pacote para ela. – Se você morder a cabeça eles não gritam, só se remexem.

– Estou bem, obrigada. – Rylin colocou uma mecha dos cabelos atrás da orelha e olhou para Cord. Ele estava olhando para ela de um jeito que a fez ficar em silêncio.

E de repente ele estava se aproximando de Rylin, colocando a sua boca sobre a dela.

No começo Rylin ficou surpresa demais para reagir. Cord a beijou devagar, quase lânguido, pressionando as costas dela contra a bancada. A quina pressionou forte o quadril dela, fazendo com que voltasse à realidade. Ela colocou as duas mãos sobre o peito de Cord e empurrou com força.

Rylin cruzou os braços e Cord cambaleou para trás, a respiração irregular, os olhos dançando, animados. Um sorriso se formava nos cantos dos lábios. Alguma coisa naquele olhar fez Rylin tremer de raiva. Ela estava furiosa com Cord por rir da situação e com ela mesma por ter deixado aquilo acontecer. E, no fundo, estava irritada por ter *gostado*, mesmo que apenas por um instante.

Sem parar para pensar, ela ergueu o braço e deu um tapa no rosto dele. O som cortou o silêncio como uma chicotada.

– Desculpe – disse Cord finalmente, surpreso. – Eu obviamente entendi errado o que estava rolando.

Rylin observou a marca vermelha que sua mão tinha deixado no rosto dele. Ela tinha exagerado. Ele não iria pagar-lhe pelo trabalho dessa noite e todo aquele esforço teria sido em vão.

– Hum, eu tenho que ir.

Ela estava na metade do caminho quando escutou passos no corredor.

– Ei, Myers! – gritou Cord atrás dela. – Pega!

Ela se virou e pegou o pacote de Gummy Buddies no ar.

– Obrigada! – disse ela, confusa, mas a porta já estava se fechando atrás dele.

Rylin se recostou na porta do apartamento de Cord e fechou os olhos, tentando recobrar sua linha de raciocínio. Sua boca ardia, parecendo quase queimada. Ela ainda sentia onde Cord a havia segurado, na cintura.

Com um suspiro irritado, ela correu pela escada que levava à entrada e começou a caminhar pelas ruas pavimentadas com carbono.

Durante os quatro quilômetros até sua casa, Rylin arrancou a cabeça dos Gummy Buddies uma a uma, deixando seus gritinhos encherem o elevador vazio.

WATT

– WATT! – UMA PEQUENA SILHUETA ROSA correu pelo corredor assim que ele entrou em casa no dia seguinte.

– Oi, Zahra! – respondeu Watt, rindo, pegando no colo sua irmãzinha de cinco anos. Seus cachinhos escuros tinham alguma coisa grudenta presa neles e uma tiara estava meio torta sobre sua cabeça. Watt percebeu que as calças do pijama dela, que costumavam arrastar no chão, agora mal cobriam seus tornozelos. Ele fez uma anotação mental para comprar pijamas novos para ela assim que recebesse seu próximo pagamento. Zahra riu, então se remexeu impacientemente nos braços dele querendo correr de volta para a sala de estar, onde seu irmão gêmeo, Amir, estava construindo algo com blocos de isopor.

– Watzahn, é você?! – gritou a mãe da cozinha.

– Sou eu, mãe. – Nunca era um bom sinal quando ela o chamava pelo seu nome completo.

Talvez você devesse se trocar primeiro, sugeriu Nadia, mas ele já estava na porta da cozinha. Shirin estava em frente à superfície do fogão, jogando água sobre um macarrão instantâneo. Watt se lembrava de que, antes dos gêmeos nascerem, a mãe gostava de cozinhar pratos elaborados da culinária persa: cozido de carneiro, pães dourados e arroz salpicado de sumac. Então ela engravidou de forma inesperada e parou de cozinhar, dizendo que o cheiro dos temperos a deixava enjoada. Mas mesmo depois do nascimento dos gêmeos, a comida caseira persa jamais retornou. Não havia mais tempo suficiente.

Shirin aumentou a temperatura de cozimento e se virou para Watt.

– Você passou o dia na casa do Derrick? – perguntou ela, olhando as roupas amassadas que ele usava desde ontem. Watt corou. Nadia não disse nada, mas podia quase sentir ela pensando "eu te disse!".

– Sim. Passei a noite na casa de Derrick – disse Watt para a mãe, mas ela simplesmente olhou para ele, imóvel. – Hoje era o último dia de férias e a gente queria terminar um jogo... – começou ele.

Era verdade. Ele não tinha ficado muito tempo na casa da Garota do Martíni de Tinta de Lula na noite passada – Nadia estava certa, a garota não tinha muito a dizer e ele se sentiu meio bobo por ter saído do bar com ela. Watt deixou a garota quase imediatamente e foi para a casa de Derrick. Passou a noite lá e de manhã comeu sanduíches enormes da loja de bagels, assistindo a futebol na televisão pequena da casa

de Derrick. Não é que Watt estivesse *evitando* voltar para casa, não exatamente, mas Derrick não tinha dois irmãos pequenos que precisavam de atenção constante. Os pais dele basicamente deixavam que ele fizesse o que quisesse, contanto que mantivesse boas notas.

– Eu bem que precisava de ajuda hoje – continuou Shirin, soando mais derrotada do que brava. – Os gêmeos tiveram uma consulta de rotina essa tarde. Tive que pedir para Tasha me substituir no centro para poder levá-los, já que não consegui falar com você. Vou ter que fazer hora extra o resto da semana para poder compensar.

Watt se sentiu uma merda.

– Você podia ter me ligado – disse ele, mas tinha certeza que havia ignorado uma ligação em algum momento da noite passada.

– Você estava ocupado demais jogando seus joguinhos! – explodiu ela, depois soltou um suspiro. – Tudo bem. Chame seus irmãos.

Ela arrumou os pratos e colheres na mesa, e a porta se abriu novamente, arrancando mais gritinhos excitados de Zahra. Logo depois o pai de Watt entrou na cozinha, uma criança em cada lado do quadril. Ele normalmente trabalhava até muito mais tarde do que isso – tê-lo em casa na hora do jantar era quase uma ocasião especial.

– O jantar está pronto, Rashid – disse a mãe de Watt, cumprimentando o marido com um beijo cansado na bochecha.

Eles todos se sentaram ao redor da pequena mesa, apertados. Watt enfiou na boca o macarrão instantâneo com vegetais enlatados sem sentir o gosto, não que a comida tivesse gosto. Ele estava irritado com a mãe por ter feito com que ele se sentisse culpado. O que havia de errado com ele desestressar de vez em quando num bar nos andares médios da Torre? Ou passar o último dia de verão com um amigo?

Assim que Zahra bocejou, se espreguiçando, Watt se levantou.

– O trem da hora de dormir está partindo da estação! Todos a bordo! – anunciou ele, fazendo uma voz grossa.

– Piuí! – Zahra e Amir tentaram imitar o barulho do trem e trotaram ao lado de Watt. O trem de verdade era silencioso, é claro, mas os gêmeos assistiam a um monte de desenhos animados e adoravam aquele som. O pai de Watt sorriu, vendo os filhos. Shirin apertou os lábios e não disse nada.

Watt guiou os gêmeos por um trilho imaginário até o final de corredor. O quarto deles era pequeno, mas ainda assim maior do que o dele: na verdade esse era o quarto de Watt antes dos gêmeos nascerem e ele ter que se mudar para o escritório. A luz fraca mal iluminava o beliche embutido na parede. Watt tinha tentado várias vezes levar mais eletricidade para o quarto dos gêmeos, mas nunca parecia o suficiente. Ele tinha a leve impressão de que era sua culpa, por causa de todos os aparelhos eletrônicos em seu quarto, que consumiam muita energia.

Ele ajudou os gêmeos a limparem os dentes com laser e os colocou na cama. É claro que eles não tinham computadores gerais para controlar o quarto, mas Nadia fazia o melhor que podia para conferir os sinais vitais das crianças, medindo a respiração e o movimento dos olhos. Quando ela confirmou que eles estavam dormindo, Watt fechou a porta devagarzinho e foi para o seu quarto.

Ele caiu aliviado em sua cadeira ergonômica – resgatada de um escritório que estava sendo fechado – e clicou na tela de alta definição sobre sua mesa, que ocupava a maior parte do quarto. Sua cama ficava espremida no canto, as roupas guardadas em prateleiras flutuantes perto do teto. Nadia não precisava da tela, é claro, pois podia projetar o que fosse necessário diretamente nas lentes de contato dele. Mas Watt ainda gostava de surfar na i-net dessa maneira sempre que possível. Até ele às vezes achava estranho substituir seu campo de visão completamente com a cobertura digital.

Ele leu as mensagens de todas as garotas que havia conhecido no Pulse na noite anterior, mas fechou a janela sem responder nenhuma delas. Entrou então no H@cker Haus, seu site proibido favorito para encontrar "serviços".

A família de Watt sempre precisava de um dinheiro a mais. Seus pais se mudaram de Isfahad para Nova York um ano antes de ele nascer, quando a Torre era nova e o mundo todo estava animado com a novidade, antes de Dubai, Hong Kong e São Paulo terem suas próprias megatorres de mil andares. Watt sabia que seus pais haviam imigrado pelo bem dele, na esperança de que aqui ele tivesse a chance de um futuro melhor.

No entanto, as coisas não haviam saído como eles esperavam. No Irã, o pai de Watt havia frequentado a melhor escola de engenharia mecânica e sua mãe estudava medicina, mas agora Rashid trabalhava consertando sistemas de resfriamento industrial e de drenagem, e Shirin tinha sido obrigada a trabalhar num asilo como cuidadora para que eles pudessem manter o apartamento. Eles nunca tinham reclamado, mas Watt sabia que não era nada fácil trabalhar tantas horas martelando equipamentos e cuidando de velhinhos inválidos, depois chegar em casa e cuidar da família. E, não importa o quanto eles dessem duro, o dinheiro sempre estava curto. Principalmente agora que os gêmeos estavam crescendo.

E foi por isso que Watt começou a guardar dinheiro para pagar sua faculdade. Bem, para pagar o MIT. O programa de engenharia de microssistemas deles era o melhor do mundo – e a única chance que Watt tinha de algum dia trabalhar com os poucos quants legítimos que sobraram, que eram de propriedade da ONU e da NASA. Ele não tinha se inscrito no processo seletivo de nenhuma outra escola. Seus pais temiam que sua insistência fosse teimosia e autoconfiança demais, mas Watt não se importava. Ele tinha certeza de que seria aceito. A pergunta que não queria calar era como ele conseguiria pagar pelo curso. Ele vinha se inscrevendo nos editais de bolsas e havia conseguido

algumas pequenas ajudas aqui e ali, mas nada que chegasse perto do montante necessário para pagar quatro anos de uma faculdade particular extremamente cara.

Então Watt havia começado a ganhar dinheiro de uma maneira diferente: se aventurando pelo lado negro da i-net, respondendo anúncios do que era chamado pelo eufemismo de "serviços de informação". Em outras palavras, serviços de hacking. Juntos, ele e Nadia falsificavam dados empregatícios, alteravam as notas dos estudantes em várias escolas e chegavam até a invadir contas de redes sociais quando as pessoas desconfiavam que o parceiro os traía. Tentaram entrar no sistema de um banco uma única vez, e a tentativa não durou muito, pois Nadia detectou um vírus sendo enviado na direção deles e se desligou imediatamente.

Depois disso, Watt tentou manter distância de atividades *excessivamente* ilegais, exceto, é claro, a existência de Nadia. Mas ele aceitava trabalhos sempre que podia, depositando parte dos ganhos numa poupança e dando o restante para os pais. Eles sabiam que o filho era bom com tecnologia. Quando ele contou que o dinheiro provinha de consultorias tecnológicas online, eles não fizeram nenhuma pergunta.

Ele deu uma olhada nas ofertas de trabalho disponíveis na H@cker Haus, bocejando. Como sempre, a maioria era absurda demais, ou ilegal demais, para que ele aceitasse, mas ele salvou algumas ofertas para analisar com mais calma depois. Uma em particular chamou sua atenção, pedindo informação sobre uma pessoa desaparecida. Esse tipo de trabalho normalmente era bastante simples, se a pessoa em questão ainda estivesse dentro do país. Certa vez, Nadia havia entrado no sistema de câmeras de segurança nacional, então eles podiam usar o sistema de reconhecimento facial para encontrar pessoas em questão de minutos. Curioso, Watt continuou lendo o anúncio, erguendo a sobrancelha. Era certamente um pedido fora do normal.

O autor do anúncio queria informações sobre uma pessoa que havia estado desaparecida no último ano, mas que já havia retornado. *Eu preciso saber por onde ele andou todo esse tempo e por que ele voltou para casa*, pedia a pessoa. Parecia tarefa fácil.

Watt respondeu imediatamente, apresentando-se como Nadia – o nome que usava para todos os seus trabalhos como hacker – e dizendo que adoraria ajudar. Ele se recostou, tamborilando os dedos nos braços da cadeira.

Talvez eu esteja interessada, respondeu a pessoa que postou o anúncio. *Mas preciso de provas de que você pode realmente fazer o que estou pedindo.*

Ora, ora. Um novato. As pessoas que postavam regularmente nesse site conheciam Watt o suficiente para saber que ele era um profissional. Ele ficou imaginando quem seria aquela pessoa.

– Nadia, você pode...

– Sim – respondeu Nadia, sabendo a pergunta antes mesmo que ele terminasse de falar e invadindo o sistema de segurança para encontrar o endereço do hardware. –

Achei. Aqui está ela.

O perfil da garota apareceu na tela. Ela tinha a mesma idade de Watt e morava aqui na Torre, lá no 962º andar.

– *O que você tem em mente?* – perguntou ele, um pouco curioso.

– *O nome dele é Atlas Fuller. Me conte alguma coisa que eu ainda não sei sobre ele, e o trabalho é seu.*

Nadia encontrou Atlas imediatamente. Ele estava em casa – no milésimo andar. Watt estava impressionado. Esse cara *realmente* morava no milésimo andar? Não que Watt perdesse muito do seu tempo pensando na cobertura, mas se alguém perguntasse ele jamais diria que um adolescente morava lá. "Que imbecil", pensou Watt, por fugir de casa se *essa* era a vida que ele tinha.

– Podemos entrar no computador da casa dele? – Watt perguntou para Nadia, pensando que talvez pudesse tirar uma foto de Atlas em seu quarto.

Mas Nadia não estava conseguindo.

– É um sistema extremamente sofisticado – disse ela para Watt, o que significava que poderia levar semanas. Melhor fazer alguma coisa agora. Esse trabalho era bom demais para ser desperdiçado.

Então as mensagens dele. Isso seria mais fácil de rastrear. Dito e feito, Nadia imediatamente puxou as mensagens mais recentes de Atlas. A maioria delas tinha sido enviada para caras chamados Ty e Maxton, e as demais para alguém chamada Avery. Nenhuma das mensagens continha nada muito interessante. Watt as enviou mesmo assim.

Pouco tempo depois Watt recebeu a resposta da garota.

Parabéns. Você está contratado. Agora preciso que você descubra o máximo que puder sobre o que Atlas fez durante o ano em que esteve sumido.

Como queira, respondeu Watt.

Além disso, continuou a garota, ignorando a resposta sarcástica dele, *ofereço um pagamento semanal em troca de informações constantes sobre ele – o que está fazendo, para onde está indo, qualquer informação que você possa fornecer. Isso é para o próprio bem dele,* completou ela, de um jeito nada convincente.

"Para o bem dele, claro", pensou Watt, rindo. Ele conhecia postagens de alguém que foi rejeitado. Essa menina devia ser uma ex-namorada de Atlas tentando conquistá-lo de novo ou a namorada atual com medo de que ele a estivesse traindo. De qualquer maneira, aquele trabalho sem dúvida era uma mina de ouro. Watt nunca tinha visto uma oferta de trabalho de longo prazo no H@cker Haus antes. A maioria dos trabalhos postados ali eram rápidos, porque a maioria dos hackers era, por natureza, objetivo e imediatista. Essa garota queria enviar pagamentos semanais simplesmente para rastrear os movimentos do cara que ela estava a fim? Era grana fácil e ele não tinha a menor

intenção de perder essa oportunidade.

– Leda Cole – disse Watt em voz alta ao apertar o botão ENVIAR –, vai ser um grande prazer fechar negócio com você.

LEDA

– BOA TARDE, SENHORITA COLE – disse Jeffrey, o porteiro do Clube Altitude, quando Leda caminhou em direção ao elevador no dia seguinte. É claro que o Altitude também rastreava a biometria. Leda sabia que sua retina tinha sido escaneada no momento em que ela entrou no hall, mas Jeffrey era o tipo de toque personalizado que tornava o Altitude tão caro. Ele era o cartão-postal do clube, praticamente uma instituição – sempre na porta do elevador, usando luvas brancas e paletó verde, trazendo no rosto um sorriso acolhedor.

Jeffrey deu um passo para o lado e Leda entrou no enorme elevador dourado, exclusivo para membros. A porta se fechou atrás dela com um clique familiar enquanto ela era transportada do hall do 930º andar, passando pela quadra de tênis e pelas salas do spa, até chegar ao piso principal do clube.

O lobby do Altitude era imponente, forrado de mogno e com fotografias de membros falecidos. Os raios do entardecer entravam pelos janelões que cobriam as paredes norte e oeste. Leda olhou para os vários grupos reunidos próximos a lareiras vazias e conjuntos de sofá, tentando parecer relaxada enquanto procurava por Atlas. Se essa tal "Nadia" estivesse certa, o jogo de squash dele deveria estar acabando por agora.

Ela ainda não acreditava que havia postado naquele site. Tinha sido uma experiência enervante, mas ao mesmo tempo emocionante, fazer algo verdadeiramente ilegal e perigoso.

Ela tinha tentado incrementar o sistema de segurança primeiro, mas não podia parar de pensar se Nadia sabia mais do que ele/ela deixara transparecer sobre quem Leda era e por que ela queria informações sobre Atlas. "Tudo bem", pensou ela, nada disso importa de verdade. "Nadia" provavelmente não vivia na Torre. Provavelmente nem era uma garota. E Leda não tinha a menor intenção de lidar com ela/ele novamente assim que conseguisse descobrir o que estava querendo.

Alguns instantes depois, ela viu Atlas saindo do vestiário. Ele usava uma camisa polo azul-clara, que realçava a cor caramelo dos seus cabelos, ainda molhados do banho. "Bom trabalho, Nadia."

– Atlas – disse ela, tentando soar surpresa. – O que você está fazendo aqui?

– Acabei de jogar squash com David York – respondeu ele, sorrindo.

– Então parece que tudo voltou ao normal – respondeu Leda, um pouco mais sarcástica do que pretendia. Ela imaginou o que os Fuller devem ter pensado sobre o

reaparecimento do filho, visto que ele simplesmente havia se materializado inexplicavelmente na festa de Cord, pulando de volta para a vida deles como se nada tivesse acontecido. Por outro lado, eram eles os obcecados em manter as aparências. Essa fachada de normalidade provavelmente tinha sido ideia deles.

– Falando nisso – disse ele, com um suspiro –, eu gostaria de poder explicar tudo, mas é complicado.

"E não é sempre tudo complicado com você?"

– Estou feliz que você tenha voltado a salvo.

– Eu também – disse Atlas baixinho, então olhou ao redor do clube como se percebendo o movimento pela primeira vez: crianças em direção às aulas de tênis e amigos se encontrando para um happy hour no terraço. – Desculpe. Você estava esperando alguém?

– Eu estava indo para o bar de sucos – disse Leda. – Quer vir?

– Você e Avery ainda bebem aquele suco de espinafre? – disse ele, rindo e balançando a cabeça. – Eu passo, obrigado. Não quer me acompanhar até o Grill?

– Acho que tenho tempo – disse Leda, tentando soar natural, embora isso tenha sido exatamente o que ela estava esperando que acontecesse.

Eles seguiram pelo corredor até o restaurante casual do Altitude e pegaram uma mesa nos fundos, perto da janela. Embora amasse a vista daqui, Leda escolheu o assento de costas para a janela para que pudesse observar o restaurante. Ela gostava de acompanhar quem ia e vinha.

– Não venho aqui há um tempão – admitiu Leda. De repente ela se lembrou de quando era mais nova, antes de seus pais se tornarem sócios do Altitude, quando ela sempre dormia na casa de Avery e vinha aqui tomar café da manhã com os Fuller aos sábados. Ela e Avery enchiam os pratos de clara de ovo e bolo de limão, tentando roubar alguns goles da fonte de mimosa, enquanto Atlas revirava os olhos e conversava com os amigos via flicker.

– É, eu também – disse ele, então deu uma risada –, obviamente.

Drew, que era garçonete do Grill desde que Leda começou a frequentar ali, caminhou até a mesa deles.

– Srta. Cole e sr. Fuller! Estamos tão felizes que o senhor esteja de volta.

– É bom estar de volta – disse Atlas, sorrindo.

– Posso trazer alguma bebida para vocês?

– Eu adoraria uma cerveja – disse Atlas e Drew deu uma piscadela. Atlas havia feito dezoito anos recentemente, portanto podia beber legalmente, mas Drew servia álcool para eles há anos.

– Para mim um chá gelado, obrigada – disse Leda.

– O quê? Nada de licor de uísque? – perguntou Atlas quando Drew se afastou.

– Você sabe, essa bebida é exclusiva dos Andes – disse Leda, tentando parecer relaxada, mas seu coração estava disparado. O que ele queria, fazendo referência àquela noite?

– A propósito, obrigado pela outra noite – continuou Atlas. Leda hesitou. – Sobre Avery – explicou ele. – Você estava certa, ela estava *mesmo* bêbada. Eu acabei tendo que levá-la para casa depois do jogo de roleta.

– Ah. Claro – concordou Leda, escondendo sua dúvida. Ela tinha inventado aquela história para não ter de jogar roleta. Na verdade estava surpresa em saber que era verdade. Avery normalmente não era o tipo de garota que precisava ser levada para casa. Leda fez uma anotação mental para responder seu flicker mais tarde. Ela esperava que estivesse tudo bem.

– Então. – Sorriu ele, e Leda sentiu aquela sensação de novo, a euforia por ser o foco da atenção de Atlas. Era uma sensação terrivelmente viciante. – Estou completamente desatualizado. Me conte tudo o que perdi esse ano.

Ela percebeu o que ele estava fazendo. Estava desviando a atenção de si mesmo, de perguntas acerca de onde ele esteve. Bem, ela podia jogar esse jogo.

– Tenho certeza de que já ouviu falar sobre Eris e Cord – começou Leda, respirando fundo para se acalmar. Ela tentou recitar mentalmente uma meditação, mas não conseguiu se lembrar de nenhuma. – Mas você ficou sabendo sobre Anandra?

A conversa continuou. Leda contou a ele sobre a cleptomania de Anandra Khemka, sobre a reconciliação dos pais de Grayson Baxter, sobre Avery e Zay, tudo o que havia acontecido no ano em que ele estivera ausente. Por sorte Atlas não pareceu ter notado que suas histórias tinham poucos detalhes sobre o último verão. Ele simplesmente escutou, assentiu e até mesmo sugeriu que eles dividissem uma porção de nachos.

– Claro – concordou Leda, tentando não se animar demais. Mas havia algo de íntimo em comer do mesmo prato, a maneira que as mãos deles se tocavam ao pegar os nachos de quinoa cobertos de abacate. Era imaginação dela ou aquilo estava cada vez mais parecido com um encontro?

Drew finalmente retornou. O visor da mesa projetou a conta na frente deles, os números azuis contra o fundo branco.

– Querem que eu cobre separadamente... – começou Drew, mas Atlas já estava gesticulando para que o total fosse debitado na conta dos Fuller.

– De maneira alguma. Eu pago – disse Atlas.

Talvez ele apenas estivesse sendo cavalheiro... ou talvez ela estivesse certa e aquilo estivesse de fato se transformando num encontro.

– Quais os seus planos para essa semana? Quer fazer alguma coisa? – sondou ela.

O tempo pareceu parar, igual acontecia imediatamente antes de um teste quando ela tomava xenperheidrina. A mão de Atlas permaneceu relaxada sobre a mesa entre eles.

Leda não conseguia pensar em outra coisa senão na maneira como aquela mão havia se enroscado nos cabelos dela naquela noite há dez meses. Leda se perguntava se Atlas recordava daquela noite da mesma maneira que ela. Se ele imaginava o que poderia ter acontecido se ele não tivesse ido embora.

Ela olhou nos olhos dele. Seu coração estava batendo tão depressa que ela quase não escutava nada. Ele estava prestes a dizer alguma coisa. Leda se inclinou e...

– Oi! – Avery puxou uma cadeira perto de Leda e estendeu um braço bem torneado e perfeitamente bronzeado. – Cara, a aula de yoga antigravitacional hoje foi de matar! Como estão vocês?

– Oi, Avery. – Sorriu Leda, escondendo sua decepção. Ela não acreditava que não havia percebido Avery se aproximando. Estivera tão concentrada em Atlas que havia se esquecido de observar a porta de entrada do Grill como de costume.

– Senti sua falta na aula, Leda. – Não era uma crítica, mas uma pergunta. Os olhos de Avery foram de Atlas para Leda. Ela percebeu então o copo vazio de cerveja e os restos dos nachos entre eles na mesa.

Leda se remexeu, desconfortável. Ela tinha ficado tão animada com as informações obtidas através de Nadia que havia se esquecido de responder a mensagem de Avery na noite passada sobre saírem juntas hoje.

– Ah, sim – respondeu ela, culpada. – Eu vim aqui tomar um suco. Hoje estou meio preguiçosa.

– E então eu convenci Leda a me acompanhar e comer nachos. Desculpe não termos deixado nada para você – disse Atlas, gesticulando para o prato vazio.

– Sem problemas. – Os olhos de Avery voltaram para Leda. – Vocês estão indo para casa? Querem dividir um hover?

– Por mim tudo bem. Pronta para ir? – disse Atlas, se virando para ela.

– Claro – disse Leda, garantindo a si mesma que teria mais tempo sozinha com Atlas muito em breve. O que Nadia havia feito uma vez, poderia facilmente fazer novamente.

Quando estavam quase na porta do Grill, Avery puxou o braço de Leda.

– Podemos conversar sobre ontem à noite?

– Claro. Desculpe ter ido embora da festa sem falar com você – disse Leda, se fingindo de desentendida. – Eu fiquei muito cansada de repente e não consegui te encontrar para me despedir. Você sabe como é.

– Não. Estou me referindo a antes disso. Eu não quis te pressionar a respeito de...

– Eu já te disse que está tudo *bem* – disse Leda, mais ríspida do que pretendia. Mas fala sério, Avery não se tocava?

– Tudo bem. Se você quiser conversar, estou aqui.

– Obrigada. – Leda olhou preocupada para Avery e decidiu virar o jogo. – E você? Atlas disse que você estava bem bêbada na noite passada. Disse que teve que te levar

para casa.

– Foi a primeira festa depois do verão. Acho que me empolguei demais. – Havia algo de estranho no tom de Avery, embora Leda não soubesse exatamente o que era.

– Entendo. A festa foi muito boa – concordou ela, sem saber ao certo por que estava tentando se redimir.

– Com certeza. – Avery nem estava olhando para Leda. – Foi ótima.

Elas não falaram mais nada até alcançarem Atlas novamente, perto da entrada. Leda não se lembrava de quando tinha sido a última vez em que ela e Avery ficavam sem palavras.

"Mas, pensando bem, eu nunca tive segredos com ela antes", pensou Leda. Atlas se virou para sorrir para as duas, e Leda imediatamente percebeu que aquilo não era verdade. Seu maior segredo estava de pé diante delas.

Ela só desejava que não fosse também o maior erro que já cometeu.

AVERY

– ENTÃO LÁ ESTAVA EU, sozinha no meio de uma tempestade em pé numa rua de paralelepípedos, e não conseguia nenhum sinal, pois, sabe como é, Florença é uma negação no quesito tecnologia, e um grupo de jovens do meio da Torre apareceu do nada!

Avery estava contando a história no piloto automático, sem registrar completamente o que estava dizendo, uma característica que havia herdado da mãe. Ela não conseguia deixar de lado a sensação estranha que tinha tomado conta dela ao ver Atlas e Leda juntos. *Não está rolando nada*, dizia a si mesma, mas parte dela sabia que não era verdade. Estava rolando para Leda.

Quando ela os avistara no Grill, Avery estendeu a mão e acenou, mas logo abaixou o braço, envergonhada. Eles estavam tão envolvidos na conversa que nem a tinham visto. Por um instante, ela tentou imaginar o que estariam conversando, então viu o olhar de Leda e foi um soco no estômago.

Leda estava a fim de Atlas.

Por que Leda nunca tinha contado nada para ela? *Porque ele é seu irmão*, disse sua parte racional, mas Avery estava magoada e chocada demais para ser racional. *Não deve haver segredos entre Leda e mim*, pensou ela amargamente, se esquecendo por um momento de que ela também estava mantendo exatamente o mesmo segredo.

Sem falar na reação defensiva de Leda quando Avery a pegou numa mentira a respeito do verão. Leda tinha dito para deixar para lá, e Avery queria esquecer, mas a reação de Leda a havia deixado preocupada. Ela sentiu uma pontada de raiva. Estivera tão preocupada com a amiga que havia planejado passar na casa dela quando terminasse a yoga. Mas durante esse tempo todo Leda estivera flertando com Atlas e comendo nachos.

Quando ela e Leda haviam começado a esconder tantas coisas uma da outra?

– E o que aconteceu depois? – perguntou Atlas.

Avery se virou para responder. Egoísta, ela havia intencionalmente ocupado o assento entre Leda e Atlas.

– Eles se ofereceram para me ajudar a encontrar meu dormitório! Porque eu estava usando seu antigo agasalho de hóquei e aparentemente eles jogaram contra o nosso time no ano passado. Dá para acreditar? Garotos do Meio lá na Itália! Quais são as chances disso acontecer?

– Que loucura! – disse Leda, sem emoção, e Avery se sentiu envergonhada pela maneira como havia contado a história. “Garotos do Meio” era como os jovens dos andares superiores da Torre chamavam os que moravam nos subúrbios dos andares do meio da Torre. Leda já tinha sido “do Meio”.

– Não acredito que você estava usando aquele agasalho velho! – provocou Atlas.

– É, eu estava ridícula – disse Avery, dando de ombros e ficando em silêncio, subitamente envergonhada por ter mexido nas coisas de Atlas para pegar o casaco. Embora ele já estivesse sumido fazia meses, o casaco ainda tinha o cheiro dele.

O hover pegou a saída no corredor em direção ao 962º andar, seguindo para Treadwell, o condomínio de luxo onde os Cole viviam.

– Ei, Avery – começou Leda. O hover estacionou em frente ao portão e ela se inclinou para sair, deixando o scanner confirmar que ela era residente. – Você vai para a aula de yoga antigravitacional amanhã de novo? Quer ir comigo?

– Talvez – disse Avery, dando de ombros. – Estou um pouco dolorida pela aula de hoje.

O hover virou na larga avenida Treadwell, que parecia ainda maior graças ao teto alto que se estendia cinco andares acima. Treadwell foi construída em homenagem aos antigos prédios do Upper East Side. Algumas das construções haviam de fato sido resgatadas do antigo bairro e reconstruídas pedra por pedra dentro da Torre.

Avery gostava dali, da maneira como os prédios pareciam únicos, com suas próprias fachadas e escadas de ferro. Cada estrutura reluzia de maneira diferente no sol do entardecer. Ela se lembrava de Istambul, ou Florença, qualquer lugar onde as pessoas ainda imprimissem personalidade a suas casas – muito diferente da maioria dos bairros dos andares superiores da Torre, onde as ruas eram repletas de portas brancas, alinhadas como fatias gordas de um bolo de casamento.

Eles finalmente estacionaram em frente à residência dos Cole. Leda apertou um botão, liberando o magnétron de segurança que a mantinha presa a seu assento.

– Bem, nos vemos em breve. – O olhar dela caiu sobre Atlas, e seu sorriso se relaxou um pouco. – Obrigada pela carona.

O hover começou a subir os trinta e oito andares restantes até a casa dos Fuller.

– Você e Leda se divertiram? – perguntou Avery, se odiando por enfiar o nariz onde não era chamada, mas sem conseguir se conter.

– Sim, na verdade nos divertimos muito – disse Atlas. – Leda meio que me convidou para sair.

Avery fitou a paisagem pela janela. Ela sabia que perderia o controle se olhasse para Atlas.

– Você acha estranho? – perguntou ele. Avery percebeu que estava agindo muito estranho. Ela tinha que dizer alguma coisa, ou ia acabar se entregando.

– Não! Claro que não! Quero dizer, você devia sair com ela.

– Certo. – Atlas olhou para ela, curioso. Engraçado como sem Leda aqui havia mais espaço no hover, mas ainda assim ele parecia apertado.

– É uma ótima ideia – completou Avery. "É uma ideia terrível, por favor, não saia com ela."

– Tudo bem, então.

Avery deu um beliscão no próprio braço para não chorar. Sua melhor amiga e o garoto que ela jamais admitiria amar. Era como se o universo estivesse fazendo uma piada de mau gosto com ela.

O hover ficou em silêncio. Avery tentou dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas estava sem palavras. Todas as vezes que Atlas ligava para ela durante o último ano, ela sentia que tinha muitas coisas para contar para ele, histórias jorravam sem fim de sua boca, desordenadas, até o momento em que Atlas tinha que desligar.

Agora ele estava ali, ao vivo e em cores, e Avery não tinha nada a dizer.

– Ei. – Atlas se virou para ela, como se tivesse tido uma ideia. – Você ainda está namorando o tal do Zay? Vocês gostariam de sair com a gente?

– A gente não estava namorando – disse Avery automaticamente. Zay não tinha falado com ela desde a festa no Aquário e, além disso, ela o tinha visto com Daniela na noite passada. Deixa pra lá. Ela não tinha mesmo a mínima vontade de sair com Leda e Atlas.

Mas, pensando bem, talvez não fosse uma má ideia.

– Sei lá, eu podia convidar outras pessoas – disse ela rapidamente.

– Quem você tem em mente?

– Eris, claro. Risha, Ming e Jess. Ty, Maxton, Andrew, até mesmo Cord.

– Não tenho certeza se é uma boa ideia sair com um grupo assim tão grande – protestou Atlas, mas Avery assentia enquanto falava os nomes, já escrevendo um flicker para o grupo.

– Leda não vai se importar. Acredite em mim. Vamos – disse Avery. – Vai ser divertido! Podemos sair para jantar, depois ir ao cinema... o que você quiser!

– Parece bem divertido mesmo – admitiu Atlas. – Acho que você conhece Leda melhor do que ninguém. Se você acha que tudo bem, então beleza.

Avery ignorou o sentimento de culpa que a atingiu com aquele comentário. Na verdade ela estava fazendo um favor para sua melhor amiga, ajudando Leda a ver que Atlas e ela não combinavam, antes que a amiga ficasse envolvida demais e acabasse se machucando. Ela queria poder conversar com Leda sobre isso tudo, mas Leda havia mudado as coisas entre elas mantendo tantos segredos – sobre o verão, sobre gostar de Atlas. Avery não tinha certeza de como iria iniciar a conversa.

– Claro que estou certa – disse ela, baixinho. – Não estou sempre certa?

ERIS

ERIS ESTAVA DEITADA de barriga para baixo, a cabeça virada para o lado, e os olhos fechados com força enquanto um desenho animado infantil era projetado diretamente em suas lentes. Essa era certamente a maneira mais preguiçosa de assistir a alguma coisa, mas naquele momento ela não estava nem aí. Ela nem sabia que horas eram. Estava deitada há horas, desde que sua mãe tinha batido na porta naquela manhã, perguntando se estava tudo bem. Eris a havia ignorado.

– Eris?

Era a sua mãe de novo. Eris se enterrou debaixo das cobertas, como um animal se escondendo em seu ninho, aumentando o volume do programa em suas antenorelhas. Ela não estava a fim de ver a mãe agora. Era muito melhor ficar ali, na cama, onde os acontecimentos da noite passada pareciam apenas um sonho ruim.

– Por favor, Eris. Preciso falar com você.

As batidas na porta persistiram. Algo no tom de voz da mãe fez com que Eris se sentasse e digitasse na *touch screen* perto da cama o código para destrancar a porta do quarto.

– O que você quer? – disse ela irritada, ainda deitada. Eris sentiu uma satisfação perversa ao ver que Caroline estava horrorosa, os olhos afundados em olheiras.

– Como você está?

Sua mãe fez menção de se sentar na borda arredondada da cama de Eris, mas Eris a olhou feio e ela recuou um passo.

– Como você acha que estou?

Eris sabia que estava sendo odiosa, mas não estava nem aí.

Caroline ignorou a pergunta.

– Preciso conversar com você sobre um assunto – disse ela, atenta à reação da filha.

Retorceu as mãos e respirou fundo, cautelosamente.

– Eu sei que essa é a última coisa que você quer resolver agora, mas não podemos continuar aqui.

– O quê?

Foi o bastante para Eris se endireitar e abraçar um dos travesseiros bordados à mão.

– É melhor a gente ir embora. Seu pai tem que poder voltar para cá, sem precisar enfrentar... tudo o que está acontecendo.

Eris sentiu uma onda de raiva ao ouvir aquilo. Para ela de alguma maneira aquilo

parecia covardia, como se Caroline estivesse fingindo que não era ela a responsável.

– Seu pai precisa ter um pouco de respiro de nós duas agora – concluiu a mãe.

– De nós duas não, de *você*! Você mesma disse ontem, isso não é minha culpa!

– Sim, mas...

– Você pode ir – disse Eris, virando as costas. Todo o seu corpo parecia estranhamente insensível. Descobriu que não dava a mínima para o que seja lá o que fosse que a mãe fizesse. – Eu vou ficar aqui esperando o papai.

– Eu não sei o que o seu pai quer nesse momento – disse Caroline, baixinho. – Sei que ele ama você, mas é ele que precisa decidir como isso tudo vai se resolver. E, por via das dúvidas, devemos estar preparadas para o pior.

O pior? E aquilo já não era o pior?

– Agora somos só eu e você, Eris – concluiu Caroline, com um fiapo de sorriso.

Eris sentia vontade de discutir, mas não teve coragem.

– Para onde vamos?

– Encontrei outro apartamento nos andares de baixo da Torre.

– Nos andares de baixo? Não vamos para o Nuage?

– Não temos condições de ficar no Nuage – disse a mãe de Eris em voz baixa.

De repente Eris entendeu. Sua mãe, a ex-modelo, e seu pai muito mais velho que ela. A revelação de que a mãe de Eris estivera tendo um caso.

– Você não vai querer nada do papai, né? Você quer provar que não se casou com ele só pelo dinheiro.

A mãe fez que sim.

– É o certo. Eu devo pelo menos isso ao seu pai. Não se preocupe – disse ela, depressa. – Por você, estou tentando levar tudo isso da maneira mais natural possível. Tenho um dinheiro guardado, e suas mensalidades desse ano já estão quitadas, por isso você não vai precisar mudar de escola. Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Eris sentiu um pouco de nojo ao ouvir aquilo. A ideia de que talvez precisasse frequentar uma escola dos andares de baixo nem sequer lhe havia ocorrido.

Sua mãe ficou parada um instante, como se quisesse abraçar Eris, mas a filha não fez nenhum movimento em sua direção. Depois de um tempo, Caroline titubeou e começou a caminhar em direção à porta.

– Somente uma mala, por enquanto – disse ela. – Mais tarde decidimos como fazer.

Enquanto a porta se fechava atrás de sua mãe, Eris caiu novamente entre os travesseiros e voltou a assistir aos desenhos animados, querendo que fosse possível escapar para dentro deles indefinidamente.

***

Uma hora mais tarde, Eris estava sentada num hover em frente à mãe, entre pilhas de sacolas e caixas que atulhavam o espaço minúsculo. Sua pele se arrepiou de pavor à medida que os números gravados nas paredes de titânio do corredor vertical iam ficando menores. A todo instante esperava que o hover diminuísse de velocidade e se virasse na direção de algum daqueles andares, mas ele não demonstrava sinais de que fosse parar.

– Mãe – disse ela, com dureza –, até que nível exatamente vamos baixar?

– Foi o melhor que eu pude fazer em tão curto tempo.

– Isso não é resposta – insistiu Eris.

Os números agora tinham caído abaixo dos trezentos. A mãe soltou um suspiro.

– Eu também fui pobre um dia, sabe.

A luz fraca das paredes cintilou sobre a pulseira de Caroline, a única joia que ela trouxera consigo, pelo que Eris pôde perceber. Parecia falsa, provavelmente porque era anterior ao pai de Eris. "Dentro daquele cofre tem milhões de dólares em joias", pensou ela, com frustração crescente. Contudo, sua mãe aparentemente tinha escolhido aquele dia para seguir um código moral rígido.

Eris olhou pela janela, cruzando e descruzando as pernas, sentindo uma coceira repentina em seu jeans Denna, como se sua pele não coubesse mais em seu corpo. Apanhou o tablet e conferiu suas mensagens mais uma vez – não queria fazer isso com as lentes de contato, pois sua mãe poderia ouvir o comando de voz e ficar chateada com ela por checar as mensagens com tanta frequência.

Nada ainda. Exatamente como todas as outras vezes em que ela as conferira naquele dia.

Finalmente Eris sentiu o peso familiar do hover desacelerando, girando muito de leve à medida que desacelerava sua propulsão eletromagnética. Olhou para os números que marcavam o andar para onde ele havia se virado e teve a impressão de que ia vomitar. Elas iam morar no *103º andar*?

As ruas ali embaixo eram tão estreitas que o hover mal conseguia virar as esquinas. Não eram nem propriamente ruas na verdade, com certeza não do tipo de vias largas dos andares superiores, que tinham sido projetadas para passar a impressão de que você estava ao ar livre, com árvores de verdade que subiam do chão em padrões parecidos com a brisa. Aquilo ali mais parecia um corredor, com lâmpadas fluorescentes que piscavam no alto e paredes brancas de ar institucional deprimentes. Várias cabeças se viraram ao ver as duas passando por ali. Eris teve a sensação de que ninguém ali andava de hover com frequência.

Elas pararam diante de uma porta encardida onde se lia 2704. Eris engoliu em seco. Elas estavam num andar tão baixo, e tão grande, que os números dos apartamentos nem sequer começavam com o número do andar. Meu Deus, o 103º andar devia ser quase tão grande quanto a base da torre. Lá em cima, no 985, havia apenas dez apartamentos ao

todo. Eris conhecia pessoalmente cada um dos vizinhos.

Caroline abriu a porta do hover, com as sacolas penduradas em seus ombros balançando sem parar, e começou a procurar na bolsa alguma espécie de chip de identificação. Não havia sistemas de biometria ali embaixo, isso era certeza.

Eris esperou até o último instante possível, até o hover começar a apitar para informar irritadamente que cobraria pela espera, para se obrigar a levantar do assento e sair lentamente.

Era pior do que ela havia imaginado. O teto era baixo, a iluminação ruim, e não havia nada que se assemelhasse a uma janela. Tonta, Eris levou o pulso ao nariz e inspirou seu perfume de jasmim, mas aquilo não foi o suficiente para encobrir os odores de podridão e lixo que permeavam aquele lugar. Havia várias caixas empilhadas no meio do que aparentemente devia ser o quarto da mãe, contendo as poucas coisas que Caroline tinha conseguido enviar adiantado. Logo depois do quarto principal havia um banheirinho minúsculo e uma cozinha estreita – não que Eris ou sua mãe tivessem alguma ideia do que era cozinhar.

Caroline começou a remexer as caixas.

– Isso vai ser temporário, Eris – disse ela, sem olhar para a filha. – Vou arrumar um emprego, dar um jeito. – "Um emprego de quê?", pensou Eris, chutando a única porta que restava, a que devia dar no que seria seu quarto.

Era empoeirado e apertado, e tinha mais ou menos a metade do tamanho do closet dela na sua vida antiga. Mal haveria espaço para colocar alguma outra coisa depois que pusessem uma cama ali.

Alguma coisa se arrastou sobre a ponta de sua sandália. Eris olhou para baixo e viu uma barata gigantesca agitando as patinhas loucamente. Deu um pulo para trás e soltou um grito agudo, e a barata rastejou para longe.

– Eris?! – gritou sua mãe, do outro quarto. – Está tudo bem?

– Claro que não! Nada disso está bem!

Sua mãe começou a caminhar até lá, mas Eris estava embalada e não havia como pará-la.

– Espero que tenha valido a pena! – berrou. – Trair o papai com um cara qualquer. Eu sinceramente espero que tenha valido a pena por *arruinar* nossas vidas!

– Não foi um cara qualquer – Caroline começou a dizer, mas Eris não a deixou terminar e tapou os ouvidos com as mãos.

– Meu Deus, eu não quero saber!

– Eris...

– Como é que eu ainda vou conseguir acreditar em alguma coisa que você disser?

Ela saiu porta afora tropeçando às cegas e bateu-a com força, sem dar a mínima para onde estava indo, contanto que saísse dali.

Nesse instante suas antenorelhas começaram a tocar e a lista de contatos acendeu-se com um ping. *Avery.* Eris recusou a chamada. Avery não tinha ideia do que estava acontecendo, claro: Eris não contara a ninguém. Mas fosse o que fosse que ela quisesse conversar, agora Eris não tinha a menor condição para isso. Os problemas dos andares superiores pareciam pertencer a outra vida.

Ela deixou o corpo desabar encostada à parede do corredor e reprimiu a vontade de gritar.

– Eu te conheço.

Eris se virou, furiosa com quem havia tido a coragem de vir falar com ela. Uma garota hispânica mais ou menos da sua idade estava parada de pé junto a uma porta um pouco distante dali, de calça de couro falsa, bustiê dourado e brincos pendurados. Em uma das mãos segurava um alucigarro preto simples, que agora ela ergueu para dar um trago longo e demorado, fazendo um *O* com os lábios ao exalar a fumaça verde brilhante. Maconha.

– Eu acho que você está enganada – disse Eris.

– Você frequenta o clube onde eu trabalho. Altitude.

Eris olhou de relance para o rosto em forma de coração da garota, emoldurado por uma franja negra. As pernas dela, cruzadas casualmente, terminavam em botas de caubói de um tom intenso de azul. Eris não a reconhecia.

– Você foi meio grossa comigo, para falar a verdade – continuou a garota, estreitando os olhos.

Eris não disse nada. Se aquela garota estava atrás de um pedido de desculpas, era melhor tirar o cavalinho da chuva.

– Então. – Os olhos da menina subiram e desceram pela roupa de Eris, pelo jeans de marca e os brincos de pérola. – Que diabo você está fazendo aqui embaixo?

– É uma longa história.

– Tá, beleza – respondeu a garota, dando de ombros.

Eris olhou para o alucigarro da garota. Com toda certeza não seria da boa que ela costumava fumar, mas de repente sentiu uma ânsia incontrolável e desesperada de dar um trago. *Foda-se.* Sua vida já tinha mesmo se estilhaçado; por que não fumar com uma garçonete do Altitude que, pelo visto, a odiava?

– Acabei de descobrir que meu pai não é meu pai – disse Eris, sem rodeios. Caminhou até a garota, que ergueu o alucigarro, revelando uma pequenina tatuagem na base do seu pulso. – O que é isso? – perguntou, distraída, sem reconhecer a forma angulosa.

– É parte de uma série.

– E cadê as outras?

A garota riu, fazendo seus cachos negros definidos balançarem. Ela cheirava a uma

mistura de perfume barato e fumaça e, por baixo, havia um odor picante, parecido com o de velas de âmbar.

– Para que saber? Você nunca vai ver nenhuma.

Eris não se deu ao trabalho de morder a isca. Deu um trago longo e profundo e exalou a fumaça em um anel perfeito. A garota ergueu uma sobrancelha, impressionada.

– Enfim – continuou Eris –, quem tinha a grana era o meu pai, por isso agora... somos só eu e minha mãe.

– Uau. Por essa eu não esperava.

– Pois é, eu também não, óbvio.

Elas ficaram ali paradas em um estranho silêncio durante algum tempo, passando o alucigarro de uma para a outra. Eris a todo instante achava que alguém iria aparecer para interrompê-las – no 985, ela sempre tivera de fumar perto das saídas de ventilação para que a manutenção não desse as caras, mas a garota parecia surpreendentemente tranquila. Talvez ninguém desse bola para o que acontecia ali embaixo.

Quando o alucigarro estava quase sem erva, a garota o atirou no chão de qualquer jeito e o pisoteou até que virasse um pozinho preto e fino sob seu pé, depois espalhou o pó com o calcanhar. Era um desses alucigarros baratos descartáveis, percebeu Eris.

– A gente se vê por aí. Meu nome é Mariel, falando nisso.

– Eris.

– Bom, Eris – repetiu Mariel, com algo semelhante a uma risada, ainda alegremente surpresa por encontrar Eris ali embaixo. – Bem-vinda à Alameda da Erva-de-são-cristóvão.

– Sério mesmo que esta rua se chama assim? – Eris não conseguia crer que alguém tivesse dado aquele nome tão floral para um lugar horroroso como aquele. Era inacreditável.

– Pesquisa o significado de *erva-de-são-cristóvão*! – gritou Mariel, sumindo no interior de seu apartamento. E foi o que Eris fez.

Era uma planta extremamente venenosa utilizada com frequência em suicídios na Idade Média.

– Agora faz sentido – murmurou Eris, enxugando uma repentina lágrima de raiva.

Ela começou a correr de volta até o número 2704, mas hesitou ao ouvir vozes no apartamento de Mariel – em especial uma voz baixa de adulto. Provavelmente o pai dela. Por algum motivo aquele som fez Eris agir. Não dava para ficar fumando por aí perguntando-se o que seu pai estaria pensando. Precisava conversar com ele.

Virou-se para a direção oposta e rumou até o elevador mais próximo.

***

Era domingo, portanto o departamento de cirurgia plástica do Hospital Vensonn-Seyun no andar 890 não estava lotado.

– Oi, Eris. Ele está no consultório – disse a recepcionista do departamento, Slaite, quando ela entrou. Eris mal assentiu e já caminhou rapidamente naquela direção.

Passou pelo centro de experimentos, onde diversas formas de DNA eram recombinadas em pequenas placas de petri, e pela fazenda de nervos, onde se desenvolviam medulas espinhais em enormes tanques translúcidos, e seguiu na direção do consultório de seu pai, situado no fim do corredor.

DR. EVERETT RADSON*, diretor de procedimentos e modificações cosmiátricos*, dizia a placa acima da porta. Eris respirou fundo e entrou.

Ele estava caído em sua mesa, vestindo um suéter de golfe de zíper e calças azuis de cirurgia, envolvendo com uma das mãos uma garrafa de uísque quase vazia. A luz pouco lisonjeira do hospital refletia os fios grisalhos de seu cabelo, e havia novas rugas de preocupação nos cantos de seus olhos e boca. Para ela, ele parecia, pela primeira vez, um velho.

– Eris – suspirou o pai, a mão segurando com força o uísque.

Havia algo de engraçado na forma como ele pronunciou o nome dela, como se sua boca estivesse encontrando dificuldade em formar os sons. Ela abriu a boca, sem saber o que dizer, agora que estava de fato ali.

– Fiquei esperando uma mensagem sua – começou ela, sabendo que pareceria uma acusação.

– Desculpe – disse seu pai. – Eu só precisava me afastar um pouco.

Nenhum dos dois disse nada.

Eris olhou em torno do consultório, das telas em 3D, no canto, ao closet com o esqueleto humano verdadeiro, que ela costumava vir observar às vezes quando era mais nova, fascinada, até Avery lhe dizer que aquilo era mórbido e estranho. Mas Eris não tinha medo do esqueleto. Quase nunca sentira medo, percebeu, até agora.

Seus olhos tornaram a voltar-se para o pai. Ele estava segurando alguma coisa em sua mão, que olhava com espanto, como se não tivesse certeza do que era. Era a sua aliança de ouro.

Todas as palavras que ela planejara dizer foram apagadas de sua mente.

– O que vai acontecer com você e mamãe?

– Não sei – suspirou seu pai, colocando a aliança na mesa, e por fim olhou para Eris. – Você se parece tanto com ela – acrescentou, com a voz entremeada de tristeza.

Eris nunca odiou tanto o quanto se parecia com sua mãe. Provavelmente isso era tudo o que seu pai via agora, quando olhava para ela – ela era a prova viva da traição de sua mãe. Nada agora a conectava com ele, percebeu Eris com espanto, a não ser o fato de os dois terem passado os últimos dezoito anos ouvindo as mentiras da mesma pessoa.

– Eu sinto muito – sussurrou Eris.

– Eu também.

Ele fez menção de pegar o uísque, depois parou, como se tivesse se lembrado de que ela estava ali.

– Pai... ou melhor, Everett...

– Desculpe, Eris, mas eu preciso de um tempo – interrompeu ele. Sua voz tremia. – Está... difícil.

Eris mordeu o lábio. Tinha vindo ao hospital esperando que seu pai fosse consertar tudo, do modo como ele sempre fazia, contudo ele parecia ainda mais arrasado do que ela.

– Sinto sua falta – disse ela, impotente.

– Eu sinto falta de como as coisas eram antes – disse ele em reposta, e Eris sentiu o coração afundar. Parte dela desejava sacudir o pai, gritar com ele. Queria dizer: "Olha para mim, eu também estou magoada, não quero te perder!" Lágrimas se acumularam em seus olhos cor de âmbar criados especialmente por cirurgia, mas o velho orgulho familiar as conteve, trancou as palavras em sua garganta.

– Desculpe, mas eu preciso de um tempo – repetiu Everett. – Por favor.

Eris assentiu, sentindo como se estivesse despencando de uma grande altura. Não sabia o que iria acontecer com seus pais; não sabia quando, ou se, seu pai estaria preparado para vê-la novamente.

Ela começou a caminhar de volta ao elevador lotado, mas, mesmo pressionada no mar esmagador de pessoas, Eris jamais se sentiu tão intensamente sozinha.

RYLIN

"NÃO VAI DAR EM NADA, MAS TUDO BEM", pensou Rylin, e subiu o degrau até a porta de Cord Anderton pela segunda vez em três dias. Difícil acreditar que, depois de tudo o que tinha acontecido, ela estava de volta mais uma vez – e por vontade própria, além de tudo.

Na manhã anterior, quando sua ressaca tinha finalmente se dissipado e sua raiva diminuído um pouco, Rylin abrira o tablet e descobrira que estava 250 nanodólares mais rica. Ficou na dúvida se os cinquenta a mais seriam uma gorjeta padrão de Cord Anderton ou uma tentativa de pedir desculpas pelo seu comportamento do fim da noite.

Ela havia ficado na dúvida se pagava o aluguel ou ao banco – ao banco, resolveu, ao perceber o quanto aquela dívida se tornara impossivelmente grande. Além do mais, seria possível dar um jeito de evitar o proprietário do apartamento caso fosse necessário. Ele tinha a tendência de pegar mais leve com Rylin e Chrissa, porque conhecera a mãe delas.

E aí, Fenton, escrevera Rylin, numa mensagem rápida. *Só queria dizer que o aluguel deste mês vai chegar nas suas mãos daqui a algumas semanas.* Elas tinham atrasado o do mês anterior também, lembrou-se Rylin com um ligeiro desconforto, mas tarde demais; ela já fizera o depósito para o banco. *Sinto muito, isso não vai se repetir*, continuou, esperando que ele estivesse de bom humor hoje.

Então, engolindo o orgulho, ela telefonara para Cord.

Ele atendeu no quinto toque. Ela se apressou em dizer, tentando aparentar naturalidade:

– Oi, é a Rylin. Myers – acrescentou sem jeito, depois de um instante de silêncio.

– Rylin. Que... surpresa, ter notícias suas.

Cord pareceu achar graça. Rylin tentou, mas a única coisa que conseguia ver na sua frente era a marca vermelha intensa no rosto dele depois que ela o estapeara.

– Sobre ontem à noite.

Ela estava sentada à mesa da cozinha, tracejando com o dedo uma propaganda amassada do cereal Later Gators, o instapapel tão velho e barato que os jacarés desenhados já não dançavam mais. Só seus olhos se movimentavam de um jeito bizarro para frente e para trás, as caudas mal se retorciam. Rylin respirou fundo e tentou de novo:

– Quero pedir desculpas. Eu estava cansada, e reagi de forma exagerada. Sinto muito.

– Palavras não valem nada – respondeu Cord. – Se você realmente está arrependida,

por que não vem me mostrar?

Rylin bateu as mãos na mesa.

– Você realmente acha que, depois de...

– Que cabeça mais suja, Myers – disse Cord, dizendo o nome dela daquele seu jeito arrastado. – Eu ia perguntar se você não poderia vir fazer *a faxina* de novo. Não sei se conheceu meu irmão, Brice, mas ele está aqui esta semana e é muito bagunceiro.

– Sim, pode ser. Mesmo preço? – perguntou Rylin, com cuidado. Era o que ela estava prestes a sugerir; depois de ver a grana em sua conta naquela manhã, percebeu que deveria espremer o máximo de dinheiro que pudesse de Cord. Entretanto, de alguma maneira parecia que o controle tinha voltado novamente para as mãos dele.

– Claro. Vou mandar entregarem o uniforme. O uso é opcional, claro. – Cord deu uma risadinha. Rylin revirou os olhos e ia começar a responder, mas ele já desligara.

Então, agora era segunda de manhã e ali estava ela, esperando que Cord Anderton viesse recebê-la. Puxou envergonhada o vestido preto de corte ruim e o avental branco que o drone tinha entregado na noite anterior. Já tinha telefonado para Buza, seu chefe na estação de trem, para dizer que estava doente: tinha até uma "prova" oficial, porque muito tempo atrás ela e Chrissa tinham aprendido a falsificar um resultado de nasofaringite na varinha eletrônica médica. Não tinha certeza de por quanto tempo conseguiria manter aquele seu emprego de verdade sem dar as caras, mas não tinha como não tentar.

Quando a porta se abriu, Rylin entrou – e parou um instante, sem fala. No sábado aqueles cômodos estavam quentes e lotados, cheios de pessoas e barulho e luz. Agora pareciam vastos e vazios. Os seus olhos seguiram até a estufa, com seu piso de pedrinhas e lâmpadas de aquecimento semelhantes a insetos, e dali até a sala de dois andares, com sua escada curva de vidro.

– Importa-se de me dizer por que está aqui?

Rylin deu um pulo e quase trombou com um estranho de cabelo escuro trajando um terno azul-marinho e um sorriso.

– Onde está Cord? – disse ela sem pensar, e no mesmo instante se arrependeu.

– Quem sabe? – O cara sorriu. – Talvez eu possa ajudá-la. Sou o irmão de Cord, Brice.

Claro, pensou Rylin, eles eram parecidos, embora Brice tivesse quase dez anos a mais.

– Rylin Myers. Desculpe incomodar – disse ela rapidamente. – Vou começar a faxina.

– Faxina?

– Cord me pediu que viesse limpar a casa. – Ela transferiu o peso do corpo para o outro pé, incomodada.

– Ah – disse Brice, baixinho, os olhos percorrendo o corpo dela de alto a baixo. – Bem, fico feliz pelo gosto de Cord estar melhorando. Você com certeza é melhor do que a

anterior.

Rylin não disse nada, simplesmente foi até o armário de limpeza e apanhou o balde de sprays e esponjas descartáveis. Entretanto, quando voltou para a sala, Brice ainda estava lá. Tinha se reclinado no sofá, afrouxado a gravata e cruzado os braços atrás da cabeça.

– Por favor. Não se intimide com a minha presença, faça o seu trabalho – disse ele, preguiçoso. – Não me importo de ver você limpando ao meu redor.

Rylin travou a mandíbula e começou pela escada, ignorando-o.

***

Naquela mesma tarde, parou diante da porta do quarto de Cord criando coragem para entrar: "Não vai ser tão esquisito", disse a si mesma. "Ele é só um cara." Mesmo tendo estado no quarto de Hiral várias vezes, entrar no quarto de um estranho parecia um pouco esquisito. Era íntimo demais.

Começou pela cama. Trocou os lençóis e afofou os travesseiros, depois borrifou as janelas e limpou os carpetes com luz ultravioleta. Por fim, quando estava espanando a cômoda pesada de Cord, hesitou, tomada de poderosa curiosidade. *Quem* era Cord Anderton, afinal?

Num impulso, abriu a gaveta superior da cômoda e correu os olhos pelo seu conteúdo, uma reunião de itens masculinos, alguns dos quais ela nem sabia o que eram. Fazia tanto tempo que seu pai se fora, que a única coisa de que Rylin conseguia se lembrar era de uma casa cheia de mulheres. Ela afastou as abotoaduras, um vidrinho de colônia, uma carteira de couro com algo gravado em baixo relevo – WEA, as iniciais do pai de Cord, imaginou. Rylin ficou um pouco espantada ao ver que estava cheia de antigas notas verdes ilegais que ainda circulavam bastante no mercado negro, uma vez que, ao contrário dos nanodólares, eram impossíveis de se rastrear. Talvez fossem apenas uma herança. Mas, se Cord chegava de fato a pagar as pessoas assim, era mais ousado do que ela imaginara.

Na gaveta de baixo encontrou algo que a fez parar: uma caixa antiga de metal repleta apenas de drogas BeSpoke feitas sob medida, normalmente chamadas de Spokes. Rylin nunca tinha visto tantas em um só lugar, mas levantou a tampa da caixa e lá estavam elas, seu pequenino baú do tesouro de envelopinhos pretos, cada qual marcado com a etiqueta amarela inconfundível, contendo um único comprimido.

Spokes eram exorbitantemente caros, valiam mais do que semanas do salário de Rylin, justamente porque eram drogas *legais*: prescritas por um médico depois de incontáveis ressonâncias magnéticas do cérebro e avaliações psiquiátricas. Eram feitas sob medida para os clientes abastados "aliviarem o estresse e acalmarem as ansiedades".

Rylin olhou para a data da receita. Exatamente como adivinhara: logo depois da morte dos pais dele.

Ela se inclinou para trás nos calcanhares, pensando em como o mundo era estranho, em como tanto ela quanto Cord tinham perdido os pais. Entretanto, enquanto ela estava trabalhando por hora apenas para sustentar minimamente sua família, sem tempo sequer para honrar o luto por sua mãe, Cord tinha recebido medicamentos feitos sob medida para ajudá-lo a superar o sofrimento.

Não era justo, pensou Rylin com amargura, mas depois sentiu um pouco de vergonha de ter tido aquele pensamento. Cord perdera os pais. Ela, dentre todas as pessoas, não devia julgar o que ele fazia ou deixava de fazer para lidar com aquilo.

Fechando a gaveta com um suspiro, Rylin deu uma última olhada no quarto antes de descer a escada. Abriu a porta da frente e trombou com Cord nos degraus.

– Ah. Hã, oi – disse, sem jeito. Não sabia o que falar. Nunca tinha ficado frente a frente com alguém que tinha estapeado recentemente.

– Voltando para casa? – Cord estava usando roupas de ginástica, como se tivesse acabado de voltar da academia. Ou talvez de uma corrida; havia terra em seus tênis, que deixaram marcas no degrau de arenito branco.

– São quatro horas. – Rylin cruzou os braços e sentiu súbita vergonha do uniforme, que estava apertado na região dos seios.

– Não, claro, não foi isso que eu quis dizer...

– Obrigada pelos Gummy Buddies. Minha irmã adorou. – Rylin não sabia por que tinha dito isso. Não estava sendo paga para ficar ali batendo papo. Desceu um degrau, de modo que ficou no mesmo nível que Cord, e começou a se afastar dele.

– Chrissa, não é? – perguntou Cord, o que deixou Rylin tão chocada que a fez parar. Não podia acreditar que ele tivesse se lembrado do nome de Chrissa.

– É. Ela é três anos mais nova – disse Rylin baixinho.

Cord assentiu.

– Que ótimo, vocês duas terem uma à outra.

Rylin pensou em Cord e Brice e imaginou o quão próximos seriam.

– Desculpe – continuou Cord depois de um instante –, não quis atrasar você. Obviamente você tem compromissos.

– Vou encontrar... a Chrissa, na verdade – disse Rylin, tropeçando um pouco nas palavras. Estava prestes a dizer “meu namorado”, mas alguma intuição a impediu, apesar de ela não saber o motivo.

– Diga para ela que tem mais Gummy Buddies de onde esses vieram, se ela prometer não torturá-los como você fez.

Rylin não resistiu a sorrir ao ouvir isso.

– Vejo você amanhã – começou a dizer, mas ele já tinha fechado a porta atrás de si

em silêncio.

Beleza, disse a si mesma, enquanto descia no elevador, F. Cord Anderton era impossível de entender, não valia a pena sequer tentar.

Quando chegou na esquina das ruas Park e Central, a intersecção no centro exato da Torre, Rylin atravessou a porta dupla de metal onde se lia SOMENTE PESSOAL DA MANUTENÇÃO.

Teve de esperar poucos minutos apenas até Hiral aparecer da seção de armários, de jeans e com a camisa preta fina que ele usava por baixo do uniforme. O cabelo ainda estava molhado de suor por causa do capacete protetor.

– Oi, amor. Não sabia que iria passar por aqui hoje.

Rylin se deixou abraçar. Ele tinha um cheiro reconfortante e familiar, uma mistura de metal e suor.

– Quis vir te ver.

– E essa fantasia? – Riu Hiral.

– Ah, é. – Rylin olhou para o uniforme de empregada que tinha quase esquecido que estava usando. – Fiz faxina para Cord Anderton hoje. Você sabe, o trabalho que era de mamãe. E...

– Sério? – O tom dele se endureceu, e seu humor se foi.

Hiral odiava os riquinhos dos andares superiores, com uma fúria que às vezes deixava Rylin chocada.

– Por que raios você foi trabalhar para aquele babaca?

– Paga melhor que o trabalho no trem. E eu liguei para lá dizendo que estava doente. É só temporário – disse ela, impaciente.

– Ah, entendi. Bem, desde que você não peça demissão do seu verdadeiro trabalho... – Hiral a enlaçou pela cintura. – Trabalho novo, isso pede uma comemoração. Quer ir pro Habanas? – Era o restaurante cubano preferido deles, com milho assado e queijo frito.

– Claro. – Rylin o seguiu até a rua, onde as luzes tinham escurecido, de acordo com a programação da noite.

Justamente então, uma mensagem apareceu em seu tablet: a resposta de Fenton para a mensagem dela.

Rylin: estou tentando o máximo possível ser generoso com você e sua irmã, mas não posso continuar abrindo exceções para vocês. Vocês estão me devendo dois meses de aluguel. Se não me pagarem até o fim desta semana, serei obrigado a pôr as duas no olho da rua.

Rylin sentiu-se enjoada. Tentou na mesma hora ligar para ele, mas ele não atendeu.

– Está tudo bem? – Hiral a estava observando.

Rylin não respondeu. Para ela parecia que o mundo estava girando.

Era tudo sua culpa... Por que ela pagara antes ao banco, e não o aluguel? Estava tão

convencida de sua capacidade de espremer de Fenton mais um mês de boa vontade; tinha feito isso tantas vezes antes. Mas, agora, tudo estava ruindo e ela não sabia como fazer para consertar.

Vamos conseguir o dinheiro até sexta, digitou ela em resposta, as mãos trêmulas, embora ela não fizesse a mínima ideia do que faria. Talvez pudesse pedir algum emprestado para Hiral – só que a família dele precisava muito da grana também. Ou quem sabe Cord pudesse lhe fazer um adiantamento.

Cord. Ela se lembrou do que vira na gaveta de baixo naquela tarde. Ali estava a resposta que ela queria.

– Vai ficar tudo bem – disse ela a Hiral, odiando o plano em que estava pensando.

Todavia, mais do que isso, Rylin odiava o fato de, na verdade, não ter outra opção.

AVERY

O ESTÔMAGO DE AVERY se retorceu de nervosismo quando ela e Atlas pararam o carro diante do apartamento dos Cole. Por meio de absoluta força de vontade, ela havia conseguido transformar o encontro amoroso de Atlas e Leda em um grande jogo de Realidade Aumentada em grupo. Avery disse a si mesma que estava tudo bem, que ela não tinha feito nada de mais, porém no fundo sabia que estava sendo egoísta.

Olhou para os degraus da porta de Leda e de repente lembrou-se da primeira vez em que ela e Leda ficaram bêbadas. Ou, melhor, *tentaram* ficar bêbadas; tinham ficado apenas alegrinhas e ridículas, ligeiramente altas graças aos spritzers que Cord lhes dera. Mas decidiram que só entrariam depois que ficassem totalmente sóbrias de novo, porque os pais de Leda poderiam ouvi-las chegando. Terminaram passando metade da noite sentadas lado a lado nos degraus da porta da casa dos Cole, contando histórias e rindo de nada em especial.

– Quer avisar a Leda que a gente chegou? – perguntou Atlas.

– Ah. Claro.

Chegamos, digitou Avery, percebendo o quanto os flickers entre elas tinham se tornado esparsos. Em geral ela e Leda estavam em constante comunicação, mandando selfies uma para a outra, mensagens dos garotos para a amiga analisar, reclamações da escola, mas, ao longo dos últimos dois dias, elas mal tinham trocado uma linha.

– Obrigada por virem me buscar – disse Leda quando a porta do hover deslizou para se abrir. Estava usando uma blusa de seda azul-marinho e jeans branco, com alpargatas vermelhas de salto. Avery moveu-se para o lado a fim de abrir espaço para ela, olhando seu próprio look, todo de tecido tecnológico preto, e tênis turquesa confortáveis.

– Sem crise. – Atlas sorriu.

– Você vai mesmo usar isso para ir ao jogo de RA? – soltou Avery, olhando para os sapatos de Leda.

– Você já me viu correr de salto. – Leda soltou uma risada brusca.

– Verdade. – Ela sentiu uma necessidade repentina de dissipar a tensão, de fingir que aquele jogo tinha sido ideia de todo mundo. – Estou tão feliz que decidimos fazer isso – disse num tom animado, sabendo que soava sem graça. – Faz um milhão de anos que não vou ao RA!

– Então se prepare, porque a gente vai acabar com sua raça, Aves! – A luz dançava nos olhos castanhos e cálidos de Atlas.

– Avery – interrompeu Leda –, como foram as compras com a Eris? Comprou alguma coisa?

Avery sentiu uma pontada de culpa. Quando Leda lhe mandou um flicker na manhã anterior ela dissera que iria sair para fazer compras com a Eris, sabendo que isso afastaria Leda. Mas Eris não respondeu nenhum de seus flickers, e quando Avery foi ao apartamento dela não havia ninguém.

– Eu, hã, comprei um jeans – disse Avery atrapalhada, nomeando a primeira coisa que lhe veio à cabeça. – Na Denna.

– Você não tem jeans de lá de todas as cores possíveis? – perguntou Leda. Avery hesitou, pega desprevenida.

– Como se isso fosse parar alguma de vocês – brincou Atlas, alheio ao que estava acontecendo.

Eles pararam diante da Arena, que se espraiava em uma esquina no 623º andar, justamente quando suas paredes imensas mudaram de um tom de verde-militar para uma imitação de masmorra de pedra escura. Risha, Jess e Ming estavam esperando lá fora, vestidas como Leda, com jeans bonitos e sapatos pouco práticos. Avery se conteve para não revirar os olhos. Queria que Eris estivesse ali; poderia usar uma dose de seu sarcasmo irreverente naquele momento. Aliás, pensando nisso, na última vez em que todos eles jogaram RA Eris tinha vindo com uma roupa de couro colante preta só para fazer graça.

– Os meninos já estão lá dentro – disse Risha enquanto eles se reuniam na frente dos portões, que agora mostravam um dragão sobrevoando um pico montanhoso nevado.

– Provavelmente discutindo se vão querer jogar o de caubói ou o de aliens – disse Atlas, segurando a porta para as meninas passarem. Avery lutou contra o impulso de ficar para trás, andar ao lado dele, segurar sua mão.

– Ei, eu ouvi isso! – gritou Ty Rodrick da bilheteria.

Um grupo de meninos mais novos, todos empunhando uma edição especial do sabre de luz, estava na fila atrás dele.

– A arena de caubóis é coisa do passado, Fuller. Vamos de Invasão Alienígena. Quem está no meu time? – Ty digitou na impressora 3D, que cuspiu bilhetes eletronicamente codificados para todos, quatro brancos e quatro pretos. Cada um tinha o formato de uma cabecinha minúscula de alienígena, única para o jogo e impossível de reproduzir. Parece que havia gente tão obcecada com RA que colecionava aqueles bilhetes, embora eles não servissem para nada depois do término do jogo.

– Não vai ser menino contra menina? – disse Avery depressa.

Eles tinham feito muitos jogos de meninas contra meninos ali, nos velhos tempos. E a última coisa que ela queria agora era imaginar Leda e Atlas no mesmo time, juntinhos, cheios de adrenalina na escuridão.

– Seria injusto – observou Maxton Feld. – São cinco contra três.

Avery xingou Cord mentalmente por ter furado.

– E se a gente tirar na sorte? – sugeriu, abrindo o ícone em forma de dado em seu tablet.

Leda se adiantou:

– Atlas e eu já combinamos que vamos ficar no mesmo time.

Avery ficou em silêncio enquanto os times eram sorteados: ela, Ty, Ming e Jess contra Maxton, Risha, Atlas e Leda. Continuou sem abrir a boca enquanto eles iam para os armários dos respectivos times para se preparar. Ty não parava de tagarelar sobre estratégias, explicando seu plano de "espalhar-nos e rodeá-los", mas Avery não estava prestando atenção. Apenas concordava, tomada de uma súbita e estranha apatia.

Finalmente os quatro se reuniram na área de ensaio, vestindo coletes hápticos e trazendo pistolas de radar feitas de plástico em seus cintos. Avery colocou as finas luvas teladas que registrariam os movimentos de suas mãos no servidor central. Seu capacete de realidade virtual apitou alto, exigindo sua atenção: queria que ela selecionasse seu avatar, a imagem que todos os competidores e parceiros da equipe dela veriam assim que entrassem na arena.

Os outros estavam acenando e apontando, acrescentando cabelos, armaduras e traços faciais. Mas Avery se limitou a escolher o avatar básico, sem nenhuma característica especial. As pessoas já prestavam atenção demais à sua aparência na vida real para que ela se incomodasse em customizar uma aparência virtual.

3... 2... O painel de contagem regressiva se acendeu. Ao lado dela, Ming estava balançando para trás nos seus saltos, ansiosa. Ty virou-se e sorriu para Avery.

– Preparada, Fuller? – perguntou com uma piscadela. Avery ignorou. Tinha ficado com Ty só uma vez, na festa de Natal dos pais de Jess, mas ele teimava em se comportar como se aquilo fosse acontecer de novo.

1. As portas se abriram e revelaram uma nave espacial em alerta vermelho, as luzes de emergência piscando ao longo dos corredores vazios.

Se tirasse o capacete, Avery veria apenas um galpão industrial, cheio de dutos de ventilação e paredes de espuma de carbono. Em algum lugar, o time adversário estava saindo de outra porta em uma parte diferente da arena da nave espacial.

Avery apertou um botão em sua pulseira para chamar os outros.

– Ming e eu vamos pela esquerda – sussurrou, empurrando uma porta prateada que levava a um corredor lateral. Ming, vestida como uma princesa fada cor-de-rosa (não havia nenhuma restrição para os avatares, embora ela ficasse ridícula daquele jeito no meio de um jogo espacial), assentiu e seguiu a amiga.

Algo explodiu à esquerda. Avery se agachou ao lado de um cano pesado, depois saltou e começou a correr depressa, sem dar mais a mínima para Ming. Disparou a

pistola de radar na direção da névoa opaca que havia nos cantos do lugar. Uma escada estava suspensa na frente dela, flutuando, o que fez Avery se lembrar da sua própria escada que levava ao teto secreto do deque. *Por que não?*, pensou, enquanto saltava para cima e começava a subir. Era bom movimentar-se assim pela escuridão anônima da arena, o sangue sendo bombeado quente e depressa pelas suas veias. Se ela se movimentasse rápido o bastante, conseguiria se esquecer de Atlas e Leda, esquecer-se de tudo a não ser daquele jogo.

No fim da escada ela içou o corpo para um andar mais alto e começou a atirar nos dois vultos mais à frente, iluminados com setas cintilantes que os marcavam como membros do time adversário. Eles se esconderam atrás de uma pilha de caixas marcadas com o sinal de radiação e um deles tropeçou para diante. Devia ser Leda, com suas alpargatas idiotas.

Avery moveu-se devagar, dando a volta pelo outro lado quase arrastando-se para que eles não a vissem – e então parou.

Agachado ao lado de Leda estava Atlas. Ela o reconheceu pelas tatuagens na parte interna dos pulsos; eram sua marca registrada, as tatuagens de yin e yang que ele não faria na vida real, mas que sempre colocava em seus avatares nos jogos do Arena. Avery ficou olhando Leda colocar a mão suavemente no seu ombro. Atlas não se afastou.

Avery conteve a respiração, fazendo força para parar de olhar, mas não conseguia. O gesto de Leda parecia saturado de significado: possessivo, de certa maneira. Era o tipo de toque que se faz em alguém que você já tocou de outras maneiras, ou alguém que você realmente quer tocar. O tipo de toque que Avery jamais, nunca, poderia reservar a Atlas.

– Desconectar – sussurrou ela, puxando a aba vermelha da pulseira. Imediatamente, as armas de Avery ficaram inativas e ela se tornou invisível para todas as pessoas do jogo; teria de voltar para o salão de ensaio para se reconectar. Era como se ela não estivesse ali, como se tivesse subitamente apagado a si mesma. E era exatamente assim que ela se sentia.

WATT

"DINHEIRO FÁCIL, ATÉ PARECE", pensou Watt enquanto entrava na Arena do 623º andar. Só haviam se passado uns poucos dias, mas Leda Cole já estava se provando uma dor de cabeça completa.

Quando ele aceitou aquele trabalho, não tinha se dado conta do quanto ela seria difícil. Ela não parava de mandar flickers para saber de Atlas – o que ele andava fazendo, suas mensagens, a que programas de holografia ele estava assistindo e se ele achava que eram engraçados. Watt tinha respondido a todas as perguntas que pôde, mas ainda não havia conseguido invadir a rede de internet dos Fuller, portanto não sabia nada do que acontecia entre as quatro paredes dali, a menos que Atlas mandasse um flicker a alguém falando a respeito.

Agora ele estava cuidando da última exigência dela – que ele ajudasse em um encontro amoroso de Realidade Aumentada. Watt, como um idiota, havia concordado em invadir o sistema da Arena e manipular o jogo, para fazer com que Atlas e Leda ficassem juntos – mas disse isso antes de ele e Nadia terem examinado a arquitetura do sistema. Acontece que a Arena lidava com um número tão absurdo de dados que nem mesmo Nadia conseguiu penetrar o pesado firewall deles. Watt finalmente percebeu que a única maneira de fazer o que Leda queria, o que ele tão tolamente prometera, era infiltrar-se no sistema por dentro.

Como foi que nos envolvemos nessa idiotice, Nadia?

Pelo que me lembro, não fui a pessoa que aceitou este trabalho, respondeu ela.

Ele se aproximou da impressora 3D de ingressos e analisou as opções. Ficou animado, mesmo contra a vontade. Havia jogos de fantasia, uma aventura numa selva asteca e até mesmo um treco chamado Cavaleiros de Dragões. Ele se perguntou como os caras conseguiam simular *isso*. Bem, se precisava comprar um ingresso para entrar, então que mal faria brincar também, né? Ah, se Derrick estivesse ali. Ele ficaria louco com aquele lugar.

Justamente quando escolheu um jogo de feiticeiros e começou a imprimir seu ingresso, Watt olhou para a área de ensaios – e ficou sem fôlego.

Caminhando ali estava sem a menor sombra de dúvida a garota mais linda que ele já tinha visto.

Nadia, quem é essa?, perguntou. Nadia puxou o histórico da garota e Watt quase soltou uma gargalhada.

Era Avery Fuller – a irmã do cara que ele supostamente deveria estar espionando, e a melhor amiga de Leda.

Watt ficou olhando, hipnotizado, enquanto Avery levantava a mão para soltar o rabo de cavalo, deixando que seu cabelo loiro caísse pelas suas costas e atirando-o impacientemente de lado. Ele pensou ter visto lágrimas em seus olhos azul-claros.

O que digo para ela?

Compre um pacote de M&M's de toranja na máquina de vendas, sente ao lado dela e comece a comê-los, sugeriu prontamente Nadia.

Sério? Que conselho esquisito, mesmo para Nadia, que sempre sugeria as soluções mais estranhas e curiosas para os problemas.

Eu já te coloquei em alguma furada antes?

Isso era verdade. Watt fez o que ela disse: comprou o doce e foi se sentar no banco ao lado de Avery, ignorando-a de propósito. Tirou o pacote de M&M's de toranja do bolso e começou a enfiá-los na boca, um a um.

Sentiu que Avery começou a prestar atenção nele, ouviu-a pigarrear, sentiu o peso de seu olhar nos M&M's. Ele fingiu que não percebeu nada e, dito e feito, dali a pouco...

– Desculpe – murmurou ela, dando um tapinha no ombro dele. – Eu estava pensando... tudo bem se eu te pedir um?

Watt piscou, um pouco espantado quando ela falou com ele, embora já estivesse esperando isso. Ela de fato era a garota mais absurdamente linda que ele já tinha visto na vida. Por fim ele se recuperou o bastante para dizer alguma coisa:

– Quê?

Ele apontou de um jeito confuso para suas orelhas, como se estivesse escutando alguma coisa com suas antenorelhas, embora não estivesse, claro. Mas pelo menos isso explicaria por que ele havia simplesmente ficado olhando para ela como um idiota completo.

Avery repetiu o pedido, e Watt lhe deu o pacote, escondendo um sorriso.

Valeu, Nadia.

Homem de pouca fé.

– O que você está escutando? – perguntou Avery com educação, devolvendo o pacote para ele, mas ele percebeu que a cabeça dela estava em outro lugar.

– Um cara chamado Jake Saunders. Duvido que você conheça.

– Não! Você curte country?! – exclamou Avery.

Watt assentiu, embora nunca tivesse escutado uma música de country na vida.

– O que você achou do álbum novo do Jake? – prosseguiu Avery, ansiosa.

– Curti – disse Watt com cuidado, lendo quase que palavra por palavra o comentário que Avery tinha enviado a Atlas algumas semanas atrás. – Mas não é tão bom quanto os anteriores. Minha música preferida sempre foi "Crash and Burn".

– A minha também – disse Avery, radiante, depois o surpreendeu ao cantar o refrão baixinho: – *I'm not comin' over, you and I are long done, you can crash and burn...* – Sua voz era grave, com uma rouquidão sedutora que Watt não esperaria.

– *With another one*. – Ele conseguiu mais ou menos cantar as últimas palavras junto com ela, e ela riu.

– Então, o que te traz aqui? – perguntou ela, depois de um instante.

Ela era um arraso: seus olhos, seu riso, aquela canção inesperada.

– Vim encontrar uns amigos para jogar Feiticeiros – disse ele.

– Ah, esse costumava ser o meu jogo preferido. Sabe aquela parte onde você chega na espada na pedra e tem de arrancá-la de lá?

Watt abriu a boca para mentir – Nadia tinha descolado o mapa da Arena para ele, com uma descrição daquela cena, no site de um fã –, mas por algum motivo ele não quis fazer isso.

– Para falar a verdade, eu nunca vim aqui antes – confessou.

– Sério? – Avery pareceu surpresa ao ouvir isso. – Bom, não vou estragar sua surpresa. Mas um conselho: quando o alquimista lhe oferecer as poções, escolha o menor cálice.

– Isso vai me ajudar a ganhar?

– Ah, não, todos te levam pro próximo nível. Mas é o que tem o melhor gosto – disse Avery, com seriedade, e Watt sorriu.

– Meu nome é Avery, aliás – acrescentou, depois.

– Avery – repetiu ele, como se não tivesse espionado os feeds dela. – Eu sou o Watt.

Ela olhou para a porta atrás deles e ele percebeu que podia estar prestes a perdê-la.

– Que jogo você estava jogando aqui? – perguntou, fazendo sinal para as pistolas presas no cinto dela.

– Alienígenas. – Avery encolheu os ombros. – Precisava tomar um ar, acho.

Watt assentiu, seguindo o conselho de Nadia, embora tivesse a impressão de que deveria falar alguma coisa. Mas Nadia estava monitorando os batimentos cardíacos e a respiração de Avery e ambos pareciam indicar que ela diria mais alguma coisa, se lhe dessem a chance.

– É tudo tão... *cansativo* às vezes, sabe? – Avery olhou para o lado, brincando com a sua luva háptica.

Watt hesitou. *Nadia?*, perguntou. Ele não estava acostumado a se sentir confuso com as garotas, principalmente as lindas daquele jeito. Pela sua experiência, beleza e complexidade eram quase sempre inversamente proporcionais.

– Como assim?

– Você alguma vez tem a sensação de que as pessoas pensam que conhecem você, mas que isso é impossível, porque elas não conhecem aquilo que é o mais importante em

você?

– Para ser sincero, sim. – Ninguém sabia nada sobre Nadia, mas ela estava profunda e completamente conectada em tudo o que Watt pensava, sabia e fazia. Ele ficou imaginando que grande segredo Avery achava que estava escondendo. Seja lá o que fosse, não podia ser tão ruim quanto ter um quant no cérebro.

– Desculpe. Não sei por que eu disse isso. – Avery recuara para seu tom mais formal e distante, que ela usou quando pediu um M&M's para Watt. Ele olhou para ela e viu que ela estava levantando a mão para prender o cabelo, e ele sentiu por um breve instante o cheiro do seu xampu de lavanda.

Ela estava se fechando, escondendo o lado vulnerável que mostrara a ele de relance. Watt pensou freneticamente em maneiras de impedi-la de fazer isso. Ela não podia ir embora, ainda não.

– Avery – disse ele, justamente quando a pulseira dela bipou, indicando que ela já estava ausente há tempo demais. Se demorasse ainda mais na sala de ensaio, a arena não a deixaria retornar.

– Parece que tá na hora de eu voltar. – Ela sorriu para ele, mas o sorriso não tinha mais a calidez que ele vira um minuto atrás.

– Antes de você ir, será que poderíamos trocar flick-links? – Ele se levantou ao dizer aquilo, sentindo-se estranho. Não se sentia nervoso assim diante de uma garota desde antes de Nadia.

– Ah, claro. – Avery esperou enquanto os contatos deles se conectavam, permitindo que eles mandassem flickers e pings um para o outro. – A gente se vê por aí – acrescentou ela, e recolocou o capacete. As portas se abriram, dando a Watt por um instante a imagem do que a arena de fato era, uma série de paredes cinzentas cobertas de sensores de comando e movimento.

– Boa sorte aí dentro! – gritou, mas Avery já estava a um mundo de distância.

ERIS

– VOCÊ ESTÁ AQUI! – exclamou Avery, caminhando pelo corredor na direção de Eris. As pessoas instintivamente abriam caminho para ela. – Achei que estivesse matando aula. Não te vejo há séculos. – A voz de Avery ficou mais aguda no final, transformando aquela última frase em uma pergunta.

– Nem mesmo eu mataria o primeiro dia de aula – disse Eris em tom leve, embora aquele tivesse sido o pior primeiro dia de aula de sua vida. Ela tinha subido a Torre mais cedo, usando uma jaqueta preta leve para esconder o uniforme dos olhares das pessoas dos andares inferiores, e tomara banho nos vestiários da escola. Tudo para evitar se arrumar no banheiro apertado que dividia com sua mãe.

Normalmente, no primeiro dia de aula, os pais de Eris a faziam posar para uma foto esquisita diante da porta de casa, que iria para a coleção que eles começaram quando ela ainda estava no pré. "Boa sorte!", exclamavam, e a abraçavam até ela finalmente escapar até o elevador, rindo daquela tradição boba, mas no fundo adorando.

Naquela manhã não houve foto nenhuma, lógico. Eris se perguntou se seu pai saberia que aquele era o seu primeiro dia de aula. Ao pensar isso, sentiu uma dor súbita e aguda aumentar atrás de seus olhos.

Ela os fechou por um instante, tentando acalmar a tempestade de mágoa e espanto que a atravessava. Não podia deixar que Avery percebesse.

– Certo, mas, Eris... está tudo bem? – perguntou Avery enquanto as duas iam até a saída. O sino da tarde tinha acabado de soar. Alunos se amontoavam nos corredores como bandos de pássaros monocromáticos, todos usando saias plissadas ou calças caqui bem passadas e camisas sociais. Pela primeira vez na vida, Eris sentia-se grata pelo uniforme idiota. Não sabia quantas combinações de roupas poderia fazer com as roupas que levara até o 103, mas sabia que não seriam o bastante.

– Como assim? – perguntou, satisfeita com o tom de naturalidade de sua voz.

– Não te vejo desde a festa do Cord, você não foi no jogo de RA ontem e, quando passei no seu apartamento para ver como você estava, não tinha ninguém lá. – Avery lançou-lhe um olhar. – Tá tudo bem?

Eris não queria falar de nada daquilo. Estava muito recente ainda, muito sensível, e, além disso, assim que alguém soubesse da verdade, aquilo se tornaria irrevogavelmente real. Mas ela já pensara na desculpa perfeita.

– Meus pais decidiram reformar o apartamento. *De novo.* Você sabe como eles são. –

Ela revirou os olhos de maneira exagerada. – Vamos ficar no Nuage por um tempo. Desculpe por ontem – acrescentou.

– Ah, fico feliz por estar tudo bem. Quer dizer, não é que eu estivesse assim tãão preocupada... imaginei que você estivesse fazendo alguma coisa incrível. Tipo aquela vez em que você voltou com uma semana de atraso das férias de verão porque você e sua mãe resolveram voltar de Mianmar "pelo caminho mais longo" – provocou Avery. Eris sentiu uma pontada de dor ante aquela lembrança. Ela e sua mãe haviam se divertido tanto naquelas férias, andando pela Ásia usando vestidos estampados coloridos sem a menor preocupação nesse mundo.

"Enfim, morro de inveja de saber que você está no Nuage", estava dizendo Avery. "A gente devia começar a ir dormir na sua casa só para poder usar aqueles robes felpudos e pedir panquecas de ricota e amora de manhã!"

– Claro – concordou Eris, com animação falsa.

Elas saíram pelos portões e começaram a caminhar no gramado em frente à escola, onde a grama verde bem cuidada inclinava-se para baixo em direção à Madison Avenue. Um coro de vozes instantaneamente as rodeou, Ming e Risha e Leda debatendo como passariam a tarde, fofocando e contando os casos do dia. Eris ficou ali parada deixando que aquilo passasse por ela. Quando o grupo se decidiu por yoga e smoothies no Clube Altitude, ela se deixou levar, assentindo e sorrindo com o resto das garotas. Precisava daquele tempo com Avery e suas amigas, fazendo o que elas sempre costumavam fazer. Precisava fingir que tudo estava normal, que sua vida não estava se despedaçando ao redor. Que ela ainda era Eris Dodd-Radson.

Quando elas passaram pela cerca tecnológica – as fronteiras que rodeavam o campus e que faziam todos os contatos, tablets e outros aparelhos não acadêmicos deixarem de funcionar ali dentro –, Eris imediatamente checou sua caixa de entrada. Era ilusão, ela sabia, mas mesmo assim esperava receber alguma mensagem de seu pai. Entendia que ele precisava de um tempo, mas mesmo assim... será que as coisas de fato seriam assim de agora em diante? E se eles nunca mais falassem um com o outro?

A primeira mensagem a fez estremecer. Era da secretaria do Clube Altitude, notificando gentilmente que estavam descontinuando sua assinatura.

Eris foi tomada por um acesso repentino de raiva. Sua mãe devia ter feito isso – ela é que insistira em que eles se tornassem sócios do Altitude, para começo de conversa, e era ela quem administrava as carteiras de sócios da família e os compromissos sociais e tudo o mais que era divertido e luxuoso na vida deles. Claro que Eris sabia que sua mãe não queria mais gastar o dinheiro de Everett; foi por isso que elas se mudaram. Mas que mal podia fazer se Eris mantivesse a sua condição de associada do clube?

Então pensou no que a mãe tinha dito, sobre deixar que o pai decidisse o tom do relacionamento entre eles agora, e percebeu que podia ter sido esse o motivo que levara

Caroline a não querer Eris no Altitude. Para que Everett não corresse o risco de trombar com ela ali. *Isso está acontecendo de verdade*, pensou ela, meio espantada, embora é claro que de certa maneira estivesse esperando por isso. Sua vida estava ruindo diante de seus olhos, um pedacinho dourado após o outro.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nenhum som saiu. E o que poderia dizer às amigas, fosse como fosse? "Desculpa, gente, não posso mais ir ao Altitude porque eu sou pobre?" Todas se amontoaram no elevador para ir ao 930, arrastando uma impotente Eris consigo. Ela continuou assentindo, sem registrar nada do que era dito. Sua mente rodopiava com desculpas para ela se excluir, cada uma mais maluca e desesperada que a outra. Que ela precisava trabalhar como estagiária no consultório do pai de novo. Que Cord tinha ligado chamando-a para sair. Que seus pais a colocaram de castigo depois da festa de sábado e tinham posto um monitor de rastreamento em suas lentes para saberem de cada passo que ela dava.

O grupo começou a caminhar pela alameda de paralelepípedos que levava à entrada do Altitude. Eris sentia-se tonta, a respiração ofegante. Não podia entrar – não poderia encarar a pena no rosto de Jeffrey quando ele, educadamente mas com firmeza, informasse-lhe que sua entrada não era permitida, e os olhares e sussurros que suas amigas trocariam quando percebessem a verdade. Ela se sentia enjoada ante aquela ideia, mas era como se seus pés estivessem se movendo por vontade própria, levando-a cada vez mais para perto da sua própria destruição, com um sorriso mecânico fraco estampado no rosto. Ela observou Risha e Leda rumarem para o elevador que iria ao andar do yoga. Ming ficou para trás, esperando Avery, que estava olhando para Eris com um ar de interrogação...

– Não estou passando bem – soltou Eris. – Acho que vou voltar pra casa.

– Certeza? – Avery franziu a testa.

Ming soltou uma única risada amarga.

– Não se preocupe, Aves. Tá na cara que ela tá indo para uma sessão particular de ginástica. Na casa do Cord.

Eris estremeceu ao ouvir isso. Em geral não deixaria que as farpinhas de Ming a atingissem, mas, com tudo o que estava acontecendo, era difícil manter a calma. E por que Ming estava chamando Avery de "Aves", hein? Todo mundo sabia que esse era o jeito que Atlas a chamava.

– Você foi meio grossa, né? – falou Eris, tentando não parecer na defensiva. – Eu tô mesmo passando mal.

– Relaxa, Eris, foi só brincadeira. – Ming estreitou os olhos. – Mas sua cara tá horrível mesmo, se quer saber.

– Ah, pelo amor de Deus, me deixe *em paz*! – exclamou Eris, jogando pro alto todas as boas maneiras.

Ming olhou para Avery como se esperasse que ela dissesse alguma coisa, mas Avery apenas suspirou.

– Encontro vocês lá em cima – disse, sem olhar para Ming, remexendo dentro de sua bolsa hobo vermelha brilhante. Ming atirou a cabeça para trás, com raiva, e marchou até o elevador.

– Pronto! – disse Avery, triunfante, ao encontrar uma varinha médica prateada.

Eris se encolheu.

– Tá tudo bem, sério – insistiu. Mas Avery já estava passando o instrumento pela cabeça e pelo tronco de Eris, brandindo o pulso como se ele fosse um brinquedo. Depois de um instante a varinha médica soltou um apito, indicando que havia rapidamente detectado e resumido os sinais vitais de Eris, e o bulbo na ponta se iluminou com uma luz verde conhecida. O sinal da saúde perfeita.

– Olha, tá na cara que você só está cansada. – Avery parecia irritantemente calma. – Por que não vai ficar na beira da piscina um pouco? Sei lá, fazer uma limpeza de pele enquanto estamos no yoga? Depois a gente se encontra para tomar smoothie.

– Não, valeu – repetiu Eris, com a voz tensa.

– Você não precisava perder a paciência com a Ming – criticou Avery com doçura. – Eu sei que a piadinha dela foi de mau gosto, mas acho que ela não estava querendo te magoar.

Eris balançou a cabeça, tomada de uma raiva amarga repentina.

Avery não entendia. Era a mesma que sempre fora, sempre navegando despreocupadamente acima dos probleminhas sórdidos de todo o resto do mundo em seu palácio no milésimo andar, enquanto Eris havia perdido tudo. Nunca na história da amizade das duas Eris havia se ressentido de Avery, até aquele momento.

– Sabe, eu não me sinto bem mesmo – repetiu, enfatizando cada palavra. – Eu vou para casa. – Viu Jeffrey olhando para ela e sentiu que estava prestes a dar um grito.

– Tudo bem. Me liga mais tarde? – pediu Avery, preocupada, mas não insistiu mais. Eris virou as costas para a entrada do clube, contemplando a longa e terrível viagem até o 103.

Não estava nem na metade do quarteirão quando tudo ficou borrado. Enxugou as lágrimas com raiva, mas elas vinham cada vez mais depressa agora, e a única coisa que ela pôde fazer foi virar cegamente em uma rua lateral e tentar se recompor. Quem era ela agora, hein? Eris Dodd é que não. O nome combinava tanto com ela quanto aquele apartamento horrível e apertado do 103. Eris cruzou os braços, abraçando-se com força, e respirou fundo algumas vezes para recuperar o autocontrole. Pelo menos aquela rua ficava escondida o suficiente da avenida principal para que nenhum sócio do Altitude visse a crise dela.

– Eu nunca imaginaria que você fosse do tipo que senta e chora.

Eris olhou para cima e viu Mariel na sua frente, com a mão no quadril, de jeans e regata colada.

– Qual é, deu para me perseguir agora?

– É chocante, eu sei, mas o mundo não gira em torno de você. – Mariel apontou para a porta atrás de Eris. – Você está bloqueando a entrada de serviço.

Eris deu um passo para o lado, procurando uma resposta inteligente, mas nada.

– Valeu. – Mariel passou por ela. – Se quiser um lugar melhor para chorar sobre a perda da condição de sócia, tem um armário bacana aqui dentro.

– Você não faz ideia do que eu tô passando, tá legal? – devolveu Eris em resposta. – Você não sabe o que é ver sua família, seu mundo inteiro, simplesmente desabar.

Mariel ficou parada na porta, os olhos grudados nos de Eris, que moveu o corpo desconfortavelmente com o peso daquele olhar. Depois de um instante, Mariel balançou a cabeça.

– Você ficaria surpresa – disse ela.

A porta fechou-se automaticamente após sua passagem.

***

Quatro horas depois e Eris havia ficado o máximo possível nos andares superiores da Torre. Tinha ido a suas lojas de luxo preferidas, fingindo estar na dúvida se comprava vestidos e bolsas pelos quais já não podia pagar. De início foi fantástico, as vendedoras correndo para localizar modelos para ela, o barulho dos saltos delas no piso, os copos gelados de água aromatizada que lhe entregavam enquanto ela revisava as imagens de cada modelo na projeção em 3D do seu corpo. É, tudo isso parecera fantástico – até as vendedoras começarem a falar sério em fazer pedidos e Eris ter de ser obrigada a murmurar alguma desculpa e sair da loja.

Foi a Hyacinthe, sua loja de produtos orgânicos preferida, para experimentar as amostras grátis que eles deixavam ali na hora do jantar. Tinha inclusive pedido um café com leite espumoso apenas para ficar sentada na poltrona confortável um tempinho e folhear as revistas dos tablets disponíveis ali. Foi estranho, na verdade, passar a tarde sozinha com seus pensamentos. Mas àquela altura do dia Eris já não tinha quase lugares aonde ir.

Tinha mandado flickers para Cord duas vezes, mas ele não atendera. Provavelmente devia estar tirando um cochilo ou jogando algum jogo holográfico, ou então fumando com os amigos. Agora se dava conta de que não passava a noite com ele desde antes da festa; fazia menos de uma semana, mas, depois de tudo o que acontecera, parecia uma eternidade.

Eris se levantou com um suspiro, preparada para voltar para casa. Porém a ideia do

cheiro, das baratas e, principalmente, de ter de conversar com sua mãe fizeram com que não se desgrudasse de onde estava. Antes mesmo de conscientemente mudar de ideia já tinha dado meia-volta e pegado o caminho para a casa de Cord.

A porta de entrada se abriu quando Eris pisou nos degraus da frente; há meses ela constava da lista de pessoas aprovadas dele.

– Cord? – chamou, aventurando-se lá dentro. Ele não estava na sala, mas ela viu um monte de coisas que não parecia ser dele espalhadas pelos sofás. Então Brice estava ali.

Encontrou Cord em seu quarto, recostado nos travesseiros caros, lendo qualquer coisa num tablet. Estranho; antes ela nunca o vira ler muito. Talvez nunca tivesse visto, aliás.

– Eris – disse ele, ao vê-la ali. – O que você...

– Quis te visitar. – Ela fechou a porta atrás de si.

– Agora não é uma boa hora, na verdade. – O olhar de Cord estava distante, não o olhar distraído de quem está checando as lentes, mas um olhar verdadeiramente perdido. Eris sentiu uma ligeira onda de ansiedade. Será que os olhos dela ainda estavam vermelhos de ter chorado? *Dane-se*, pensou, e tocou o botão de cima de sua camisa. Depois caminhou devagarzinho em direção à cama enquanto, cuidadosa e sensualmente, ia abrindo os botões, um a um. Mas os olhos de Cord não se iluminaram de apreciação como sempre.

Depois que abriu a camisa, revelando o sutiã de renda cor-de-rosa, Eris subiu na cama ao lado dele. Ele não estava *fazendo* nada, pensou ela, meio que em pânico, não estava desligando as luzes nem erguendo a mão para tocá-la nem absolutamente *nada.*

– Eris... – disse ele, mas ela se inclinou para cobrir a boca dele com a sua, tocou a barra da sua camisa e começou a puxá-la para cima.

Ele deixou-se beijar um momento antes de apoiar as mãos nos ombros dela e empurrá-la gentilmente de lado.

– Tô falando sério – disse ele, e agora havia um tom mais duro em sua voz. – Agora não.

Eris sabia que era sua deixa para ir embora, rir e tornar a vestir a camisa como se não houvesse nada de errado, mas não conseguiu. A rejeição de Cord abalara os últimos resquícios de controle que ela ainda tinha intactos. Lágrimas arderam nos cantos de seus olhos. Ela tentou furiosamente afastá-las; a última coisa que desejava era deixar Cord vê-la chorar.

– Posso ficar aqui só um pouquinho? – perguntou ela, com voz fraca. Ela não ligava de não transar com Cord, só queria ficar junto dele embaixo dos lençóis de mil fios de seu colchão de ultraespuma e acordar de manhã com o sol entrando pelas janelas do quarto dele.

– Está tudo bem? Quer que eu ligue para a Avery? – respondeu ele. Para Eris aquilo

foi como um tapa. Ela entendeu o subtexto: *Seja lá o que esteja acontecendo com você, não vou lidar com isso.* Cord só queria a Eris divertida, sensual e feliz, não a outra Eris que vinha junto no pacote. Ela sabia que oficialmente eles não estavam namorando, que ele não era comprometido com ela nem nada assim, mas pensara que àquela altura ele gostasse um pouquinho dela, no mínimo como um amigo.

– Você sente *alguma coisa* por mim? – soltou ela, e estremeceu assim que disse aquelas palavras; ela estava parecendo histérica e grudenta. – Deixa para lá. Esquece – balbuciou, mas era tarde demais. Cord já tinha se empertigado e a olhava no fundo do olho.

– Eris, desculpe – disse ele, mais sincero do que ela jamais o vira. – Achei que a gente quisesse a mesma coisa.

– E queremos! – gritou ela, mas ele estava balançando a cabeça.

– Achei que a gente só estava curtindo. Não posso me envolver em nada sério nesse momento. Desculpe – disse ele de novo, parecendo arrependido. – Acho que é melhor terminar por aqui, antes de causar mais estrago.

Eris estava prestes a responder, dizer que por ela tudo bem manter as coisas no nível da curtição, mas algo a impediu. Ela não podia suportar perder o pouco de orgulho que lhe restava. Com movimentos rápidos e concisos ela abotoou a camisa e atirou o cabelo de lado.

– Claro. A gente se vê por aí – acrescentou, no tom mais normal que conseguiu afetar.

– A gente se vê. – Havia uma nota de respeito relutante na resposta de Cord, como se ele não tivesse esperado que ela fosse encarar as coisas com tanta facilidade.

A caminho da porta de entrada, Eris se deu conta de que, quase com toda a certeza, a partir do dia seguinte ela já não estaria mais na lista de retinas admitidas da casa. *Tudo bem*, pensou, com surpreendente falta de emoção. Estava muito menos chateada com o rompimento (se é que dava para chamar por esse nome quando não se trata de um namoro de verdade) do que imaginou que ficaria.

Talvez porque aquilo parecesse não ter importância nenhuma diante de tudo o que ela já havia perdido.

LEDA

NA TARDE SEGUINTE, Leda estava no jardim japonês nos limites do campus. Era silencioso e frio ali. Quase ninguém vinha para aqueles lados. Os únicos ruídos eram do autômato do jardim, que passava o rastelo para ordenar as pedras em um padrão sinuoso, e uma fonte que borbulhava alegremente a um canto.

Ela estava esperando Avery. As duas tinham aula de laboratório de química naquele horário; tinham combinado isso ao escolherem a grade horária de suas aulas na primavera passada. Sempre faziam juntas as aulas de ciência, e sempre se encontravam no jardim zen antes da primeira sessão de laboratório, para irem caminhando juntas e garantirem que seriam parceiras. Era uma tradição das duas desde a oitava série.

Leda andava em círculos fechados em torno do jardim, olhando as horas no tablet fornecido pela escola, esperando o máximo que daria para esperar. Suas lentes não funcionavam nos limites da escola, portanto não tinha como ligar para Avery. O robô do jardim começou a desfazer as espirais que fizera com o rastelo, substituindo-as por quadradinhos. Luz natural, solar, era filtrada pelo exterior da Torre com um sistema de espelhos e se derramava pela claraboia acima. Leda mordeu o lábio, frustrada. Que jardim mais sem sentido. Como alguém podia se sentir zen com aquela coisa idiota constantemente *passando o rastelo* nas pedras?

Avery não viria. Leda precisava ir para aula... mas primeiro adiantou-se um passo e deu um chute violento e repentino no robô, que saiu voando pelos ares em um arco e aterrissou de costas com um barulho agradável. Suas rodinhas giravam em falso. Se Avery estivesse ali, teria rido. Pensar aquilo só fez Leda se sentir ainda mais chateada. Deixou o robô para lá e saiu apressada em direção à ala de ciências.

Chegou à sala de química justamente quando o sinal de três apitos anunciou o início da aula e descobriu que Avery já estava ali, na segunda fileira, as longas pernas cruzadas de modo negligente na frente dela.

– Ei! – disse Leda irritada, enquanto se sentava no assento vazio ao lado da amiga. – Estava esperando você no jardim. Você se esqueceu?

– Ah, é. Desculpe. – Avery virou-se em direção à frente da sala, com a caneta pousada sobre o tablet, preparada para fazer anotações.

Leda reprimiu sua resposta e tentou se concentrar nas considerações iniciais do professor Pitkin, que tinha doutorado em ciência dos materiais e escrevera o livro-texto nacional de química. Era por esse motivo que os pais pagavam o valor da Berkeley –

porque os professores ali eram líderes em suas áreas: os caras que produziam as videoaulas a que todo mundo assistia, em vez dos preceptores de escola pública. Mas quando Leda olhou para o professor, a única coisa que conseguia pensar é que, com o topo da cabeça careca e a compleição vermelha, ele parecia mais uma fruta roxa que passou do ponto. Eles o apelidaram de Professor Ameixa. Começou a escrever a piada para Avery, mas baixou a caneta com um suspiro. As coisas entre ela e Avery andavam estranhas. Leda não tinha certeza se era por causa da festa de Cord – se Avery ainda estava chateada por Leda não ter lhe contado a verdade sobre aquele verão –, ou se seria por causa de Atlas. Afinal, ela tinha se comportado de um jeito meio estranho no jogo de RA. E não chegou a sair do jogo por um tempo?

Leda se perguntou se Avery estava chateada por ela não ter lhe dito nada antes de convidar Atlas para sair. Devia mesmo ser meio estranho para Avery a sua melhor amiga começar a namorar o seu irmão, mas mesmo assim parecia uma reação exagerada.

"Uma reação exagerada se sua amiga saísse com seu irmão, claro, mas não se ela tivesse transado com ele", Leda pensou de repente. Aquela compreensão deixou-a enjoada. Será que Avery sabia dos Andes? Isso com certeza explicaria seu comportamento: ela devia estar puta da vida por Leda ter perdido a virgindade com Atlas e não ter contado nada à irmã dele, sua *melhor amiga*.

Mas como Leda poderia dizer alguma coisa se Avery era sempre tão superprotetora em relação a Atlas, de um jeito bizarro?

Olhou para o perfil de Avery, tentando desesperadamente descobrir o que a amiga estaria pensando. Seria melhor pedir desculpas? Não queria fazer isso, a não ser que tivesse certeza de que Avery estava sabendo de tudo. E Leda não tinha a menor vontade de abordar Atlas e perguntar se ele tinha contado à sua irmã que eles tinham ficado.

A velha necessidade de xenperheidrina beliscou-a, sussurrando que tinha as respostas, que cuidaria de todas as inseguranças. "Eu me basto", repetiu Leda mentalmente, mas o mantra não a acalmou do mesmo modo como a havia acalmado em Silver Cove.

Talvez Nadia pudesse descobrir o que estava acontecendo com Avery. A hacker andara rastreando os movimentos de Atlas ao longo dos últimos dias, fornecendo transcrições de seus flickers e recibos de seu bitbanco, embora nenhuma dessas coisas tivesse sido de alguma utilidade. Não era culpa de Nadia. O problema era Atlas; ele era reservado demais para que aquilo servisse de alguma coisa.

Avery virou para Leda, e os olhares das duas se cruzaram. Leda virou o rosto, incomodada de ter sido pega encarando a amiga. Uma lembrança desconfortável do início da sétima serie lhe ocorreu, na época em que ela vivia ansiosa com medo do que as outras pessoas iriam achar dela.

Comparados aos andares medianos, os andares superiores pareciam chiques, high-

tech e opressivamente caros. E seus colegas de classe faziam tudo *tão* depressa, fazendo piadinhas a torto e a direito como se fossem uma espécie de código. Leda queria entender o que eles estavam dizendo, a que suas piadas se referiam. Tinha ficado observando um grupo de garotas em especial, iluminadas de confiança e autoestima, lideradas por uma loira alta chamada Avery Fuller, que parecia perfeita demais para ser real. E desejara desesperadamente ser uma delas.

Não demorou para que descobrisse que alguns dos alunos tomavam xenperheidrina – o remédio para ansiedade, o mesmo que a sua mãe tomava – para ajudá-los a estudar.

Pôr as mãos no remédio da mãe foi muito fácil. Os pais de Leda confiavam tanto nela que nunca haviam ativado a biossegurança das superfícies *touch screen* do novo apartamento. Naquela noite, Leda entrara de fininho no banheiro deles enquanto eles estavam assistindo a holos e apanhara a xenperheidrina da mãe no armário do banheiro. Colocou dois comprimidos na palma da mão e voltou ao corredor em questão de segundos. No dia seguinte, antes da aula, ela tomou um deles.

No mesmo instante o mundo se iluminou, tornou-se mais focado. Seu cérebro funcionava agora a toda velocidade, escavando sua memória distante em busca de fatos que ela tinha esquecido, observador e alerta para cada detalhe do mundo. Ela se sentiu mais confiante do que nunca na vida. Quando se aproximou de Avery na hora do almoço e pediu para sentar em sua mesa, Avery apenas sorriu e disse claro. Movida a xenperheidrina, Leda riu das piadas certas, disse exatamente o que devia dizer. E naquele momento soube que estava dentro.

Passou a tomar cada vez mais comprimidos ao longo dos anos seguintes, e eventualmente passou a comprar de um traficante chamado Ross, para que sua mãe não percebesse que estava roubando o remédio dela. Tentou espaçar o uso, tomar os comprimidos apenas antes de provas ou festas importantes – não precisava mais delas socialmente, agora que era amiga de Avery. Mas ela amava a Leda que o remédio trazia à tona. Aquela Leda era mais sagaz e inteligente, e mais perspicaz também, conseguia ler as nuances de uma situação e manipulá-las para seu benefício. *Aquela* Leda sabia como obter tudo o que queria.

Exceto, claro, Atlas.

Leda de repente se assustou, ao perceber que todos ao seu redor estavam se levantando, as cadeiras arrastando-se no chão, enquanto se dividiam em duplas de parceiros de laboratório. Virou-se para Avery, mas Avery estava de costas para Leda conversando com Sid Pinkelstein.

– Avery? – disse Leda, esticando o braço para dar um tapinha no ombro da amiga. – Você é minha dupla, né?

– Puxa, acabei de prometer a Sid que faria dupla com ele – desculpou-se Avery. Sid ficou ali parado, parecendo meio espantado com sua boa sorte. – Penúltimo ano,

vestibular e tal... eu preciso me dar muito bem nessa aula – acrescentou, depressa. – Desculpe.

Uau. Avery estava tão desesperada para evitar Leda que preferia fazer dupla com um cara que todo mundo sempre chamou de Sid Espinhentein?

– Tudo bem – disse Leda. – Risha? – Ela segurou o braço da outra garota e a arrastou, fumegando, até a bancada do laboratório.

– Aqui. – Risha abriu as instruções da aula em seu tablet. Seus olhos iam e vinham de Leda para Avery, que estava trabalhando com Sid a duas bancadas de distância. Leda, porém, já tinha começado a preparar as misturas, atirando pós e químicos numa tigela ao acaso e moendo tudo com um pilão.

– Então, de acordo com as instruções, não precisamos de magnésio... – disse Risha, cansada, abaixando os óculos no nariz.

– Ih, tarde demais – retrucou Leda. "Dane-se", pensou, meio louca. Com alguma sorte talvez conseguisse fabricar uma explosão.

RYLIN

NO SÁBADO À TARDE, Rylin entrou no quarto de Cord e fechou a porta rapidamente atrás de si. Estivera esperando o dia inteiro por aquela chance. Cord estava fora de casa desde que ela chegara naquela manhã – aliás, falando nisso, ele não ficara muito em casa a semana toda, embora ela não fizesse ideia de para onde ele ia todas as tardes. Talvez estivesse evitando-a depois daquele momento esquisito no degrau da casa, imaginou ela, mas depois se sentiu boba por pensar isso. Cord Anderton provavelmente jamais tomara nenhuma decisão baseado em uma garota, em toda a sua vida, que dirá em uma garota que trabalhava para ele.

Entretanto, mesmo que Cord não estivesse ali, Rylin não se sentira à vontade para colocar seu plano em ação antes de Brice sair do apartamento. Ele tinha ficado por ali de cara feia durante horas, olhando-a limpar, até que dez minutos atrás ele finalmente foi embora para "bombar no cárdio", seja lá o que isso significava. Ela estremeceu ao lembrar como tinha olhado para ela na saída, o modo como seus olhos tinham viajado pelo corpo dela e como ele lambera os lábios, como um lagarto. Não admira o quanto Cord era problemático, quando a única família de verdade que lhe restara era um cara de vinte e seis anos depravado que não fazia outra coisa da vida a não ser saltar de um playground caro para o outro.

No entanto, Rylin já tinha lidado com caras piores do que Brice; poderia aguentar mais um pouco. Na verdade, ela devia a ele – era a única razão de ela ter conseguido aquele trabalho durante a semana inteira. Estava começando a temer seu inevitável retorno à lanchonete da estação, com seus trens barulhentos e fluxo interminável de clientes irritados. Mas suas opções, na condição de uma garota de dezessete anos que abandonara a escola, eram meio limitadas.

Trabalhar na casa de Cord era uma mudança boa. O apartamento dele era fresco e silencioso, e ela podia fazer as coisas em seu próprio ritmo, sozinha com seus pensamentos, para variar. Cord também pagava melhor. E, se o plano dela funcionasse, ele poderia ser a solução para evitar que ela e Chrissa fossem despejadas.

Com o coração acelerado, Rylin se ajoelhou para abrir a gaveta de baixo da cômoda de Cord e apanhou três pacotinhos de Spokes individualmente embalados, o papel ceroso e grosso em suas mãos. "Cord não precisa disso tanto quanto eu", ela lembrou a si mesma. Ele já tinha tantos; não notaria se houvesse uns a menos. Além do mais, se o estoque dele acabasse, era só ir a um médico da sua longa lista e obter uma receita para

reabastecê-lo.

De repente a única coisa em que ela conseguia pensar era na cara de Cord assistindo àqueles antigos vídeos de família. Houve algo tão sincero, quase infantil, na expressão dele, normalmente tão cheia de ceticismo e sarcasmo. E ali estava ela, roubando medicamentos que tinham sido prescritos para ele logo depois do funeral de seus pais. Como sua mãe reagiria, se soubesse o que Rylin estava fazendo agora?

A porta se abriu.

Rylin deu um pulo, segurando os Spokes de um jeito culpado atrás das costas.

Cord estava ali.

– Oi – disse ele, parecendo intrigado. Rylin abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Ela sabia que só estava tornando tudo aquilo ainda mais suspeito, estar ali parada no meio do quarto dele sem nenhum material de limpeza, mas não tinha certeza do que dizer. Olhou como uma idiota para Cord, tentando ler as emoções que dançavam como relâmpagos pelo rosto dele. Se ele a pegasse roubando, ela não seria apenas demitida, poderia ser presa.

Rylin fez a única coisa em que podia pensar. Inclinou-se para a frente, com a mão ainda segurando as drogas com firmeza, e beijou-o. Sentia-se desesperada, em pânico, tão absolutamente aterrorizada quanto a vez em que ela seguira Hiral até o poço de um elevador e olhara para a impossível profundidade lá embaixo. Depois de um instante interminável, Cord retribuiu o beijo. Mas foi cauteloso, reservado, nada parecido com o modo como ele a beijara no fim de semana passado.

Quando eles se desvencilharam Rylin já tinha conseguido guardar os Spokes no bolso. Cord a observava, curioso. Sua silhueta de ombros largos parecia extrair todo o ar do quarto. Será que ele tinha notado? Ela se preparou para o pior, pronta para negar tudo, para fugir correndo...

– Você é meio estranha, sabia? Me dá um tapa em um fim de semana e me beija no outro.

– Sei lá, o que eu posso dizer? – O tom de Rylin era frívolo, mas seu coração continuava acelerado, em pânico. – Sou complicada.

– Pelo visto é mesmo. – Cord ficou olhando-a por mais um momento e depois enfiou a mão no bolso para apanhar algo. – Aproveitando, eu estava para te dar isso.

Rylin respirou fundo. Era uma instafoto da mãe dela, tirada no que parecia ser a estufa dos Anderton. Observou, hipnotizada, a imagem em movimento de sua mãe inclinar-se para cheirar uma amarílis cor-de-rosa que desabrochava, o seu sorriso cintilando.

– Como você... – sussurrou, lutando para conter as lágrimas repentinas.

– Foi minha mãe quem tirou. Ela estava sempre tirando retratos – respondeu Cord. – Eu me lembro de você dizendo que não tinha muitos de sua mãe. Topei com este e...

enfim, você devia ficar com ele.

– Eu adorei.

– Minha mãe tinha um monte de arquivos antigos. Você pode olhá-los se quiser. Quem sabe? Talvez encontre mais fotos da sua mãe. – A voz dele estava pesada, com uma emoção que ela não conseguia identificar.

– Obrigada. – Rylin caiu em silêncio, tocada.

Os dois ficaram ali parados, sem ter certeza do que dizer. Rylin se deu conta de que estava observando o arfar rápido do peito de Cord, a fileira de pontos na gola dele e a maciez bronzeada de seu peito embaixo. Voltou a si com um susto.

– Melhor eu ir, acho – murmurou, e deu um passo para passar por ele.

Cord assentiu, sem dizer nada. Simplesmente ficou olhando enquanto ela descia a escada e saía pela porta, segurando a foto com as duas mãos.

***

– Você não vai acreditar no que ganhei hoje! – anunciou Rylin quando entrou no apartamento.

– Mandado de prisão. Promoção. Um namorado novo!

Chrissa estava diante do fogão da cozinha delas, mexendo no botão para mudar o programa de grelhar para cozinhar a vapor. Abriu a gaveta de verduras e tirou de lá vários brócolis enormes, depois os atirou na superfície do fogão e os borrifou com um molho de mel e sriracha enlatado. O vapor fez seu cabelo se enrolar em vários cachinhos em torno do rosto.

– Quê? Não, nada disso – disse Rylin, animada demais para responder à cutucada em Hiral. Antes Chrissa gostava dele, mas desde que ele começara a traficar no ano passado ela deixou sua desaprovação abundantemente clara.

– Olha para isso! – exclamou Rylin, segurando a instafoto. Não tinha conseguido tirar os olhos da imagem durante todo o caminho até sua casa.

Chrissa virou-se, impaciente, e quase deixou cair a caixa de pedacinhos de queijo feta que estava segurando.

– Ah, Ry.

Ela se aproximou depressa para olhar melhor.

– Eu sei.

As duas ficaram olhando para a foto um instante, hipnotizadas.

– Ela está tão... *feliz*. Quase tinha me esquecido do quanto ela era linda, antes de... – Chrissa fungou. – Onde conseguiu isso?

– Cord que me deu.

Rylin se perguntou de repente como Cord teria encontrado aquilo. Ela e Chrissa

estavam procurando fotos de sua mãe há um ano, mas a maioria das que elas tinham eram fotos que Rose tirara das duas. Nas poucas em que ela aparecia, sempre tinha aparência de cansada. Era *assim* que Rylin se lembrava dela: rindo e feliz, os olhos verdes cintilantes, o rosto iluminado por uma luz interior.

Chrissa tinha começado a chorar. Não as lágrimas silenciosas que tinha chorado nos últimos dias da doença da sua mãe, quando ela estava sofrendo no quarto ao lado e elas não queriam que ela escutasse, mas sim soluços imensos que sacudiam seus ombros magros.

– Shhh – murmurou Rylin, puxando a irmã num abraço. Sentiu a dor de Chrissa como se fosse sua, e é claro que também era, sempre fora, desde que o pai delas as abandonara quando Chrissa ainda era muito pequena, e a mãe de Rylin começara a trabalhar o tempo inteiro. Mesmo naquela época tinha sido as duas contra o mundo.

– Eu sinto tanta saudade dela – sussurrou Chrissa.

– Eu sei. Eu também.

A porta da frente se abriu. Espantadas, as duas se viraram para olhar, mas era apenas Hiral.

– Ei, e aí, o que está rolando? – perguntou ele, mas parou quando viu que as duas estavam chorando. – Foi mal. O que aconteceu? Alguém morreu?

Rylin tentou perdoar a falta de jeito dele.

– Tudo bem – disse ela, sentindo Chrissa se irritar ao seu lado. – Eu ganhei isso hoje, Cord me deu. – Ela apontou para a instafoto sobre a mesa, a imagem em movimento de sua mãe rindo e cheirando a flor em uma alegre eternidade.

– Ah, que massa.

Chrissa apontou para um lugar na parede.

– Precisamos pendurá-la. Bem aqui, no meio da sala.

– Sim! – concordou Rylin, entusiasmada. Foi até o armário e remexeu nas gavetas até desenterrar um pacote de bolinhas adesivas. – Hiral, você alcança?

Ele encolheu os ombros, colou as bolinhas no verso da foto e depois colou-a, com um tapa, onde Chrissa indicou.

– Preciso pegar um ar – disse Chrissa de repente, e saiu. Rylin se perguntou se ela teria começado a chorar novamente.

– Tenho uma coisa para você, falando nisso – disse Rylin para Hiral, e tirou do bolso os Spokes.

Os olhos dele se arregalaram.

– Cê roubou esses do Anderton? Demais.

– Ele tem tantos que não vai dar falta destes – disse Rylin, sentindo-se subitamente incomodada. Esperava que estivesse certa quanto àquilo. – Acha que demora quanto tempo para vender esses para mim?

– Vou passar essas belezinhas pra frente o mais rápido que eu puder. – Hiral ergueu um dos Spokes contra a luz e analisou-o de vários ângulos, depois soltou um assovio. – A gente devia curtir um desses, antes de descarregar os outros.

– Não! – Rylin quase gritou. Respirou fundo para se acalmar.

– Preciso da grana. Aluguel atrasado.

– Ah, cê tá sempre com o aluguel atrasado – disse Hiral, sem se preocupar. – Vamos, esses Spokes são do Cord Anderton, deve ter umas coisas animais aqui! Quer dizer, o cara não é totalmente desequilibrado?

– Por quê? Porque os pais dele *morreram*?

Hiral corou de repente, um tom intenso de vermelho.

– Você sabe que não é isso. Só queria dizer que seria uma viagem e tanto! E depois... – A mão dele baixou mais na cintura dela.

– Tô falando sério – disse Rylin irritada, afastando-o para longe.

– Tá bem, tá bem. – Hiral atirou as mãos para cima, tentando rir da situação. – Você que arrumou esses, você que decide o que fazer com eles. Vou levar as belezinhas pro V quando fizer minha próxima entrega.

– Obrigada – disse Rylin baixinho.

– Quem sabe a gente não prova então um da próxima rodada. – Hiral enfiou os Spokes rapidamente no bolso.

Rylin franziu a testa.

– Não vai ter próxima rodada. Não vou mais roubar dele.

– Por que não? Você mesma disse que aquele otário nem vai perceber.

– Ele não é um otário. Ele me deu aquela foto – respondeu Rylin, embora não tivesse certeza de por que estava defendendo Cord Anderton. Por algum motivo, sua mente saltou para o beijo e ela corou de leve, esperando que seus pensamentos não estivessem estampados na sua cara.

– Beleza, então. – Hiral fez um gesto de que devia deixar para lá.

– O que deu em você? – perguntou Rylin com dureza, justamente quando Chrissa entrava em casa, de olhos vermelhos. Rylin trocou um olhar com sua irmã e depois voltou a olhar para Hiral, sem saber o que o tinha mordido. A menos que... ela olhou para a instafoto.

Estaria ele *com ciúme*?

– Nada. Desculpe. – Hiral passou a mão pelo seu rosto, e seus traços voltaram a assumir um ar de indiferença. – Vou entregar isso para V hoje à noite. Falando nisso, quer trocar de roupa? Acho melhor a gente ir.

Ah, é. Eles iriam para a festa de um dos amigos de Indigo. Mas era o primeiro sábado em um ano em que Rylin não se sentia desesperada para sair e ficar doidona. Sentia-se exausta e sentia saudade da irmã.

– Tudo bem – disse ela. – Tô meio cansada. Por que você não vai sem mim desta vez?

– O que você quiser, meu amor. – Hiral lhe deu um beijo rápido. – Vamos sentir sua falta. Te vejo amanhã?

Assim que a porta se fechou, Rylin virou-se para Chrissa.

– Então – disse ela, como se fosse a coisa mais normal do mundo ela ficar em casa – vou colocar uma calça de moletom e pôr a mesa. Tem algum vídeo legal que você estava a fim de assistir?

Sua irmã olhou para ela sem acreditar, depois de novo para a instafoto, e Rylin teve a impressão de que elas estavam fazendo a mesma coisa – rebobinando até o momento em que Hiral entrou. Depois de um instante, Chrissa sorriu.

– *Mais oui* – disse ela, com aquele sotaque francês terrível de que Rylin não percebera o quanto sentira falta. – O Café Paris está de portas abertas.

ERIS

ERIS SUBIU OS DEGRAUS do número 2704 na Alameda da Erva-de-são-cristóvão e abriu a porta de entrada o mais silenciosamente possível. A última coisa que ela queria naquele momento era que sua mãe a ouvisse chegando e tentasse puxar conversa. Eris mal tinha falado com ela a semana inteira. Seus sentimentos ainda estavam sensíveis e à flor da pele, como um hematoma que ela não parava de pressionar.

Quando a porta se abriu, Eris cobriu depressa a boca com a mão e tentou não vomitar. O apartamento estava de novo com aquele cheiro nojento de esgoto que de vez em quando vinha do andar de cima. Ela abriu completamente a porta, o que costumava ajudar um pouco na ventilação, e deixou um de seus saltos pretos na fresta para impedir que a porta se fechasse. Depois foi andando pelo apartamento inteiro borrifando seu perfume de jasmim, borrifando nos dutos de ar até seus olhos lacrimejarem. Agora pelo menos dava para respirar de novo.

Eris ouviu um barulho vindo do quarto da mãe e se aproximou um pouco mais: eram soluços abafados. Sentiu uma onda súbita de culpa e vergonha. Sua mãe tinha agido de forma tão otimista a semana toda, contando a Eris sobre entrevistas de empregos e tentando melhorar aquele apartamento horroroso da forma que podia. Caroline não havia chorado nem uma única vez na frente de Eris. Agora ali estava ela, obviamente aliviando sua tristeza só porque não percebera que Eris tinha chegado em casa.

Eris passou depressa pelo quarto. Odiava ver a mãe assim, mas ainda não estava preparada para entrar e abraçá-la. Ainda não a perdoara por tudo o que tinha acontecido. Era como seu pai – Everett, lembrou a si mesma – dissera: *Eu só preciso de um tempo, ok?*

Eris suspirou e abriu a geladeira. Não estava com fome; foi um gesto vazio e sem sentido, porque não sabia mais o que fazer. Pela primeira vez Eris não tinha planos para um sábado à noite. Ficaria ali, sozinha, num apartamento fedido enquanto todas as suas amigas faziam coisas fabulosas pelas quais ela não tinha mais dinheiro para pagar.

Pelo menos ela conseguira ir mais cedo para os andares superiores. Passara a tarde fazendo compras com Avery e as meninas – ela não comprou nada, mas estava desesperada para fugir da claustrofobia dos andares inferiores. Todas tinham saído para tomar sorvete depois, e Eris terminou gastando um pouco das suas reservas de bitbanco que rapidamente iam embora em um de limão-siciliano, só para não ser a única a não tomar nada. Ela teve de fazer força para não lamber o copinho cor-de-rosa biodegradável

ao terminar. Não dava para acreditar que antes comprasse esse tipo de coisa, desse duas colheradas e depois jogasse o resto fora sem nem pensar duas vezes.

Agora as meninas estavam indo jantar no Amuse-Bouche e de lá iriam para o novo *tiki bar* Painkiller. Eris tinha ouvido dizer que dentro do bar havia uma simulação de mar, onde o sol se punha repetidamente, a noite inteira, de quarenta em quarenta minutos. Na sua antiga vida, Eris estaria se arrumando para a noite. Deixou-se fantasiar brevemente a respeito, planejando o que iria vestir: sua frente única de tricô branca e a saia rodada com uma fenda do lado. E um enorme e caro hibisco no cabelo, que ela encomendaria especialmente da florista, mas valeria super a pena quando todas as garotas vissem a flor e se arrependessem de não ter tido a mesma ideia.

Todas ficaram chocadas quando ela disse que não podia ir ao programa.

– Tem certeza? – implorou Avery, e Eris quase confessou a verdade, ali mesmo. Mas sabia que assim que o fizesse tudo iria mudar, e ainda não estava preparada para lidar com isso. Nenhuma das meninas seria canalha, claro que não; mas se sentiriam estranhas e incomodadas perto dela, e os convites aos pouquinhos deixariam de aparecer. Ninguém desejaria que Eris se sentisse mal convidando-a para jantares caros ou aulas de yoga que ela não tinha condições de pagar. E ela precisava daquela pretensa normalidade. Era a única coisa que a mantinha estável naquele momento.

Então disse a todas que seus pais a estavam obrigando a jantar em família naquela noite. *Jantar em família, até parece.* Numa tentativa de serem legais, as meninas insistiram em acompanhá-la até em "casa", ou seja, ao Nuage. Eris terminou despedindo-se com um aceno e entrando no elevador, depois vagou pelos corredores dos andares de cima por quinze minutos até ter coragem de descer. Estava começando a ficar exaustivo, sustentar aquelas mentiras.

Começou a caminhar para seu quarto, mas parou ao ouvir uma comoção no corredor. As vozes vinham com clareza pela porta, que ainda estava aberta graças ao salto dela.

– Eu sei, eu sei, vou dizer para ela! – Parecia Mariel.

Eris olhou para fora e, dito e feito, ali estava Mariel, revirando os olhos enquanto fechava a porta de um apartamento.

– Vai sair? – perguntou Eris, sem pensar. Mariel estava usando um vestido justo com barra desigual, saltos altos vermelhos e uma bolsa compacta cromada.

– Vai ficar em casa? – respondeu Mariel.

– Acho que sim. Não tem muito o que se fazer por aqui, né?

Mariel ergueu uma sobrancelha.

– É, nossas festas não são todas à base de champanhe e musiquinha chata.

– Você tá indo para uma festa? – Eris não tinha certeza de por que estava fazendo aquilo, só sabia que não queria voltar a entrar em casa e ficar sozinha de novo.

Mariel a encarou por um instante sem acreditar.

– Quer vir?

– Quero – respondeu Eris num murmúrio, parecendo ridiculamente ansiosa.

Mariel caminhou em direção a Eris com os lábios apertados. Depois, em um único gesto dramático, arrancou todos os botões da camisa social de seda de Eris, revelando a combinação branca por baixo.

– Que é que você... – Eris recuou, mas Mariel estava rindo.

Para alguém tão brusca, sua risada era surpreendentemente suave, flutuando preguiçosamente para o alto como anéis de fumaça de alucigarro. Eris desejou ouvi-la de novo.

– Desculpe – disse Mariel, alegre. – Mas não é uma festa à fantasia, portanto você não pode ir como uma *bitch* toda arrumadinha da alta sociedade. Tome. – Ela arrancou uma das correntes compridas do seu pescoço e a entregou a Eris. – Isso aí vai ajudar.

– Valeu. – Eris olhou para sua roupa, jeans, sapatos anabela bege-claro e a combinação branca, que era curta demais para ser usada como blusinha. O colar chamava a atenção para seu decote e a deixava com um jeito meio vadia. Deixa para lá; não tinha a menor importância a aparência dela ali embaixo. E ela se sentiu um pouco melhor, apesar de tudo, ao saber da festa.

– Onde é? – Eris apressou o passo para alcançar Mariel, que já estava descendo o corredor.

– Já pegou o trem?

Tinha pegado só uma vez, em uma excursão da escola, mas Mariel não precisava saber disso. Eris se perguntou com certa agitação para onde estariam indo. Os trens levavam a lugares horríveis como Nova Jérsei e Queens. A galera dos andares superiores pegava helicópteros.

– Claro que já – disse ela, mais confiante do que de fato se sentia.

* * *

– Bem-vinda ao Brooklyn – anunciou Mariel quando elas finalmente desembarcaram. Elas começaram a andar por uma rua cheia de lojas, algumas teimosamente ainda abertas apesar da ausência de passantes, as luzes halógenas piscando fracas. Mariel sacou o seu tablet e começou a mandar mensagens de texto, com a testa franzida. Eris não disse nada.

Nunca estivera no Brooklyn antes. Costumava ser um bairro bastante popular, isso ela sabia, na época antes de a Torre ser construída – e deixar parte do bairro em sombras eternas. A subprefeitura do Brooklyn ainda estava envolvida em um litígio contra a construtora que projetara a Torre, mas ninguém achava que eles ganhariam. Enquanto nada acontecia, as pessoas foram abandonando a região ao longo dos últimos

vinte anos. Eris não tinha mais certeza de quem morava ali agora.

– Chegamos – disse Mariel, subindo uma escada que levava a um sobrado antigo de tijolinhos e antes majestoso. EMBARGADA: PROPRIEDADE DE FULLER GESTÃO DE PATRIMÔNIO estava escrito no aviso vermelho intenso pregado de um lado a outro da porta, que tinha sido selada e depois grosseiramente arrombada. Eris ouviu as batidas de uma música lá dentro. Deu uma risada amarga ao se dar conta da ironia de que estava indo a uma festa numa casa que era da propriedade do pai de Avery. Avery acharia aquilo engraçadíssimo. Pena que Eris nunca poderia lhe contar.

Mariel deu uma série de batidas na porta, que se abriu para dentro, revelando um cara grandalhão todo tatuado e de barba.

– E aí, por onde você andava? – perguntou ele, puxando-a em um abraço. – Minha mãe vive perguntando de você!

– Diga a sua mãe que logo mais eu dou um pulo – prometeu Mariel, e passou por ele. Eris tentou segui-la, mas o cara levantou o braço e bloqueou sua passagem.

– Trinta nanos – disse com firmeza.

– Oh... hã... – Talvez ela tivesse trinta nanos no seu bitbanc, mas não mais que isso.

– Ela está *comigo*, José! – gritou Mariel por cima do ombro.

– Foi mal. – José abaixou o braço. – Não sabia. Divirta-se.

Mariel enganchou o braço no de Eris e puxou-a consigo na direção do que parecia ser a sala, vazia de móveis mais cheia de adolescentes com roupas baratas e sorrisos largos. Havia bares montados nas duas extremidades da sala, e caixas de som em cada um dos quatro cantos, incluindo algumas flutuantes que seguiam as maiores aglomerações de pessoas. Para uma festa no Brooklyn, não era ruim.

– Aquele é meu primo José – explicou Mariel.

– A festa é dele? – Eris ainda não estava entendendo por que elas estavam numa festa em uma casa invadida.

– Pode-se dizer que sim. Esse é o bico dele, dar festas em lugares abandonados e casas fechadas no Brooklyn, e cobrar a entrada. Se quer saber, ele fatura uma grana bem ok assim.

– Ah. Bom, obrigada por me deixar entrar sem pagar – disse Eris, desajeitada. Odiava ficar em dívida com alguém, especialmente com aquela garota.

– Não me agradeça tanto assim – disse Mariel. – Agora você não vai poder paquerar ninguém daqui, porque eu disse ao José que estamos juntas.

– O quê? – Eris a encarou, ainda mais confusa.

– Foi mal – disse Mariel –, mas ele parou de me deixar trazer meus amigos de graça porque eu comecei a abusar. Agora ele só deixa entrar as pessoas com quem estou ficando. Imaginei que você estivesse com a grana curta nesse momento, por isso... – Deixou o resto da frase no ar, sem jeito.

– Valeu. – Eris não tinha ideia do que pensar disso. Olhou ao redor. – Quem são essas pessoas?

– Amigos da escola, do bairro. Talvez você conheça parte deles, aliás, alguns dos meus colegas de trabalho do Altitude estão aqui. – Mariel deu um sorrisinho maldoso.

Eris olhou em torno e percebeu que sim, na verdade reconhecia diversas pessoas. Aquela garota morena alta não era a instrutora de aula de balé fitness que ela tinha paquerado o verão passado?

– Preciso beber alguma coisa – avisou Eris, e rumou para o bar enquanto Mariel ria atrás dela.

A noite foi passando. Eris se apresentou a quase todo mundo; todos foram perfeitamente simpáticos, e todos pareciam conhecer Mariel, como se Mariel fosse a cola social que unisse aquele grupo. Mas algo inefável separava Eris dos outros, de risada fácil e grande energia. Talvez fosse a brasa ardente do ressentimento que ainda queimava em seu peito, ou talvez fosse apenas o fato de que ela vinha dos andares de cima – seja lá o que fosse, Eris sentia-se *à parte* de todos. Continuou bebendo, na esperança de que o álcool diminuísse a distância entre eles: bebeu até ela também conseguir rir facilmente, dançar sem se preocupar com nada. Era bom, flutuar por aquela casa abandonada sem dar a mínima para o que os outros estavam achando dela. Como precisara de uma noite assim!

Em algum momento descobriu a escada que levava ao telhado. Aquela casa era bastante baixa, só tinha quatro andares; ninguém na Torre consideraria aquilo uma grande vista. Eris inclinou-se sobre a mureta baixa de proteção e olhou para os vultos escuros das construções em torno. A luz caía em círculos dourados na rua ali embaixo. Dava para ver a sala de estar de uma outra casa, onde um casal estava sentado diante de uma mesinha, de mãos dadas sobre a comida. Eris desviou rapidamente os olhos, sentindo-se invasiva.

Do outro lado do rio assomava a gigantesca Torre. Ela deixou que seus olhos subissem, subissem, subissem sem parar, perguntando-se qual daquelas luzinhas brilhantes – qual pedacinho de céu – seria o de seu antigo apartamento no 985º andar. *Deixa eles pra lá*, disse a si mesma, com o ressentimento ainda queimando por dentro. Todos a haviam tratado muito mal – sua mãe, seu pai, até seu pai biológico, seja lá quem ele fosse. Não precisava deles. Não precisava de ninguém. Estava muito bem sozinha.

Eris inclinou a cabeça totalmente para trás, para enxergar uma altura ainda maior que a da Torre e olhar a imensa expansão do céu noturno. Lembrou-se de todas as noites em que entrara escondido no Parque Greenwich de mãos dadas com quem quer que estivesse saindo no momento, para olhar a vasta projeção holográfica de estrelas. Mas, por melhor que fosse a tecnologia holográfica, jamais poderia chegar perto disto aqui.

– Ah, você está aí. – Mariel apareceu no alto da escada. Trechos de música entraram

pela porta junto com ela. – Estou indo embora, se quiser vir...

– Não quero ir ainda. – Eris continuava olhando para a estrelas.

– Sério? Vai pegar o trem sozinha de madrugada? – provocou Mariel.

– *Tá bom.* – Ela soltou um suspiro dramático e virou-se, cambaleando de leve.

– Cuidado aí. – Mariel estendeu a mão para apoiar Eris, que estava balançando nas anabelas. – Beber até perder a noção não vai fazer as coisas melhorarem. Confie em mim, eu já tentei isso – disse, surpreendentemente sincera.

– Beleza. – Eris não estava ouvindo. Estava observando a espessura negra como carvão dos cílios de Mariel, o vermelho intenso cor de cereja de sua boca, a curva suave de seu pescoço, que ela sentiu vontade de traçar com o dedo. Então esticou a mão para fazer exatamente isso. Mariel ficou parada, sem ação.

Eris inclinou-se para beijá-la.

Ela tinha exatamente o gosto que Eris achou que teria – fumaça, rum e batom ceroso. Eris continuou segurando o pescoço de Mariel de leve com uma das mãos, gostando de sentir sua pulsação errática, e passou a outra em torno de sua cabeça.

Mariel se desvencilhou e deu um passo para trás.

– Eris! O que você tá... deixa para lá. Você está bêbada – disse ela, declarando o que era óbvio. – Você precisa ir para casa.

– Isso mesmo. Vamos para casa. – Eris começou a puxar Mariel escada abaixo, mas Mariel fez força contrária.

– Eris...

– *Vamos.* Quero ver todas as suas tatuagens – provocou, sem dó, embora não tivesse dado a mínima se Mariel a recusasse; àquela altura ela não se importava com mais nada. Mesmo assim, aquilo era divertido, aquela provocação, o rosto corado de Mariel e o beijo roubado. Eris adorava esses joguinhos. Era ótima neles. *Jogue com seus pontos fortes,* costumava dizer seu pai. Ela sempre imaginou que ele estivesse falando da beleza dela. Todos sabiam que era seu ponto mais forte.

Não. Ela não devia mais pensar em seu pai.

– Bom... tá bem – disse Mariel, depois riu. – Vamos. Afinal de contas, você está comigo.

Eris assentiu, sentindo-se intrépida, sem ligar a mínima para nada a não ser aquele momento.

***

A cabeça de Eris estava latejando. Ela tentou apanhar os lençóis que havia atirado para o pé da cama – e estacou, piscando ante aquela escuridão pouco familiar. O relógio cor de rosa-choque que avistou com o canto do olho lhe disse que eram 4:09 da madrugada.

Ao seu lado, ouviu o som de uma respiração silenciosa e constante.

Devagar, com cuidado, Eris virou-se. Mariel estava deitada ao lado dela, seu cabelo escuro espalhado pelo travesseiro branco e baixo.

Merda, merda, merda.

Eris ficou completamente imóvel, praticamente sem respirar, enquanto tentava se lembrar dos eventos da noite passada. Lembrava-se de tomar todos aqueles drinques baratos na festa, de beijar Mariel no telhado, de sair com ela na noite quente de verão, de voltar até ali, de ir para o quarto de Mariel...

Mariel mudou de posição em seu sono, e o coração de Eris deu um pulo, tomado de pânico súbito. Precisava dar o fora. Agindo o mais depressa que tinha coragem, deslizou para fora da cama e caçou suas roupas, que estavam espalhadas pelo chão. Abotoando o jeans com uma das mãos e segurando as anabelas com a outra, saiu descalça do quarto de Mariel. Hesitou um instante no corredor do apartamento deles, desorientada – não tinha prestado muita atenção quando elas entraram aos tropeções horas atrás. Mas então ouviu passos abafados e uma voz baixa e se pôs em ação. Não podia dar de cara com os pais de Mariel agora. Em puro pânico, segurou o que lhe parecia a maçaneta da porta de entrada e escapou para as luzes fluorescentes baratas da Alameda da Erva-de-são-cristóvão.

Segundos mais tarde, Eris já tinha se esgueirado pela distância de três casas que separava o apartamento de Mariel do seu e estava a salvo em seu quarto. Nem se deu ao trabalho de colocar o pijama, simplesmente enrodilhou-se na cama e fechou os olhos com força. Meu Deus, como sentia saudade de seu antigo apartamento. Sentia falta da sua antiga cama, com suas bordas macias arredondadas, seus travesseiros de aromaterapia e seu caro aparelho de Dreamweaver.

Aquela noite tinha sido um erro. Eris jogou a culpa nos drinques que tomou e em seu humor bizarro. Graças a Deus que pelo menos acordara naquele momento e se poupara de uma conversa esquisita de manhã. E graças a Deus também que nenhuma de suas amigas sabia o que ela tinha feito aquela noite.

Então ela tinha ficado com Mariel... meu Deus, qual era o sobrenome dela? Eris estremeceu. Bom, não tinha importância e isso não contava, pensou enquanto voltava a dormir, inquieta. Era como se nada daquilo tivesse acontecido.

AVERY

NAQUELA MESMA SEMANA, Avery estava parada no meio do seu closet, com saias, vestidos e blusas da temporada passada espalhados ao seu redor pelo chão como pilhas de folhas de cores vívidas.

– Mensagem para Leda – murmurou, compondo um flicker em seus contatos. – Faxina de alta costura! Vem? – Começou a virar a cabeça completamente para a direita, o gesto que ela programara para enviar mensagens, mas mudou de ideia e virou a cabeça para o outro lado, para salvar a mensagem como um rascunho. Não tinha certeza se queria ficar a sós com Leda agora.

Leda ainda não tinha falado nada sobre a distância crescente entre elas. Avery sabia que precisava se esforçar mais, mas tudo entre as duas nos últimos tempos parecera rígido e forçado. Não conseguia parar de pensar no que estava rolando entre Leda e Atlas. Teriam eles saído juntos de novo desde o encontro que ela conseguira sabotar? Teriam eles *se beijado*? Avery não podia perguntar nada a nenhum dos dois, portanto continuou se torturando imaginando os dois juntos. Era uma fonte constante de angústia.

Além disso, pensou injustamente, foi Leda quem começou tudo aquilo, agindo de um jeito estranho ao voltar das férias de verão – mentindo para Avery sobre onde estivera e escondendo seus sentimentos em relação a Atlas. E Leda não vinha fazendo lá um grande esforço para ficar bem com Avery, tampouco.

Avery suspirou e virou-se novamente na direção das roupas espalhadas pelo seu carpete azul-claro. Estava fazendo uma limpeza no closet antes do Dia Fashion, quando todos os melhores estilistas montariam butiques pela Torre para revelar as coleções da temporada seguinte. Àquela altura todos os estilistas já sabiam quem era Avery. Muitos a convidavam para seus vestiários montados em cones de invisibilidade, para que ela pudesse experimentar algumas peças que eles haviam trazido – o que era muito mais divertido do que simplesmente projetar roupas em um escaneamento corporal em 3D. Porém, também podia ser constrangedor: todo ano pelo menos um estilista proclamava que Avery era sua musa, que ela havia inspirado toda a sua coleção, e então ela se sentia na obrigação de comprar todas as peças, até Leda impedi-la com firmeza, puxando-a para a frente. Esse era o lado bom de fazer compras com Leda. Ela era a única pessoa, além de Atlas, em quem Avery poderia confiar quando lhe dizia não.

Em algum momento as duas tinham iniciado aquela tradição de limpar os armários

uma semana antes do Dia Fashion, para abrir espaço para as novas compras. Era sempre uma brincadeira divertida, experimentar as peças antigas e zombar das gafes de moda da outra, lembrando as aventuras passadas. Avery sentiu uma pontada de saudade. Sentia falta de como as coisas eram entre ela e Leda antes, na época em que tudo era fácil. Voltaria a acontecer, prometeu a si mesma; depois que as coisas entre Leda e Atlas esfriassem, com certeza.

Botou um vestido esvoaçante branco e amarelo, que usara no casamento de seu primo dois anos atrás, e deu um tapinha no espelho inteligente, modificando seu reflexo de modo que ele mostrasse um penteado com tranças preso no alto da cabeça em vez do seu cabelo de agora, comprido, ondulado e solto. Mas nem melhorando o penteado salvaria aquele look.

– Está ultrapassado – disse em voz alta, e pendurou o vestido no cabide automático, que transportou a peça até a cesta de doações.

Em seguida ela retirou um vestido cor de tangerina vibrante de Oscar de la Renta, com uma cauda comprida e um laço na lateral – do jantar de gala dos jovens membros do Whitney, se ela se lembrava bem. Estava lutando com o zíper quando ouviu uma batida à porta.

– Entra, mãe! – gritou, pensando ter ouvido a voz de sua mãe. – Me ajuda aqui com este zí...

Atlas entrou.

– Achei que você tivesse saído – gaguejou Avery, segurando o vestido contra o corpo, sem graça.

– Eu tinha – disse ele, simplesmente. Avery ficou imaginando se ele teria saído com Leda, mas não teve coragem de perguntar. – *Eu* posso ajudar você com esse zíper, se quiser – ofereceu ele.

Avery se virou, estremecendo ante aquele gesto íntimo. As mãos dele eram quentes onde ele roçou suas costas.

– Você está linda – disse Atlas quando ela se virou para ficar de frente para ele, a saia pesada arrastando-se pelo carpete. – Mas ainda precisa de alguma coisa.

– Como assim?

– Estava querendo te dar isso. – Atlas retirou um saquinho de veludo do bolso. Avery estendeu a mão para apanhá-lo, meio sem fôlego.

Dentro havia um colar que cintilava com gemas desconhecidas para ela. Pareciam diamantes negros, mas cada qual tinha um risco espiralado cor de laranja no meio, o que fez Avery se lembrar de brasas em combustão lenta.

– São vidro vulcânico do Kilimanjaro. Quando vi, me lembrei de você. – Atlas prendeu o colar em seu pescoço, levantando a cortina de cabelos loiros para isso. Suas mãos eram seguras, não se atrapalharam com o fecho, e Avery se perguntou se ele já

teria feito isso antes, com outras garotas. Seu coração se entristeceu um pouco.

Virou-se e olhou seu próprio reflexo. Atlas ainda estava atrás dela, sua silhueta alta e larga dominando a sua. Os olhos dos dois se encontraram no espelho no exato momento em que as mãos dele soltaram o fecho e foram repousar nos cantos do corpo. Avery sentiu vontade que ele segurasse seus ombros nus, sussurrasse em seu ouvido e beijasse a base de seu pescoço, onde haviam estado suas mãos.

Afastou-se rapidamente, fingindo que era para examinar melhor o colar.

Era mesmo lindo. Em geral Avery tinha sempre uma aparência iluminada e solar, mas as pedras escuras capturavam algo a mais nela, as sombras refletiam-se em seu rosto e ao longo da curva de sua clavícula.

– Obrigada – disse, e virou as costas. – Quando você esteve no Kilimanjaro?

– Em abril. Fiquei uns dias. Fui da África do Sul até a Tanzânia. Você teria adorado, Aves. A vista é ainda melhor que esta. – Ele apontou para as janelas que tomavam conta de duas das paredes do quarto dela, onde um pôr do sol cor de laranja intenso ardia na atmosfera.

– Mas por que você fez isso? Por que foi embora desse jeito? – sussurrou Avery. Tinha prometido a si mesma que não o pressionaria a respeito, mas não pôde mais se conter; estava farta de não falar do assunto, de fingir que nada de errado acontecia na sua família perfeita.

Ele olhou para o outro lado.

– Por vários motivos – disse. – Não quero falar sobre isso.

– Atlas... – Ela esticou a mão e segurou o braço dele, sentindo-se subitamente desesperada, como se pudesse flutuar para longe a menos que se ancorasse nele. – Promete que não vai mais fazer isso? Você não pode simplesmente sumir desse jeito, está bem? Fiquei preocupada.

Atlas olhou para ela um instante. Por um momento Avery achou que houvesse algo de alerta e desconfiado em seu olhar, mas aquilo desapareceu antes que ela pudesse ter mesmo certeza.

– Prometo – disse ele. – Desculpe por ter deixado você preocupada. Foi por isso que eu ficava ligando para você, para que pelo menos *você* soubesse que estava tudo bem – acrescentou ele.

– Eu sei. – "Mas *não está* tudo bem", pensou ela. Agora Leda gostava de Atlas e, naquele ínterim, Avery estava em uma posição impossível, amando-o mais do que nunca. Jamais imaginou que diria isso, mas quase sentia saudade dos dias em que ele estava do outro lado do mundo. Pelo menos então ele fora exclusivamente dela.

– Bem, vou deixar você continuar a arrumar seu armário. Parece que você tem bastante trabalho pela frente – disse ele, pressentindo a mudança sutil no humor dela, como sempre.

– Espere – disse Avery. Atlas parou na porta. – Hã... obrigada. Pelo colar – acrescentou ela, sem ter completa certeza de por que o havia parado, querendo apenas que ele se demorasse um pouco mais. – Significa muito saber que estava pensando em mim.

– Eu estou sempre pensando em você, Aves. – Atlas saiu e fechou a porta.

Avery levantou a mão para sentir o vidro frio em seu pescoço. O silêncio do quarto de repente parecia ensurdecedor. Ela precisava sair.

– Ping para Eris – disse em voz alta, mas Eris não atendeu. Avery mandou um flicker para a amiga, então, tirando o vestido tangerina, de que, é claro, agora ela não iria se desfazer, e vestindo um jeans branco e uma blusa azul-marinho. Fez menção de tirar o colar, mas hesitou, e deixou-o cair de novo em seu pescoço.

Por que Eris não estava atendendo? Avery sabia que a família dela estava fazendo uma reforma na casa, mas isso não explicava o modo como Eris andava ausente nos últimos tempos. E se ela fosse ao Nuage e a surpreendesse ali? Aliás, pensando bem, era uma ideia fantástica. As duas poderiam jantar no bar de sashimi do hotel ou então ir para a sauna; qualquer coisa que não a deixasse ficar sozinha naquele closet, pensando em Atlas.

Quinze minutos depois ela estava saindo do elevador no 940º andar e caminhando em direção ao lobby gigantesco do Nuage, o mais caro – e mais alto – hotel de luxo da Torre. Turistas e executivos estavam sentados nos sofás de veludo, que eram incrivelmente macios apesar dos polímeros de carbono entremeados em cada fio, que modificavam a cor dos sofás para reproduzir a cor do céu.

Pelos janelões do Nuage, Avery viu que o sol estava descendo no horizonte. Os sofás reproduziram aquilo: o mesmo tom profundo de azul-cobalto, riscado de vermelho cintilante.

Ela e Leda costumavam ir ali fazer vídeos do pôr do sol na época da oitava série, quando elas estavam na fase de desejar ser modelos. Usavam vestidos brancos e faziam pose nos sofás durante a meia hora em que eles mudavam de cor, depois aceleravam o vídeo para que ficasse com trinta segundos e postavam nas redes sociais. Era bobo, constrangedor e muito divertido.

Avery suspirou e foi até o balcão da recepção, uma grande peça de granito branco toscano suspenso no ar por poderosos micro-hovers.

– Posso ajudar? – perguntou o recepcionista, que usava camisa e calças brancas impecáveis. No crachá se lia *Pierre*, o que significava que provavelmente ele era apenas um garoto dos andares inferiores chamado Peter.

– Estou procurando Eris Dodd-Radson – disse Avery. – Ela está aqui com a família há mais ou menos uma semana.

– Sinto muito, mas por questões de privacidade não podemos fornecer o número do

quarto de nossos hóspedes.

– Claro. – Avery lhe deu seu sorriso mais encantador, o que ela reservava para situações exatamente como aquela, e viu que ele tremeu nas bases. – Eu entendo. Estava apenas pensando... será que você poderia ligar para o quarto deles e transmitir um recado? Ela é minha melhor amiga e faz um tempinho que não tenho notícias dela. Já estou ficando preocupada.

Pierre mordeu o lábio, depois começou a agitar o ar na sua frente, analisando uma tela holográfica que era visível apenas para ele.

– Não vejo nenhuma Eris Dodd-Radson em nosso sistema – disse ele. – Tem certeza de que ela está hospedada aqui?

– Está com os pais dela, Caroline Dodd e Everett Radson.

– Encontrei um Everett Radson...

– É ele! – interrompeu Avery. – Poderia ligar?

Pierre fez cara feia e olhou para ela de cima.

– O sr. Radson está hospedado sozinho. A senhorita deve ter se enganado quanto à sua amiga. Talvez ela esteja em outro hotel?

Avery fez uma pausa.

– Certo. Obrigada – disse, escondendo a sua confusão, e afastou-se dali.

Afundou em um dos sofás, cujos poucos raios laranja-avermelhados estavam rapidamente assumindo um tom azul-escuro, e pediu uma limonada pela *touch screen* à sua frente. Não queria voltar para casa ainda. Precisava de um tempo para pensar. A bebida chegou quase que instantaneamente, e Avery deu um longo gole, tentando imaginar por que Eris teria mentido quanto à reforma do apartamento, e por que seu pai estaria hospedado ali no Nuage sozinho.

O sr. Radson havia se divorciado duas vezes antes daquele casamento. Estaria fazendo o mesmo de novo, separando-se da mãe de Eris? E, se fosse o caso, onde estaria Eris?

– Bebendo sozinha? – Cord acomodou-se no sofá em frente e recostou-se nos estofados.

– É limonada – disse Avery, cansada.

– Que pena. – Ele sorriu, mostrando seus dentes brancos perfeitos. – Você antes era mais divertida, sabia, Fuller.

– E antes você era tolerável – respondeu Avery, embora os dois soubessem que ela não estava falando sério. – Veio aqui atrás da Eris também? – continuou, perguntando-se se ele não teria alguma informação sobre ela.

– Então você não sabe? Eris e eu não estamos... mais.

– Ah, eu... ela não me disse nada.

A preocupação de Avery aumentou ainda mais. Por que Eris não tinha ligado para

ela? Ela sempre procurava Avery depois de terminar com alguém, e então as duas reclamavam, tomavam sorvete e planejavam a próxima conquista de Eris.

Alguma coisa estava muito errada.

– O que aconteceu? – perguntou a Cord. Não estava exatamente surpresa por eles terem terminado, nenhum dos dois parecia muito envolvido, mas mesmo assim queria saber o que ele diria. Cord apenas deu de ombros e não respondeu nada. – Tem outra pessoa na jogada? – cutucou Avery, observando-o. Conhecia todos os jeitos de ele entregar a verdade.

– Não, a gente se cansou, só isso. – Ele mentia bem; Avery tinha de admitir pelo menos essa qualidade nele. Quem seria a nova garota?

– Vim procurar o Brice – continuou Cord. – Você o viu por aí?

– O Brice está na cidade? – Avery não gostava muito do irmão mais velho de Cord. Ela o culpava pela banca de canalha que Cord tentava botar ultimamente.

– Quem sabe? – Cord encolheu os ombros, mas Avery percebeu que ele estava incomodado. – Ele chegou no fim de semana passado, e todas as coisas dele ainda estão lá em casa, mas desde ontem ele não dá as caras no apartamento. Pensei em procurar em alguns lugares antes de começar a rastrear as últimas compras de seu extrato bancário.

– Tomara que você o encontre – disse Avery com sinceridade, embora estivesse muito mais preocupada com Eris. – Ei – acrescentou, percebendo que estava com fome –, tá a fim de comer umas batatas fritas com trufa? Ultimamente ando louca por elas. – Ela e Cord costumavam ir ali comer batatas fritas trufadas com Atlas às vezes de madrugada, depois de alguma festa. Era a melhor comida *trash* da Torre inteira.

Cord fez que não. Alguns fios do sofá atrás dele ainda tinham um tom vivo de carmim, produzindo um estranho efeito de halo.

– Tô sem fome. Mas você devia comer umas fritas sim, Avery. – Os olhos dele se abrandaram um pouco. – Você parece cansada.

– Nossa, valeu – disse ela, sarcasticamente, embora de certa maneira se sentisse grata de que pelo menos uma pessoa na sua vida não ficasse repetindo como ela estava linda.

– Estamos aí sempre que precisar. – Ele riu e foi embora.

Avery ficou ali sentada mais alguns minutos mandando mais pings para Eris, embora àquela altura já tivesse desistido de que ela atendesse, e terminou a limonada. O bar do hotel estava se enchendo diante de seus olhos, repleto de executivos conversando em voz baixa e de um grupo de mulheres que brindavam com taças de champanhe. Os olhos de Avery se atraíram para um casal: aquele parecia ser seu primeiro encontro, a linguagem corporal de ambos ainda era meio rígida, mas o interesse de um pelo outro era visível. A garota inclinou o corpo para a frente, como se quisesse pousar a mão no braço do garoto, mas não tivesse coragem. Por algum motivo tudo aquilo encheu Avery de tristeza e ela resolveu voltar para casa.

Na caixa de correspondência da cozinha de sua casa estava uma sacola marrom de papel típica de entregas. Avery olhou para a etiqueta de referência: será que Atlas tinha pedido alguma coisa? O pacote, contudo, estava endereçado a ela. Intrigada, abriu, e foi recebida pelo cheiro de gordura quente e trufada. *Cord.* Dito e feito, o recibo ali dentro continha o nome dele.

Ela mordeu uma das batatinhas, quente e crocante, frita em azeite de trufas, e deu um sorriso relutante. Que começo de segundo ano mais zoado, pensou, quando o único amigo com quem podia contar agora era Cord Anderton.

ERIS

ERIS FOI CAMINHANDO pelo corredor da escola, cumprimentando ou ignorando as pessoas de modo automático segundo a aparência de cada uma, mantendo a expressão tão fria, calma e inatingível quanto sempre. Por dentro, entretanto, ela estava a ponto de pirar.

Ainda não conseguia acreditar que tinha ido para a casa de Mariel no sábado. Tinha tentado agir como se nada daquilo tivesse acontecido, mas Mariel parecia não ter entendido. Mandara mensagens para Eris *duas vezes*, perguntando se ela tinha chegado bem em casa e depois mencionando alguma música que elas tinham ouvido naquela noite. Eris apagara as mensagens sem responder. Queria riscar tudo aquilo da sua vida e seguir em frente, e o quanto antes Mariel se tocasse disso, melhor.

Foi até a lanchonete e esperou na fila ainda em modo automático. No balcão de sucos pediu para o robô um smoothie de framboesa com manteiga de amêndoas, depois apanhou uma barrinha de proteína para mais tarde. Nos últimos tempos vinha tentando espremer tudo o que dava do seu plano de refeições na escola, uma vez que em casa agora ela e a mãe viviam basicamente de sanduíches baratos e tigelas de lámen. Eris não tinha ideia do que elas fariam quando a grana acabasse.

– Eris. – Avery começou a acompanhar a amiga em direção à mesa de sempre. – A gente precisa conversar.

– Oh-oh – brincou Eris. – Você vai terminar comigo? – Mas seu coração estava batendo alucinadamente; ela ouviu o tom solene na voz de Avery e teve a sensação, não sabia como, de que Avery descobrira tudo.

– Vamos ali, só nos duas – sugeriu Avery, e conduziu Eris para o pátio interno e sombreado da escola. Estar ali era tão parecido com estar ao ar livre; era praticamente real, com carvalhos de verdade plantados no chão e até mesmo uma rede pendurada entre duas das árvores, que ninguém usava. Elas se acomodaram sob o sol projetado e se sentaram com as duas pernas para o lado, as saias plissadas do uniforme escolar acumulando-se em torno da cintura.

Avery retirou uma minúscula caixinha de som cor-de-rosa da bolsa e acionou o silenciador, que utilizava uma tecnologia semelhante à do cone de invisibilidade, bloqueando todas as ondas de som num raio de dois metros. O mundo de repente ficou silencioso, como se elas tivessem enfiado a cabeça embaixo d'água.

– Ótimo – disse Avery, abrindo sua salada de couve e manga e acomodando-a em seu

colo. – Agora sim, podemos falar em particular. Eris, o que está acontecendo?

– Como assim? – perguntou Eris, inquieta.

– Eu fui ao Nuage ontem atrás de você. – O coração de Eris quase parou. Ela devia ter pensado em uma mentira melhor. – Quando cheguei, disseram que você não estava hospedada lá... mas que seu pai, sim. Sozinho.

– Certo. Bem, o negócio é... hmmm...

Avery olhou para ela, ansiosa. E Eris descobriu que não conseguiria mais aguentar. Caiu no choro.

Avery abraçou os ombros de Eris e deixou que ela chorasse.

– Ei, está tudo bem – murmurou. – Seja lá o que for, vai ficar tudo bem.

Eris afastou-se um pouco e fez que não, com as lágrimas correndo pelo seu rosto.

– Não, não vai – sussurrou ela.

– Seus pais estão se separando? – incitou Avery.

– É pior ainda. – Eris respirou fundo, trêmula, e depois disse tudo, aquilo que ela não suportava dizer em voz alta. – Acontece que o meu pai não é meu pai. – Pronto. Agora a verdade estava dita.

Devagar, enquanto elas comiam o almoço e recuperavam uma sensação de normalidade, Eris contou tudo a Avery – como ela tinha descoberto a verdade por causa do teste de DNA que tivera de fazer como parte do processo do fundo fiduciário. Como seu pai ficara arrasado, como ele mal conseguira olhar para ela, de tão traído que se sentira. Como ela e sua mãe haviam se mudado para o 103º andar e praticamente não tinham dinheiro. Como a antiga vida de Eris agora era coisa do passado.

Avery escutou em silêncio. Uma expressão de horror cintilou em seu rosto quando a amiga mencionou o 103º andar, mas ela a mascarou imediatamente.

– Sinto tanto – disse, quando Eris terminou.

Eris não respondeu. Não tinha mais palavras.

Avery retorceu uma lâmina de grama entre o polegar e o indicador, parecendo refletir com cuidado sobre alguma coisa.

– E seu pai biológico?

– Que tem *ele*? Tenho zero interesse nesse cara – disse Eris, na defensiva.

– Desculpe – disse Avery, recuando imediatamente. – Eu não queria... deixa para lá.

As duas ficaram em silêncio por um instante, até que a curiosidade de Eris superou sua posição defensiva.

– Você acha que eu devia tentar conhecê-lo ou algo do tipo?

– Ah, Eris. – Avery suspirou. – Você é que sabe. Eu só sei que, se fosse eu, eu iria querer saber quem ele é. Além disso, talvez ele esteja mais interessado em te ver do que seu pai... do que o Everett.

– Qualquer um deve estar mais interessado que ele – retrucou Eris, e por algum

motivo riu. Foi uma risada bizarra, meio irônica, meio amarga, mas Avery riu também. Depois, Eris sentiu-se um pouco melhor, o nó tenso em seu peito tinha se afrouxado um pouquinho.

– Então – perguntou Avery por fim –, o que eu posso fazer para ajudar?

– Não conte a ninguém. Não quero que eles... você sabe.

Sintam pena de mim.

– Claro. Mas, Eris, você pode dormir na minha casa quando quiser, pegar roupas emprestado, o que quiser. Ainda não estou acreditando nessa história – disse Avery, meio espantada. Eris apenas assentiu. – Espere – acrescentou ela –, e seu aniversário?

– Você quer dizer o motivo de eu estar nessa encrenca, para começo de conversa? Minha mãe e eu não falamos nada sobre isso. Acho que vamos ignorar meu aniversário este ano.

– De jeito nenhum. – O sinal tocou anunciando o fim do horário de almoço, e Avery levantou-se e estendeu a mão para ajudar Eris a se pôr de pé. Em seu pulso havia uma pulseira elegante de diamante, ao lado de um bracelete da Hermès, e suas unhas tinham sido recentemente pintadas. As unhas de Eris estavam lascadas e secas em comparação. Ela escondeu os dedos, fechando as mãos em punho. – Por favor, deixa eu fazer uma festa para você – dizia Avery. – Bubble Lounge, sábado à noite?

– Não posso deixar você fazer isso – protestou Eris, fracamente, mas seu coração saltou ao ouvir falar em festa e Avery viu a emoção em seus olhos.

– Vamos. Eu cuido de tudo – insistiu Avery. – Além disso, eu também estou precisando de uma distração nesse momento.

Eris não tinha certeza do que ela quis dizer com isso.

– Certo – cedeu. – Se você tem certeza... obrigada.

– Você faria o mesmo por mim.

Elas deram as costas para o pátio e entraram no corredor.

– Vamos comprar vestidos mais tarde? – continuou Avery, parando na porta de sua aula seguinte. – Por minha conta, óbvio.

– Avery, você já está fazendo tanto por mim, não posso... – protestou Eris, mas Avery a interrompeu.

– Eris, é para isso que servem os amigos – disse ela com firmeza, e entrou na sua sala enquanto o sino tocava.

Eris caminhou devagar pelos corredores, agora vazios, atrasada para a aula de cálculo, mas não dava a mínima. Há semanas seu coração não estava tão leve assim.

***

Naquela tarde, quando voltou para casa, Eris encontrou a mãe na sala, sentada de

pernas cruzadas sobre um mar de documentos escaneados, usando calças capri de tecido tecnológico e um suéter largo, a massa de seu cabelo loiro-avermelhado presa no alto da cabeça com uma piranha gigante. Em seu nariz, acomodavam-se óculos retrô. Parecia magra e cansada, quase da idade da filha. Eris lutou contra o impulso de abraçá-la.

– Por que está de óculos? – Eris não conseguiu reprimir a pergunta enquanto saltava uma pilha de papéis a caminho da cozinha. Os óculos pareciam bobos e fora de moda. E, além do mais, sua mãe não tinha feito cirurgia de olhos a laser tempos atrás?

– Costumava usar na faculdade e achei que poderiam me ajudar a me concentrar em todos esses formulários de emprego – disse Caroline, encolhendo os ombros com tristeza.

Ah, é; Eris sempre se esquecia de que a mãe fizera um ano de faculdade antes de abandonar os estudos e mudar-se para Nova York.

– E aí, o que vai querer jantar? – prosseguiu Caroline, o mais alegremente que pôde, do mesmo jeito como ela costumava falar quando elas tinham de decidir entre sushis caros ou pizza de trufas negras. – Estava pensando que de repente...

– Quem é meu pai biológico? – interrompeu Eris, meio surpresa de ouvir-se fazendo aquela pergunta, mas feliz de tê-la feito. Aquilo estivera em sua cabeça o tempo inteiro e aos poucos fora ganhando importância, desde que Avery tocara no assunto no almoço.

– Ah – murmurou Caroline, espantada. – Você não disse que não queria conhecê-lo?

– Não sei. Talvez.

A mãe de Eris analisou a filha, como se não tivesse certeza do que ela de fato queria dizer.

– Vou falar com ele então, contar-lhe tudo. Vou me esforçar ao máximo – prometeu ela.

Levou um instante para que Eris compreendesse o significado daquelas palavras.

– Está querendo dizer que ele nem *sabe* que eu existo?

– É tudo muito... complicado, sabe.

– Não, não sei *mesmo*!

– Eris...

– Você mentiu pra todo mundo! É por isso que eu preciso conhecer meu pai biológico! Porque preciso de pelo menos *um* pai ou mãe responsável na minha vida, e obviamente você é que não é!

A mãe dela estremeceu.

– Desculpe. – Sua voz saiu baixinha e rachada, mas Eris já estava andando na direção do seu quarto.

Não sabia ao certo por que aquilo a entristecia tanto, saber que o seu pai biológico nem sabia de sua existência. Mas, diante de tudo o que tinha acontecido – perder o pai, perder Cord, perder toda a sua vida –, aquilo parecia estar além do que ela podia

suportar.

Eris sentia-se como aqueles lixos atirados na rua que ela via as crianças chutando à toa. Indesejada e inútil, sem pertencer a ninguém.

WATT

OS PÉS DE WATT ecoavam pelo piso espesso de resina preta enquanto ele percorria a trilha de corrida que atravessava a floresta. Música eletrônica tocava a toda altura em suas antenorelhas. Fazia séculos que ele não ia ao Redwood Park. Pensando nisso, fazia séculos que ele não *corria*, a não ser que contassem as partidas de futebol que ele ocasionalmente jogava. Ultimamente andava mais ligado em boxe, mas, desde que conhecera Avery no Arena na semana anterior, passara a correr quase todos os dias. Para entrar em forma, dizia a si mesmo, embora não fosse nenhuma coincidência que estivesse na mesma trilha que Avery sempre postava nas redes sociais.

Não era do feitio de Watt se esforçar tanto por uma garota, mas ele não sabia mais o que fazer. Não conseguia parar de pensar em Avery; tinha feito pings para ela algumas vezes e, embora ela atendesse, a conversa nunca passava do amigável. Nem mesmo Nadia tinha certeza do que ele deveria dizer nessas conversas, o que só deixava Watt ainda mais intrigado. Ele lera os feeds de Avery a semana inteira – tarefa que em geral relegava a Nadia, mas nesse caso ele mesmo queria fazer. Avery era brilhante. Ele adorava ouvir tudo o que ela pensava, tentando compreender como sua mente funcionava.

Além de tudo isso havia sua beleza quase aterradora. Àquela altura Watt já sabia a história de Avery, que seus pais a haviam feito sob medida a partir da combinação do DNA deles. Ele estava louco se achava que tinha alguma chance. Que esperança um cara dos andares de baixo poderia ter com a garota mais linda da face da Terra – uma garota que literalmente vivia no topo do mundo? Provavelmente dúzias de caras estavam sempre convidando Avery para sair, todos eles mais altos e ricos que Watt.

Mas nenhum deles tinha Nadia.

Ele acelerou o ritmo enquanto as árvores iam se espaçando mais adiante, e a listra estreita da trilha dobrava-se ao longo da beirada de um enorme lago ilusório. A água não era de verdade, mas as árvores ao redor dele sim, cujas raízes entravam fundo nos níveis de terra abaixo e cujas copas estendiam-se bem acima de sua cabeça. Watt tomou fôlego, gostando de sentir como suas panturrilhas estavam ardendo. O ar estava repleto do odor de folhas frescas e secas. Não admira que Avery gostasse dali. O Redwood Park tecnicamente era aberto ao público, mas sua localização – escondido no 811º andar, numa linha local de elevadores – fazia com que a maioria das pessoas que o frequentava fossem os habitantes dos andares mais elevados.

Você sabe onde está o Atlas?, dizia uma mensagem que acabara de chegar em seus contatos.

Que bizarra e obcecada, comentou Watt para Nadia enquanto ela rastreava a localização de Atlas e a enviava a Leda. Mas ele não estava nem aí para a loucura da garota: foi graças a ela que ele pôde rechear sua conta-poupança para a faculdade com muitas centenas de NDs e comprar roupas novas para Zarah e Amir.

Não sei em que sentido o comportamento de Leda é diferente do seu.

Pelo menos eu não estou constantemente rastreando a Avery do jeito como ela faz com o Atlas, pensou Watt, irritado.

Posso rastreá-la para você, se você quiser, foi a resposta de Nadia.

Watt de repente sentiu vergonha. Nadia tinha razão; ele devia desistir e voltar para casa.

Foi então que ele a viu.

Ela estava correndo na direção oposta da trilha, vestida com uma camiseta verde-limão e calças de corrida com estampa camuflada. Mesmo correndo ela era de certa maneira elegante, o cabelo caindo sobre um dos ombros.

Só quando ela estava a uns dois metros de distância é que piscou, reconhecendo-o.

– Oi – disse ela, sem fôlego, e desacelerou o ritmo para uma caminhada. – Watt, né?

Ele sentiu um desânimo momentâneo ao perceber que ela não estivera pensando no encontro deles no Arena da mesma maneira que ele. E estava na cara que os flickers também não tinham causado grande impressão nela. Talvez ele tivesse mesmo razão e ela estivesse conversando com um monte de caras ao mesmo tempo. Bem, pensou, afastando a dúvida que ameaçava tomar conta dele, ele precisaria ser muito mais memorável então.

– Avery. – Ele se virou e começou a acompanhar o ritmo dela. – Não sabia que você corria por aqui. Está treinando para alguma prova? – Uma pergunta razoável; era um trajeto bastante longo aquele. Watt lembrou-se pelos feeds que ela tinha disputado uma meia maratona nos últimos dois anos.

– No momento não. É que eu amo correr aqui. – Ela fez um gesto que englobava todas as árvores verdes cintilantes, o ar frio que tinha um cheiro intenso de madeira, a luz dançando nas águas artificiais. Naquele ponto, bem no meio do parque, as suas paredes não eram visíveis. – É legal como dá para correr quilômetros sem ver ninguém, sabe? – disse ela, depois pareceu se dar conta do que acabara de dizer. – Exceto a minha companhia de agora, claro.

– Imagina, eu sei o que você quer dizer – concordou Watt. – Difícil crer que estamos dentro da Torre, né?

Avery sorriu.

– E você, está treinando para alguma coisa?

– Ah, só para o meu próximo jogo dos Feiticeiros – disse Watt, em tom de brincadeira. – E...

– Quer disputar uma corrida?

– O quê?

Mas Avery já estava seguindo pela trilha a toda velocidade. Depois de um milésimo de segundo de hesitação, Watt foi atrás dela, subitamente agradecido por todas aquelas partidas de futebol. Avery era muito rápida. Ele se perguntou se no DNA dos pais não haveria um gene de alta performance muscular.

Finalmente ela desacelerou até parar na trilha que levava ao elevador, onde havia um pequeno bebedouro disfarçado de toco de árvore.

– Ah, valeu. – Ela deu um sorriso largo e espalhou a água no rosto. Algumas gotas escorreram pela curva de seu pescoço e pela frente de sua camisa. – Faz um tempo que eu não fazia isso!

– Idem – disse Watt, com sinceridade.

Os olhos dela se dilataram; estava olhando algo em seus contatos, provavelmente um flicker que acabara de chegar. *É agora ou nunca*, Nadia o apressou.

– Hmmm... Avery? – começou ele, e imediatamente se xingou por ter dito aquilo em tom de pergunta. – Quer fazer alguma coisa este fim de semana?

– Ah, nossa. Vou dar uma festa enorme de aniversário para minha amiga Eris este fim de semana – respondeu Avery, puxando a perna atrás do corpo para alongá-la. Por um instante, Watt pensou que estava sendo completamente dispensado. Mas então...

– Quer vir?

Watt tentou esconder a empolgação.

– Puxa, claro. Quer dizer, seria ótimo.

– Legal. Vai ser lá no Bubble Lounge, no sábado à noite. – Avery inclinou-se para dar um último gole no bebedouro e depois virou-se para seguir na direção oposta. – Te vejo lá então.

– Pode apostar – disse Watt, observando-a sumir por entre as árvores.

RYLIN

RYLIN ESTAVA A POSTOS atrás do balcão da lanchonete da estação de trem, sem saber que a muitos quilômetros de altura toda a galera da alta sociedade estava agitadíssima se preparando para a festança de dezoito anos de Eris Dodd-Radson, que Avery Fuller daria naquela noite. Porém, mesmo que Rylin viesse a saber disso, aqueles nomes não significariam nada para ela. A única coisa que ela sabia é que era cedo demais para estar acordada numa manhã de sábado.

Entretanto, ali estava ela, trabalhando num emprego que parecia ainda pior do que antes. Se é que isso é possível.

Rylin tinha trabalhado para Cord Anderton a semana inteira. Não tinha mais roubado nenhum de seus Spokes desde aquele dia em que ele quase a apanhara com a boca na botija e que eles se beijaram – coisa em que ela precisava parar de ficar pensando. Apesar disso, toda manhã ela ligara para a estação de trem para dizer que estava doente e rumara para cima, até a casa dos Anderton. Dizia a Chrissa e Hiral que era pelo dinheiro, graças ao qual ela conseguira pagar os aluguéis atrasados e evitar que as duas fossem despejadas. Hiral ainda não conseguira vender os Spokes, segundo disse. Ela não estava nem aí, na verdade: meio que se arrependia de tê-los roubado.

Se ela fosse sincera consigo mesma, entretanto, não era apenas pelo dinheiro que ela estava indo trabalhar para Cord. Ele também fazia parte do motivo. Algo havia mudado entre eles, algo que não era dito, confuso, e Rylin queria saber o que era. Ele agora voltava mais cedo à tarde e sempre conversava com ela por alguns minutos antes de ela ir embora, perguntando sobre sua família, sobre o emprego no trem, por que ela tinha abandonado a escola. Comprou mais Gummy Buddy e os deixou em cima do balcão da cozinha. Uma vez ela o pegou cochilando no sofá da sala com um sorriso saudoso nos lábios, o mesmo sorriso que ela vira quando o apanhou assistindo aos holovídeos da sua família. Somente quando Brice estava por perto é que Cord agia diferente, mais durão. "Tomara que ele vá embora logo", Rylin pegou-se pensando; mas obviamente isso não tinha importância, porque quando Brice fosse embora ela também teria de ir.

Então ontem Buza, o seu patrão no trem, telefonara para Rylin recusando-se a aceitar que ela faltasse mais uma vez por motivo de doença, não importando o que dizia sua varinha médica.

– Ou você se interna num hospital ou vem trabalhar – disse ele irritado, e desligou o telefone. Rylin enviara uma mensagem para Cord avisando que não iria mais à casa

dele, e sentiu-se surpreendentemente desapontada.

Agora lá estava ela, de volta à realidade fedida e deprimente. Era melhor assim, porém, garantiu a si mesma. Melhor abandonar o serviço agora, que ela ainda tinha um emprego de verdade, do que ser demitida assim que Brice fosse embora e ficar sem trabalho.

– Myers! Faz cara de gente viva! – disse Buza quando passou por ela. Rylin trincou os dentes e não disse nada. Um trem estava acabando de chegar à estação e ela se permitiu olhar pela janela, para a parede do outro lado. Depois endireitou os ombros e se preparou para o corre-corre típico das manhãs de sábado.

Odiava os fins de semana, quando basicamente só havia turistas. Pelo menos os trabalhadores dos dias úteis sempre sabiam o que queriam, faziam seus pedidos depressa, adiantavam a fila e de vez em quando até lhe davam gorjeta, pois a conheciam e a veriam novamente. Os turistas hesitavam ao fazer os pedidos, faziam milhares de perguntas e nunca davam gorjeta.

Dito e feito, o primeiro grupo a se aproximar dela ao sair do trem lotado era uma família que usava moletons iguais onde se lia I ♥ NYC e se via a silhueta da Torre. As duas crianças brigavam pelo único *muffin* de banana com nozes que a mãe concordara em comprar, enquanto ela infernizava a vida de Rylin, orientando nos mínimos detalhes a quantidade exata de espuma que desejava em seu cappuccino.

Os clientes seguintes foram tão ruins quanto. Às vezes Rylin se perguntava se as pessoas esqueciam que ela era uma pessoa e não um robô. Cord certa vez perguntou por que o emprego dela existia, por que eles simplesmente não tinham robôs em cada estação de trem, do mesmo modo que acontecia nas estações de elevadores dos andares mais altos.

– Porque eu sou mais barata que um robô – disse a ele, e era verdade.

Depois de entregar um pacotinho de maçãs secas para um senhor idoso, ela se virou para atender o cliente seguinte, prestes a perguntar o que ele desejava. Mas, quando viu quem estava ali, ficou sem fala.

– Confesso, nunca estive aqui antes – disse Cord, que estava ali no balcão como se fosse a coisa mais normal do mundo. – O que você recomenda?

– Você tá cansado de saber que tudo aqui é uma bosta – soltou Rylin, sem mal se tocar do que estava dizendo. Não conseguia acreditar que Cord soubesse como *ir* a uma estação de trem, muito menos que ele se lembrasse de em qual delas Rylin trabalhava.

– É, foi o que me disseram. – Os olhos de Cord cintilaram, alegres. – Mas estou tentando conversar com a garota que trabalha aqui, e, se isso significa que preciso comprar alguma bosta, então beleza.

– Myers! – gritou Buza dos fundos da lanchonete, onde estava detonando um pacote de salgadinho sabor bacon. – Para de namorar!

Rylin mordeu o lábio para não responder. Virou-se de novo para Cord, com um aperto na garganta.

– Parece que é melhor a gente se apressar. O que vai ser? – perguntou ela, ainda sem saber por que ele tinha ido até ali.

– O que demorar mais para fazer – respondeu Cord, olhando para Buza, que franziu o cenho.

Rylin começou a preparar um frapê de avelã, atirando ingredientes em um liquidificador e ligando-o na velocidade mais alta para produzir o máximo de barulho.

– Quer dizer que é aqui que a mágica acontece – disse Cord, sob o ruído do liquidificador, inclinando o corpo para trás.

– Cord, por que você veio aqui? – perguntou ela, sem rodeios.

– Você acreditaria se eu dissesse que senti saudade da sua faxina?

– O que aconteceu com seu antigo serviço de limpeza?

– Ah, elas não são tão legais quanto você.

– Cord...

– Tá a fim de meter o pé daqui?

– Achei que Brice iria embora. – Ela tirou o copo do liquidificador e despejou o líquido cremoso em um copo de isopor estampado com um *smiley* amarelo horroroso.

– Não estava falando da faxina – esclareceu. – Vou embarcar numa aventura e quero que venha comigo.

– Não sei. – A fila atrás de Cord estava começando a ficar impaciente. – Quinze NDs – disse Rylin, e entregou a ele o frapê de avelã.

– Se você vier, prometo beber essa mistureba horrível que você está me obrigando a comprar – disse Cord, olhando no scanner de retina e assentindo para confirmar o pagamento.

– Myers! – berrou Buza. – Mais depressa aí no balcão!

Foi a gota d'água. Com o sangue fervendo, Rylin virou as costas e ficou na frente da porta, com a mão no quadril.

– Quer saber de uma coisa? – disse ela. – Não estou legal. Acho que voltei a trabalhar antes do tempo. Provavelmente porque meu chefe me intimou e me disse que, se eu não voltasse, ia me demitir – respondeu ela, com raiva.

Ele olhou para cima, com pó de salgadinho de bacon espalhado em seu lábio superior.

– Se você sair agora, vou te despedir mesmo! – ameaçou ele.

Rylin arrancou seu crachá com um gesto dramático.

– Adeusinho, então – disse, e atirou-o no chão.

– Vamos dar o fora daqui – disse ela a Cord enquanto se apressava pela entrada dos funcionários, rindo ao pensar em Buza enfrentando aquela multidão de clientes raivosos sozinho.

“Meu Deus, isso foi ótimo!” Ela estava fantasiando sobre pedir as contas desde o seu primeiro dia de trabalho ali. Sabia que no dia seguinte arrancaria os cabelos ao pensar nisso, uma vez que precisava começar a procurar outro emprego, mas naquele momento era profundamente satisfatório.

– Vou virar, hein? – disse Cord, e deu um gole imenso da gororoba gelada e xaropenta. Engasgou, mas conseguiu engolir. Rylin não parava de rir, de um jeito meio histérico.

– Para onde vamos? – perguntou ela, entrando junto com Cord no trem que levava de volta à Torre.

– Estava pensando em jantar – disse ele. – Está com fome?

Rylin olhou para ele, de testa franzida, mas pela primeira vez na vida ele parecia estar falando sério.

– São dez da manhã – observou.

– Não aonde estamos indo.

Rylin não conseguiu entender direito até eles desembarcarem na Grand Central, o grande hub de transportes que se espalhava por seis andares em um enorme pedaço do lado leste da Torre. Deixou que Cord a conduzisse para baixo pela escadaria de mármore icônica que tinha sido escavada da Grand Central original. Eles passaram pelas linhas de trem e pelas plataformas de elevadores e seguiram até a região mais afastada da estação.

– Espere – disse ela, devagar, quando entendeu. – Você não... eu não...

– Tarde demais, nosso trem já está partindo – disse Cord, puxando-a consigo pela plataforma do Hyperloop e entrando em um vagão curvo em forma de bala de revólver, onde, no luminoso acima, se lia PARIS GARE D’OUEST. Rylin o seguiu, chocada demais para protestar. O interior do vagão consistia em quatro pares de assentos. As poltronas extragrandes tinham um tom profundo de púrpura e cada qual contava com suas próprias paredes silenciadoras para garantir a intimidade.

“Um-A e Um-B, são as nossas”, disse Cord, encontrando a fileira deles.

Rylin parou no corredor.

– Cord, não posso aceitar isso. É demais. – Ela não tinha certeza de quanto custava uma passagem em um Hyperloop de primeira classe, mas tinha a impressão de que era melhor não saber.

– Você é que sabe. – Cord afundou no assento da janela. – Se não quiser vir, não venha. Eu estou indo a Paris de qualquer jeito. Mas decida logo – acrescentou, quando a contagem regressiva se iniciou nos alto-falantes –, porque em noventa segundos esse trem estará no fundo do oceano Atlântico a caminho da Europa, a mil e duzentos quilômetros por hora.

Rylin virou-se na direção do vestíbulo, preparada para saltar na plataforma e riscar aquele dia maluco do seu calendário, talvez até voltar à lanchonete de Buza e implorar

pelo seu emprego de volta. Mas algo a impediu. Observou, com os olhos grudados na tela, a contagem se reduzir a menos de um minuto. Depois voltou até a primeira fileira, decidida.

– Troca de lugar comigo.

– Você tá ligada que não tem vista nenhuma pela janela, a não ser das laterais do túnel – disse Cord, mas já estava desafivelando seu cinto de segurança magnético e movendo-se para o assento do corredor.

– Não tô nem aí pro túnel. Só quero ver Paris no primeiro momento que puder – respondeu Rylin, e se acomodou no assento enquanto o trem começava a acelerar.

As três horas de trem passaram mais rápido do que Rylin imaginara. Cord pediu croissants e café com leite para os dois, e ela assistiu a um velho filme francês em 2D que não entendeu muito bem, sobre um homem de narigão que se apaixona por uma mulher morena.

– Você pode assistir em inglês se quiser – sussurrou Cord, mas ela simplesmente o empurrou de brincadeira. Gostava da sonoridade do francês em seus ouvidos, doce e suave. O som parecia o gosto de mel.

Quando eles saíram do túnel para a superfície novamente e começaram a acelerar pelos campos da França, Rylin pressionou o rosto no vidro, bebendo cada detalhe. Nada daquilo parecia real ainda. "Queria que mamãe pudesse ver isso", era o que ela não parava de pensar. Ela também não ia acreditar.

– Para onde agora? – perguntou Cord quando finalmente saíram do trem e passaram pela fila de escaneamento biométrico dos turistas, que cruzavam suas retinas com a dos perfis digitais em seus passaportes antes de deixá-los passar. O sol do fim da tarde derramava-se em gloriosas poças douradas sobre as ruas de aparência antiga.

– A Torre Eiffel – disse Rylin automaticamente, segurando seu colar.

– De uma torre para outra. Entendi tudo – provocou Cord, mas tinha reparado no gesto dela.

As ruas parisienses nunca tinham sido escavadas e ladeadas com as peças magnéticas necessárias para manter os hovercrafts no ar, portanto eles entraram em um autotáxi e começaram a seguir pelas curiosas e antigas ruas de paralelepípedos na direção da Torre Eiffel.

Chegaram quase na hora em que estavam encerrando as visitas para subir os degraus. No final, Rylin estava correndo como uma criança, ofegando quando alcançou a plataforma superior. O crepúsculo tinha se acomodado nas ruas de Paris lá embaixo, fazendo tudo parecer encantado.

– É como você esperava? – perguntou Cord, aproximando-se por trás dela.

Rylin se lembrou dos capacetes de realidade virtual da biblioteca da escola, de todas as tardes que passara esperando na fila só para poder fazer a simulação da Torre Eiffel

de novo. Tinha feito aquilo tantas vezes que àquela altura conhecia tudo de cor. Rylin segurou a grade, desgastada por séculos de mãos, e inalou profundamente, soltando o ar pela boca para conseguir sentir o gosto do ar parisiense frio.

– É muito melhor. É... lindo – sussurrou, observando os últimos raios de sol dourando a cúpula branca da Sacré-Coeur. As ruas abaixo eram um movimento constante de homens e mulheres e autocarros elétricos que apitavam, tudo alegremente barulhento e desorganizado, nada como a impiedosa eficiência das ruas na Torre.

– É mesmo – disse Cord, mas ele estava olhando para ela.

Eles vagaram pela estrutura de ferro forjado até o horário de encerramento, às seis da tarde, em seguida caminharam ao longo do rio em direção ao Quartier Saint-Germain-des-Prés. Passaram por dezenas de pequenas padarias que cheiravam a cobertura doce e açúcar, e Rylin a todo momento tentava parar, insistindo que eles comprassem éclairs para Chrissa.

– Tem uma padaria melhor que essas – dizia Cord, conduzindo-a através do labirinto de ruelas de paralelepípedos.

Por fim chegaram até uma porta azul comum em uma esquina. Rylin ficou sem fala quando entraram. Era um lugarzinho pequeno, ricamente decorado com espelhos antigos requintados e papel de parede folheado a ouro.

– *Bonsoir, monsieur, mademoiselle* – cumprimentou o maître de luvas brancas. – Sejam bem-vindos ao Café Paris.

Rylin olhou com curiosidade para Cord.

– Como você sabia?

– Você me contou, lembra?

Eles seguiram o maître até o salão de jantar, iluminado por centenas de velas que flutuavam em castiçais de metal que pairavam graças a micro hovercrafts invisíveis. A luz fraca se refletia em pratos de ouro, em taças de champanhe de cristal, e nas joias cintilantes no pulso e no pescoço dos outros clientes. No canto, um violino ricamente decorado com filetes tocava-se sozinho. Rylin sabia que o movimento era apenas para criar efeito, que a música era transmitida por pequenas caixas de som de alta frequência espalhadas pelo ambiente, mas ainda assim era algo mágico de se assistir.

"Talvez um pouco mágico demais", ela pensou com seu cérebro racional.

Ela percebeu então, sentindo-se boba de repente, que estava tarde e ela estava do outro lado do mundo com um garoto que ela não conhecia direito. Começou mentalmente a somar tudo o que tinha acontecido hoje, e sentiu-se um pouco incomodada. O que ele esperava dela, em troca?

– Cord. Por que você está fazendo tudo isso?

– Porque eu quero. Porque eu posso. – Ele pediu uma garrafa de champanhe e começou a servir uma taça, mas Rylin recusou-se a ser distraída. Estava se lembrando de

que, quando ela conheceu Brice, ele disse que o gosto de Cord estava melhorando, que ela era “melhor do que a última”.

– Se você acha que vou dormir com você por causa de tudo isso, você está completamente enganado.

Ela pegou seu guardanapo, cujos fios inteligentes haviam mudado de cor para combinar com o tom exato de lavanda de seu jeans, e começou a se levantar.

– Nossa, Rylin, espero que você não pense isso – disse Cord, e ela voltou a sentar-se, um pouco apaziguada. Ele deu um sorriso. – Eu prometo que, se um dia você for para a cama comigo, não será por causa de “tudo isso” – repetiu as palavras dela, fazendo um gesto com ambas as mãos para indicar o restaurante, Paris, tudo –, mas porque você não vai conseguir resistir aos meus encantos. Por causa da minha beleza devastadora e da minha inteligência esmagadora.

– Certo – disse Rylin, sem expressão. – É isso, sua inteligência é o que me ganha sempre.

– Se eu ficar muito saidinho, por favor, me dê uma bofetada.

Rylin soltou uma gargalhada.

– Se eu fizer uma pergunta, você responde honestamente? – A voz de Cord parecia casual como sempre, mas ela sentiu que havia um propósito real ali.

– Só se você responder a minha também.

– Justo. – Cord inclinou-se sobre os cotovelos. Ele enrolou as mangas da camisa, como se desafiasse a solenidade em torno, revelando os pelos escuros de seus antebraços. – O que você mais quer na vida?

– Ser feliz – disse Rylin sem pensar.

– Essa resposta não vale. Claro que você quer ser feliz. Todo mundo quer ser feliz. – Cord fez um gesto de desprezo. – Talvez uma pergunta melhor seja: o que a faz feliz?

Rylin girou a taça de champanhe, ganhando tempo. De repente, não tinha certeza do que a fazia mais feliz.

– Com o que você sonha? – tentou Cord de novo, vendo a hesitação dela.

– Isso é fácil. Minha mãe.

– Que ela está viva de novo?

– Sim.

Cord acenou com a cabeça.

– Eu tenho esse sonho também – disse ele calmamente, com uma seriedade que ela nunca havia visto.

– Minha vez. – Rylin queria fugir desse tipo de conversa. Eles estavam em Paris, afinal. – Aonde você vai quando mata aula? – perguntou, genuinamente interessada.

– Como você sabe que eu mato aula? – perguntou Cord bruscamente.

– Eu presto atenção. Vamos, é minha vez de fazer perguntas, lembra?

Cord balançou a cabeça, rindo um pouco baixinho.

– Desculpe, eu não posso responder a essa. Pergunte outra coisa.

Rylin ainda estava curiosa, mas deixou para lá.

– O que você teria feito se eu não tivesse vindo hoje?

– Claro que você vinha. Por que lidar com coisas hipotéticas?

– Mas e se eu não tivesse vindo? – insistiu.

– Eu teria tentado devolver as passagens, provavelmente. Ou eu poderia ter vindo sozinho, nunca se sabe. Alguém tem que comprar os éclairs para Chrissa.

– Você não é tão canalha como você finge ser – observou Rylin.

– E você não é tão durona quanto finge ser. Além disso – falou Cord, com um sorrisinho –, minha canalhice fingida te fez vir até aqui, não foi?

– *Paris* me fez vir até aqui – corrigiu Rylin, e Cord riu.

– Bem, então, a Paris. – Ele levantou o copo.

– A Paris – repetiu Rylin suavemente. Eles brindaram à luz de velas, e ela se perguntou o que exatamente pensava estar fazendo. Mas não conseguiu sentir nem um pingo de arrependimento.

* * *

Duas horas mais tarde, cheios de batatas apimentadas e um inacreditável bife de origem animal – não aquela carne de laboratório, mas um bife de verdade, de uma vaca de verdade que tinha vivido e comido grama e morrido –, Rylin e Cord começaram a caminhar de volta para a estação de trem.

Em algum momento se deram as mãos, os dedos entrelaçados, Cord deslizando o polegar, de leve, sobre a parte de trás do pulso dela, fazendo Rylin se arrepiar de alto a baixo. Ela sabia que devia afastar-se, mas não o fez.

– Ah! É a ponte dos cadeados! – exclamou ao ver a Pont des Arts, que havia sido restaurada anos atrás com os mesmos compostos de carbono ultra-resistentes empregados na Torre. A luz da lua lançava um brilho prateado nos cadeados presos ao longo de toda a ponte, onde incontáveis amantes tinham trancado seus corações e jogado a chave no rio. O céu estendia-se infinitamente acima da cabeça deles, desobstruído por quaisquer edifícios altos. O rio rodopiava lá embaixo.

Rylin parou no meio da ponte e se virou, de braços estendidos. Esperava, tardiamente, que não estivesse sendo romântica demais ao trazer Cord até ali. Mas claro que estava. Esta era a ponte dos amantes.

Como esperava, Cord se aproximou para segurar seus ombros.

Os braços de Rylin caíram ao lado do corpo enquanto ela se virava devagar para encará-lo. *Você pode parar isso*, lembrou a si mesma, mas não parou, não podia parar, ou

talvez simplesmente não quisesse. Rylin tinha a sensação de estar em uma espécie de transe, a impressão de que o tempo tinha parado e o mundo inteiro estava segurando a respiração.

Os lábios de Cord nos dela pareciam fogo. Sem pensar duas vezes ela se levantou na ponta dos pés e retribuiu o beijo, agarrando-se firmemente aos ombros dele como se fossem a única coisa sólida em um mundo vertiginoso. Ela sabia que isso estava errado, mas Hiral parecia tão longe, como alguém de outra vida.

Rylin não sabia ao certo quanto tempo ficaram ali, entrelaçados na ponte dos amantes em Paris. Por fim, Cord se afastou. O cabelo dele estava bagunçado e ele estava sorrindo, e ainda não tinha soltado a mão dela.

– Agora – disse ele – vamos comprar aqueles éclairs para Chrissa, antes de perdermos o último trem de volta.

Um respingo soou na água atrás deles, quando outro casal atirou uma chave pela ponte para dentro da noite.

WATT

ESTAVA ESCURO DENTRO do Bubble Lounge.

Watt caminhou lentamente, tentando olhar ao redor sem dar bandeira de que nunca tinha estado ali antes. O espaço era enorme, com paredes bege e um bar com balcão preto laqueado onde atendentes pálidos e magros serviam bebidas. A luz negra acima refletia pontos fosforescentes: nos guardanapos, no glitter na maioria dos braços e rosto das meninas, até mesmo em suas unhas pintadas com cores fosforescentes. Porém o mais impressionante eram as dezenas de bolhas de néon brilhantes, cada qual mais ou menos do tamanho de um prato, que flutuavam ao redor da sala ao nível dos olhos. Daí o nome Bubble Lounge, percebeu Watt. Pensou que o lugar seria um bar de champanhe, mas isso só demonstrava quão pouco ele conhecia dos andares superiores da Torre.

– Canudo? – murmurou uma garçonete, segurando um prato com canudos brancos, cada um com cerca de meio metro de comprimento. Watt olhou em torno e viu que todos os clientes tinham um. As pessoas usavam o canudo para beber das várias bolhas, que aparentemente serviam de tigelas de coquetéis comunitários.

– Hum, obrigado – murmurou, apanhando um canudo e segurando-o de lado. *Você não pesquisou este lugar, Nadia?*

Eu não sabia que você precisava de ajuda para descobrir como beber álcool, dada a quantidade de vezes que você já fez isso antes.

Watt a ignorou. Entrou mais fundo na multidão, procurando a silhueta alta e loira de Avery. Mas antes de vê-la, ele encontrou outro rosto familiar.

– Atlas – disse ele com um sorriso, aproximando-se do irmão de Avery, que estava sob uma bolha de cor âmbar. – Há quanto tempo.

Se você soubesse o quanto participa dos meus pensamentos recentemente, graças à sua ex maluca – ou seja lá o que ela é.

Atlas franziu o cenho, claramente lutando para se lembrar de Watt, que estendeu a mão.

– Watt Bakradi. Nos conhecemos na festa de barco do Carter Hafner no ano passado – mentiu.

– Watt, claro. Desculpe. – Atlas apertou a mão dele com simpatia. – Aquele dia foi meio que um borrão na minha vida, para ser honesto – acrescentou, pesarosamente.

– Nem me fale – Watt se lamentou. – Qual era aquele bar de rum onde a gente terminou indo parar? Onde Carter caiu no tanque de peixes?

– Ed's Chowder Shack! – exclamou Atlas, rindo. – Tinha me esquecido disso! Que dia. – Ele levantou o canudo e tomou um gole da bolha âmbar. – Este é de uísque e *ginger ale*, falando nisso – ofereceu ele. – Provavelmente a única coisa que você vai querer tomar por aqui. Implorei a Avery que pedisse para servirem isso; as bolhas azuis são de bebida atômica com refri, e as cor-de-rosa são champanhe.

– Meu pai sempre disse para não beber álcool com canudinho, porque não tem como parecer viril fazendo isso. – Era mesmo verdade. Ele riu ao pensar no que Rashid Bakradi diria se pudesse ver Watt aqui agora, ao lado de um bilionário, bebendo uísque de uma bolha flutuante. – Mas dane-se. Quando em Roma, certo? – Ele tomou um longo gole.

– Eu concordo com seu pai. Parecemos dois ridículos – concordou Atlas com uma risada. – Mas as meninas adoram este lugar, então temos de vir para cá.

Watt assentiu.

– Então – disse, depois que Atlas tomou outro gole. – Ouvi dizer que você não estava aqui este ano. Viajando, certo?

Sentiu que Atlas se enrijeceu um pouco, e a conversa fácil entre eles sumiu.

– Eu precisava de algum tempo – foi tudo o que ele disse. – Já tinha terminado os meus créditos do ensino médio, então podia me formar.

– Para onde você foi? Algum lugar que vale a pena recomendar? – arriscou Watt.

– Toneladas de lugares. Na Europa, na Ásia, fui pra todos os lados. – Não quis dizer mais nada. "Desculpe, Leda. Eu tentei", pensou Watt, murmurando um tchau e se aprofundando na festa. Atlas era tão chato e introspectivo quanto toda a espionagem de Watt o fizera imaginar que fosse.

Ele viu primeiro Eris, a amiga de Avery e Leda, no centro de um grupo de pessoas, com um vestido de couro preto que abraçava suas curvas. Ele a reconheceu graças a todas as fotos que tinha visto dela e Avery juntas. Seu cabelo longo derramava-se sobre os ombros nus, e seus olhos, pesadamente maquiados, brilhavam dourados sob aquela luz, como os de um gato. Ela era deslumbrante, com certeza, de um jeito direto, na cara. Se fosse qualquer outra noite ele talvez tentasse puxar papo com ela. Mas então Avery virou-se e o viu, e todas as pessoas perderam o brilho em comparação.

– Watt. – O rosto dela abriu-se naquele sorriso incrivelmente perfeito. – Estou tão feliz que você conseguiu vir.

– Você está dando uma festa daquelas!

– Este é o lugar favorito de Eris – ofereceu como explicação.

– Você não gostaria de fazer seu próprio aniversário aqui também?

– Ah, eu sempre tento fazer algo um pouco menos... – Avery deixou a frase no ar e olhou para o lado.

– Com menos bebidas flutuantes que brilham no escuro? Com menos animais de

estimação torturados? – Watt fez um gesto na direção dos sapatos de Monica Salih, em cujos calcanhares havia caravelas fosforescentes vivas. Avery riu e sacudiu a cabeça.

– Apenas... *menos* – disse ela. – Eu gosto de aniversários com uns poucos amigos, uma comida deliciosa, talvez uma viagem para fora da cidade. Sem olhar nossas lentes nem uma única vez o dia inteiro.

– Sério? – Watt não deveria se sentir surpreso, porém, depois do que ela havia dito no Redwood Park no outro dia. – Para onde você iria?

– Algum lugar na natureza.

– Você não tem um jardim em seu apartamento? – Ele estremeceu assim que disse aquilo; ele não deveria saber disso. – Eu só imaginei que você tivesse, só isso – tentou consertar, mas Avery não tinha notado a gafe.

– Sim, mas é difícil fazer algumas plantas crescerem lá no alto. Muitas plantas precisam de raízes profundas – suspirou ela, um pouco melancólica. – Fui para Florença no meu aniversário, neste verão – prosseguiu, embora, claro, Watt já soubesse que seu aniversário era 7 de julho. – Alguns amigos e eu alugamos barcos e fomos para o lago, e não fizemos absolutamente nada o dia todo. Eu adoro isso... não fazer nada. Aqui parece que estamos sempre tentando fazer coisas demais.

– Parece ter sido um ótimo aniversário – disse Watt, olhando para ela cheio de curiosidade. Quanto mais conversava com Avery, mais complicada ela parecia. Ambos tinham dezessete anos, entretanto às vezes parecia que era muito mais velha, como se já tivesse ido a toda parte, visto tudo e estivesse de saco cheio de tudo. Então ela pegou uma bolha cor-de-rosa, rindo alegre, e de repente pareceu ser jovem de novo.

– Você alguma vez já... – Avery começou a perguntar, e Watt sabia antes mesmo de Nadia lhe dizer que ela ia perguntar se ele já tinha ido a Florença.

– Conta mais sobre seu curso – disse ele, esquivando-se da pergunta. Avery tomou um gole de champanhe e começou a falar de suas aulas, do pensionato engraçado onde ela ficou, do longo caminho que tinha de fazer para ir para a aula todos os dias, passando por uma lojinha de bagel brega estilo nova-iorquino que sempre a fazia rir. Watt adorava ouvir a conversa de Avery. Nossa, ele provavelmente ficaria escutando-a falar mesmo que ela estivesse apenas lendo o dicionário em voz alta.

A conversa fluiu facilmente entre eles. Watt foi cuidadoso com o que disse, sem tecnicamente contar mentiras sobre si mesmo, mas fazendo suficientes referências a nomes e incidentes da vida real para que Avery não questionasse sua presença em seu mundo. Ele tentou ao máximo manter a conversa focada nela. E, graças a Nadia, estava fazendo todas as perguntas certas, específicas o suficiente para parecer perspicaz sem ser muito específico. Toda vez que Avery sorria, ele comemorava, sentia uma pequena alegria. Ele estava se superando.

E então, de repente, ela ficou pálida ao ver algo na multidão. Watt virou-se para olhar

para trás, perguntando-se o que teria conseguido perturbá-la, mas é claro que tudo que ele viu foi um aglomerado de pessoas.

– A propósito, você conhece a Ming? – disse Avery, e uma menina com cabelo escuro no comprimento dos ombros e um sorriso vermelho profundo avançou. – Ming também adora esse programa – prosseguiu, e Watt lembrou-se de que eles estavam falando sobre alguma série em holograma que ele nunca tinha visto; só mencionara porque sabia que Avery acompanhava. – Ming, este é Watt. – Avery deixou os dois sozinhos com um passo para o lado e um sorriso gracioso. – Desculpem, preciso checar uma coisa. Volto já – prometeu, embora, naturalmente, ela não fosse voltar e os três soubessem disso.

– Olá, Watt. Então, onde você está... – começou Ming.

– Com licença – interrompeu Watt, indo em direção à entrada. Precisava de um momento para pensar, para limpar a cabeça e descobrir o que tinha acontecido para bagunçar seu lance com Avery.

Ela não estava desinteressada. Ele sabia disso com certeza. Se não gostasse dele, teria encerrado a conversa muito mais cedo. Ela falou com ele por vinte minutos, pelo menos, praticamente uma eternidade em uma festa como essa. Tinha rido de suas piadas, estava genuinamente envolvida, até que algo – ou alguém – a perturbara. Talvez um amigo, ele imaginava, ou algo a ver com o planejamento da festa. "Ou outro cara", pensou uma parte cínica dele.

Watt encostou-se na parede, observando as bolhas brilhantes moverem-se lentamente pela sala como dirigíveis alcoólicos. Normalmente ele teria desistido naquele momento, considerado aquilo caso encerrado e passado para a próxima.

O problema é que ele não queria passar para a próxima. Não queria falar com outras meninas, não mais.

Você realmente gosta dela, comentou Nadia quando ele ficou em silêncio por um tempo.

É, talvez. Os olhos de Watt ainda estavam colados em Avery enquanto ela se movia através da balada lotada, um farol dourado brilhante.

LEDA

LEDA VAGAVA PELOS CANTOS do Bubble Lounge segurando seu canudo branco ridículo com tanta força que ele deixou uma marca em sua mão. A festa estava maravilhosa – ela não esperava nada menos de Avery – e sabia que estava incrível em seu vestido novo de um ombro só. Mesmo assim se sentia perturbada. Isso foi fazendo com que ela sentisse vontade de beber, apesar de ter jurado não tomar nada esta noite, promessa que ela tinha conseguido manter. Até então.

Ela viu Avery e Eris caminhando juntas em direção ao centro do salão, e foi momentaneamente atingida pela velha e familiar inveja. Avery, claro, era absolutamente perfeita, mas Leda estava com inveja de Eris também, que de alguma maneira conseguia ficar ali com seu vestido de couro curtíssimo parecendo a rainha do mundo. Estava no modo como ela se movimentava, na confiança fácil da sua postura, no desprezo que ecoava atrás de seus comandos. Leda preferiria morrer a admitir, mas na sétima série ela tentou emular os movimentos de Eris diante do espelho. Nunca conseguiu.

Ela pensou em se juntar a elas, mas decidiu que era melhor não. A estranha hostilidade de Avery estava mesmo incômoda.

E por que não tinha visto o Atlas ainda naquela noite? Leda ainda não sabia o que estava acontecendo entre eles. Quando seus planos de saírem juntos acabaram virando um jogo de RA em grupo, ela ficou com medo de que ele não estivesse muito interessado. Mas eles estavam trocando flickers o tempo todo desde então – sobre coisas bobas, a escola, sua série de holografia preferida, *Mike Drop*, e se valia a pena ir aos jogos do time de hóquei disputados fora da cidade naquela temporada. Leda sentiu que alguns dos flickers pareciam paqueras, mas já haviam se passado quase duas semanas desde o encontro no Altitude Grill, e Atlas ainda não tinha dado nenhum passo. O que ele estava esperando?

Ela olhou uma bolha âmbar flutuando preguiçosamente nas proximidades. Um golinho não faria nenhum mal, certo? Ela se permitiu um longo gole, saboreando como o uísque enviava um calor agradável por todo o seu corpo, até seus dedos do pé dobrados nos saltos altos prateados.

O grupo à sua frente mudou de posição, e ela avistou Atlas do outro lado da sala.

Sem pensar, Leda foi até lá.

– Oi – disse, animada pelo sorriso que se espalhou pelo rosto dele quando a viu. – Como está indo a festa para você até agora?

– Ah, sabe como é. – Ele gesticulou englobando a sala, os convidados amontoados, as bolhas efervescentes. – É tudo muito...

– Muito Eris? – sugeriu Leda, e Atlas riu.

– Exatamente.

– E eu ouvi falar do seu novo emprego – acrescentou ela, torcendo para não parecer muito conversa fiada.

– Sim. Está sendo ótimo até agora. – Atlas tinha começado a trabalhar em uma das empresas do pai e adiara sua matrícula na Colúmbia para o próximo outono. Ele encolheu os ombros. – Estou pensando seriamente em tentar outras universidades, também, já que eu tenho tempo.

– Você quer sair de Nova York? De novo?

Quanto mais conhecia Atlas, Leda pensou, menos o entendia de verdade.

– Há outros lugares no mundo além de Nova York – disse Atlas.

– Certo, e só porque você viajou ao redor do mundo e passou uma semana em cada um deles, agora você é um especialista – respondeu Leda, meio de provocação.

Para sua surpresa, Atlas riu.

– Você está certa, eu não sou um especialista. Como se diz por aí, quanto mais você vê, menos você conhece.

Leda nunca tinha ouvido essa expressão. Ela estava cansada de tentar adivinhar o que Atlas queria dizer, o que ele queria.

– Você é confuso – disse ela com franqueza.

– Você também.

Leda observou Atlas tomar um gole de sua bolha âmbar. A música pareceu repentinamente mais rápida, no mesmo ritmo da batida frenética do coração dela.

Ela não aguentava mais. Impulsivamente, como tinha feito nos Andes, ela se inclinou e o beijou.

Ele retribuiu o beijo. Leda aproximou-se, entrelaçando os dedos em seu cabelo. Todos os seus nervos de repente estavam acesos. Oxitocina pura estalava em suas veias. *Finalmente*.

Mas depois de um momento eles se separaram. Leda o olhou para ver qual seria sua reação... mas quem ela viu foi *Avery*. Sua amiga estava ali a apenas um metro de distância. Parecia pálida, as sobrancelhas arqueadas de nojo e horror.

Leda piscou os olhos e deu um passo à frente, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Avery tinha virado as costas e sumido no meio da multidão.

ERIS

PELA PRIMEIRA VEZ em semanas, a vida de Eris estava correndo como devia.

Foi uma festa incrível. Avery tinha se superado em cada detalhe, desde o telão com fotos projetadas na sala lateral até os canudos personalizados onde se lia FELIZ ANIVERSÁRIO, ERIS! em letrinhas fosforescentes minúsculas. Eris nunca tinha visto a Bubble Lounge tão lotada. Todo mundo que importava estava aqui: conversando, bebendo, comemorando seu aniversário.

A única coisa que a incomodava um pouco era a ausência de Cord. Ela não esperava que eles ficassem naquela noite nem nada assim, mas achou que ele viria, como um amigo. As festas eram sempre mais divertidas quando Cord estava lá. Ela considerou brevemente mandar um flicker para ele, mas, depois do jeito como eles terminaram as coisas, ela não tinha certeza se queria.

Outra parte dela, uma partezinha boba, se perguntava se ela devia ter convidado Mariel. Não que quisesse ficar com ela novamente, mas Mariel tinha sido legal com ela quando ninguém mais tinha sido, e Eris se sentia mal de pensar que poderia tê-la magoado.

Pare com isso, disse a si mesma, afastando decididamente aquelas lembranças, deixando-as de lado. Esta era sua festa e nada poderia arruiná-la.

– Eris?

Ela se virou e ficou um pouco surpresa ao ver Leda aproximar-se sozinha, sem Avery. Não que não gostasse de Leda, exatamente. Elas só nunca tiveram muito assunto. Eris sempre tinha a impressão de que Leda dizia uma coisa e queria dizer outra, como se estivesse secretamente se divertindo às custas de todo mundo. Até os elogios dela pareciam de dois gumes.

Mas, agora, Leda parecia sincera, quase esperançosa.

– Feliz aniversário! Que festa incrível! – exclamou.

– Obrigada. O crédito é de Avery, entretanto – disse Eris, arriscando um sorriso confuso.

– Eu estava pensando se... – Leda respirou fundo, hesitante. – Quero dizer, eu queria te perguntar, Avery disse alguma coisa sobre...

– Eris! – Ming estava abrindo caminho entre as pessoas em direção a ela, um sorriso estranho brincando na boca, pintada de um vermelho profundo chocante. – Avery está procurando por você no quarto reservado.

Eris começou a se virar, mas Leda continuou parada na sua frente.

– Você quer... – começou ela a perguntar, mas Leda fez que não, com uma expressão ilegível em seus olhos.

– Está tudo bem – disse Leda. – Vá ser a rainha da festa.

Eris assentiu e a empolgação tremulava através dela enquanto ela acompanhava Ming. Podia sentir os olhares de todos ali seguindo seus movimentos, os murmúrios deles comentando a festa, admirando seu vestido. Ela olhou mais uma vez para Ming, que estava caminhando com firmeza ao seu lado. Ela sempre achou a outra menina irritante, a maneira como ela sorria fingido para ela e Avery, copiando tudo o que faziam. Mas a conversa com Leda a colocara em um humor estranhamente generoso.

– Esse vestido ficou ótimo em você – disse ela, acenando para o vestido dourado de lantejoulas de Ming.

– Hmm. – Ming aceitou o elogio sem muita reação.

– Você está se divertindo na festa? – Eris tentou de novo, um pouco irritada.

– Claro. E você? – Quando Eris assentiu, Ming sorriu de novo. – Bem, será uma noite cheia de surpresas – disse ela misteriosamente.

– Eu sabia que Avery tinha uma carta na manga! – exclamou Eris quando elas viraram a esquina. Ficou sem ar com o que viu. Flutuando no centro da sala havia um palco decorado com *glitter* rosa apoiando um bolo de vários andares, da altura de Eris. Avery, Risha e Jess já estavam no meio da plataforma. Quando o palco passou lentamente por Eris e Ming, Avery inclinou-se e as duas meninas subiram para ficar ao lado dela.

“Não estou acreditando!” Eris riu, encantada com o segredo da sua melhor amiga.

Avery apenas sorriu e a puxou para um abraço.

– Você merece – disse ela, e empurrou Eris em direção ao centro enquanto o palco flutuava mais para o alto, erguendo-se acima da cabeça de todos e flutuando em direção ao salão principal.

A música que tocava pelas caixas de som se interrompeu. Tudo caiu em silêncio, e as pessoas olharam cheias de expectativa para Eris. Ela pensou que seu rosto iria partir de tanto sorrir.

– Obrigada a todos por terem vindo – disse ela ao microfone, e todos urraram em comemoração. Ela esperou a comoção diminuir, adorando aquilo. – E obrigada a Avery, por ter planejando tudo isso.

Avery deu um passo à frente, sua voz amplificada pelo salão.

– Feliz aniversário, Eris! – exclamou ela.

– Pós-festa mais tarde! – interrompeu Ming, vindo para a frente. Ela olhou fixamente para Eris. – Mas não na sua casa, suponho, certo?

Avery recuperou-se primeiro.

– Eris não vai oferecer uma pós-festa, mas talvez eu possa...

– É, faz sentido. Eu imaginei que Eris não poderia mesmo fazer isso, dado que seu pai está pensando em vender o apartamento. Minha mãe é a corretora que ficou encarregada de fazer a avaliação – insistiu Ming. Ela se voltou para Eris, com um olhar inocente. – Acho que vocês não estão fazendo reforma nenhuma, como você tinha falado, não é?

Eris entendeu com um súbito sentimento de pavor o que estava acontecendo.

Era por causa de Cord, do comentário sarcástico que ela tinha feito antes da aula de yoga na semana passada, de todas as outras microagressões infinitas que ela devia ter infligido em Ming. De certa maneira, ela tinha cavado a sua própria cova.

– Hã, bem, nós pensamos em fazer isso, mas então...

– Eu queria organizar um pós-festa para você no Nuage – prosseguiu Ming, implacável –, mas, quando procurei o serviço de eventos especiais deles, fui informada que você não está hospedada lá. – Alguns murmúrios levantaram-se da multidão. Eris sentiu seu rosto ficar vermelho. – Onde você está morando, hein, Eris?

– Bom, estamos de mudança e...

– *Parabéns para você!* – interrompeu Avery, fazendo um gesto para o alto para acender as velas, que se acenderam com chamas cor-de-rosa. A canção continuou, mas meio desanimada. Eris percebeu que todos estavam cochichando, pesquisando em suas lentes. Ming tinha desencadeado algo, e agora a insaciável máquina de fofocas queria respostas. Lágrimas escorriam pelos cantos dos olhos de Eris. Ela olhou para a festa que esteve tão animada durante toda a noite, a multidão lindamente vestida e bolhas de bebidas caras, e sentiu-se repentinamente como uma impostora. Sua velha vida não lhe pertencia mais. Ela era uma pessoa que voltaria para um apartamentinho apertado, cheio de baratas, dois quilômetros abaixo deles. Não podia sequer voltar para o seu antigo apartamento se quisesse, porque pelo visto seu pai o colocara à venda. Ela sabia que ele estava hospedado no Nuage, mas não tinha se dado conta do quão doloroso devia ser para ele o apartamento, com todas as memórias esvoaçando ao seu redor como fantasmas. Sentia uma sensação dolorosa de perda, ao perceber que provavelmente perderia seu lar de infância para sempre. Era o último fragmento de sua velha vida, que se perdia para sempre. Ela não era Eris Dodd-Radson. A música parou. – Faça um desejo, Eris – disse Avery animadamente, mas Eris apenas balançou a cabeça, sem confiar que conseguiria dizer qualquer coisa. – Eris... – Avery tentou segurar seu braço, mas era tarde demais. Eris tinha virado as costas e estava correndo às cegas para fora do Bubble Lounge, chorando na frente de todo mundo.

LEDA

– AÍ ESTÁ VOCÊ.

Leda caminhou violentamente para onde Avery estava sozinha, bebendo de uma das bolhas. A luz azul da bolha piscou sobre seu rosto, iluminando a maquiagem fosforescente em seus lábios e pálpebras, fazendo-a parecer quase de outro mundo. A maioria das meninas dali estava usando essa maquiagem brilhante, exceto Leda. Em sua tez mais escura, aquilo sempre a deixava com cara de palhaço.

– Oi, Leda – disse Avery, cansada. Ela começou a se virar para ir embora.

– Você está falando sério? – Leda agarrou o pulso de Avery. Ela estava farta de ficar agindo como se nada estivesse errado. Ela tinha tentado falar com Avery antes, logo depois que ela e Atlas tinham se beijado e Avery parecera ficar tão horrorizada, mas tinha perdido a amiga no meio da multidão. Tinha sido obrigada a esperar até que Avery descesse de um *bolo de aniversário flutuante*, ao qual Leda não fora convidada a participar. *Meu Deus,* Leda tinha ficado tão desesperada que tentara até pedir conselho a Eris. Ela não sabia mais o que fazer.

Os olhos de Avery se estreitaram.

– Eu ia tentar mandar um ping a Eris novamente, se você me *soltasse*.

Leda deixou cair o braço de sua amiga como se ele estivesse queimando.

– Por que você anda me evitando?

– Eu não estou evitando você – disse Avery, com um tom assustadoramente calmo.

– É o Atlas, não é? Você acha que eu não sou boa o suficiente para ele – disse Leda, e não era uma pergunta. – Você pareceu ficar muito chateada quando nos viu juntos.

Avery se encolheu. Ela parecia estar pensando no que dizer.

– Eu acho que é um pouco estranho para mim. Minha melhor amiga com meu irmão.

– Eu entendo que é estranho, mas você não acha que está exagerando um pouco? – *Estranheza* não explicava por que Avery vinha cortando Leda de sua vida desde o início do ano letivo. Alguma outra coisa estava rolando.

– Você podia ter pelo menos me dito que *gostava* dele.

– Tá na cara que não devia, se é assim que você está reagindo! – exclamou Leda, frustrada.

Avery cruzou os braços.

– Eu só não quero que você se machuque.

– Não dá pra ver que eu já estou machucada?

A boca de Avery se abriu, mas nenhum som saiu.

– Sinto muito – ela conseguiu dizer, e Leda percebeu a tensão em suas palavras.

– Eu só quero que as coisas voltem ao normal. – Leda observou o rosto da sua melhor amiga. Odiava a sensação de que parecia que ela estava implorando, mas não estava mais nem aí para o seu orgulho. Sentia falta de Avery, e pediria todas as desculpas que fossem necessárias apenas para consertar as coisas entre elas.

Avery suspirou.

– Leda – disse ela –, você é quem começou a agir de um jeito estranho, guardando segredos de mim.

– Ah, meu Deus – disse Leda num fio de voz, porque agora tudo fazia sentido. Avery sabia, *com certeza*. – O Atlas lhe contou, não foi? Sobre os Andes?

Avery franziu os lábios e não respondeu. Leda continuou, as palavras saindo tão rápido que tropeçavam umas sobre as outras.

– Desculpe por não ter te contado antes, mas você já estava em Nova York para a cirurgia, e só aconteceu uma vez. E depois disso o Atlas *sumiu*, e eu não queria falar a respeito.

Era tão bom poder falar isso, finalmente; esclarecer as coisas entre elas de uma vez por todas.

– Sim – disse Avery, cautelosamente.

Leda olhou para baixo.

– Eu sei que é idiotice e clichê, transar com o irmão da sua melhor amiga. Foi parte do motivo de eu não querer contar nada a você. Eu sentia tanta vergonha, sabe? Achei que poderia se *transformar* em alguma coisa, mas depois ele simplesmente fugiu.

Avery ficou pálida e não disse nada. Leda hesitou um pouco.

– É que... eu gosto dele, de verdade – insistiu. – Mesmo você achando que é uma má ideia, eu queria pelo menos tentar.

– Tá. Quer dizer, claro – disse Avery secamente.

– Desculpe – disse Leda novamente. – Eu sei que eu deveria ter lhe contado. Eu prometo, nada mais de segredos entre nós.

"Exceto no caso da clínica de reabilitação", sua mente sussurrou, mas ela afastou a ideia. Não era importante agora.

Avery assentiu lentamente.

– Eu entendo por que você não me disse. E mesmo que eu esteja... meio esquisita – ela riu, mas sem achar nenhuma graça –, estou feliz por vocês. Agora, hã, eu realmente preciso mandar um ping para Eris. – Ela se virou na direção da entrada.

– Certo – disse Leda baixinho, mas sabia com tristeza que suas desculpas, ou confissão, ou o que quer que fosse, não tinham dado certo. As coisas entre ela e Avery continuavam tensas.

Não é justo, pensou Leda com uma nova onda de amargura. O que mais Avery queria dela? Ela deveria simplesmente aceitar o papel de uma amiga de segunda linha para Avery, aceitar que Avery jamais consentiria que Leda namorasse seu adorado irmão? E por que Avery é que tinha de decidir tudo, afinal?

Leda estava sozinha, a raiva emanando dela em ondas. Retirou o canudo branco da bolsa e saiu para procurar uma bolha âmbar.

AVERY

AVERY SAIU CAMBALEANTE pelo corredor, xingando quando tropeçou em um robô aspirador, a respiração saindo em arfares profundos e entrecortados. Ela sabia que não deveria ter saído mais cedo de uma festa que ela mesma tinha organizado, mas não tinha como ficar, de jeito nenhum.

Foi horrível ver Leda e Atlas se beijando. Ela fugiu de Watt no meio da conversa e foi para a sala ao lado, onde pediu ao barman uma bandeja de bebida atômica – precisava de algo mais forte do que o que estava nas bolhas – e virou várias doses sozinha. Então, trêmula, reuniu as outras, para a surpresa para Eris, que acabara se transformando em outro desastre.

Ainda estava conseguindo mais ou menos manter as coisas sob controle, porém, até que Leda fechou com chave de ouro aquela noite contando-lhe que tinha *transado* com Atlas. Com aquela notícia, os últimos fiapos de autocontrole de Avery tinham se rompido.

Agora ela estava em casa e correu para a despensa. Escancarou a porta e puxou para baixo a escada, soltando o cabelo do elaborado penteado no alto da cabeça. Empurrou a porta do alçapão, sentindo-se perigosamente desequilibrada ao sair para o telhado.

Uma tempestade vinha chegando; Avery podia sentir. O vento estava ganhando força e arrancou o último de seus grampos, chicoteando seu vestido para perto de seu corpo. O ar estava pesado com o cheiro de chuva. Avery se inclinou sobre a grade. Seus pensamentos rodavam freneticamente em sua mente, pressionando com tanta força que ela achou que fosse explodir.

Um falcão que tinha pousado mais ao longe na grade virou os olhos redondos para olhá-la, curioso. Avery assistiu à ave abrir as asas e alçar voo. Ela sentiu uma súbita identificação com o pássaro, o jeito como ele saiu voando gritando para o alto como uma coisa selvagem. Como seria bom segui-lo diretamente para a tempestade.

– Avery? – A voz de Atlas soou atrás dela.

Ela percebeu em pânico que tinha deixado o alçapão aberto. Mas o medo de Avery foi imediatamente seguido por uma onda perversa de alívio por Atlas não ter ido para casa com Leda.

– O que é isso? – perguntou ele, caminhando vacilante em direção a ela.

– O telhado.

Atlas assentiu. O fato de ele deixar barato o sarcasmo dela era um sinal claro do

quanto ele estava bêbado.

– Melhor a gente descer.

– Vá você. Eu gosto daqui.

Atlas lançou-lhe um olhar.

– Espere – disse ele lentamente –, você já esteve aqui em cima antes?

Avery não respondeu, apenas olhou para a linha escura do horizonte na distância.

– Como descobriu isso, Avery?

Ela encolheu os ombros.

– Simplesmente descobri, tá legal?

Ela ainda estava brava com ele por dormir com Leda, embora soubesse que não era justo.

– Devíamos chamar a manutenção e fazer com que fechassem essa passagem.

Avery se virou para encará-lo, o pânico aumentando em seu peito.

– Você não pode fazer isso! Se não eu não vou ter para onde ir!

– Como assim, você não vai ter para onde ir? – Ele parou ao lado dela na grade, o nervosismo evidente em sua expressão quando ele percebeu o quão alto eles estavam. – Você tem muitos lugares para ir.

– É, bem, este lugar me ajuda a esvaziar a cabeça.

Ela olhou fixamente, com determinação, para as sombras abaixo, tentando não chorar. O telhado era tudo que lhe restava. Ela estava perdendo Leda, já perdera Atlas, e agora estava prestes a perder o único lugar ao qual poderia escapar.

– Você está bem, Aves?

– Eu estou *ótima*! – protestou.

– Avery. – Ele estendeu a mão para tocar seu braço. – O que está acontecendo?

– Leda me contou tudo – disse ela sem rodeios, ainda olhando fixamente para o outro lado. Sabia que não deveria falar do assunto, mas alguma parte idiota dela queria fazer isso. – Sobre janeiro, nos Andes.

Atlas ficou quieto por um momento.

– Desculpe por não ter lhe dito antes – disse ele, usando quase as mesmas palavras que Leda usara anteriormente. Avery queria rir do absurdo de tudo aquilo.

"Eu sei que ela é sua melhor amiga", continuou, observando-a. Estava falando muito devagar, como se estivesse escolhendo suas palavras com o maior cuidado possível. Devia estar mais bêbado do que ela imaginara.

– Mas você não foi para casa com ela hoje à noite.

– Não, eu não fui.

– Você a ama? – soltou Avery. Tinha medo da resposta, mas precisava, desesperadamente, ouvi-la.

Houve outro silêncio. Avery não conseguia ver o rosto de Atlas na escuridão.

– Eu não...

Ele parou. Avery ficou na dúvida se ele ia dizer que não amava Leda, ou se não sabia.

– Como você pôde? – sussurrou ela.

Ele se virou para olhar para Avery. Seu rosto era uma sombra ilegível contra a escuridão do céu.

Então ele se inclinou e beijou-a.

Avery ficou paralisada, sem se atrever a respirar. O toque dos lábios de Atlas sobre os dela era suave, hesitante, incerto. Ela fechou os olhos enquanto o beijo transmitia uma emoção por todo o seu corpo, até ela ter a sensação de que seu cabelo estava em pé, de que seu corpo inteiro era um arame vivo, zumbindo com eletricidade. Queria envolver seus braços ao redor de Atlas, para puxá-lo para perto de si e nunca deixá-lo ir. Mas não ousou se mover, com medo de quebrar o feitiço.

Finalmente, Atlas se afastou.

– Boa noite, Aves – disse ele, antes de descer ruidosamente a escada e sair de vista.

Avery ficou ali parada, aturdida. Isso realmente tinha acontecido?

Ela apoiou a palma das mãos na grade para se equilibrar, sentindo vertigem. O céu começou a se abrir. A chuva súbita caiu, com gotas tão frias e rápidas que feriram o rosto de Avery, mas ela não conseguia se mover. Ficou ali como um para-raios enquanto a tempestade se aproximava dela, os pés enraizados no chão, uma mão tocando seus lábios cheia de espanto.

RYLIN

RYLIN ESTAVA DE PÉ nos fundos de um vagão do STEA, segurando um corrimão de metal acima de sua cabeça para se equilibrar enquanto o trem desacelerava até parar em Bedton. A Torre estreitava-se à medida que se elevava. Diferente do andar de Cord, que tinha apenas algumas quadras, o 32º andar era gigantesco. Estendia-se ao longo de toda a extensão da base da Torre, da rua 42 até a 145, e da East Avenue até a Jersey Highway na direção oeste. Hiral morava no mesmo andar que Rylin, mas a quase trinta quarteirões de distância – uma viagem de pelo menos quinze minutos de STEA.

Um gigantesco grupo de garotas de doze anos entrou e Rylin aumentou o volume da música, tentando abafar o barulho delas. Precisava pensar. Sua mente estava confusa, tudo que tinha acontecido desde a manhã anterior estava borrado e misturado, mas, a partir do nó emaranhado de seus sentimentos, ela conseguiu extrair um fio crucial.

Ela não amava mais Hiral.

Não o amava havia algum tempo. Talvez nunca o tivesse amado. Com certeza achou que sim, quando eles eram tão jovens que usavam palavras como *amor* e *sofrimento* para descrever hambúrgueres e provas. Quando seus maiores problemas eram coisas como o regulador de ar do apartamento de Rylin quebrar – Hiral tinha escalado para cima nas aberturas para consertá-lo – ou quando Hiral esqueceu o aniversário de seu irmão, e Rylin o ajudou a fazer um bolo no último minuto. Antes da mãe de Rylin morrer, e os dois se tornarem versões mais duras e difíceis de si mesmos.

Chegou em casa de Paris na noite anterior e caiu trôpega direto na cama. Pela primeira vez, os roncos de Chrissa não a mantiveram acordada. De manhã, quando acordou, Chrissa já tinha ido para o treino de voleibol e ela encontrou um bagel de bacon na torradeira e um bule de café na cafeteira. Rylin sentou-se um momento à mesa da cozinha, apanhando os pedacinhos de bacon do bagel como sempre fazia, pensando em tudo o que tinha acontecido. Finalmente ela se levantou com um suspiro e foi se vestir.

Depois de tanto tempo, ela iria romper com Hiral. Apesar disso, não se sentia culpada, nem mesmo muito triste – sentia apenas alívio e uma saudade vaga do jeito como as coisas eram antigamente. Ela sabia que Hiral não encararia aquilo bem. Ele não gostava de mudanças; por ele os dois continuariam juntos indefinidamente, mesmo que por pura inércia. Contudo, ele acabaria concordando com ela que era melhor assim, não é?

O STEA parou de novo e Rylin balançou para a frente, brincando com seu colar da Torre Eiffel. Não entendia muito bem o que estava acontecendo entre ela e Cord, mas, o que quer que fosse, queria ver onde ia dar. Ficou surpresa com o quanto se divertiu com ele na noite anterior. Claro que ela tinha amado Paris, mas não era só isso. Era estar em Paris com Cord.

Apanhou seu robusto tablet MacBash cinza e tentou mandar novamente um ping para Hiral, mas ele não atendeu. *Você está acordado*? *Estou chegando,* escreveu, mordendo o lábio com impaciência. Tinha pensado em esperar até de tarde, ou quem sabe até o dia seguinte, mas odiava postergar uma ação depois que já tinha se decidido quanto ao que iria fazer. Como sua mãe costumava dizer, quanto mais cedo melhor.

Ela saiu do STEA em Niale, a parada mais próxima do apartamento da família de Hiral. A maioria das lojas que se espalhavam pela rua principal ainda estavam fechadas, seus sinais de néon piscavam logos de bebidas ou de lojas de roupa, ou das casas de penhores de equipamentos eletrônicos que todo mundo sabia esconderem hardware de holografia roubado nos porões. Um gato vira-lata fez xixi na frente de uma porta. Os animais de estimação só podiam existir na Torre com licença do governo, e essas eram caras; mas não importa o quanto o Controle de Zoonoses tentava se livrar dos gatos, eles sempre voltavam a aparecer. Rylin lembrou-se da vez em que Chrissa trouxera para casa um gatinho alaranjado, cujas costelas se destacavam abaixo do pelo áspero. Sua mãe deixara Chrissa alimentá-lo, mas mais tarde naquela noite Rylin a pegara colocando o gatinho para fora.

– Não temos como bancar um gato – dissera Rose na defensiva para Rylin, que então tinha dez anos, e a menina fizera que sim em silêncio. Na manhã seguinte, ambas disseram a Chrissa que o gato tinha fugido.

Rylin manteve a cabeça baixa ao virar à direita, em direção à área residencial e à rua de Hiral. Uma ou outra pessoa passava a caminho de algum serviço nos andares superiores, os uniformes engomados e o ar de exaustão entregando para onde iam.

– Rylin! – Davi, a mãe de Hiral, abriu a porta quando Rylin ainda estava batendo. Seu largo rosto abriu-se em um sorriso. – Entre, entre.

Rylin apoiou o peso do corpo em uma só perna e continuou na porta.

– Eu estava pensando se...

– *Hiral!* – Davi gritou para chamar o filho. Não que fosse necessário, porque o apartamento era pouco maior do que o de Rylin, e ali morava o dobro de pessoas.

O irmão mais velho de Hiral, Sandeep, tinha ido morar fora no ano passado; mas Hiral dividia o quarto com seu irmão Dhruv, que era da mesma série de Rylin na escola antes de ela abandonar os estudos.

– Acho que os meninos ainda estão dormindo. – Davi se virou para ela. – Posso preparar o café da manhã para você enquanto espera?

– Não precisa – disse Rylin rapidamente.

– Um chazinho, pelo menos.

O tom de Davi não dava margem a qualquer discussão. Ela colocou as mãos nos ombros de Rylin e a conduziu firmemente até a cozinha. Havia instafotos da família pregadas por toda a geladeira. A atenção de Rylin foi capturada por uma foto dela e Hiral numa festa da escola no oitavo ano, antes que ambos se tornassem descolados demais para ir a eventos assim. Rylin usava um vestido verde-claro que destacava seus olhos, e seus braços abraçavam Hiral, cujo rosto parecia mais redondo e mais infantil do que agora. Ela tinha se esquecido daquela festa, daquela foto. Quanto tempo fazia que ela não ia ao apartamento dos Karadjans? Hiral e ela agora estavam sempre saindo para algum lugar.

– Faz tempo que eu não te vejo – disse Davi em voz baixa, obviamente pensando a mesma coisa que ela. – Como você está? Como esta sua irmã?

– Estamos bem. – Rylin desejou que Hiral se apressasse. Ali estava ela, prestes a terminar o namoro com ele, e sua mãe estava sendo tão amável.

– Você sabe que sempre pode me procurar, para o que você precisar.

Davi colocou uma caneca de chá quente entre as mãos de Rylin.

– Eu...

– Ry? – Hiral entrou na cozinha, vestindo apenas a calça de moletom preta que ela tinha lhe dado no ano passado. – Tá tudo bem?

– Quantas vezes eu já te disse para usar uma camisa quando tem visita?! – exclamou Davi.

– Rylin não é visita – protestou Hiral.

– Tava pensando se você não queria dar uma volta – disse Rylin depressa, antes que a mãe de Hiral pudesse responder. Ela não queria terminar ali.

– Claro. – Hiral encolheu os ombros. – Vou pôr uma camiseta, então.

Mas, quando voltaram para o corredor estreito, ouviram batidas fortes na porta da casa.

– *Polícia!* – gritou uma voz grave, batendo sem parar.

– Fiquem aí – disse a mãe de Hiral, irritada, empurrando os dois para um canto e aprumando os ombros com determinação. Rylin olhou para Hiral. O rosto dele estava pálido.

Davi abriu a porta da frente.

– Em que posso ajudá-los, senhores? – perguntou, de pé na porta para bloquear a visão de Rylin e Hiral.

– Estamos procurando por Hiral Karadjan. Ele está? – Os dois policiais tentaram passar, esticando o pescoço para ver o interior da casa.

– Desculpe, o que...

– Temos um mandado de prisão.

Rylin soltou um ruído estrangulado do fundo de sua garganta. Lançou um olhar para Hiral, em pânico, mas era tarde demais; a polícia já estava passando por Davi para cercá-lo.

– Hiral Karadjan, você está detido por distribuição e venda de substâncias ilícitas. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que você disser pode e será usada contra você...

A voz do policial era áspera. Seu parceiro mostrou rapidamente o mandado de busca e apreensão e invadiu o quarto de Hiral e Dhruv, onde Dhruv murmurou um indignado mas sonolento protesto. O oficial ignorou-o e começou a derrubar móveis, levantar colchões e revirar gavetas. Rylin sabia que ele não encontraria nada. Ela não tinha certeza de onde Hiral escondia a droga, mas ele era inteligente o bastante para não guardar aquilo dentro de casa.

Davi ficou num canto, retorcendo as mãos. Rylin sentiu que Dhruv se aproximava para ficar ao lado dela. Rylin estendeu a mão e apertou a dele, em sinal de apoio. Não conseguia desviar o olhar de Hiral. O lábio superior dele estava tenso em sinal de desprezo, seus ombros nus flexionados enquanto seus pulsos eram puxados para trás das costas e presos com algemas magnéticas. Algo em seu olhar parecia quase assustador.

Rylin ficou sem ação enquanto a polícia levava Hiral, tremendo por causa do choque.

– O que vamos fazer? – Dhruv virou-se para ela.

– Eu não sei – sussurrou Rylin. Ela não tinha certeza de mais nada.

LEDA

LEDA ESTAVA DIANTE da porta de entrada da casa dos Fuller, sem decidir se tocava a campainha ou se simplesmente entrava. Se tivesse vindo até ali para ver Avery, ela já teria entrado; Avery adicionara Leda à lista de acesso instantâneo da biometria havia anos. Mas Leda viera para ver Atlas.

Resolveu apertar a campainha, apoiando o casaco de Atlas em um dos cotovelos. Ele o colocara sobre seus ombros na noite passada, quando ela sentiu frio voltando para casa do Bubble Lounge. Aquilo lhe parecera um bom sinal. Até que o hover estacionou na frente da casa dela e ele desejou-lhe boa noite antes mesmo de ela ter uma chance de convidá-lo para entrar. E ele nem sequer tentou beijá-la.

Talvez ele não gostasse dela, uma dúvida sussurrou em sua mente. Talvez gostasse de outra pessoa. Afinal, fora ela quem o beijara primeiro na festa de Eris. Mas ele retribuiu o beijo sem problema nenhum.

Fosse como fosse, ela estava feliz por ele ter se esquecido de pedir seu casaco de volta no fim da noite. Era a desculpa perfeita para vê-lo.

Ninguém veio atender o interfone. Leda olhou para cima, para o scanner de retina, com um suspiro, e a porta obedientemente abriu-se para ela.

– Atlas? – chamou, entrando no enorme hall. Lançou um olhar involuntário para as paredes espelhadas, onde seu reflexo, esguio em um vestido casual e sandálias gladiadoras, o cabelo cuidadosamente arrumado, a maquiagem impecável, dançou ao lado dela.

– Leda? – Avery entrou da cozinha, usando um robe com monograma bordado e pantufas de alpaca, o cabelo uma selvagem nuvem loira em torno de seu rosto perfeito. Leda sentiu um lampejo de irritação por ter se esforçado tanto para se arrumar naquela manhã e Avery estar mais bonita do que ela sem precisar levantar um dedo.

– Oi – disse ela cautelosamente. Não tinha mais certeza do que seria o protocolo agora entre ela e Avery.

– Você acordou cedo. – Avery encolheu os ombros envergonhada, olhando para seu roupão e pantufas. – Ou eu é que estou muito lerda.

– Foi uma ótima festa – disse Leda, sem convicção.

Avery arrastou uma pantufa macia no chão.

– Obrigada. Nossa, por sinal, eu amei seu vestido. Era novo?

– Era.

“Meu Deus, parecemos completas estranhas”, pensou Leda. Era assim que seria agora, esta estranha cortesia bem-educada? Isso era pior do que não se falar.

Elas ficaram olhando uma para a outra em um tipo de suspensão. Leda percebeu que ela nem sequer tinha ido à casa de Avery desde o início das aulas. E em geral ela estava ali o tempo todo, como se estivesse em sua própria casa, abrindo a geladeira sem perguntar. Agora ela nem sequer teria se sentado no sofá sem ser convidada primeiro.

– Sente – disse Avery, como se tivesse lido a mente dela. Seus olhos pousaram no casaco de Atlas.

– Estou bem de pé – Leda apressou-se em dizer. – Eu estava procurando Atlas.

– Eu posso entregar isso a ele por você. – Avery pegou o casaco, mas Leda deu um passo para trás, segurando-o firmemente.

– Na verdade, eu ia...

– Leda? – Atlas apareceu no corredor, parecendo sofrer de uma ressaca ainda maior do que a de Avery. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto pálido sob a barba por fazer, e ele ainda estava vestindo a camisa branca da noite anterior, embora tivesse colocado um short esportivo de malha vermelha. Leda sentiu uma estranha sensação de alívio. Com certeza era por isso que ele não tinha tentado nada com ela no final da noite: ele tinha ficado tão bêbado que precisava ir para casa.

– E aí – disse ela, ignorando Avery. – Que loucura ontem, hein?

– Nem me diga.

Quando Atlas avançou, Leda viu algo em seu colarinho: o inconfundível brilho de maquiagem fosforescente, quase invisível sob a luz da manhã.

O mundo inteiro começou a girar. Atlas beijara alguém depois dela. Alguém que estava na festa. De que outra forma aquela maquiagem horrível teria ido parar lá?

– Enfim... eu só queria te dar isso. – Ela jogou o casaco para Atlas, satisfeita em como sua voz parecia tranquila.

– Obrigado. – Ele agarrou a jaqueta no ar, parecendo apanhado de surpresa. – Então, hã...

– Preciso ir – disse Leda rapidamente. – Vejo vocês depois.

Ambos falaram tchau, mas Leda já estava no corredor. Manteve os olhos fixos à frente, evitando a incriminação dos olhares de todas as Ledas do espelho movendo-se ao lado dela, lembrando-a da sua tentativa ridícula de ficar bonita para um garoto que não estava nem aí para ela, que estava com a camisa toda manchada da maquiagem de outra garota.

– Mensagem para Nadia – murmurou para suas lentes quando entrou no elevador. – Acho que o Atlas ficou com alguém ontem à noite. Eu preciso saber com quem.

Como você quiser, respondeu a hacker. Um momento depois, veio uma frase adicional: *Mas se eu precisar hackear alguém além de Atlas, vai custar um adicional.*

– Eu te digo o quê: você descobre isso para mim e eu pago quatro vezes a sua taxa usual – respondeu ela.

As portas do elevador se abriram e Leda saiu rapidamente, já se sentindo um pouco melhor. Nunca houve um problema que ela não pudesse resolver, se se dedicasse a isso.

Exceto Atlas.

Bem, ela não estava desistindo ainda. Não sem se esforçar.

AVERY

AVERY FICOU OLHANDO sua melhor amiga ir embora. Sabia que devia dizer alguma coisa, não devia deixar tudo terminar naquele tom, mas estava muito concentrada em Atlas para pensar com clareza. Esteve esperando a manhã toda que ele acordasse, seu corpo inteiro formigando com uma embriagadora, delirante expectativa. Ela mal conseguia se conter para não ir correndo até o quarto dele e pular em sua cama, do mesmo jeito como costumava fazer a cada Natal.

A lembrança do beijo no telhado ontem à noite passava sem parar em sua mente. E Avery tinha muitas perguntas. Como eles iriam lidar com as coisas, depois do que aconteceu na noite passada? O que eles diriam a Leda? O que eles diriam a seus pais?

– Atlas? – disse ela, sem saber exatamente como expressar aquilo, e então se deu conta de que ele não estava olhando para ela, estava mirando fixamente a porta por onde Leda tinha acabado de sair.

– Sim? – perguntou ele devagar, virando-se para ela.

A resolução de Avery vacilou. Por que ele não estava sorrindo para ela, agora que estavam sozinhos?

– Sabe o que é, eu estava pensando se... hum...

Um sinal sonoro veio da cozinha, indicando a chegada de uma entrega de comida. Quando Avery percebeu, Atlas já estava caminhando até lá para receber o pacote, sem sequer olhar para ela. Ela o seguiu, meio desanimada. Ele apanhou a caixa que acabara de chegar da padaria favorita deles.

– Espera aí. Você pediu comida da Bakehouse?

– Foi, quer um? – perguntou ele, e ela fez que não.

Não podia acreditar. Ela ficou andando de um lado para o outro em seu quarto de manhã, com o coração prestes a sair pela boca... enquanto Atlas estava todo sereno em sua cama pedindo waffles?

– Desculpe. O que você queria perguntar?

– Ah, eu... – Uma preocupação doente se apoderou dela. Ela não podia fazer isso. – Deixa para lá – disse, tentando não dar importância.

Não estava certo. Avery queria gritar. Ela agitou um comprimido de reidratação em um copo de suco de laranja, só para ter alguma coisa o que fazer.

– Me passa um desses? – perguntou Atlas, sem jeito, depois de um momento. Avery jogou-lhe a garrafa em silêncio. – Obrigado – continuou ele, e colocou dois comprimidos.

– Meu Deus, eu estou com uma ressaca daquelas.

– Foi uma noite louca, não foi? – Ela esperava que aquilo acendesse algo nele. Não podia acreditar que ele ia fazer isso, fingir que o beijo não tinha acontecido.

– Você só organiza festão, Aves. – O micro apitou e Atlas tirou dali seu waffle e o encharcou de xarope de bordo. Continuava evitando olhar para ela. – Não lembro qual foi a última vez em que eu bebi tanto. Aqueles uísques com refrigerante das bolhas... – Ele balançou a cabeça e deu uma mordida enorme. – Cara, que ressaca – repetiu.

– Também estou nessa – disse Avery, arrasada. O que estava acontecendo? Atlas simplesmente foi até a bancada tomar o café da manhã como se aquela fosse uma manhã igual a todas as outras, como se eles não tivessem *se beijado* ontem à noite. Como se o mundo inteiro não tivesse simplesmente se deslocado em seu eixo, como se a própria trama da existência de Avery não tivesse sido modificada para sempre.

Será que Atlas podia ter ficado tão bêbado que não se lembrava mais do que tinha acontecido? Ou pior, será que estava fingindo que não tinha acontecido porque aquilo não significava nada para ele ou porque ele estava arrependido?

– Avery? Isso acabou de chegar para você. – Sua empregada, Sarah, estava na porta, abraçando um arranjo de flores dentro de um recipiente de metal.

Avery imediatamente olhou para Atlas, perguntando-se se ele é que teria enviado aquilo. Talvez ele tivesse agido com cautela antes, e as flores fossem sua maneira de demonstrar como ele se sentia enquanto mantinham tudo um segredo.

Avery se aproximou, mantendo o robe bem preso em torno do corpo, e puxou o cartãozinho de papel grosso cor de creme que estava ao lado das flores. *Avery*, estava escrito em caligrafia antiquada e redonda na frente. "Claro", pensou com um pouco de animação, achando que Atlas se lembrava de qual era o estilo de caligrafia preferido dela. Abriu o cartão, escondendo seu sorriso.

Mas não era de Atlas. *Algumas raízes longas, para a sua estufa,* dizia ali. *Watt*.

Watt? Avery tentou entender, perplexa. Lembrou da conversa dos dois ontem à noite. Quem era esse cara, exatamente, e por que ela não sabia mais sobre ele? Ela enterrou o rosto no buquê para esconder sua confusão e inspirou profundamente. Era um cheiro intoxicante, leve e fresco. Avery percebeu que as flores tinham sido cuidadosamente selecionadas, mosquitinhos, peônias e uma única rosa branca no centro. Todas as flores com raízes longas. E havia terra na lata, que era larga e profunda. Essas plantas não tinham sido cortadas: estavam todas ainda vivas, portanto, se ela quisesse, poderia tentar transplantá-las para um solo mais profundo. Watt tinha obviamente escolhido aquele presente com todo o cuidado. Ela se sentiu emocionada, apesar de tudo.

– Levo para o seu quarto? – perguntou Sarah.

– Que tal deixar as flores aqui, na mesa da cozinha?

Os olhos de Avery pousaram em Atlas enquanto ele falava. Achou que as flores provocariam algum tipo de reação dele: ciúme, ou pelo menos curiosidade. Mas ele simplesmente continuou mastigando seu waffle, sem nem sequer olhar para elas.

– Atlas, o que você achou das flores? – pressionou Avery, irritada.

– São lindas.

Ele não tinha sequer perguntado quem as enviara. Com o coração doendo, Avery apoiou os cotovelos na mesa e olhou para suas novas flores. Eram lindas agora, mas estavam todas condenadas, pensou ela, sombria, suas raízes minúsculas descendo em direção aos confins inflexíveis da lata.

Ela arrancou um ramo de mosquitinho e o guardou no bolso do roupão, depois se retirou para seu quarto e fechou a porta silenciosamente.

ERIS

ERIS ESTAVA NA FILA DO SUPERMERCADO da esquina, carregando um cestinho de compras no braço e segurando um monte de cupons de desconto que emitiam o brilho do instapapel barato dos folhetos de qualidade inferior. A mãe dela tinha transferido alguns nanodoláres para que Eris pudesse comprar algo para jantar naquela noite. Caroline tinha saído para se encontrar com "alguém muito importante", pelo que disse, vestida com uma blusa branca bem passada e pérolas pela primeira vez em semanas. Eris se perguntou, por um instante, se aquele alguém seria Everett – embora ela não desse a mínima para o que ele fazia ou deixava de fazer agora. Além do mais, era bem mais provável que fosse algum tipo de entrevista de emprego, concluiu Eris, perdendo o interesse pelo assunto.

Olhando pelo lado positivo, teria o apartamento só para si naquela noite, sem ter de ser obrigada a ficar sentada na frente da mãe na mesa alta onde os joelhos das duas ficavam se batendo, comendo macarrão com caldo de legumes em silêncio.

Fazia um tempo que Eris não tinha companhia. Desde sua desastrosa festa de aniversário, quando todos descobriram que ela na verdade agora era pobre, sentia-se isolada e deixada de lado. Claro que todas as amigas diziam que estava tudo bem; tinham lhe enviado mensagens de texto de apoio no dia seguinte, ainda ficavam ao seu lado na escola, não paravam de perguntar se ela precisava de alguma coisa. Mas Eris não achava que estivessem sendo sinceras. Por ser amiga de Avery a coisa não tinha sido pior, mas mesmo assim ela caminhava pelos corredores em meio a uma tempestade de fofocas, de olhos que acompanhavam todos os seus movimentos. Podia ouvir as pessoas murmurando cheias de pena como devia ser terrível, embora muitas delas, Eris sabia, provavelmente devessem é estar felizes por presenciar a sua queda.

Ela tinha voltado da escola direto para casa a semana passada inteira, onde fazia, pela primeira vez em muito tempo, a sua lição de casa – não tinha nada mais o que fazer – e ia dormir cedo. Ficava um tempo piscando na escuridão, e, mesmo depois que finalmente adormecia, seus sonhos eram povoados de quartos fechados e perseguições frenéticas em corredores escuros, nada parecidos com os sonhos de voo e as fantasias coloridas que ela costumava guardar no Dreamweaver.

No geral, tinha sido uma semana horrível. Eris desejou ter alguém mais para incomodar além de Avery. Ah, se ela e Cord ainda estivessem juntos, ela poderia pelo menos fugir para o apê dele. Parava na frente do apartamento de Mariel sempre que

voltava para casa, mas depois suspirava e seguia em frente. Depois de ter ignorado Mariel após aquela noite dois fins de semana atrás, ela não conseguiria simplesmente bater na porta e pedir para ela sair.

Transferiu o peso do corpo para a outra perna com impaciência. Tudo era muito mais rápido nos andares superiores, onde os robôs escaneavam as compras e debitavam o pagamento via link biométrico em questão de segundos, e em seguida as despachavam para que fossem entregues por drones. Mas Eris estava aprendendo que nada ali embaixo era automatizado ou eficiente.

Finalmente ela se aproximou do caixa, e o atendente velho e grisalho começou a checar seus itens com um antigo scanner de mão. Eris olhou distraidamente para o lado, o olhar viajando sobre as prateleiras empoeiradas com laticínios; a máquina de fazer manteiga de nozes e castanhas moendo alto; a garota que operava o caixa ao lado parecendo ter olhos tristes e arregalados, a trança comprida loiro-clara. Parecia ter uns treze anos.

– Sessenta e dois dólares e vinte e seis centavos – entoou o caixa. Eris caçou o tablet da bolsa para passá-lo pelo scanner, e a máquina soltou um apito irritado. – Parece que a transação foi negada – disse o caixa, com um tom de leve irritação. – Tem outra conta que você poderia usar?

– Ah, hã... – Eris olhou para baixo, os dedos rápidos sobre a tela para puxar o saldo de sua conta, e sentiu-se nauseada: tinha menos de 50 ND na conta. Quando é que aquilo tinha acontecido? – Desculpe – murmurou ela, seu rosto ficando intensamente vermelho –, vou retirar algumas coisas e você pode cobrar de novo. – Ela ouviu queixas abafadas dos clientes na fila atrás dela, e sentiu vontade de que o chão pudesse simplesmente se abrir e tragá-la de uma vez.

Passou o macarrão e o molho e hesitou entre escolher o frango ou o sorvete de limão com chocolate. Finalmente, com um pequeno suspiro de derrota, ela colocou de lado o sorvete.

– Agora sim – disse, enquanto uma mão esticava-se por trás dela para arrancar o sorvete.

– Você pode somar o preço de tudo enquanto está fazendo compras, sabia? – Mariel revirou os olhos. – E, se você não sabe fazer contas, existe um programinha para isso no seu tablet.

– Oi – disse Eris calmamente, sem surpresa. – E aí, como você anda?

Ela apanhou a sacola de compras, depois que a transação foi aprovada, e ficou esperando enquanto os poucos itens de Mariel eram escaneados.

– Como se você se importasse. – Mariel passou o tablet para pagar e atirou para Eris o sorvete gelado. – Taí.

– Está tudo bem, você não precisa fazer isso. – Eris seguiu Mariel pelo corredor,

sentindo-se desgostosa. Ela não tinha percebido que Mariel estava comprando o copo de sorvete para *ela*.

– Ah, eu precisava. Você parecia tão ridícula. – Mariel encolheu os ombros. – Considere um presente de aniversário atrasado. Eu vi nos feeds que você comemorou na semana passada.

Eris sentiu uma pontada de culpa.

– Olha, eu não...

– Tranquilo. Você não me deve nada.

– *Desculpe!*

Algumas cabeças se viraram para olhar para elas, curiosas, e Eris baixou a voz.

– Desculpe – repetiu, sem saber o que dizer; não estava acostumada a pedir desculpas. – O que eu fiz foi uma merda. Tem sido um mês difícil para mim. Eu não queria... – Ela parou, impotente. – Enfim, eu realmente sinto muito. Obrigada pelo sorvete.

– Tanto faz. Beleza.

Chegaram à porta de Mariel. Ela a empurrou com o quadril; a porta foi desbloqueada e ela começou a entrar.

– Espere! – Eris odiava implorar, mas ela já estava aqui e, enfim, dane-se. – Você quer fazer algo mais tarde?

Mariel riu uma vez, sombriamente.

– Desculpa, Eris, mas eu não posso simplesmente liberar minha agenda cada vez que você precisa de alguém pra beijar.

– Eu quis dizer como amigas. – Eris tentou não parecer defensiva. – Eu só... É que não conheço mais ninguém aqui. Ando muito sozinha.

– Eu tenho planos esta noite. E não é uma festa – disse Mariel, mas sua voz tinha se suavizado um pouco. Eris se perguntou se sua tentativa tinha dado certo.

– Eu posso ir com você?

Mariel levantou uma sobrancelha, estudando-a.

– Você não está comendo seu sorvete.

– Por favor?

Mariel agarrou o copo de sorvete da mão de Eris e abriu a tampa, em seguida enfiou uma unha pintada de vermelho e pegou um pouco com o dedo.

– Mmm. Limão e chocolate. Excelente escolha. Sim – disse ela enquanto Eris abria a boca novamente –, você pode vir. Mas nada de ir embora mais cedo. E nada de tomar vinho.

– Então é *mesmo* uma festa – disse Eris triunfante.

Mariel apenas riu de novo, sem dizer nada.

* * *

– Você me trouxe para a *igreja*? – disse Eris em voz baixa, irritada, diante das portas de madeira esculpidas da Catedral de São Paulo. – Você tá ligada que hoje é sexta-feira, né?

– Minha mãe trabalha nos finais de semana, então sempre vamos sexta à noite em vez de domingo de manhã. – Mariel virou-se para Eris. – Pode voltar para casa, se quiser.

Eris hesitou. Elas não estavam longe. Ela nunca tinha notado aquela igreja, mas ficava a apenas dez quarteirões de sua rua.

– Não – decidiu.

– Não vale sair no meio – lembrou-lhe Mariel, e empurrou a porta pesada, que se abria para dentro. Mergulhou a mão na bacia de água benta ao lado da entrada. Quando Eris passou reto sem fazer o mesmo, Mariel suspirou e virou-se para esfregar algumas gotas de seu polegar na testa de Eris. Eris ficou absolutamente imóvel.

Seguiu Mariel por um corredor lateral e sentou-se em um dos bancos, onde um casal de meia-idade com cabelos escuros e um garoto que parecia ter uns doze anos já estavam sentados. Eram os pais e o irmão de Mariel, Eris notou. Mariel sussurrou algo que Eris não conseguiu ouvir, gesticulando para ela. Todos sorriram e acenaram, enquanto o coro começava a cantar.

Eris olhou ao redor, curiosa. Era fresco e escuro ali dentro e a maior parte da iluminação vinha dos vitrais nas paredes. Eris sabia que elas não estavam nem perto de um dos lados da Torre, de modo que deviam ser janelas falsas, iluminadas por trás com lâmpadas solares. O teto elevava-se bem alto, ocupando todo o andar seguinte e talvez até mesmo parte do 105º andar. Estátuas de pedra de pessoas com mantos e auréolas estavam colocadas junto às paredes.

Eris de repente percebeu que todos estavam ajoelhados. Ela se apressou em imitar, ajoelhando-se na almofada em frente ao banco. Todos começaram a cantar uma música cuja letra ela não sabia. Ela olhou para Mariel.

– Apenas ore – sussurrou Mariel. Eris fechou os olhos e deixou-se inundar pelas palavras desconhecidas.

Durante o restante da missa, ela acompanhou o resto da congregação: sentava-se, ajoelhava-se, punha-se de pé, sentava-se novamente; murmurava junto com as canções e sentava-se em silêncio durante as orações. O coro era encantador e suas vozes misturadas ao piano teceram uma espécie de magia temporária sobre ela. Eris sentiu-se calma, quase em paz. Sua mente vagava. Ela pensou em seus pais – como eles tinham sido quando se conheceram, quando sua mãe era apenas uma jovem modelo que deixou a carreira por um homem, e seu pai recém-saído do segundo divórcio. Ela deixou-se imaginar como seria seu pai biológico; onde ele estaria agora, que características eles

teriam em comum.

Ela olhou para a família de Mariel, os quatro de mãos dadas, e se viu torcendo pelo bem deles. E da sua própria família quebrada também. Talvez isso fosse rezar, pensou, apenas desejar boas coisas para os outros.

O padre disse algo e todo mundo de repente se levantou, deram apertos de mãos, murmuraram bons votos uns para os outros. Era totalmente estranha a Eris essa ideia de tocar gente que você nem conhecia. Mas era bom também – estar em algum lugar onde ninguém a julgava, nem se preocupava com sua história, nem mesmo sabia o seu nome. Depois de apertar as mãos da família de Mariel e das pessoas que estavam no banco na frente do deles, Eris finalmente virou-se para Mariel.

– Que a paz esteja convosco – sussurrou ela, sua voz um pouco rouca.

– E com sua alma – disse Mariel em resposta, apertando a mão de Eris.

Quando se sentaram, Mariel não soltou sua mão. Em vez disso, deslizou a mão pelo braço de Eris para entrelaçar os dedos nos dela. Eris não disse nada, apenas continuou olhando para a frente, mas sua mão estava firmemente entrelaçada com a de Mariel. Ela a apertou de leve e, depois de um momento, Mariel apertou a dela de volta.

Elas ficaram ali sentadas, calmamente de mãos dadas, durante o restante da missa.

***

Quando a missa terminou, Eris seguiu a família de Mariel, que acompanhava a saída dos outros membros da igreja. Após a paz e a tranquilidade do interior da igreja, o mundo lá fora de repente parecia barulhento e superlotado. Eris deu um pulo de susto quando uma ambulância passou a toda velocidade por ali, a sirene berrando.

– Obrigada por me deixar vir à igreja com você – disse Eris.

Mariel apenas assentiu.

– Eris – disse a mãe de Mariel, quebrando o silêncio. – Conte um pouquinho de você. O que trouxe você e sua família para a Alameda da Erva-de-são-cristóvão?

Eris lançou um olhar para Mariel, surpresa pela outra garota não ter dito nada a ninguém.

– Minha família está passando por uns problemas – confessou. – Na verdade, só eu e minha mãe estamos morando nesse andar. Meus pais estão se separando. – Ficava mais fácil a cada vez que ela dizia isso, percebeu. Talvez, um dia, ela fosse capaz de dizê-lo sem sentir vontade de chorar.

– Lamento saber disso – disse a mãe de Mariel, surpreendendo Eris ao lhe dar um abraço. Eris nunca tinha sido abraçada pelos pais de ninguém antes, nem mesmo os de Avery. – Você e sua mãe gostariam de jantar com a gente? – perguntou ela enquanto subia os degraus diante de seu apartamento. Eris hesitou, surpresa com o quanto

desejava ficar. – Minha mãe saiu, mas eu adoraria – confessou ela.

A mãe de Mariel sorriu e entrou na casa. Mariel ficou parada olhando para Eris, com uma expressão curiosa.

– O que foi? Você não quer que eu fique? – perguntou Eris.

Mariel fez que não.

– Não, é que... Toda vez que eu penso que saquei como você é, você faz algo inesperado.

Eris riu.

– Boa sorte com isso – disse ela. – Eu mesma não saquei como eu sou, e estou tentando há dezoito anos.

Mariel revirou os olhos e levou Eris para dentro.

Eris sentou-se contente à mesa da cozinha dos Valconsuelo – esse era o sobrenome de Mariel, descobriu –, enquanto os pais dela remexiam as panelas por toda a volta da cozinha aconchegante e bagunçada. Momentos depois, Eris ouviu o chiado de tomates e linguiça fritando. Sua boca se encheu de água; ela não comia nada ultimamente que não fosse comida enlatada ou para viagem, exceto o que almoçava na lanchonete da escola.

O jantar foi delicioso e alegremente caótico. Eris amou o jeito como os Valconsuelo ficavam provocando e desafiando uns aos outros, discutindo uma partida de basquete, nomeando jogadores que Eris nunca tinha ouvido falar. Então o pai de Mariel foi fazer um ping no quarto, e sua mãe levou Marcos, que estava caindo de sono, para dormir.

– Eris e eu lavamos a louça – ofereceu Mariel, observando o rosto de Eris para saber sua reação.

– Ah, não, Eris é visita! – a mãe de Mariel gritou lá de dentro.

– Fico feliz em ajudar – insistiu Eris, e levantou-se para tirar a mesa, grata pelo espanto no rosto de Mariel. “Me poupe”, pensou, divertida, “eu aguento lavar uma loucinha básica”.

As duas limparam a cozinha em silêncio.

– Por que você me deixou vir com você esta noite? – perguntou Eris depois de um tempo.

Mariel encolheu os ombros.

– Você disse que estava sozinha. Ir à missa sempre me ajuda, quando estou me sentindo assim.

Finalmente, quando tudo estava limpo, Mariel apagou as luzes e clicou em uma vela artificial.

– Desculpe – disse ela, colocando a vela no meio da mesa –, estamos tentando baixar a conta de energia elétrica.

– É a minha deixa para ir embora? – perguntou Eris, sentindo-se um pouco imprudente.

A vela fez sombras estranhas dançarem no rosto de Mariel, de ossos destacados e forte, os olhos poços escuros que Eris não conseguia ler. Nunca sentira isso com ninguém – a sensação de que elas eram dolorosamente íntimas e ao mesmo tempo completas estranhas.

Ela tentou alcançar a mão de Mariel, mas Mariel a largou, balançando a cabeça.

– É mesmo a sua deixa para sair, na verdade – disse Mariel, e suspirou. – Não posso embarcar nessa história com você mais uma vez, Eris, sabendo muito bem como vai acabar.

Eris sabia que devia ir embora, mas Mariel estava se inclinando para frente imperceptivelmente, os olhos fixos nos dela. Ela não tinha se decidido ainda.

– Não vai acabar da mesma maneira desta vez – Eris ouviu-se dizer.

– Por que eu deveria acreditar nisso?

– E se a gente for mais devagar? – sugeriu Eris, levantando-se. Ela não sabia exatamente por que queria fazer isso, só sabia que era o que queria.

Mariel inclinou a cabeça, pensando. A luz da vela refletiu-se nas pedras vermelhas baratas de seus brincos, uma faísca de fogo contra a cortina escura de seu cabelo.

– Talvez – disse ela finalmente.

Eris assentiu.

– Você sabe onde me encontrar – disse, e fechou a porta ao sair.

Eris Dodd-Radson, a autodeclarada rainha do ficar sem compromisso, se oferecendo para ir com calma em um relacionamento. Quem diria?

RYLIN

RYLIN ESTAVA NA COZINHA de sua casa, o tablet pressionado na orelha, tentando contatar a delegacia de polícia novamente. Fazia uma semana desde a prisão de Hiral, mas eles ainda não o haviam incluído na lista de detentos aprovados para receber visitas. Por que tanta demora?

– Alô – disse ela, no momento em que o policial da recepção atendeu. – Estou ligando para perguntar sobre Hiral...

– Srta. Myers, como eu já disse ontem, seu namorado não foi liberado ainda para visita – disparou o guarda, reconhecendo a voz dela. – Vamos avisar a senhorita, ok? – Com isso, ele desligou.

Rylin apoiou os cotovelos na bancada, com a cabeça entre as mãos.

Mesmo que ela não amasse mais Hiral, ela odiava a ideia de que ele estivesse na prisão, sofrendo. Ela tinha ido ver os pais dele todas as noites na semana passada, apenas para saber como estavam, garantir que Hiral era inocente e tudo acabaria bem. Dhruv olhava para ela, com a sobrancelha erguida, e Rylin corava de vergonha de estar sendo pega na mentira. Mas o que ela *deveria* dizer aos Karadjan? Que não havia nenhuma esperança?

Ela suspirou e continuou enchendo o *cooler* prateado elegante de Cord com bebidas eletrolíticas e barras energéticas. Apesar de tudo, Rylin estava determinada a assistir à partida de voleibol de Chrissa naquela manhã. Ela não via Chrissa jogar havia meses. Ia até mesmo levar lanchinhos para o time como algumas das mães sempre faziam. Na verdade, tinha sido ideia de Cord; ele insistiu em emprestar-lhe o *cooler*, porque, obviamente, Rylin não tinha um.

Um sorriso veio pousar em seus lábios ao pensar em Cord. Era estranho o modo como ele tinha com tanta facilidade passado de seu empregador para... bem, para o que ele era. Era estranho, mas ainda assim parecia natural, quase inevitável.

Cord tinha insistido em pagar-lhe naquela semana, alegando que por sua culpa ela tinha perdido o emprego no trem. Rylin aceitou a grana – não estava exatamente em condições de recusar –, mas decidiu continuar a fazer a faxina na casa dele, apesar de Cord garantir que não precisava. As únicas vezes que ela saía era para ir a entrevistas de emprego, mas nenhuma tinha dado certo. Ela tinha sido rejeitada em três vagas na semana passada.

– Não entendo por que você não fica aqui – Cord lhe dizia. – Você devia voltar para a

escola em vez de arrumar outro emprego sem sentido. Você é muito inteligente para ficar fazendo esse tipo de trabalho, Rylin.

A ideia de simplesmente aceitar a ajuda de Cord era tentadora, mas Rylin já estava incomodada com o desequilíbrio em seu relacionamento. Talvez ele tivesse razão sobre ela se formar na escola, mas antes ela tinha de descobrir um jeito de ganhar dinheiro.

Fosse como fosse, ela e Cord vinham passando mais tempo juntos desde a viagem para Paris; de tarde, depois que ele chegava da escola ou de seja lá aonde ele misteriosamente ia. Eles basicamente ficavam na casa dele, assistindo a holovídeos, rindo... e se beijando, agora se beijavam muito mais. Eles não tinham avançado além disso ainda, no entanto, principalmente porque Rylin sentia-se culpada. Ela precisava terminar com Hiral antes de eles poderem ir além. Coisa que ela estava desesperada para resolver logo: sentia-se angustiada, vivendo uma mentira.

Uma batida soou na porta. Rylin olhou para lá, assustada, e foi atender.

– Lux! – exclamou, dando um abraço na amiga. Lux estava vestindo calças soltas de seda de cordão cinza e uma regata do mesmo tom verde-claro de seu rabo de cavalo. – Seu cabelo esta semana combinaria muito com meus olhos – disse Rylin, apontando para a cor nova.

Lux deu um sorriso sem graça ao ouvir aquilo. Ainda estava no ensino médio, mas trabalhava à tarde em um salão de cabeleireiro no 90º andar, limpando os recipientes onde se preparavam as colorações e varrendo os cabelos cortados do chão. Os cabeleireiros não se importavam quando Lux usava a tintura em si mesma, e como resultado seu cabelo era agora um constante caleidoscópio cujas cores iam se alternando.

– Você mal respondeu minhas mensagens esta semana. Eu estava ficando preocupada – disse Lux.

– Desculpe, foi uma semana meio louca. – Rylin sentiu uma pontada de culpa. Não tinha intenção de ignorar sua amiga; simplesmente não soube como responder. Lux tinha lhe enviado mensagens constantemente depois que Hiral foi preso, provavelmente imaginando que precisava consolar Rylin. E se ela soubesse a verdade, que Rylin estava era tentando romper com Hiral, só não tinha sido capaz ainda. E, falando nisso, estava começando a se apaixonar pelo cara da alta sociedade para quem ela estava fazendo faxina.

– É justamente por isso que eu tenho tentado falar com você, Ry – disse Lux com gentileza. Ela ergueu a mão em um gesto exasperado, e Rylin viu que estava segurando um saco de papel reciclável pardo. – Eu trouxe os ingredientes para preparar panquecas de chocolate-nambo. Achei que seria bom uma comidinha gostosa no café da manhã para você se animar, mas pelo visto você está ocupada – acrescentou, olhando do *cooler* para o cabelo escovado de Rylin e seu vestido azul fofo.

Rylin sorriu, lembrando-se de todas as vezes que sua mãe fizera aquelas panquecas

quando eram crianças. Não eram nada especial, apenas panquecas de massa de banana com flocos de chocolate. Chrissa adorava e sempre tentava pedir para a mãe fazê-las, mas não conseguia pronunciar a palavra "banana" ainda, então corria pela cozinha gritando "Nambo! Nambo!", até Rylin e Lux lhe mostrarem a caixa do preparado de panqueca, e sua carinha se abrir em um sorriso de reconhecimento.

– Panquecas de chocolate-nambo seriam incríveis – disse Rylin com sinceridade –, mas eu estava indo para a partida da Chrissa. Quer vir comigo? E então poderíamos comer as panquecas no jantar, mais tarde?

Lux hesitou, depois assentiu.

– Claro – disse ela, ainda observando Rylin, claramente confusa por alguma coisa em seu rosto.

– Como vai todo mundo? – perguntou Rylin enquanto saíam do apartamento, dando-se conta do quão pouco ela tinha visto seus amigos desde que começou a trabalhar para Cord. – Tem visto Andrés ou V ultimamente?

Ela especialmente não entendia como Hiral tinha sido pego e V, que traficava um volume bem maior, continuava vendendo como se nada tivesse acontecido.

– Fomos à floresta de aço na noite passada. O DJ era meio ruim, então a gente saiu e ficou fumando alucigarro na esquina da saída da Rua 70.

Rylin conhecia aquela esquina. Era onde eles todos tinham fumado pela primeira vez, muitos anos atrás, e ela sentiu tanta fome de repente que pensou que pudesse vomitar. Lux, rindo, tinha garantido que ia passar e que, quando isso acontecesse, seria uma sensação incrível. Ela tinha razão.

– Mas não é o mesmo sem você e Hiral – acrescentou Lux.

– É. Estou preocupada. Estou tentando falar com ele, mas a polícia não deixa. – Rylin suspirou quando elas saltaram no ponto do STEA perto da escola, o *cooler* deslizando suavemente atrás dela. Lux olhou para o *cooler*, mas não disse nada.

Elas chegaram às portas duplas e grandes do ginásio da Escola Fundamental Irving. Rylin sentiu uma estranha apreensão ao voltar ali. Fazia algum tempo que não punha os pés em uma escola.

Elas entraram no ginásio quando o jogo já estava começando. O lugar continuava igualzinho a como Rylin lembrava – mofado e com um cheiro fraco de suor, o piso de polirresina arranhado. Rylin não entendia como o ginásio, que como tudo na Torre tinha apenas vinte anos, já parecia pertencer ao século passado. Provavelmente porque ninguém cuidava ou limpava aquele lugar, nunca.

O ginásio estava lotado; Rylin sabia que era uma partida do torneio distrital, mas não tinha se tocado do quanto era importante. Lá estavam Chrissa e o resto do time da Irving, unidas do seu lado da rede, as cabeças abaixadas. A mascote holográfica da escola, um enorme lobo cinzento, rondava ao redor da arquibancada, provocando

gritinhos de alguns dos espectadores mais jovens. Rylin viu inclusive algumas dessas minicâmeras movidas a propulsores que voam ao redor dos jogadores principais e projetam seu ponto de vista nos telões. Ela e Lux sentaram em uma das fileiras de bancos. Chrissa estava prestes a sacar, segurando a bola e oscilando o corpo para trás nos calcanhares. Seu rabo de cavalo escuro balançava para frente e para trás. Rylin observou, um pouco espantada, quando ela atirou a bola para o alto por cima da rede.

– Ela é muito boa – sussurrou Lux.

– Sim. – Rylin adorava ver Chrissa jogando, seu corpo completamente agachado entrando em ação com toda a firmeza implacável de uma máquina. Ela se movia graciosamente, como uma dançarina, como se estivesse numa daquelas câmaras de baixa gravidade extravagantes e seus pés mal tocassem o chão. O coração de Rylin se apertou de orgulho. Em momentos como este, tudo de que ela tinha desistido parecia valer a pena.

Seu tablet zumbiu com uma mensagem de Cord. *Jantar hoje à noite?*

Eu não posso, respondeu Rylin, lançando um olhar para Lux, cujos olhos estavam fixos no jogo. Ela precisava daquele tempo com sua amiga. *Vamos fazer panquecas pro jantar. Você sabe como é.*

Só vale a pena comer panquecas no jantar se é tipo café na cama, respondeu Cord. Rylin reprimiu um sorriso exasperado e colocou o tablet de novo no bolso, mas Lux já tinha percebido a expressão no rosto da amiga.

– Boas notícias? – perguntou Lux.

Rylin desejou desesperadamente poder contar tudo a Lux, mas não tinha certeza de que Lux iria entender. E como poderia, se nem mesmo Rylin entendia direito?

– Na verdade, não – respondeu, torcendo para que Lux deixasse para lá.

Quando o jogo terminou e o sinal soou, Rylin arrastou o *cooler* até onde o time de Chrissa estava reunido, e Lux foi atrás dela. Os rostos das garotas estavam iluminados e vitoriosos, e todas estavam se cumprimentando e comemorando.

– Rylin! Eu não sabia que você vinha! E Lux! – exclamou Chrissa, dando um abraço suado em Rylin. Havia um pequeno adesivo vermelho preso no antebraço inferior da irmã, um Monitor de Sinais Vitais, percebeu Rylin, para rastrear a atividade cardíaca de Chrissa, seu metabolismo e a composição de seu suor.

– Quando começou a usar isso? – perguntou.

Chrissa encolheu os ombros.

– Estão colocando um desses em todos os que estão sendo recrutados para times universitários – disse ela, e Rylin teve um flashback súbito da noite na floresta de aço, a última vez que ela usou um adesivo. Parecia ter sido séculos atrás.

"Você trouxe lanchinho?", continuou Chrissa, notando o *cooler* e sorrindo de prazer.

– Pois é, sou a irmã mais velha mais legal do pedaço, eu sei. – Rylin rolou o *cooler*

para a frente e o abriu, e as meninas começaram a se aproximar ansiosamente para pegar bebidas.

Chrissa pegou uma bebida de eletrólitos e tomou um longo e lento gole. Então ela abaixou a garrafa e olhou para Rylin.

– Você parece diferente – disse ela. – Fez alguma coisa no cabelo?

– Você está me confundindo com Lux – disse Rylin bem-humorada, e Chrissa riu.

– Verdade. Deve ser porque você está de vestido – respondeu Chrissa. Mas Rylin sabia o que Chrissa estava vendo, mesmo que ela não se desse conta do que era ainda.

De alguma forma, apesar de tudo o que estava acontecendo, Rylin estava feliz.

LEDA

– MAMÃE? VOCÊ ESTÁ EM CASA?! – gritou Leda ao entrar.

Ela estremeceu um pouco, úmida de suor, ainda usando as pulseiras brancas contra enjoo da aula de yoga antigravitacional. Hoje só ela e Ming tinham ido à aula. Avery não fazia yoga com elas há mais de uma semana: disse que estava tentando correr com mais frequência, mas Leda sabia que Avery a estava evitando e também a Ming, a quem ainda não tinha perdoado pelo que fizera na festa de Eris.

Leda e Avery mal haviam se falado desde aquela estranha interação na manhã seguinte à festa, quando Leda apareceu com o casaco de Atlas. Elas nem sequer se sentavam mais juntas na hora do almoço. Um dia Avery simplesmente sentou-se na ponta do banco, ao lado de Eris, deixando que Leda ficasse entre Risha e Jess. Ninguém falou nada sobre aquela mudança, mas Leda sentiu que todas a estavam observando para ver uma reação que ela se recusou a expressar.

E havia também Atlas. Nadia insistia que ele não tinha visto ninguém naquela noite: ela até mesmo invadiu o sistema da central de registros e ocorrências dos hovercrafts, encontrou aquele que ele havia pegado e provou que ele tinha mesmo voltado direto para casa depois de deixar Leda. Ela viu as imagens, o itinerário rastreado do hover. Ele não voltara para a festa, nem tinha ido para a casa de alguma outra menina. Apesar disso, Leda ainda não conseguia afastar a sensação de que tinha alguma coisa estranha. Ah, se pelo menos pudesse descobrir o que é!

Gostaria de não se sentir mais obsessiva em relação aos Fuller. O problema é que eles estavam em toda parte. Que inferno, agora mesmo, quando ela foi para a loja de sucos e vitaminas do Altitude depois da aula de yoga, quase trombou com Avery e sua família, que tinham acabado de sair de um brunch. Ela instintivamente escondeu-se em um canto até eles passarem, apenas para evitar falar com eles. Sabia que estava se comportando como uma louca, mas não poderia enfrentar nem Avery nem Atlas, pelo menos até que ela se sentisse um pouco mais no controle de tudo.

– Leda? – A voz da mãe veio de seu escritório. – O que você quer, querida?

Leda foi para a cozinha e começou a apertar botões no liquidificador para preparar a vitamina de castanha de caju que queria ter tomado antes de ter sido obrigada a fugir da lanchonete. O que ela queria? Consertar as coisas entre ela e Avery. Transar com o Atlas novamente. Qualquer outra coisa a não ser o que ela estava fazendo agora, porque obviamente sua estratégia atual era horrível.

– Nada, eu acho – respondeu, sem saber direito por que estava falando aos gritos com sua mãe.

Serviu a vitamina em um copo gelado de vidro e o polvilhou com canela antes de tomar um gole. Não conseguia tirar a imagem de Avery, Atlas e seus pais caminhando pelo Altitude juntos – havia algo de orgulhoso, feroz e leonino em todos eles.

– Como foi a ginástica? – Ilara Cole apareceu à porta.

– Tudo bem – disse Leda, impaciente.

– Seu pai e eu vamos à festa dos Hollenbrand hoje – lembrou sua mãe. – Eu não sei o que Jamie vai fazer. Você e Avery têm planos?

– Acho que vou ficar em casa hoje à noite. Eu estou um pouco cansada, na verdade – apressou-se Leda em dizer.

Ficou irritada com o lampejo de alívio nos olhos da mãe. Ilara não tinha ficado muito contente de que Leda tivesse ido ao aniversário de Eris no fim de semana passado, mas Leda tinha prometido que não teria problemas, ela não beberia. Na verdade não tinha quebrado a promessa tanto assim, disse a si mesma. Embora fosse difícil saber exatamente o quanto se bebia, com aquelas bolhas absurdas.

– Por que você não convida a Avery para vir para cá? Posso pedir para a Haley ficar e fazer pizza caseira para vocês duas – ofereceu sua mãe. Ela levantou a mão para colocar um cacho solto atrás da orelha de Leda, mas Leda empurrou a mão dela e afastou a cabeça.

– Já disse, estou bem!

– Leda. – A mãe baixou a voz cheia de preocupação. – Está tudo bem? Você quer que eu agende uma consulta com o dr. Vanderstein?

Leda foi poupada de responder pelo apito da porta da casa. Devia ser seu pai que tinha chegado. Graças a Deus, porque a última coisa que ela queria era uma consulta com o psiquiatra de sua mãe.

– Oi, gente – disse ele, entrando na cozinha. Parecia exausto. – Tudo bem?

– Onde você esteve? – perguntou Leda. Seu pai costumava ficar em casa aos sábados, dormindo no sofá da sala ou, se tivesse de trabalhar, recebendo chamadas em seu escritório.

– Fui jogar golfe com Pierson e um novo cliente, no Links – respondeu o pai para a geladeira enquanto apanhava uma água com gás sabor limão.

– O sr. Fuller? – repetiu Leda. Um alarme interno disparou dentro dela.

– Sim, o sr. Fuller – disse seu pai com grosseria, como se fosse ridículo fazer aquela pergunta. Ela prendeu a respiração para não responder. Tinha visto os Fuller saindo de um brunch há apenas vinte minutos; o sr. Fuller não podia ter passado a manhã inteira jogando golfe. Por que seu pai estava mentindo?

– Como foi o jogo? – Ilara rodeou o balcão para dar um beijo rápido no pai de Leda.

– Bem, deixamos o cliente ganhar, que é o mais importante. – Seu pai riu de sua própria piada, mas soou um pouco falso, como se sua mente estivesse em outro lugar. Estaria escondendo alguma coisa? Mas a mãe de Leda apenas sorriu e assentiu, alheia.

– Eu vou tomar banho – disse Leda sem perda de tempo, apanhando os restos mortais da sua vitamina.

Ela saiu apressada pelo corredor, entrou no quarto e fechou a porta. Rapidamente começou a tirar as roupas úmidas de ginástica e atirou-as no cesto ao canto, que ia dar diretamente na lavanderia. Abraçando-se, ela entrou no chuveiro e ligou o aquecedor no máximo, mas por alguma razão ela não conseguia parar de tremer.

Leda abaixou-se para sentar-se no piso do banheiro, feito de ladrilhos vermelhos que tinham sido recuperados de uma vila em Capri. Leda mesma os havia escolhido nas férias de verão dois anos atrás. Seu cabelo se enrolou em cachinhos com o vapor de aromaterapia. Ela colocou os joelhos junto ao peito e tentou pensar. Sua mente se sentia dispersa, girando descontroladamente de um assunto para outro. Beijar Atlas na festa. Quem mais ele estaria encontrando. Por que seu pai mentira sobre onde estivera. A expressão no rosto de Avery ultimamente, quando via Leda se aproximando pelo corredor. A maneira como Leda fingiu que não dava a mínima.

Tudo estava pesando sobre ela. A água pinicava a sua pele como um milhão de minúsculas agulhas em carne viva.

Ela precisava de uma dose.

Ainda tinha o link de seu velho traficante, Ross. Foi Cord quem os apresentou; ela quase fora pega algumas vezes roubando xenperheidrina da sua mãe, e uma noite numa festa ela decidiu pedir a ajuda dele. Não sabia a quem mais recorrer. Leda sabia que era arriscado colocar seu segredo nas mãos de Cord assim, no entanto sentia que, embaixo de toda a pose, ele tinha um senso próprio de lealdade.

– Claro – disse ele quando ela pediu o nome do traficante, e enviou-lhe um link de flicker rotulado simplesmente como Ross.

Ross forneceu-lhe xenperheidrina, sim, tanto quanto ela quis, mas lhe deu outras coisas também, de graça.

– Tenho um monte de relaxantes sobrando – disse ele uma vez quando quando ela comprou várias xenperheidrinas antes dos simulados de vestibular. – Por que você não toma alguns? Provavelmente vai precisar, depois do teste. – E foi o que ela fez.

Pouco depois, Leda começou a fumar de vez em quando com Cord e seus amigos, às vezes também com Brice. Umas duas vezes experimentou coisas mais pesadas, sem motivo nenhum, só por curiosidade; mas não se permitia fazer isso com frequência. Era apenas gostoso de vez em quando afrouxar as amarras, que em geral no caso dela eram tão apertadas.

E ela estava bem até o inverno passado – até Catyan, até o desaparecimento de Atlas.

Foi então que Leda começou a perder o controle.

E aí, como andam as coisas?

Leda levantou a cabeça imediatamente ao ver a mensagem de Atlas. *Oi*, respondeu ela, com cautela, tentando ignorar o entusiasmo que disparava pelas suas veias. *Tudo bem. E contigo?*

Tava aqui pensando: quer ir para aquele lance do Clube Universitário comigo?

Leda fechou os olhos, inundada por um alívio vertiginoso. *Quero*, respondeu. *Seria massa*.

Ela relaxou pelo que parecia ser a primeira vez em semanas, respirando profundamente o vapor com aroma de rosas, deixando a pele de suas mãos se enrugar como ameixas secas. Não iria desperdiçar água; esta seria coletada e filtrada para algum outro uso, de qualquer maneira. Então ali ficou ela, deixando a tensão escorrer de seu corpo cansado.

Finalmente, Leda se levantou e começou a lavar os cabelos, quase sentindo-se renovada mais uma vez. Do jeito que ela costumava se sentir na segurança da tenda de meditação em Silver Cove.

AVERY

NA NOITE DE DOMINGO, Avery estava sentada diante da imensa mesa de madeira esculpida à mão da sua família, tentando se concentrar em seus aspargos e não no rapaz irritante a sua frente.

– Atlas, eu falei com o James hoje e ele me disse que você está indo muito bem. Que trabalhou até mais tarde todos os dias desta semana. – Pierson Fuller gesticulou para Atlas, que estava do outro lado da mesa, raspando o garfo no prato ao pegar mais uma garfada de salmão assado em crosta de amêndoa.

– Sim. Estou tentando aprender tudo o mais rápido que posso, provar que dou conta do recado apesar de não ter, você sabe, terminado a escola.

– Você terminou *sim* a escola, simplesmente não junto com a sua classe! – exclamou o pai de Avery, ao mesmo tempo que sua mãe dizia:

– Todo mundo sabe que você tirou um ano sabático! É muito comum viajar na sua idade! Eu mesma fiz isso!

Atlas ignorou os pais e olhou para Avery.

– Ei, Aves, passa a pimenta? – perguntou.

"Não pense que você pode simplesmente me chamar de Aves e que tudo ficará para trás e voltará ao normal", pensou Avery, franzindo os lábios e deslizando o tempero pela mesa para ele. Típico de Atlas, tentar causar algum drama entre seus pais na tentativa de animá-la. Mas não desta vez.

Ela olhou pela janela para evitar fazer contato visual com ele. Era uma noite de nevoeiro, a umidade se agarrando em gotas em três das janelas que tomavam conta do chão ao teto das paredes da sala de jantar, obstruindo a vista que normalmente dava para o rio East.

Desde que Atlas voltara para casa, os Fuller passaram a fazer mais refeições em família. Agora jantavam juntos quase todas as noites; inclusive tomaram um brunch ontem, sábado, dia em que seu pai costumava jogar golfe e sua mãe se enfiava até o pescoço em tratamentos de spa. Avery adorara aquilo, a princípio... até o beijo do fim de semana passado. Agora ela se sentia confusa. Atlas era a única pessoa com quem ela podia se abrir, e agora ela nem sabia mais como conversar com ele. Parecia impossível que eles pudessem voltar a ser como eram antes, porém para Atlas aparentemente não tinha problema nenhum.

Avery quase desejava que o beijo nunca tivesse acontecido. Quase, mas não

completamente. Porque agora, pelo menos, ela tinha aquela memória, poderia repetir o beijo em sua cabeça quantas vezes quisesse. Era torturante às vezes, lembrar o roçar dos lábios dele, o calor de sua respiração em sua bochecha, a maneira como suas mãos tinham pousado em sua cintura. Mas Avery não conseguia se arrepender. Se ela nunca mais beijasse ninguém, poderia viver da lembrança daquele beijo para o resto de sua vida.

– A propósito, Atlas, eu encomendei seu novo smoking hoje. – Elizabeth Fuller juntou suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas em um ar de preocupação. Estava na cara que queria saber o que tinha acontecido com o anterior, mas se recusava a abordar o assunto. Normalmente Avery também ficaria curiosa, mas agora ela não estava nem aí. Provavelmente Atlas o tinha esquecido em alguma festa estúpida de iate na Croácia. Avery fez contato visual com sua mãe, e elas trocaram um olhar.

Era frequentemente inacreditável para Avery pensar que a metade de seus genes tinha vindo da sua mãe. Claro que deviam ser apenas os genes recessivos dela, os que sua mãe carregava mas não demonstrava, que o dr. Shore tinha extraído e dado a Avery. Porque as duas não se pareciam em nada.

A mãe de Avery estava longe de ser bonita. Era corpulenta e seus braços muito curtos, e seus cabelos, não importa o quanto ela gastasse de tempo e dinheiro, tendiam a ser frisados. Mas ela atacava sua aparência com a corajosa determinação de um trabalho em tempo integral, passando por cirurgias plásticas todos os anos e aturando um regime terrível de pilates. Apesar disso, Avery sabia que sua mãe tinha consciência dolorosa da própria aparência. Tinha sido por isso que ela insistira que pagassem tanto pelo procedimento: para garantir que Avery nunca tivesse de se preocupar com nada disso.

– Bem, o smoking chegará a tempo do jantar de gala de outono do Clube Universitário – prosseguiu Elizabeth. – A propósito, vocês dois vão levar alguém?

– Eu vou com a Leda, mas como a família dela é do clube, vocês não precisam pegar o ingresso dela – respondeu Atlas.

Isso era novidade para Avery. Ela pegou sua taça de merlot – felizmente seus pais eram liberais o suficiente para servir vinho para os filhos adolescentes – e tomou um longo gole, a luz brilhando no líquido cor de rubi do vidro inquebrável. Estava arrasada por Atlas ainda estar falando sobre Leda, mesmo depois de ter beijado *ela*, Avery.

– Ah, isso é maravilhoso – disse Elizabeth, claramente um pouco surpresa. – Pierson, acha que nesse caso seria melhor ter os Cole na nossa mesa? Eu tinha convidado os Reed e os Delmond, mas acho que podemos pedir uma mesa de dez...

– Você é que sabe – murmurou o pai de Avery, provavelmente tentando ler mensagens em suas lentes.

"Ótimo, agora os pais de todos também estão envolvidos na história", pensou Avery. Parecia mais real dessa forma, como se Leda tivesse se tornado oficialmente a namorada

de Atlas.

– Você vai com alguém, Avery? – perguntou seu pai.

A preocupação se evidenciava em seu tom. Ele estava sempre perguntando a Avery por que ela não estava namorando ninguém, como se o fato de Avery estar solteira fosse o enigma mais desconcertante que o mundo já tivesse apresentado para ele. Todos hesitaram. Ela não tinha dado muita atenção ao jantar de gala, mas, agora que Atlas ia com Leda, ela queria ir também – e com um cara, para provar que ligava tão pouco para o beijo quanto ele. Porém Zay tinha se cansado de esperar por ela e estava oficialmente com Daniela agora, portanto ela não podia convidá-lo. Considerou por um instante chamar Cord – ele sempre achava divertido esse tipo de evento –, mas Atlas sabia que ela e Cord eram apenas amigos, então isso não lhe causaria o menor ciúme.

Os olhos de Avery pousaram nas flores que Watt lhe dera, ainda em sua lata de metal sobre a bancada da cozinha. Um pouco do mosquitinho tinha morrido, mas a rosa branca no centro estava em plena floração, suas pétalas de veludo macio maravilhosamente desdobradas. "Por que não?", pensou. Watt parecia conhecer algumas pessoas no aniversário de Eris – ela não esperava que ele comparecesse, embora agora estivesse contente por ele ter ido. A propósito, ela não o tinha visto falando com Atlas em determinado momento?

– Eu vou com Watt Bakradi. O cara que me enviou aquelas flores. – Avery apontou para as flores e olhou para o rosto de Atlas para ver se observava algum tipo de reação, mas ele parecia desinteressado como sempre.

– Ah, eu estava mesmo curiosa para saber quem tinha mandado aquilo! – exclamou a mãe de Avery. – Vou pedir outro ingresso, então. De onde você o conhece, Avery?

– Na verdade não o conheço direito. Mas Atlas sim – disse ela, enfatizando as palavras. Atlas olhou para a irmã, claramente confuso. – Ué, você não estava conversando com ele no aniversário da Eris? – continuou Avery, ainda na ofensiva. Que Atlas pensasse que ela esteve de olho em Watt a noite toda.

– Ah, claro! O Watt! Ele é um cara legal – disse Atlas, depois voltou para seu risoto.

– Bem, estou ansiosa para conhecê-lo. Vai ser uma noite encantadora. – Elizabeth sorriu.

"Vai ser uma noite e tanto", pensou Avery, perguntando-se no que exatamente tinha se metido.

WATT

WATT ESTAVA APOIADO preguiçosamente em um cotovelo, murmurando as respostas à sua prova bimestral de história dos EUA. Todos à sua volta haviam passado dias preparando-se para esse exame – dava praticamente para ouvir as engrenagens de seus cérebros girando enquanto elas vasculhavam a mente em busca de fatos que não conheciam, as canetas hesitando enquanto decidiam qual resposta chutar. Pobres otários. Tinham de confiar em sua própria e precária memória humana para responder aquele teste. Ao contrário de Watt.

Nem mesmo a rede de segurança de altíssima tecnologia que protegia a escola – e inutilizava os tablets e lentes de todas as pessoas – conseguia afetar Nadia, cujo nível de sofisticação era elevado demais. Agora ela estava transmitindo as respostas das perguntas diretamente nos olhos de Watt, inclusive sugerindo quais ele deveria errar de propósito. Afinal, ele não era idiota de tirar nota 10 em todos os exames.

Watt abaixou a caneta e olhou pela janela para o jardim vertical que cercava a escola, em que samambaias e suculentas se entremeavam nas paredes em uma explosão verdejante.

– Mais dois minutos – disse a preceptora, a sra. Keeley, balançando de leve os cabelos, que pareciam um capacete de tanto laquê. Houve um pequeno movimento de ansiedade dos outros vinte adolescentes que estavam na sala, mas Watt não pôde vê-lo, graças às telas de invisibilidade que eram usadas para isolar os alunos nos dias de teste. Ele continuou olhando pela janela.

Ah, se ele pudesse encontrar uma maneira de provar que Atlas não estava saindo com ninguém! Desde a mensagem de Leda na semana passada, dizendo que ela iria quadruplicar seu salário se ele descobrisse com quem Atlas estava saindo escondido, ele vinha trabalhando sem parar, acompanhando os movimentos de Atlas e cruzando-os com os de cada garota que pudesse ter estado na festa. Até agora, nada. Watt tinha a sensação de que não *havia* mesmo nada a descobrir, que Leda estava sendo paranoica e louca.

Especialmente porque, agora, ele sabia que Leda era viciada em xenperheidrina. Até então Watt não tinha feito um mergulho profundo no passado dela, apenas puxara seus feeds no dia em que ela o contratou. Mas recentemente, em um ataque de frustração, ele pediu para Nadia rastrear todos os lugares aonde Leda havia ido na vida. Nadia então descobriu a estadia de Leda na clínica de reabilitação. Agora ele estava ainda mais

convencido de que Leda estava errada sobre Atlas, de que ela estava vendo algo que não existia.

Watt também se perguntou o que poderia estar acontecendo com Avery ultimamente. Achara que o arranjo de flores que ele tinha enviado para a casa dela fosse conquistá-la, ou pelo menos incitar uma conversa, mas tudo o que ela fez foi enviar um flicker educado de agradecimento. Mais de uma semana tinha se passado desde então, e ele mal tivera notícias dela.

O sinal tocou indicando o fim da aula e provocando um frenesi entre os outros alunos, que iam marcando qualquer resposta antes que os tablets entregues pela escola para a prova se desligassem automaticamente. Watt simplesmente esticou os braços para cima, em um espreguiçar demorado. Dependendo da nota que tirasse na redação, que Nadia compôs e ele modificou um pouco para parecer mais autêntica, ele tiraria entre 9,5 e 9,8 naquela prova.

Ele colocou a mochila em um ombro e começou a caminhar pelo corredor. As meninas estavam diante de seus armários, convocando espelhinhos com suas varinhas eletrônicas de beleza para checar o cabelo. O pessoal do time de futebol passou por ali, todos de uniforme, a caminho do ônibus-hover que os levaria para o campo de treino três andares abaixo, na Zona do Parque. Banners nos corredores mudavam de cor do amarelo ao roxo, alternadamente exibindo PARABÉNS, JEFFERSON: ALTAS PONTUAÇÕES NO VESTIBULAR POR 3 ANOS SEGUIDOS! e BAILE DE VOLTA ÀS AULAS: COMPRE JÁ OS SEUS INGRESSOS! Um aviãozinho de papel pairava no ar graças a minúsculos propulsores, como se por magia.

– Que prova terrível, hein? Fala sério – disse Cynthia, uma garota asiática com olhos arregalados e franja preta que era amiga de Watt e Derrick desde o ensino fundamental. Ela começou a caminhar ao lado dele.

– Sim, pode crer. – Eles saíram das portas duplas da entrada principal para a ampla área pavimentada em frente à escola. Logo em frente na rua ficava um ponto de STEA e uma sorveteria que eles tinham matado aula inúmeras vezes para ir. Derrick, no meio do grupo de adolescentes que estavam nos limites da rede de segurança da escola checando ansiosamente suas mensagens e feeds, começou a caminhar na direção deles quando os viu.

"Ei, Cynthia", disse Watt de repente, "posso pedir seu conselho em uma coisa?"

– De jeito nenhum. Eu já lhe falei antes, nem me venha com esses seus rolos com as meninas. Só porque nós somos amigos não significa que eu aprove o que você faz quando não estou por perto. – Ela ergueu uma sobrancelha, desafiadora.

– Como você sabe que... – Watt ficou em silêncio quando chegou um flicker em seus contatos.

– Eu ouço falar – disse Cynthia.

Watt não conseguia acreditar. A mensagem era nada mais, nada menos do que de Avery. *Oi, espero que você tenha tido um bom fim de semana*, ele leu. *Se você não tiver nenhum programa no sábado, quer ir ao jantar de gala do Clube Universitário comigo?*

Watt não conseguiu esconder um sorriso empolgado. As flores tinham dado certo, afinal. *Seria ótimo*, ele respondeu, enviando a mensagem transcranialmente por Nadia. *Beleza, então! Vou enviar os detalhes pra você. Ah, só pra esclarecer, meus pais e meu irmão estarão lá também. Vai ser um programa meio familiar*, acrescentou Avery, e Watt quase pôde ouvir a cautela em seu tom. Bem, ele não estava nem aí se teria de encantar os avós, os primos e o cabeleireiro de Avery. Ele sairia com Avery Fuller!

– É? E o que é que corre por aí? – perguntou Derrick, depois de ter lutado para passar pelas pessoas e chegar até eles.

– Watt me pediu conselhos para lidar com as garotas, mas eu estou fora. Não tô a fim de me envolver nessa. Sinceramente, tenho pena de quem quer que seja a próxima vítima dele – explicou Cynthia, com fingida seriedade.

– Ele foi pedir conselhos para *você*? – zombou Derrick. – Uau, isso tudo é por causa da Avery? Nossa – disse ele, virando-se para Watt –, você deve estar mais desesperado do que eu imaginava.

– Na verdade – interrompeu Watt – ela acabou de me convidar para um evento. O jantar de gala do Clube Universitário. – Ele tentou não parecer convencido, mas não conseguiu. Tinha feito o impossível: conseguiu fazer com que Avery Fuller o convidasse para sair. Sentiu vontade de fazer uma dancinha de comemoração.

– O Clube Universitário? Quem é essa garota? – Cynthia parecia não acreditar.

– É da alta sociedade – respondeu Derrick, como se isso explicasse tudo. Watt assentiu, mas não estava prestando atenção. Abriu a mensagem de Avery e instruiu Nadia a ajudá-lo a dar uma resposta espirituosa, mas confiante. *Parece ótimo*, começou ele. *E...*

– Você tá ligado que o Clube Universitário é superchique, né? – continuou Cynthia. – Você provavelmente vai precisar de um smoking.

Watt olhou para ela na mesma hora ao ouvir isso.

– Preciso de um smoking? Tem certeza?

Agora ele realmente precisava daquele bônus de Leda. Ele nunca tinha comprado um smoking, mas sabia que não era nada barato.

Ele olhou de novo para suas lentes, prestes a terminar a mensagem... E percebeu, em pânico, que as palavras que ele tinha acabado de falar haviam sido enviadas para Avery: *Parece ótimo, preciso de um smoking, tem certeza?*

Mas que droga, Nadia! Você sabia que eu não queria que isso fosse enviado para a Avery!, pensou ele, furioso.

Você estava no modo de composição de mensagens, respondeu Nadia. *Talvez se você me*

atualizar eu seja mais capaz de intuir intenções não ditas.

Ele achou que ela estava sendo sarcástica. Algoritmos recursivos idiotas. Devia ter programado Nadia com lógica linear, como a maioria dos *quants* faziam antes da proibição.

Watt se remoeu por dentro, imaginando como poderia consertar o estrago, porém Avery já havia respondido. *Sim, é black-tie. Posso te ajudar a comprar um smoking. Eu sei exatamente aonde ir!*

– Ah, com certeza você vai precisar de smoking para ir ao Clube Universitário – estava dizendo Cynthia.

Derrick riu.

– E onde, se é que eu posso saber, você vai arrumar grana para comprar um smoking, hein?

– Ele pode *alugar* um, seu idiota. Há um lugar que aluga roupas de festa neste andar. Fica no lado leste, eu acho – acrescentou Cynthia, tentando ajudar.

Mas Watt estava focado na resposta que daria a Avery. *Não precisa. O meu está com uma mancha de vinho tinto do último evento, só isso. Nada demais.*

Bem, caso você precise de um novo, eu ficaria feliz em acompanhar você nas compras esta semana.

Watt já ia protestar novamente, tentando esconder seu constrangimento, sua completa inexperiência com eventos formais (e com o mundo inteiro dela, na verdade), mas Nadia se intrometeu antes que ele pudesse pensar em uma resposta. *Eu rastreei os registros dos lugares onde Avery costuma fazer compras,* ofereceu, quase como se quisesse pedir desculpas. *Parece que ela nunca foi a essa loja de smoking com mais ninguém além de seu irmão. Calculo que se oferecer para levar você lá deve ser um bom sinal, não é?*

Ainda estou aborrecido com você, respondeu Watt. Porém Nadia tinha razão. Onde ele estava com a cabeça, recusando uma chance de ficar com Avery, não importa onde? *Beleza... Pode ser que eu precise então da sua ajuda, sim*, respondeu ele para Avery.

– Eu não vou alugar – disse Watt em resposta à pergunta de Derrick. Finalmente conseguira ter uma chance com a Avery, e queria fazer tudo direito. – Eu guardei uma grana. Não vai ter problema.

– Eu só espero que esta garota aí valha mesmo a pena. – Cynthia olhou com curiosidade para Watt.

– Pois é, e você dizendo que não queria se envolver... – brincou Watt, desviando de assunto de propósito. Claro que Avery valia a pena!

Derrick riu.

– Ainda está de pé a reunião na sua casa para estudar cálculo hoje de noite? – perguntou ele a Cynthia, que assentiu. Eles costumavam fazer um rodízio para estudar juntos durante a semana de provas, mas agora raramente incluíam a casa de Watt,

porque os gêmeos costumavam ser barulhentos e os distraíam demais.

– Não vai dar – disse Watt. Ele adorava ficar com seus amigos, mas realmente não precisava daquela sessão de estudos. Queria se concentrar no lance do Atlas para, se tudo desse certo, abocanhar aquela grana da Leda antes de sair para comprar um smoking.

– Ah, mas minha mãe já fez seus biscoitos favoritos! – protestou Cynthia, enquanto Watt se despedia.

* * *

Em casa, Watt apanhou um saco de pipocas na despensa, depois se acomodou à sua mesa e sacou a tela de visão.

– Nadia – disse em voz alta –, precisamos invadir o sistema da casa dos Fuller. Agora.

– Você quer fazer a invasão comigo? – perguntou Nadia, parecendo quase empolgada, se isso fosse possível. Quanto mais tempo passava com Nadia em sua cabeça, mais ele atribuía emoções humanas a ela, pensou Watt.

– Sim. Vamos nessa.

Fazia tempo que já não era mais necessário invadir nenhum sistema com Nadia. Na maior parte das vezes ela executava o serviço muito mais depressa sozinha, sem a interferência dele. Mas de vez em quando, quando o sistema em questão era mais complicado – em geral os idiossincráticos, que tinham sido codificados por programadores humanos absurdamente criativos –, eles se saíam melhor juntos.

Watt se acomodou e encontrou seu ritmo. Os dedos voavam pela *touch screen* enquanto ele manipulava trechos de informação invisível, como se estivesse controlando os fios de uma rede imensa e intrincada. Ele e Nadia trabalhavam bem em parceria. Enquanto abria caminho lenta e metodicamente pelo sistema, Watt sentia a presença dela ali, uma presença fantasmagórica, como a luz de uma vela tremeluzindo diante de sua visão. Perdeu toda a noção de tempo e de lugar, reduzindo-se à sequência de números na tela diante dele e esperando pelo lampejo intuitivo que lhe permitiria enxergar um padrão, um ponto cego, qualquer coisa.

Onze horas depois, eles conseguiram.

– Eba! – exclamou Watt com uma pontada de alegria, percebendo tarde demais que não tinha jantado, que àquela altura já estava praticamente amanhecendo. Mas não importava. Nadia vinha tentando invadir o sistema de segurança dos Fuller fazia semanas, e agora eles haviam finalmente conseguido. – Agora você tem acesso ao computador do quarto do Atlas? – perguntou a Nadia.

– Sim. Quer olhar o *live* feed?

– Na verdade, não – confessou Watt. Não tinha a menor vontade de observar o que

Atlas fazia sozinho em seu quarto. – Mas você pode monitorar isso para mim, certo?

– Pode deixar – disse Nadia, simplesmente.

Watt se recostou na cadeira, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e fechando os olhos com um suspiro contente.

– Quanto você acha que Leda pagaria, para ver o que você está vendo? – imaginou ele, em voz alta.

– Bem, neste exato momento Atlas está preparando seu Dreamweaver para a noite, então não tem nada de muito empolgante para ver – respondeu ela.

– O que tem no Dreamweaver dele? – perguntou Watt, meio curioso a contragosto.

– Imagens e ruídos da floresta tropical amazônica.

– Isso é meio estranho – disse Watt, confabulando em voz alta. A menos que...

"Você ainda tem acesso ao sistema do Departamento de Estado?", perguntou ele. Nadia havia invadido aquele sistema dezenas de vezes atrás de registros de pessoas desaparecidas, relatórios policiais e, uma vez, até os registros da agência nacional de transportes aéreos.

– Claro.

– Vamos começar executando reconhecimento facial em todas as câmeras de satélite sul-americanas. – Podia ser que Atlas simplesmente sonhasse com florestas tropicais sem motivo, Watt pensou, e tudo aquilo fosse um desperdício de tempo.

Ou talvez ele estivesse prestes a descobrir o segredo do cara, de uma vez por todas.

Ele foi para a cozinha fazer um sanduíche, sentindo-se quase oco, o corpo meio dolorido depois de tanto tempo no computador invadindo o sistema. Mas era um cansaço bom. Watt quase se esquecera de como se sentia bem ao concluir uma invasão complicada, como se tivesse escalado alguma montanha intangível ou resolvido um quebra-cabeças impossível. Devia fazer isso com mais frequência.

– A gente forma uma bela dupla, sabia, Nadia? – disse Watt, espalhando manteiga em uma fatia de pão. Estava tão cansado e empolgado que não ligava por estar falando sozinho na cozinha.

– Eu sei – concordou Nadia. Pelo som da sua voz, parecia que estava sorrindo.

RYLIN

– VIM VISITAR HIRAL KARADJAN – disse Rylin claramente e se adiantou ao balcão da recepção de visitas da Prisão Correcional Greycroft no Queens, onde Hiral ficaria até seu julgamento, a menos que por algum milagre sua família arrumasse o dinheiro para pagar a fiança.

– Esse garoto é muito popular – disse o guarda de meia-idade secamente, e fez um gesto para ela abrir a bolsa para inspeção.

– Sério? Hiral? – Rylin levantou a bolsa, cheia de presentes que legalmente poderia trazer.

– E como. Você é a terceira pessoa que veio hoje, e ele mal acabou de ser liberado para visitas. – O guarda franziu os lábios enquanto vasculhava os presentes de Rylin: xampus, um pacote dos biscoitos amanteigados da sra. Karadjan e até mesmo um tablet velho com o acesso à internet desativado, mas carregado com dezenas de livros e vídeos. – Beleza. Vá até ali para a inspeção de segurança – acrescentou ele, e apontou para o bioescaneamento, onde as imagens da retina de Rylin foram instantaneamente gravadas e seu corpo rastreado em busca de armas. Finalmente, quando a máquina emitiu uma luz verde, uma porta à frente dela se abriu.

"Ele vai chegar daqui a pouco", disse o guarda para ela, e voltou cansado até a sua mesa.

Rylin entrou em uma sala de paredes brancas e quase vazia, exceto por quatro mesas e cadeiras aparafusadas ao chão. Havia algo de estranho nas paredes; elas quase brilhavam, e Rylin imaginou o quão sólidas realmente seriam. Provavelmente tinham sido feitas com aquele vidro polarizador que parecia opaco de um lado mas do outro era transparente, para que a polícia pudesse assistir às conversas dos presos. Ela sentou-se numa cadeira diante da mesa do meio, mais distante das paredes, e colocou a bolsa sobre o tampo desgastado de metal.

Rylin se mexeu na cadeira, incomodada, tentando planejar o que dizer quando Hiral entrasse. Parecia insuportavelmente cruel terminar com ele quando ele estava na pior, mas ela não aguentava mais aquela situação – ficar com Cord sem ter realmente encerrado as coisas com Hiral. Imaginou que devia ser assim que Hiral se sentia quando consertava elevadores: pendurado num estado de suspensão, tenso, onde um movimento errado podia arruinar tudo.

A parede à sua frente se abriu. Rylin ergueu os olhos e o viu entrar trôpego, as mãos

algemadas na frente do corpo, acompanhado por dois robôs cilíndricos de segurança que deslizavam ao lado dele em rodas fantasmagóricas. Estava usando um macacão laranja horrível e tênis brancos padrão, e seu cabelo tinha sido raspado rente ao couro cabeludo. Sem seus cachos de menino, os traços do rosto dele ficavam mais evidentes. Ele parecia mais duro, mais sombrio – parecia *culpado*, Rylin percebeu. E era.

– Hiral – disse ela em voz baixa enquanto ele se sentava na cadeira à sua frente. Algemas magnéticas saíram das pernas da cadeira para abraçar suas panturrilhas. – Como estão as coisas?

– Como você *acha*? – disse ele, irritado. Os olhos de Rylin se arregalaram. – Foi mal – disse ele rapidamente, voltando a ser o Hiral que ela conhecia, por quem um dia havia se apaixonado. – Tá sendo muito difícil, só isso.

– É claro que sim – concordou ela, lembrando-se do que o guarda dissera. – Pelo menos sua família veio visitá-lo? – Rylin gostaria de ir direto ao ponto, mas não podia simplesmente aparecer ali e romper com ele, não ali.

– Minha família? – Hiral pegou a bolsa dela e começou a vasculhar distraidamente os presentes.

– Sim, o guarda disse que você recebeu duas visitas hoje.

– Não eram da minha família. – Hiral deu uma mordida em um dos biscoitos, sem olhar para ela.

– Ah. – Rylin sentiu um frio no estômago. Teria sido V, ou alguém envolvido em toda aquela confusão? Era melhor não saber. Melhor então ela simplesmente acabar logo com aquilo.

– Escuta, Hiral...

– Ry – interrompeu ele. – Preciso de um favor seu.

Antigamente ela teria concordado no mesmo instante, mas agora era gato escaldado.

– Que favor? – perguntou, com cuidado.

– Preciso que você me ajude a pagar a fiança.

Ela começou a rir do absurdo, mas Hiral franziu o cenho e ela ficou em silêncio. Meu Deus. Ele estava falando sério.

Ele apoiou os cotovelos na mesa e pôs a testa entre as mãos.

– O material está na entrada do elevador da linha C, na Dezessete. – Os olhos dele ainda estavam fechados, os ombros curvados em aparente derrota.

– Hiral! – disse ela, em voz aguda e irritada, entrando em pânico. E se a conversa naquela mesa estivesse sendo grampeada? Mas ele continuou, falando em tom baixo e rápido.

– Tá tudo bem. Ponha a mão no meu ombro. Eles não escutam. Só não quero que vejam a minha boca, usem um programa de leitura labial ou qualquer coisa assim.

Rylin obedeceu, com o coração saltando pela boca. Quem olhasse para a cena só

imaginaria que ele estava arrasado, apoiando a cabeça entre as mãos, enquanto ela o consolava. Os punhos dele estavam quase em seu queixo, bloqueando a visão da sua boca.

– Linha C, na Dezessete – continuou ele. – Atrás do painel de controle da esquerda. Preciso que você limpe tudo. Tudo. Não deixe nada, principalmente os Spokes do Anderton. V vai entrar em contato com você em breve para marcar hora e lugar para a transferência. Entregue tudo a ele. Deve ser o suficiente para cobrir minha fiança. Graças principalmente a você, por roubar aqueles Spokes – completou ele.

Rylin estava muda. Será que Hiral realmente havia acumulado quinze mil nanodólares em drogas? Quando foi que isso aconteceu?

– Hiral, você sabe que eu não posso fazer isso – disse ela devagar. – Por causa da Chrissa. Se eu for pega, ela vai para a adoção.

Os olhos dele se endureceram, e ele a olhou bruscamente.

– Ah, quer dizer que todo mundo pode se arriscar a ir parar na cadeia, mas você é boa demais para isso?

– Desculpe. – Rylin tentou manter a voz calma. – E o V? Ele poderia fazer isso.

– Você sabe que ele não pode entrar lá. Além do mais, só confio em você para esse serviço.

– Hiral, por favor...

– Você tá querendo que eu *fique* trancado aqui, é isso? – vociferou ele, com o rosto vermelho.

– Claro que não, mas...

– Puta que pariu, Ry! – Hiral bateu o punho na mesa. Ela tomou um susto e seu corpo saltou, mas ele agarrou o pulso dela com toda a força. – Você vai fazer isso por mim, tá legal? Isso é o que os namorados fazem. Ajudam uns aos outros, *protegem* uns aos outros. Você vai me ajudar a sair daqui, porque você é minha namorada. – Ele disse a palavra como se fosse um palavrão. – E, porque você é minha *namorada*, eu vou proteger seus segredos.

– Meus segredos? – sussurrou Rylin.

– Aquilo que você roubou do Cord. Eu te amo, Rylin. Nunca deduraria você, não importa quantas vezes eles me pressionem para isso.

Rylin sentiu como se tivesse sido chutada no peito. Ele a estava *ameaçando* com os Spokes roubados. Ela olhou para as paredes, sentindo-se atordoada. Será que a polícia estava ouvindo isso?

– Eu já lhe disse, eu não sou importante o suficiente para eles quererem ouvir minha conversa – disse Hiral, lendo a mente dela. Ele inclinou o corpo para trás e soltou a mão dela. Rylin colocou a mão no colo. Ele tinha segurado seu pulso com tanta força que os dedos dela tinham ficado dormentes.

– Tá bem. Eu vou ajudar – disse ela, as palavras arrancadas à força. Não tinha outra escolha.

– Óbvio que vai.

Rylin apoiou as mãos sobre a mesa. De repente, parecia que não havia ar na sala. As paredes se fecharam ao seu redor como se ela estivesse presa. Ela não podia terminar com Hiral. Ainda não, pelo menos. Tinha de ficar com ele até resolver aquela história e tirá-lo da prisão.

– Agora, vem aqui me dar um beijo – disse Hiral, indicando com a cabeça seus tornozelos presos nos pés da mesa. Obedientemente, Rylin se levantou e rodeou a mesa. Roçou os lábios levemente sobre os dele, mas Hiral se levantou e a agarrou à força, os lábios duros e inflexíveis, quase machucando-a.

Depois de um momento, ela se afastou. Sentia o corpo completamente gelado.

– Melhor eu voltar para casa – disse ela, e virou-se para voltar até o salão de inspeção e depois para a saída.

– Até mais! – gritou Hiral às suas costas.

Por alguns minutos, Rylin caminhou sem se dar conta de para onde ia. Sua cabeça repassava sem parar a ameaça horrível de Hiral. Finalmente, ela parou onde estava e abraçou o próprio corpo, ainda tremendo incontrolavelmente. Estava parada diante da entrada da linha A, que seguia direto até a casa de Cord. *Por que não?,* decidiu; ele só chegaria em casa bem mais tarde, mesmo. Seria bom escapar por algum tempo para o mundo seguro, livre de chantagens e protegido no alto.

***

Várias horas mais tarde, quando Rylin estava enrodilhada numa poltrona na biblioteca da casa de Cord, com a lareira holográfica acesa e um velho álbum de instafotos da sua mãe no colo, ouviu um barulho na porta.

– Cord, desculpe – disse ela, mas quando ergueu os olhos viu Brice. Ela não tinha se dado conta de que ele estava na cidade novamente.

– Pelo jeito você anda dando um duro danado – disse ele, com voz arrastada.

– Cord me permite fazer pausas – retrucou ela, na defensiva. Mas ela sabia o que estar à vontade na casa dele daquele jeito parecia, e ele também.

Brice levantou as mãos se rendendo.

– Longe de mim criticar. Eu também gosto de empregos com benefícios, sabe.

– Eu não sei o que você está querendo dizer com isso – disse Rylin. Ele deu um passo à frente, e ela se encolheu para trás, segurando o álbum à sua frente como um escudo. – Escute, por que você não...

– O que está acontecendo? – Cord estava na porta.

– Eu estava tendo uma conversa brilhante com nossa empregadinha aqui sobre ética no trabalho. – Brice piscou um olho e saiu pela porta.

– Desculpe – disse Rylin, mas por que ela estava se desculpando, ela não sabia.

– Ah, o Brice é assim mesmo. Age de forma meio assustadora, mas seu coração está no lugar certo.

"Será?", Rylin pensou. Ela sabia que a canalhice de Cord era apenas fachada, e sabia com quem ele tinha aprendido, mas não tinha tanta certeza assim no caso de Brice.

– O que você está olhando? – Cord apontou para o álbum enquanto se sentava na poltrona ao lado dela.

– Nada de mais. – Rylin vinha folheando os álbuns de fotos, procurando mais retratos de sua mãe, mas não tinha descoberto nada até agora. – Eu não queria ter perdido a noção do tempo – acrescentou, mas Cord fez um gesto para que ela parasse com as desculpas.

– Eu também adoro essa biblioteca. – Olhou para as prateleiras de livros antigos, o tapete floral sob seus pés, a lareira simulada, que crepitava e emanava calor, tão convincente que parecia real.

Rylin olhou do relógio antigo na parede para Cord. Ele estava usando uma camisa cinza lisa, e havia lama seca na bainha de sua calça jeans.

– Você faltou à escola de novo hoje? – perguntou ela, embora já soubesse a resposta.

– Ocasião especial – foi tudo o que ele disse. E em seguida: – Ei, faz um século que não vejo essas fotos! São da minha festa de aniversário de quatro anos? Aquela do Aladim, com o gênio holográfico?

Rylin, sem dizer palavra, estendeu o álbum de fotos para ele, e Cord começou a folhear as páginas, parando aqui e ali para apontar versões infantis de seus amigos atuais, um enorme bolo com muito mais do que quatro velas, um show de mágica holográfico que, aparentemente, tinha assustado tanto Brice que ele fizera xixi na calça. Rylin assentia de vez em quando, sem prestar muita atenção. Em sua mente, ela continuava naquela sala de visitas da prisão, vendo Hiral de um jeito completamente novo.

Cord tinha parado de falar e estava olhando para ela ansioso, obviamente à espera de uma resposta para alguma pergunta.

– Ah! – exclamou Rylin, assustada. – Isso é... Hã...

Cord pousou a mão sobre a dela.

– Rylin. O que está acontecendo?

Rylin virou a mão e entrelaçou os dedos nos dele. Odiava não poder ser totalmente sincera com Cord. Ela estava enroscada em todas as mentiras que havia lhe contado, uma pilha que só fazia crescer, como aquele antigo jogo de empilhar em que se colocavam peças umas sobre as outras até a torre cair.

– Um amigo meu foi preso. Eu o visitei na prisão hoje – confessou ela, contando a maior quantidade de verdade que era possível. – Estou um pouco abalada, para ser sincera.

– Sinto muito – disse Cord. Rylin encolheu os ombros de um jeito desamparado. – Por quê? – acrescentou ele, depois de um momento.

– Tráfico.

– Ele traficava mesmo?

Algo na pergunta colocou Rylin na defensiva.

– Sim, traficava – disse ela apenas.

– Bom...

– Você não entende, tá legal? Você não entende como é na base da Torre, que às vezes você tem de fazer coisas que não quer! Simplesmente porque não existe *escolha*!

– Sempre existe uma escolha – disse Cord calmamente.

Rylin levantou-se de repente, fechando o álbum de instafotos e guardando-o de novo na prateleira. Uma parte racional dela sabia que Cord estava certo, mas por alguma razão ela continuou chateada.

– Ei. Desculpe. – Cord se aproximou e a abraçou por trás. – Você teve um dia difícil. Eu não queria... Desculpe – disse ele mais uma vez.

– Tá tudo bem – disse Rylin, mas não se mexeu.

Eles ficaram assim por algum tempo, sem dizer nada. Havia algo estranhamente calmante naquele silêncio. Por fim, Cord se afastou.

– Não sei você, mas eu estou morrendo de fome – disse ele, num esforço claro de quebrar a tensão. – O que vamos pedir?

– Você sempre pede comida?

– Bem, eu me ofereceria para cozinhar para você, mas minhas habilidades culinárias são limitadas a macarrão congelado e, pelo visto, passar vergonha.

– Você merecia aquela bofetada – disse Rylin, sorrindo sem querer ao lembrar aquilo. Parecia ter acontecido há muito tempo atrás.

***

Mais tarde naquela noite, depois de comerem – Rylin insistira para cozinhar, e inclusive envolvera o frango assado em bacon, coisa a que ela nunca poderia se dar ao luxo de fazer em casa –, ela se enrodilhou no sofá da sala de estar. Era melhor voltar. Chrissa em breve estaria em casa; ela estava voltando tarde da escola todos os dias naquela semana, por causa do campeonato estadual. Rylin, porém, sentia-se esgotada com o espectro de emoções que tinha vivido hoje. Precisava descansar, por um minuto apenas.

– Você quer dormir aqui? – perguntou Cord. Sua confiança habitual vacilou um

pouco.

Rylin sabia o que ele estava perguntando. Ela não podia dar esse passo, ainda não.

– Preciso voltar para casa – disse ela, e deu um enorme bocejo. – Será que eu podia só... por cinco minutinhos... – Inclinou a cabeça para trás na almofada. Cord fez menção de ir embora, mas Rylin se deu conta de que não queria que ele fosse. – Espere – protestou ela, sonolenta.

Ele se sentou ao seu lado, e Rylin mudou de posição para que suas costas ficassem aninhadas no peito dele. Aos poucos, sua respiração foi ficando mais regular.

Finalmente Cord saiu do sofá. Rylin estava dormindo, portanto não o viu procurar um cobertor no armário e dobrá-lo cuidadosamente ao redor dela. Não viu o olhar que ele lhe deu por um momento, estudando o modo como seus cílios estremeciam em seu sono. Não o viu inclinar-se para baixo e afastar seus cabelos para trás e, em seguida, beijar levemente sua testa antes de ir para o quarto e fechar a porta.

Mas, quando ela acordou no meio da noite, e sentiu o cobertor ao redor de seu corpo, Rylin se aconchegou mais e sorriu no escuro.

ERIS

ERIS ESTAVA DEITADA no chão da sala de aula de artes, olhando para o teto, assistindo junto com seus colegas a um Michelangelo holográfico pintar a Capela Sistina. Ouvia Avery soltar um suspiro ao lado dela a cada vez que o pintor dava outra pincelada. Nunca entendeu por que Avery adorava tanto aquele tipo de coisa – foi por culpa de Avery que Eris se matriculou naquela disciplina, para começo de conversa. O professor começou a falar sobre alguma coisa, papas, sei lá, mas Eris não estava prestando atenção. Moveu a bolsa embaixo da sua cabeça para ficar mais confortável. Seus olhos se arregalaram ao ver uma imagem no canto do teto, segurando um pergaminho e olhando ansiosamente por cima do ombro para um anjo pintado. O cabelo da menina era da mesma cor que o dela.

O que Mariel diria sobre aquele tipo de aprendizado imersivo? Provavelmente ela apenas iria dar risada e revirar os olhos, depois faria algum comentário sobre como as pessoas ricas não sabem gastar direito seu dinheiro. Eris olhou ao redor da sala. Não havia mais carteiras, janelas e lousas. Graças a um sistema de hologramas e espelhos elaborado e incrivelmente caro, cada superfície tinha sido totalmente transformada em uma igreja do século XVI. Eris se perguntou, de repente, quantas famílias dos andares mais baixos não poderiam ser alimentadas apenas com o custo do equipamento tecnológico daquela sala.

Mal podia esperar pelo fim da aula, quando então poderia esgueirar-se até os limites do sistema de segurança da escola e ver se Mariel tinha lhe mandado alguma mensagem. Elas haviam passado a maior parte da semana anterior juntas, desde que Mariel foi até o apartamento de Eris na manhã seguinte à missa.

– Beleza – dissera Mariel apenas, e Eris assentira, e pronto. Elas tinham caído em um costume tácito de se encontrarem de noite, quando Mariel saía do trabalho. Às vezes, faziam a lição de casa juntas, ou ficavam sentadas no sofá assistindo a comédias idiotas, ou então saíam para resolver alguma providência para a mãe de Mariel, que era vendedora em uma loja de departamentos. Na maior parte do tempo, a mãe dela insistia que Eris ficasse para o jantar. Eris tinha jantado na casa dela nas três noites anteriores. Era bom sentir-se parte de uma família novamente. Quanto mais tempo Eris passava com Mariel, mais queria passar.

Um bipe alto interrompeu os sons do cantarolar do Michelangelo holográfico. Uma mensagem da diretoria, pensou Eris, com a curiosidade atiçada. E então ela ouviu seu

nome.

– Eris Dodd-Radson?

A velha Eris teria adorado este momento, levantado lentamente e atirado o cabelo de lado, deixando que todos pensassem que ela estava indo a algum lugar incrível. Mas agora ela simplesmente se levantou e apanhou suas coisas. Ignorou o sussurro de Avery e saiu rapidamente em direção à sala do diretor.

A última pessoa que ela esperava ver ali era sua mãe.

– Eris! – exclamou Caroline, adiantando-se para abraçar a filha. Eris ficou parada, chocada por sua mãe estar ali, na escola, para apanhá-la. – Vamos indo. – Sua mãe colocou uma mão firmemente atrás das costas dela e a conduziu para fora pelas portas da escola. A secretária do diretor deu-lhes um sorriso falso, já se virando de novo para a tela de seu tablet.

Um hover esperava por elas ao lado da escola.

– Nós não podemos nos dar ao luxo de andar de hover. – Eris virou-se, lembrando sua mãe, mas Caroline já a estava colocando para dentro e inserindo o destino na tela. – Tome – disse ela, entregando a Eris uma sacola de roupa recém-passada. – Troque de roupa. Estamos atrasadas.

– Você está falando sério? – perguntou Eris.

– Por favor. Como se fosse a primeira vez que você troca de roupa em um hover – respondeu sua mãe. Nisso ela tinha razão.

Eris tirou o uniforme da escola e entrou no vestidinho que estava dentro do saco – o seu vestido leve mais bonito, um Lanvin roxo com grandes manchas salpicadas azuis e brancas. Eris não tinha levado aquele vestido ao se mudarem e olhou sem entender para a mãe, mas Caroline apenas encolheu os ombros.

– Eu o peguei no depósito para você – disse ela, e Eris sentiu uma pontada de gratidão.

Finalmente elas pararam diante do pátio pavimentado do Hotel Lemark, no 910º andar. Eris ainda não tinha ideia do que estava acontecendo.

– Mamãe – retrucou ela, perdendo a paciência –, você não pode simplesmente me tirar da escola e esperar que eu...

– Viemos aqui para encontrar o seu pai biológico.

O mundo pareceu ficar em silêncio, tudo girando vertiginosamente ao redor dela. Eris não conseguia pensar.

– Ah – disse ela por fim, com um arfar minúsculo. Seguiu sua mãe para fora do hover, até o pátio. Uma fonte ali perto pulverizava a água formando um L cursivo gigante.

– Depois que você me perguntou dele algumas semanas atrás, eu o procurei e lhe contei tudo. Ele quer te conhecer.

Os olhos de Eris se voltaram para o hotel, as lágrimas borrando sua visão.

– Ele está aqui? – sussurrou ela.

Sua mãe fez que sim.

– Ele está lá dentro agora.

Eris ficou imóvel por um momento, hesitante.

– Certo – ouviu sua própria voz dizer, e soube que era a coisa certa a ser feita. Se ela não conhecesse seu pai biológico agora, quando ele estava ali, à sua espera, a dúvida a assombraria para sempre.

Caroline deu um passo à frente. Eris começou a se afastar dela, mas mudou de ideia. "Eu já a castiguei o bastante", decidiu, e aceitou o abraço de sua mãe.

– Eu te amo, Eris – sussurrou Caroline. Eris sentiu uma umidade em seu pescoço e percebeu que sua mãe estava chorando.

– Eu também te amo, mãe – disse ela, enquanto a parede que ela tinha construído entre elas começava a rachar, mesmo que apenas um pouco.

* * *

Eris não disse nada enquanto entravam no hall frio e silencioso do Lemark, onde um *concièrge* de luvas brancas conversava com uma senhora obesa vestindo roupas de golfe. Meio longe do burburinho, na esquina da Dezessete com a Riverside, o Lemark era o local favorito para reuniões secretas de empresários – e, pelo que Eris ouvira falar, encontros fortuitos de casais. Dizia-se que o próprio presidente costumava ir escondido até ali para se encontrar com a sua atual esposa, antes de se divorciar da ex-primeira-dama. O que significava o fato de seu pai ter sugerido encontrá-la ali? Por algum motivo, Eris se sentiu incomodada, como se ela e sua mãe fossem um segredinho sórdido. "Está tudo bem, provavelmente ele só quer privacidade", pensou.

Eles entraram na sala de jantar, cheia de sofás de couro preto, tão separados que era impossível alguém de uma mesa ver os hóspedes das outras. Eris percebeu que não conseguia ouvir nem um único pedaço de conversa, apenas a música que ribombava dos alto-falantes. Talvez todas as mesas fossem equipadas com silenciadores.

A *hostess*, uma morena de olhos escuros com uma saia justa e apertada, olhou para elas.

– Nós somos os Dodd-Radson – disse Caroline, teimando em usar seu antigo sobrenome, ou talvez ela tivesse apenas falado sem pensar, da mesma maneira que Eris continuava fazendo. Mas a *hostess* parecia já saber quem elas eram.

– Por aqui – disse ela, passando por entre as mesas isoladas até um canto nos fundos. – Ele está aguardando a senhora.

Eris sentiu um arrepio de apreensão e segurou instintivamente a mão de sua mãe.

Chegaram à mesa justamente quando um cavalheiro ergueu-se das sombras, e Eris deu um risinho curto, impotente.

Ela se virou para a *hostess*.

– Deve ser a mesa errada. Vim encontrar outra pessoa – disse ela, maravilhada com a coincidência, porque na verdade conhecia aquele homem. Era Matt Cole, o pai de Leda.

Mas a *hostess* já havia se afastado, e o sr. Cole estava pigarreando.

– Caroline – disse ele, a voz baixa e rouca. – É sempre um prazer ver você. – Ele estendeu a mão desajeitadamente. – Eris, obrigado por ter vindo. – E ela percebeu, atordoada, que não tinha havido engano nenhum.

O pai de Leda era seu pai também.

Ela e a mãe se sentaram, deslizando desajeitadamente para o sofá de modo que Eris ficasse entre seus pais. O silêncio parecia tenso e pesado. Cole estava olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes, seus olhos rastreando os traços de seu rosto, provavelmente procurando por si mesmo neles. Eles tinham uma boca parecida, Eris percebeu, e sua pele era tão clara quanto a dela. Mas como ela se parecia muito com a mãe, era difícil dizer.

Um robô se aproximou com uma bandeja de bebidas e começou a distribuí-las.

– Desculpe, eu me adiantei e fiz um pedido – disse o sr. Cole, meio envergonhado. – Caroline, o spritz é para você, e Eris, pedi uma limonada. Eu me lembro que é o que o que você mais gosta, certo?

Ela assentiu com a cabeça. Sim, era sua bebida preferida – *na oitava série, a única vez em que dormiu na casa de Leda.*

Eles ficaram sentados lá, mexendo em seus copos, todos esperando alguém falar primeiro. Eris se recusou a ser a primeira a dizer alguma coisa. Ela ainda estava tentando entender tudo isso. Mil momentos começaram a passar novamente em sua cabeça – o modo como sua mãe sempre perguntava que outros pais estariam presentes antes de ir a qualquer evento da escola; suas perguntas aparentemente casuais sobre Leda, que, obviamente, não eram nem um pouco casuais. Agora tudo fazia sentido. Mas...

– Quando? – disse ela, sacudindo a cabeça, confusa. – Quero dizer, quando vocês dois... – *Namoraram?* Ela não sabia como colocar a pergunta, mas sua mãe entendeu.

– Matt e eu nos conhecemos quando tínhamos uns vinte e poucos anos – disse Caroline, observando Eris. – Antes de eu conhecer seu pai. Fazíamos parte do mesmo grupo de amigos, todos novos na cidade. A Torre ainda estava em construção, todos estavam espalhados nos bairros esperando que acabasse. Éramos todos tão pobres – acrescentou ela, virando-se para o sr. Cole. – Vivíamos de salário em salário. Lembra como no meu primeiro apartamento em Jersey City eu usava toalhas de praia como cortinas?

– Você não tinha dinheiro nem para comprar móveis – disse o sr. Cole, com um tom divertido. – A sua mesa de centro era feita de caixotes de madeira empilhados.

– No verão, quando o calor estava demais, íamos para os mercados cobertos e ficávamos vagando por ali até nos expulsarem, porque não tínhamos grana para comprar ar-condicionado.

Eris olhava de um para o outro, totalmente perturbada com aquela sessão de memórias. Sua mãe sorriu de leve ao se lembrar daquilo tudo, depois virou-se para Eris, já composta.

– Enfim – disse Caroline –, então a minha carreira de modelo decolou. Eu conheci Everett, e Matt voltou para casa, para Illinois, por um tempo. Quando nos encontramos de novo, já haviam se passado muitos anos, e eu estava casada...

"E o sr. Cole também", pensou Eris. Ela se lembrava disso, de como ele tinha reatado com a mãe de Leda, seu amor dos tempos de escola, quando voltou para sua cidade para cuidar do pai doente, e depois a convenceu a ir com ele para Nova York, para morar na Torre recém-construída. Meu Deus, a sra. Cole provavelmente devia estar grávida de *Jamie* quando seus pais se viram novamente. Porém nenhum dos dois mencionou esse detalhe específico.

– Bem, nós nos reencontramos, e então... – Caroline olhou para Eris. – Então, aí está você. – Ela desviou o olhar, torcendo o guardanapo no colo até os nós de seus dedos ficarem brancos.

– Eris – interrompeu o pai de Leda, o pai *dela.* – Eu não tinha ideia até sua mãe me telefonar. Nunca imaginei que você fosse minha filha. Como você sabe, Caroline e eu não estamos mais... envolvidos há anos. – Ele pigarreou como um homem de negócios. "Claro, ele ainda está chocado", pensou Eris. – Eu quero te dizer que sinto muito por tudo o que você está passando – continuou ele. – Imagino que isso deve ser muito difícil para você.

– Sim. É uma porcaria – disse Eris secamente. Caroline apertou sua mão.

– Por favor – disse o sr. Cole – deixe eu ajudar no que eu puder.

Eris olhou para a mãe. Ele sabia que elas estavam morando no 103º andar? O que ele ia dizer à sua família? Mas, quando abriu a boca para perguntar, o sr. Cole bateu no centro da mesa e sacou o cardápio holográfico.

– Vamos todos almoçar? – sugeriu, hesitante. – Os rolinhos primavera *shishito* daqui são fabulosos. Se vocês tiverem tempo, claro.

– Nós adoraríamos – disse Caroline firmemente. Eris tomou um longo gole da limonada que ela não queria, a mente ainda tentando se ajustar àquela estranha realidade nova. Os olhos do sr. Cole se encontraram com os dela e ele sorriu. Eris sentiu-se amaciar um pouco. Lembrou-se de repente de quando foi para a igreja com Mariel, da maneira como estranhos criavam uma conexão com ela com nada mais do que um toque

e um olhar. E esse pai biológico, que não era um estranho, estava tentando, a seu modo, estabelecer uma conexão com ela.

Enquanto o homem que tinha sido seu pai nos últimos dezoito anos tinha parado de falar com ela.

O pai de Leda era seu pai. Era basicamente a última coisa no mundo que ela esperaria. Mas ele estava ali, e estava se esforçando. Eris olhou para ele e sorriu.

– Claro – disse, com tanta animação quanto conseguiu. – Almoçar vai ser ótimo.

LEDA

LEDA SENTOU-SE EMPERTIGADA, ofegante; seu pijama de seda estava ensopado de suor. Com os dedos arqueados como garras, ela agarrou forte os lençóis.

Tivera o mesmo sonho de novo.

As luzes lentamente se acenderam quando o computador do quarto detectou que ela estava acordada. Leda encolheu-se no centro da imensa cama, abraçando os joelhos. Tremia. Tinha a sensação de que seus membros estavam pesados demais para se moverem, como se ela tivesse virado uma minúscula criatura sob os controles de um corpo enorme e desajeitado.

Ela queria um comprimido. Desesperadamente. Meu Deus, não o desejava tanto assim desde os primeiros dias de reabilitação. Naquele período, ela teve sonhos como aquele todas as noites: em que se afogava numa água negra como tinta; em que dedos tentavam alcançá-la, duros e frios como a morte. *Eu sou minha maior aliada*, repetiu Leda, tentando voltar a si, mas sem sucesso. Fazia muito frio ali dentro; era como se seu cérebro tivesse silenciado e tudo o que ela queria era uma explosão de xenperheidrina para trazê-la de volta à vida.

Quando finalmente achou que conseguia se mexer, ela afastou as cobertas, fez um coque no cabelo e foi para a cozinha. Queria um copo d'água. Podia ter pedido ao computador do quarto, é claro, mas achou que talvez conseguisse se acalmar um pouco se desse uma volta. Tinha a sensação de que alguém havia extirpado sua cabeça de dentro pra fora.

O apartamento estava estranhamente silencioso. Leda andou um pouco mais rápido. Seus pés descalços desviavam dos quadrados de luar refletidos no chão, do mesmo jeito que ela e Jamie faziam quando pequenos, fingindo que tocar a luz dava azar. Na cozinha, ela abriu a geladeira e lá ficou por um tempo, deixando o ar gelado beijar seu rosto.

Suas pálpebras estavam fechadas, mas por trás delas, quase sem perceber, Leda tinha esboçado um flicker para seu antigo traficante, Ross. Não enviá-lo estava lhe custando cada milímetro de seu autocontrole. Está tudo bem, sempre dizia a si mesma – não só bem, mas ótimo. Ela iria para o evento beneficente com Atlas, mesmo que isso custasse sua amizade com Avery. Bem, a culpa era de Avery por agir de forma tão estranha. Ela merecia Atlas, Leda lembrou. Merecia ser *feliz*.

Seu maxilar enrijeceu; ela virou-se e começou a voltar para o quarto, mas acabou

tropeçando em algo no hall de entrada e soltou um palavrão baixinho. Era a maleta do seu pai, jogada no mesmo canto onde ele a havia deixado ao voltar para casa. Ao ver parte de uma caixa laranja no bolso lateral da mala, Leda parou. Pelo visto, o pai dela havia feito compras na Calvadour. O aniversário de casamento de seus pais ocorreria em alguns dias, e esse devia ser o presente da mãe.

Leda não viu mal algum em levantar o canto da caixa e ver o que o pai havia comprado. Deparou-se com uma echarpe de seda na cor creme, cuja bainha parecia ter sido bordada à mão. Ela fez um rápido comando verbal para suas lentes de contato e elas fizeram a busca no ShopMatch. Ao ver o quanto o presente havia custado, Leda surpreendeu-se. O pai devia andar mesmo muito apaixonado ultimamente.

Ou sentindo-se muito culpado por alguma coisa.

Leda guardou a caixa no lugar e voltou pelo corredor. No entanto, mesmo depois de deitar, ela não conseguia pegar no sono. Estava ansiosa. Queria mandar um flicker para Atlas, mas era de madrugada e ela não queria fazer papel de maluca.

Quais são as últimas sobre o Atlas?, escreveu ela em vez disso para Nadia, sem muita esperança de receber uma resposta imediata.

Logo depois, a resposta chegou. *Tenho mesmo uma novidade.*

Ao começar a ler a mensagem, Leda ficou imediatamente atordoada. Ao que parecia, Atlas passara os últimos meses na Amazônia, trabalhando em algum tipo de pousada no meio da selva. Como prova, Nadia até enviou algumas fotos aéreas, tiradas provavelmente por satélites que estavam passando por ali.

Você invadiu o site do Departamento de Estado? Leda não conseguiu evitar a pergunta. Aquelas imagens só podiam ter vindo da rede de comunicação do governo.

Não te falei que sou a melhor?

De olhos fechados, Leda ficou deitada na cama, murmurando para suas lentes enquanto elas projetavam uma sequência de imagens para ela. O cara nas fotos estava mais bronzeado e tinha o início de uma barba, mas definitivamente era Atlas.

Ela virou de um lado para o outro, querendo adormecer. Imagens escuras e retorcidas do pesadelo surgiram em sua mente. O flicker para Ross ainda estava projetado no dorso de suas pálpebras. Deus, como ela queria enviá-lo.

Será que mais alguém já havia se sentido assim, sozinho e frenético, assombrado por um medo que não conseguia identificar? Avery, por exemplo? Leda duvidava. Contudo, parte dela se perguntava se Atlas seria capaz de entender. Talvez ele tivesse desaparecido no ano anterior porque estava fugindo de algo também. Algo grande, se teve de ir até a floresta tropical para escapar.

O que quer que fosse, ela tentava imaginar se Atlas havia resolvido a questão – ou se seus demônios ainda o perseguiam à noite, como os dela.

WATT

WATT ESTAVA EM FRENTE à Norton Harcrow Moda Masculina, no 951º andar, esperando impaciente por Avery.

Muitos cientistas sociais acham que se pode reduzir o nervosismo por meio de rituais como a contagem, especialmente ao se imaginar um animal inofensivo. Como ovelhas, por exemplo, Nadia projetou em seus olhos.

Não estou nervoso, pensou Watt em resposta, irritado.

Você está dando muitos sinais fisiológicos de nervosismo: ritmo cardíaco elevado, palma das mãos suada. Uma ovelha de desenho animado cobriu sua visão. Watt balançou a cabeça para dissolvê-la.

Dá para você ficar quieta e só falar quando eu lhe fizer uma pergunta? Pouco à vontade, ele secava as mãos dentro dos bolsos quando um hover estacionou e Avery saiu de dentro dele.

– Watt! – Ela jogou as ondas de seus cabelos cor de girassol sobre um ombro. Usava um vestido branco básico que deixava à mostra seu corpo magro e bronzeado, e um colar de pedras escuras brilhava em seu decote, roubando a atenção. – Estou superfeliz que a gente está fazendo isso – comentou, levando-o para a loja.

– Obrigado por vir comigo – respondeu ele. – E por me convidar pro baile, claro.

– Estamos falando sobre o mesmo evento, né? – provocou ela. – É que eu me sinto meio culpada por arrastar você junto comigo. Você sabe como essas coisas podem ser.

Não, eu não sei. Mas não estou nem aí. Você vai estar lá. Watt escapou de ter de dar uma resposta ao passarem pelas portas de madeira maciça da loja, que se revelaram não serem de madeira maciça em absoluto, mas um holograma baseado na localização, que emitiu um brilho e se formou novamente depois que eles passaram. Ele olhou para trás por cima do ombro e viu que a entrada agora se transformava em colunas gregas de mármore.

– Que estranhamente jônico da parte deles. – Watt apontou com indiferença, quase na mesma hora em que Avery suspirou e disse:

– Amo aquelas portas.

Watt sentiu um lampejo de culpa – ele nunca havia insultado algo que era importante para uma garota, pois Nadia sempre o salvava desse tipo de coisa. No entanto, para seu deleite, Avery tinha começado a rir do trocadilho.

– Acho que são dóricas, mas valeu a tentativa – zombou ela. – Este ano, Eris e eu

estamos estudando história da arte, sabe.

– Isso deve ser uma tortura para você e Eris, olhar para um monte de coisas bonitas que não podem comprar – Watt atreveu-se a dizer, e imediatamente achou que tinha ido longe demais. Não estava acostumado a lidar sozinho com esse tipo de brincadeira.

Mas Avery apenas riu de novo.

– Sabe, ninguém nunca tinha me mostrado esse lado, mas talvez você tenha tocado num ponto importante.

– E por falar em Eris, como ela está? – perguntou Watt, pensando na festa.

– Para ser sincera, não sei muito bem – respondeu Avery. – Ela saiu da escola no meio do dia hoje, o que não é um bom sinal, certo?

Watt queria oferecer ajuda, pois saber do paradeiro de Eris acalmaria os medos de Avery; mas é claro que isso era impossível.

Enquanto caminhavam pela loja em direção à seção de roupas de gala, vendedores de vários balcões os cumprimentavam com a cabeça e murmuravam "olás" para Avery, chamando-a pelo nome.

– Parece que todo mundo aqui te conhece – disse Watt, um pouco intimidado.

– Eu sempre compro aqui. – Avery deu de ombros.

– É uma loja de moda masculina – Watt não pôde deixar de observar. Avery sorriu.

– Eu sei.

Ele a seguiu pelas prateleiras de gravatas coloridas, cintos, calções e elegantes maletas até uma espaçosa área onde estava escrito ROUPAS DE GALA. As paredes e o chão dessa seção eram de um forte branco industrial e a área era cheia de cadeiras de couro e pequenos sofás. Watt olhou ao redor, mas não viu nenhuma roupa.

– Aqui é meio ofuscante, né? – observou. O brilho do branco era tão forte que ele quase acionou o bloqueio de luz em suas lentes.

Avery lançou-lhe um olhar engraçado.

– Isso é para que eles possam construir configurações. Não fizeram isso na última vez que você experimentou um smoking?

– Avery, querida! – Uma vendedora pálida e exausta, com olheiras escuras, apareceu de uma sala nos fundos. As mangas de seu suéter cor de carvão ultrapassavam seus punhos magrelos. Ela parecia familiar, mas Watt não conseguia identificá-la. *Nadia?*

– Quem você trouxe para mim hoje? Não é o Atlas?

– Rebecca, este é o Watt, um amigo meu. Ele precisa de um smoking novo.

Rebecca torceu os lábios quando viu Watt e entrecerrou os olhos, reconhecendo-o. Ela parecia um pouco mais velha do que Watt e Avery, mas não muito. Se ele não tivesse...

Onze de dezembro do ano passado, Bar Anchor. Ela disse que se chamava Bex e que era caloura em Amherst. Ela o viu de novo na noite seguinte, mas você a ignorou para falar com

a amiga dela, informou-lhe Nadia.

Bem, isso explicava por que ela parecia familiar.

– Vamos começar – disse Rebecca, num tom ágil e impessoal. – Watt, será que você pode... Ah. – Ela parou e franziu o nariz em desagrado para Watt, que tinha começado a desabotoar a camisa.

– Não há nenhuma necessidade de despir-se aqui. Não estamos na Bloomingdale's. – Estremeceu ela.

– Você não vai tirar minhas medidas? – perguntou Watt, e Rebecca deu uma risada.

– A Norton Harcrow fez uma varredura 4D do seu corpo assim que você entrou – explicou Avery suavemente. – É uma medição milimetricamente precisa, e o terno será feito de acordo com ela. Você conhece o lema da loja: "Sem tirar nem pôr."

– Como é que é 4D? – perguntou Watt sem pensar, tentando esconder o embaraço.

– Eles rastreiam você toda vez que você entra, mantêm suas medidas atualizadas e informam como o seu corpo está mudando com o tempo – explicou Avery. – Conheço caras que vêm aqui só para acompanhar o quanto estão progredindo na academia.

Rebecca começou a digitar num tablet, e uma varredura holográfica do corpo de Watt, uma grande silhueta azul, foi projetada no meio da sala.

– Que tipo de detalhes você vai querer? Tamanho do botão, forro, golas...? – perguntou Rebecca com voz afetada, e olhou para Watt esperando uma resposta.

Nadia? Onde você está?

– Por que não cria um cenário? – sugeriu Avery para Rebecca, lendo o silêncio de Watt. – É para o baile do Clube Universitário, então eu diria pisos de cerejeira, iluminação baixa e paredes escuras revestidas com aquelas cortinas brancas terríveis... Você sabe de quais estou falando.

Você me disse para não dar informações a menos que fossem diretamente solicitadas, respondeu Nadia.

Bem, eu retiro o que disse, rosnou Watt.

Rebecca deu mais uns cliques no tablet, e a sala logo se transformou na pista de dança vazia de um distinto salão de madeira, com janelas altas e estreitas com vista para a noite. Mais alguns cliques, e casais holográficos em ternos e longos vestidos apareceram em vários pequenos grupos.

A silhueta do corpo de Watt ainda estava pairando ali, como um fantasmagórico manequim sem cabeça. Rebecca fez um sinal, e um smoking preto se materializou sobre ela; com exatamente o mesmo tamanho e modelo que teria quando fosse confeccionado sob medida para Watt.

– Azul-noturno, azul-marinho ou preto? – perguntou ela.

– Preto? – Watt deu um chute. Ele a observou se aproximar e gesticular no vazio, unindo os dedos para diminuir e os afastando para ampliar certos detalhes. Primeiro, ela

escolheu a lapela, passando a barra de rolagem por várias larguras e texturas de seda, olhando para a projeção e depois para Watt.

– Um traje formal deve ser minimalista, desviando a atenção do corpo do usuário – dizia ela, quase sussurrando. – Mas você tem um peito tão largo que estou achando que pode se interessar por uma lapela chanfrada, pra dar uma equilibrada.

– Claro – respondeu em desamparo. Isso por acaso seria um insulto?

– Sua gravata é gravata-borboleta ou asa de morcego?

Nadia projetou um guia com formatos de gravata sobre os olhos de Watt, mas ele ainda estava confuso. Avery e Rebecca o encaravam com expectativa.

– Eu não tenho gravata-borboleta – comentou ele. – Quer dizer, ela também foi pro saco, junto com meu último smoking. Preciso de tudo.

Os olhos de Avery demonstraram compreensão, e ela se aproximou.

– Eu particularmente gosto da borboleta – falou ela rapidamente. – Prefiro estilos mais clássicos. O que você acha de um bolso avivado, uma faixa de smoking, e suspensórios opcionais?

– Perfeito! – respondeu Watt, agradecido, enquanto Rebecca o encarava e fazia os ajustes necessários à projeção.

Watt engoliu em seco quando viu a conta, mas podia bancá-la graças a todos os pagamentos que vinha recebendo de Leda ultimamente, em especial o bônus que ela tinha lhe dado pelas fotos de Atlas na Amazônia. De fato, devia todo aquele encontro a Leda, ele pensou com uma estranha satisfação. Não fosse por ela, Watt nunca teria percebido que Avery existia.

Enquanto ele e Avery saíam pelas portas da frente, que tinham agora assumido a forma de velhos portões de ferro com videiras holográficas rastejando sobre eles, Avery virou-se para ele.

– Este é seu primeiro smoking, né? – perguntou baixinho.

Nadia ofereceu-lhe várias desculpas, mas Watt estava cansado de esconder a verdade.

– É – respondeu ele.

Avery não parecia surpresa.

– Sabe, você não precisava ter mentido pra mim.

– Eu não menti. Pelo menos, não sobre nada importante. Eu só não lhe disse tudo – respondeu Watt logo. Sempre que ela lhe fazia uma pergunta, ele dizia a verdade: sobre quantos irmãos tinha, por exemplo, ou do que gostava de fazer. Mas, quando ela perguntava algo que ele não queria responder, Watt habilmente se esquivava e a deixava preencher os espaços em branco com as suposições que ele sabia que ela faria. Sentira-se tão orgulhoso de si, mas, de repente, começou a achar que aquilo de fato não era muito diferente de mentir.

– Na verdade, eu moro no 240º andar – confessou ele em seguida, e depois desviou o

olhar, para não ver a reação dela.

– Watt – algo na voz de Avery o fez erguer os olhos –, isso não me importa. Por favor, não minta para mim de novo. Já tem gente demais mentindo para mim. Eu pensava... – Ela franziu os lábios, decepcionada. – Um dos motivos de eu gostar de você era porque achava que você era mesmo honesto comigo.

– Eu sou – assegurou Watt, sentindo-se culpado ao pensar em Nadia e em todas as informações que ela tinha lhe dado sobre Avery para aumentar suas chances. Mas espera aí, Avery tinha mesmo acabado de dizer que gostava dele?

– Ah, não. Watt! – exclamou Avery, corando. – Precisamos cancelar o pedido do seu smoking!

– Por quê?

Ela corava de um jeito adorável.

– Ora! Você não quer ir a uma loja menos cara? Ou alugar? Desculpa, quando sugeri a Norton Harcrow eu não tinha percebido que você...

– Eu vou comprar aquele smoking – disse Watt com firmeza, e Avery ficou calada. – Posso comprá-lo, quero comprá-lo e, acima de tudo, estou animado com a chance de usá-lo, com você. Além disso – continuou, novamente confiante –, espero que esta não seja a última vez que eu te levo a um baile.

Ela sorriu.

– Quem sabe? Talvez você tenha razão – respondeu ela, enigmática.

– Vou aceitar o talvez por enquanto. – Watt parou na calçada; não queria que aquele encontro acabasse. – Enquanto isso, posso oferecer um café para agradecer por sua ajuda com meu primeiro smoking?

– Tem um lugar mais adiante que tem um chai de leite de cânhamo incrível. E café quentinho – acrescentou ela, percebendo sua expressão –, se você não gostar de leite de cânhamo.

– Quem seria capaz de não gostar de leite de cânhamo? – brincou Watt, fingindo seriedade.

Enquanto seguia Avery para o café, a mente dele estava a mil, pensando em tudo o que ela tinha dito... e tudo o que ele não tinha.

Avery estava certa. Ela merecia mais do que o jeito como ele a estava tratando, fingindo ser algo que não era, tentando lhe dizer exatamente o que ela queria escutar. Watt não estava tentando dormir com ela – bem, ele se corrigiu, não estava *apenas* tentando dormir com ela –, então, por que agia como se estivesse? O que ele queria mesmo era conquistar Avery. De verdade.

E Watt então tomou uma decisão inédita. Pararia de usar Nadia quando ele e Avery estivessem juntos.

Te vejo mais tarde, Nadia, pensou ele, enviando em seguida o comando para desativá-

la. *Desligar o quant.*

Ele sentiu o repentino vazio como um som, ou melhor, uma falta de som, como o silêncio que ecoava depois de uma tempestade de verão. Watt não a desligava desde que ela fora instalada em sua cabeça.

– Chegamos – avisou Avery, abrindo a porta e olhando por cima do ombro para Watt. Seus olhos eram tão surpreendentemente azuis que ele quase perdeu o fôlego. – Espero que esteja pronto para o melhor café que já provou.

– Ah, sim, estou pronto – respondeu Watt, seguindo-a.

RYLIN

NO SÁBADO À TARDE, Rylin estava na frente da entrada da Manutenção de Elevadores, no 50º andar, reunindo forças. *Eu vou conseguir*, disse a si mesma. Não tinha outra escolha.

Forçando um sorriso, Rylin entrou pelas portas duplas de metal e piscou para o segurança enrugado e velho atrás do balcão de vidro da recepção. Ele resmungou e mal ergueu o olhar enquanto ela passava, reconhecendo-a de todas as vezes em que ela estivera ali com Hiral. Tecnicamente, apenas o pessoal da manutenção estava autorizado a cruzar esse ponto, mas Rylin já tinha visto vários de seus parceiros e parceiras no vestiário, entregando itens esquecidos ou pegando roupa suja.

O vestiário era bolorento e tinha um ranço de gordura e suor antigos. Rylin o atravessou confiante, passando por dois caras sem camisa num canto, que jogavam algum jogo em seus tablets para matar o tempo. Eles formavam a equipe reduzida do fim de semana, que ficava de prontidão para o caso de alguma emergência. Movendo-se rapidamente, ela digitou a senha no armário de Hiral e abriu a porta.

Hiral era um alpinista, um dos caras que de fato ficavam pendurados numa corda no meio do ar enquanto o resto da equipe manejava a operação a partir do túnel acima – trabalho que exigia coragem, ou talvez apenas uma arrogância cega. Por causa disso, ele tinha um armário maior, numa localização privilegiada próxima à porta de saída. Ela afastou sua roupa de trabalho cinza-escuro, feita de uma fibra de composto de carbono fina, mas quase impenetrável, e um pesado capacete de ecramold, que supostamente conseguiria evitar danos cerebrais em quedas de até 200 andares. Na maioria das vezes ele não tinha qualquer utilidade, uma vez que os andares mais altos eram os que mais necessitavam de reparos, pois a altitude e a tensão dos cabos levavam ao fechamento dos elevadores.

Sob as botas de escalada de Hiral e luvas de aderência magnética, Rylin encontrou o que procurava: o minúsculo chip de identificação que era encaixado no capacete dele.

– Você não devia estar aqui.

Ela virou-se, colocando o chip no único lugar que lhe veio à mente: a fenda do sutiã.

– Desculpe – disse Rylin para o jovem rapaz cujos braços fortes estavam cruzados diante dela. – Vim pegar umas coisas para Hiral Karadjan.

– O garoto que foi preso por drogas? – rosnou ele.

Garoto? Esse cara era, no máximo, alguns poucos anos mais velho que Hiral. Porém,

ela apenas assentiu com a cabeça e disse:

– É. Eu sou a namorada dele.

– Eu já vi você antes – falou o outro cara do canto. – Deixa ela em paz, Nuru.

Mas Nuru ficou parado observando Rylin enquanto ela pegava a primeira coisa que lhe veio à mente, o estridente apito silencioso de Hiral, como se isso tivesse alguma utilidade na prisão, e fechava a porta do armário.

– Desculpe. Vou indo nessa – murmurou.

Enquanto ia embora, pôde ouvi-los conversar baixinho atrás de si. Ela não conseguia entender a maioria das palavras, mas escutou "é uma pena" e "não devia fazer isso com ela" e achou ter ouvido o nome de V. De repente, cismou que eles não haviam engolido sua desculpa.

Ela apressou o passo até a linha de trem local C e desembarcou no 17º, franzindo o nariz para o cheiro oleoso das máquinas. Fazia tempo desde a última vez em que Rylin fora para um número abaixo do 32º. Ela quase tinha se esquecido do quanto ali era deprimente. Os vinte primeiros andares acomodavam a maioria das instalações de refrigeração da Torre, com escuros labirintos de salas que abarrotavam os espaços entre elas. Ali embaixo, as paredes eram mais grossas e os tetos mais baixos, revestidos com três camadas de aço que davam suporte ao peso gigantesco da Torre sobre suas cabeças.

O elevador estava praticamente vazio. Ainda assim, Rylin esperou que todos os outros saíssem e fossem para as salas de máquinas ou seus lúgubres apartamentos. Quando a área ficou vazia, ela pegou o chip de identificação de seu esconderijo nos seios e o usou para abrir a minúscula e quase invisível porta no corredor que dizia: ÁREA RESTRITA À MANUTENÇÃO.

Ao entrar, a completa escuridão da sala desabou sobre ela como um peso. Rylin tateou as paredes para encontrar o interruptor de luz. Ao encontrá-lo, hesitou. Não podia arriscar-se a chamar qualquer tipo de atenção para si. Talvez alguém, em algum lugar, conseguisse ver que luzes estavam acesas nas áreas de manutenção e perceberia que o túnel do elevador no 17º andar estava ocupado, quando não deveria estar.

Ela sussurrou um palavrão, pegou seu tablet e acionou a função lanterna. Um fino feixe de luz se acendeu. Rylin o posicionou diante si, caminhando com cuidado por sobre as caixas no chão, até encontrar o painel de controle mecânico, do lado esquerdo. Ela segurou o tablet com os dentes para manter a luz firme, e forçou a abertura do painel.

Lá estavam eles: vários saquinhos de plástico cheios de pós multicoloridos, frascos de comprimidos cujos conteúdos ela nem sequer reconhecia e, nos fundos, os envelopes negros dos Spokes de Cord. Rylin ficou por um momento em choque. Ela tremia, fazendo a luz do tablet dançar descontroladamente sobre o painel, como se ela fosse alguma versão deturpada de um explorador sobre uma pilha de tesouros enterrados. Ela

já tinha se drogado tantas vezes com Hiral, e, no entanto, ver todas essas coisas fizeram-na refletir. Ele se tornara um completo estranho para ela. Há quanto tempo ele vinha escondendo coisas ali?

Ela tirou a mochila vazia dos ombros e começou a enchê-la, enfiando grandes punhados o mais rápido que pôde. Mas congelou ao ver o nome de Cord nos pacotes de Spokes, em versalete no topo de cada rótulo de prescrição: DRA. VERONICA FISS, FARMACOGENIA DE COLUMBIA HILL; PACIENTE: CORD HAYES ANDERTON (MÁX. UMA PÍLULA POR DIA).

Ela rapidamente arrancou o nome de Cord de cada rótulo e enfiou os papéis adesivos no bolso, onde os amontoou numa pequena bola. Depois, fechou o zíper da mochila e fechou o painel de controle das máquinas cuidadosamente, usando a bainha da camisa para não deixar impressões digitais, antes de voltar ao corredor. No elevador para os andares superiores da Torre, ela pegou o tablet e respondeu à mensagem que havia recebido no início daquela semana. *Está feito.*

Excelente! Me encontre aqui. Um ponto de localização estava anexado à mensagem.

Rylin ergueu as mãos para fazer um rabo de cavalo, tentando ao máximo se parecer com uma estudante comum, que estava apenas dando uma voltinha num sábado com a mochila cheia de lição de casa. Ela seguiu as instruções da mensagem e desembarcou no 233º andar. Uma velha senhora esbarrou nela na hora da saída e, por reflexo, Rylin puxou as alças da mochila para mais perto dos ombros. As luzes no alto ficavam mais fracas à medida que o dia avançava; agora, eram pelo menos seis horas. Rylin passou por algumas lavanderias e restaurantes chineses, virando na High Street logo adiante.

O ponto da localização conduzia à Escola Primária Fisher. Sério?

Ela diminuiu o ritmo enquanto passava pela escola, sentindo-se um pouco assustada com suas janelas vazias, que a olhavam com malícia.

– Que bom que você conseguiu – disse V, que estava no playground.

Rylin olhou para os dois lados antes de escalar a rudimentar cerca de metal. Quando chegou ao outro lado, suas mãos estavam embranquecidas.

– Tô aqui – avisou ela, olhando em volta dos trepa-trepas, nos quais macacos holográficos escalavam junto com as crianças durante o recreio. No alto, a abóbada formada pela copa das árvores estava salpicada por casas que lembravam formas extravagantes, como um casco de cágado ou uma nuvem gigante. Isso era muito mais legal do que sua escola primária havia sido, setenta andares abaixo.

Os sapatos de Rylin afundaram na borracha reciclada que cobria o chão. V saiu das sombras e aproximou-se, com um sorriso travesso que dançava em seu rosto.

– Será que não dava para a gente ter se encontrado na floresta de aço? – perguntou ela, mas V fez que não.

– Tem gente demais lá. Agora, vejamos. O que trouxe pra mim?

Rylin tirou a mochila dos ombros e a segurou com força. Algo lhe cheirava mal. Seus profundos instintos de sobrevivência estavam alertas, advertindo-a de que algo não ia bem.

– Antes, preciso receber.

– Deixa eu ver primeiro o que você tem. – V riu e puxou a mochila de suas mãos.

Rylin rangia a mandíbula com raiva enquanto ele jogava o conteúdo da mochila no playground e o vasculhava.

– Você tirou os nomes desses Spokes – comentou ele, arqueando uma sobrancelha.

Ela esforçou-se para não demonstrar nenhuma emoção.

– Você sabe que isso não importa. Ninguém dá a mínima para quem os Spokes foram originalmente prescritos.

– Está tentando protegê-lo?

Rylin ficou sem ar. Ela abriu a boca para dizer algo, para negar seus sentimentos por Cord...

– Não importa. Você está certa, isso não faz diferença. Mas, por algum acaso, você sabe onde Hiral os conseguiu? – perguntou V, com um olhar de soslaio. – Ele nunca chegou a me contar.

Rylin fez que não com a cabeça, atordoada. Hiral tinha dito a V que era *ele* quem estava roubando os Spokes? Deve ter feito isso para protegê-la.

V colocou todas as drogas em sua mochila e deu um suspiro dramático.

– Desculpe, mas isso não basta.

– Como assim, não basta?

V fez que não.

– Não posso lhe pagar quinze mil por isso. Mal vale dez.

– Seu mentiroso de... – Rylin avançou contra ele, mas V estendeu as mãos e a agarrou pelos ombros, apertando-os com tanta força que ela teve a sensação de que estava se chocando contra uma parede. Ele lhe deu um pequeno empurrão e ela caiu para trás, ainda ofegante.

– Vamos lá, Rylin – murmurou V, balançando a cabeça. As tatuagens ao redor de seu pescoço pareciam ainda mais escuras quando ele estava com raiva –, seja boazinha.

Ela não disse palavra.

– Agora, em relação aos cinco mil extras... – Ela não gostou do jeito como ele a olhava de cima a baixo. – A gente bem que podia fazer um acordo só nosso.

– Vai pro inferno, V!

– Eu imaginei que você fosse dizer isso. Mas, por algum motivo, gosto de você, então vou lhe dar uma última chance. Diga a Hiral que ele precisa de mais Spokes – exigiu V, inflexível. – Pelo menos mais cinco. Você precisa buscá-los, já que ele está em cana.

– Não! – gritou Rylin, fechando as mãos com força, sentindo-se enjoada. – Não vou

fazer isso, tá legal?

V deu de ombros.

– De um jeito ou de outro, não estou nem aí. Mas essa é minha oferta final: é pegar ou largar, Myers. Agora, caia fora daqui. – Ele murmurou algo e os alarmes de segurança da escola dispararam.

Rylin ficou parada, atordoada e perplexa, mas V já havia partido, enfiando-se atrás de um portão que ela não tinha percebido, do outro lado do playground. No entanto, seus reflexos logo voltaram e ela atravessou o portão e correu como um raio pelo caminho vazio da Maple Street. V não estava mais à vista e Rylin continuou correndo, tão rápido que ela tropeçou em seus próprios pés e caiu, derrapando raivosa por um implacável pavimento. Porém levantou-se e continuou a correr. A adrenalina amainava a dor em suas mãos e joelhos, e ela não ousou parar até dobrar na avenida principal.

Por fim, Rylin abaixou-se e examinou os joelhos. Estavam seriamente esfolados, e o sangue manchava suas palmas no local onde elas haviam se arrastado no chão. Ela respirou profundamente com esforço e deu início à longa viagem para casa.

AVERY

– EU ATENDO! – gritou Avery quando a campainha tocou mais tarde naquela noite. Não que seus pais fossem do tipo de gente que atende a própria porta, mas ela queria dar um tempo para que Watt relaxasse antes de conhecê-los, uma vez que todos iriam juntos no mesmo hover para o Clube Universitário. Atlas já tinha saído para buscar Leda, em quem Avery estava tentando não pensar.

– Watt! – exclamou ela ao escancarar a porta da frente, e parou ao vê-lo com seu novo smoking. O elegante cetim combinava com seu tipo físico, fazendo-o parecer mais alto, ressaltando os traços fortes e regulares de seu nariz e maxilar e sua radiante cor morena. – Está lindo – comentou ela, e seu coração bateu forte de maneira inesperada. – Quero dizer, o smoking.

– Ir às compras com você foi divertido – disse ele. "Foi mesmo, não é?", pensou Avery. – Por falar nisso, comprei uma coisa para você – Watt pigarreou e estendeu uma pequena caixa de veludo.

– Ah, não precisava...

Quando ele a abriu, Avery perdeu a fala. Em seu interior havia uma incandescente em miniatura, uma das flores geneticamente modificadas que atraíam a luz como os ímãs atraem o metal. E ela já estava atraindo para si parte da luz do ambiente, assumindo um brilho fantasmagórico, apesar de não emitir nenhuma luminosidade por si só. As incandescentes eram curiosas; haviam se tornado muito mais baratas desde sua criação, décadas atrás, pois só duravam poucas horas antes de morrerem. Mas ficavam de fato lindas quando pegas na noite em que desabrochavam.

– Eu sei que você odeia que cortem as plantas – disse Watt –, mas não me controlei. Estou querendo te dar uma dessas desde aquela noite no Bubble Lounge.

– É linda! Obrigada – suspirou Avery. O botão em si era pequenino, menor que sua unha, e agora simplesmente brilhava com uma suave luz dourada. Ela a colocou em seu penteado, atrás da orelha; combinava perfeitamente com seu vestido, que era longo e provocante, coberto com pequenos fragmentos de espelho. Avery amava a deliciosa ironia disso: quando as pessoas tentavam olhar para o vestido, eram forçadas a olhar para si mesmas.

– Este é o famoso Watt? – perguntou a mãe de Avery na entrada. – Entre! Ouvimos falar tanto de você!

"Eu só falei dele uma vez", pensou Avery, vermelha de vergonha ao conduzi-lo para

dentro.

– Watt, é um prazer imenso finalmente conhecê-lo. – Elizabeth estendeu a mão, na qual enormes anéis de diamante brilhavam em cada dedo.

Watt a apertou com determinação.

– Obrigado. A senhora está encantadora esta noite.

Para surpresa de Avery, ele *deu uma piscadinha* – rapidamente, mas com a carga certa de flerte para derreter sua mãe um pouquinho. Como ele sabia usar esse pequeno truque?

– Agora, me conte – perguntou a mãe de Avery, com uma nova ternura em sua voz –, pois Avery não quer me contar. Como se conheceram?

– Nos esbarramos em um jogo de Realidade Aumentada. Claro, depois que vi Avery, eu não consegui mais prestar atenção no jogo – explicou Watt. – Então eu peguei no pé dela e mandei flores até ela topar sair comigo.

– Sim, bem, Avery sempre foi teimosa.

Pierson Fuller entrou na sala.

– Você deve ser o Watt – disse ele, e deu-lhe um aperto firme de mãos. – Sente-se. Quer beber alguma coisa? Vinho? Uísque?

– Pai, a gente já está atrasado. – Avery olhou de relance para Watt, mas ele de fato parecia estar se divertindo.

– Ah, acho que dá tempo de tomarmos uma bebida, não? – perguntou ele com malícia.

– Com certeza. – O pai dela foi para trás do balcão do bar e começou a selecionar garrafas monogramadas de cristal. – Além disso, eles podem ter um detector de idade, nunca se sabe. Talvez essa seja a única bebida que você vai conseguir hoje.

– Não no Clube Universitário. – Elizabeth aproximou-se. As saias de seu vestido farfalhavam de leve enquanto ela caminhava. – Vinho para mim, Pierson.

– Nos últimos tempos, a fiscalização está forte em todos os cantos. – Pierson serviu as bebidas em copos pré-resfriados e os distribuiu, depois sentou no sofá. – Então, Watt, conte-nos um pouco sobre você. Onde estuda?

– Na Jefferson High, na verdade, no 240º andar – respondeu Watt confiante, sem constrangimento. Avery viu-se com uma estranha sensação de orgulho dele. Para seu alívio, os pais apenas assentiram, como se fosse normal que garotos subissem três quilômetros para sair com ela.

– Que é uma escola *charter*, não é? – perguntou Pierson.

– É – respondeu Watt, e Avery lançou um olhar intrigado para o pai. Como ele sabia?

Pierson assentiu.

– Tenho algumas propriedades naquele bairro. Uma na esquina entre a Dezessete e a Freedmore, o prédio que tem um banco lá dentro...

Avery controlou-se para não reclamar e encarou Watt, mas ele apenas sorriu e deu um gole no uísque. A incandescente brilhava em seu cabelo como uma lâmpada.

***

Ao chegarem à entrada do baile do Clube Universitário, Avery deu o braço a Watt. O enorme salão de madeira estava decorado em vários tons de azul e prateado; até as colunas pareciam ser inteiramente cobertas por uma profusão de flores azuis e brancas. Barras curvilíneas marcavam os cantos do salão e, na extremidade oposta, uma pista de dança havia sido montada. Apesar de as luzes estarem baixas, Avery ainda conseguia ver as cores vibrantes de todos os vestidos, que pareciam ainda mais exuberantes ao lado dos ternos escuros.

– Você é terrível – sussurrou ela para Watt e o conduziu para a multidão.

– Que culpa tenho eu se os seus pais gostam de mim? – respondeu ele com inocência. Ao ouvir isso, Avery abriu um sorriso. Ele estendeu a mão.

– Quer dançar?

– Quero – disse ela ansiosa, imaginando como Watt podia perceber o que ela estava pensando. Ainda era um tanto cedo para entrar na pista, mas Avery sempre preferia dançar a interagir nessas ocasiões. As pessoas geralmente se aglomeravam ao redor dela, bombardeavam-na com conversa mole e disparavam olhares do outro lado do salão. Mesmo agora ela podia vê-los analisando seu vestido, cochichando entre si sobre o novo garoto que ela trouxe. A pista de dança era o único lugar onde ela tinha alguma paz.

Enquanto atravessavam a multidão, Avery percebeu que praticamente todo mundo estava presente. Lá estava Risha, acompanhada por Ming no bar; Jess com o namorado, Patrick; e os amigos de seus pais, os McClendon, que lhe deram tchauzinho. Ela sabia por que Eris estava ausente, mas por onde andava Cord? Ele e Brice eram na verdade sócios por direito, apesar de, tecnicamente, serem jovens demais – o clube havia aberto uma exceção para eles, uma vez que seus pais eram de tão alta estima –, mas Avery não estava vendo nenhum dos garotos Anderton por ali. De certo modo ela torcia para que Cord fosse aparecer, só para que pudesse descobrir quem era a garota que o levou a acabar o namoro com Eris.

Eles entraram na pista de dança, e Watt pegou em seus braços para lhe dar um perfeito rodopio. Ele dançava com leveza e desenvoltura.

– Você dança muito bem – comentou Avery por sobre a música, e logo se sentiu culpada por ter parecido tão surpresa.

– Eu tinha sapatos especiais quando era mais novo. Sabe aqueles que dançavam sozinhos, e a gente só seguia o ritmo?

Ao imaginar a cena, ela bufou com deselegância.

– Isso parece perigoso. Eu com certeza cairia no chão.

– Eu caí várias vezes. Mas no final comecei a dançar assim. – Watt a girou mais uma vez, depois a deitou sobre um de seus braços.

Ele a puxou de volta, a banda começou a diminuir o ritmo, e a vocalista cantou uma das baladas favoritas de Avery. Ela começou a conduzir Watt mais para o centro da pista quando ele, por reflexo, deu um passo para trás.

– Por favor? Eu amo essa música. Ainda mais ao vivo – comentou ela, tentando não rir do desânimo dele. Hoje em dia era tão raro ouvir bandas ao vivo, tão difícil escutar coisas como essa.

Watt obedeceu e se aproximou, parecendo hesitar antes de sua mão deslizar até a cintura dela. Ele pegou sua outra mão, dançando suavemente.

– Você gosta mesmo de coisas antigas, né? – perguntou ele, olhando em seus olhos.

– Como assim? – Avery o encarou.

– O jeito como você acabou de falar dessa música. Ou o que disse em Redwood Park, ou como você fala sobre Florença. Você é tão... nostálgica. Por que gosta tanto de coisas antigas?

Avery ficou surpresa com sua perspicácia.

– Você acha que isso tudo é inútil, não é?

– De jeito nenhum. Só estou acostumado a pensar apenas no futuro.

– E como é o futuro pra você? – Ela estava curiosa.

– Mais rápido! Mais conveniente e conectado. E espero que mais seguro.

Avery piscou os olhos.

– Desculpe – disse Watt pesaroso, parecendo quase envergonhado. – No meu tempo livre, eu faço um monte de coisas com tecnologia. Tô tentando entrar no programa de engenharia de microssistemas do MIT.

Avery não fazia a menor ideia do que *seria* engenharia de microssistemas.

– Isso significa que você pode consertar meu tablet toda vez que ele travar?

Watt parecia estar prestes a rir, e Avery percebeu que não se importava, que desejava rir também.

– É. Eu com certeza consigo fazer isso – respondeu ele. Uma luz se agitou em seus olhos.

Avery deixou que eles dançassem livremente em direção à banda. As pessoas estavam formando um espaço a seu redor, deixando-a numa bolha quase imperceptível, como sempre.

– Você tem razão – disse ela, pensando alto. – Eu realmente amo o romantismo que as coisas tinham na época em que havia mais obstáculos no mundo. Tipo, escuta só essa música – suspirou. – Ela fala sobre estar apaixonado quando você nem sequer viu a pessoa, porque vocês estão a milhares de quilômetros de distância. Ninguém escreveria

algo assim agora, porque nossas vidas são tão fáceis e automatizadas. E eu acho que isso acontece por causa de gente como você – acrescentou, provocando-o.

– Ei! – protestou Watt, em tom de brincadeira. – E você por acaso não gosta de sempre conseguir tudo o que quer?

Avery olhou para baixo, de repente entristecida.

– Não consigo tudo – murmurou.

A música acabou e a multidão começou a se dispersar, dando a ela vista privilegiada para Leda e Atlas.

Eles estavam sentados em um par de cadeiras próximas à pista de dança, com as cabeças inclinadas perto uma da outra. Avery os observou, incapaz de desviar o olhar, enquanto Leda sussurrava algo no ouvido de Atlas. Ele estava incrível em seu novo smoking, pensou Avery, lembrando a primeira vez que ele saiu para tirar as medidas e insistiu que ela o acompanhasse. Leda também estava linda, em um novo vestido tomara que caia azul-escuro. Pareciam felizes juntos, Avery admitiu com rancor. Pareciam *encaixar*.

Watt estava olhando para ela. Avery não conseguia suportar aquilo e sabia que suas emoções deviam estar escritas em seu rosto, claras como a água. Ela passou o braço sobre o pescoço dele e o puxou para perto, inclinando a cabeça para repousá-la em seu ombro. Sentiu-o prender a respiração, e o coração bater por baixo do smoking que ela o havia feito comprar.

Avery jamais conseguiria estar com Altas como Leda estava: juntos, de mãos dadas, em público. Aquele era um sonho impossível e sem solução. Ela sabia que precisava desistir disso... dele. Mesmo assim, ainda doía.

– Eu acho que ainda não te disse o bastante o quanto você está linda hoje – sussurrou Watt. A respiração dele era suave em seu ouvido. Ela estremeceu, e inclinou a cabeça para trás para olhar em seus olhos.

– Sabe, você também não está de todo mal.

– Eu até que fico respeitável, quando tenho a ajuda certa – disse Watt baixinho. – Gostei de ter vindo com você esta noite, Avery.

Seu tom de sinceridade a fez parar.

– Eu também – respondeu, sem fingimentos. Estava feliz por ter convidado Watt. Ele era melhor do que a sequência de pretendentes falsos que ela trazia para coisas como essa. Na verdade, aquilo não lhe parecia de forma alguma um encontro falso.

Ela soltou a mão de Watt e entrelaçou os dedos atrás de seu pescoço. Estava tão próxima que podia contar cada um dos cílios que delineavam seus profundos olhos castanhos. Seus olhos pousaram nos lábios dele, e ela de repente imaginou qual seria a sensação de beijá-lo.

Não achava que isso fosse possível, mas quem sabe ela acabasse se apaixonando por

alguém que não fosse Atlas.

Avery fechou os olhos e seguiu o ritmo da música com Watt, deixando que isso fosse o suficiente por enquanto.

LEDA

LEDA ATRAVESSOU A FESTA com Atlas, abrindo sorrisos para toda a gente que via, com um ânimo gloriosamente expansivo. Aquela noite seria ainda melhor do que ela esperava.

Tecnicamente, este era apenas o primeiro encontro dos dois. No entanto, parecia mais: quase uma proclamação. Todos ali, desde os seus amigos até o fotógrafo, os tratavam como um casal oficial. Seus pais já estavam sentados à mesma mesa, sorrindo e olhando-os de um jeito muito óbvio. Leda nunca se sentira tão bonita quanto no momento em que entrou no salão de braços dados com Altas, com um imenso sorriso nos lábios. Todos os olhos pareciam ter se voltado para ela. "Avery deve sentir-se assim todos os dias", pensou ela admirada.

Era perfeito, tudo o que ela queria desde que se mudara para lá quatro anos atrás.

O melhor de tudo era que não havia sinal da misteriosa garota da maquiagem fosforescente – se é que ela existia, o que Leda já estava começando a duvidar. Nadia ainda não havia encontrado nenhuma mínima evidência de que Atlas esteve com outra pessoa exceto Leda, naquela noite ou em qualquer outra. Talvez a camisa dele estivesse suja de maquiagem por outro motivo. Talvez ele realmente não tivesse beijado ninguém.

Além disso, pelo jeito como as coisas iam naquela noite, Leda estava começando a ter esperanças de que ela e Atlas voltariam para casa juntos.

Ela só conseguia pensar nisso no hover a caminho da festa. Leda processava o que Atlas estava dizendo, de alguma maneira conseguia responder a suas perguntas, mas sua mente continuava delineando o corpo dele nas almofadas, perto dela. Toda vez que Atlas se mexia, Leda sentia o movimento reverberar dentro de si. Era uma tortura, tê-lo tão dolorosamente próximo.

Agora, na pista de dança, ela achava qualquer desculpa para poder tocá-lo. Ao puxá-lo para perto, sua mão delineava pequenos círculos em suas costas por sobre o paletó do smoking. Ela mal podia esperar para tirá-lo mais tarde.

– O que está havendo entre você e Avery?

– O quê? – Com certeza Leda tinha ouvido mal. Distraída com seus pensamentos.

– Perguntei o que está havendo entre você e Avery – repetiu Atlas. Ele foi sentar em uma cadeira na beira da pista de dança, e Leda afundou ao lado dele, sem saber o que dizer.

– Tá tudo bem – respondeu automaticamente, irritada pelo fato de que, até quando

Avery não estava presente, tudo inevitavelmente se referia a ela. – Por que não estaria?

– Desculpe. Eu não tinha a intenção de tocar num assunto tão delicado. Só que notei que vocês duas não têm passado muito tempo juntas ultimamente, e eu queria ter certeza... – Ele suspirou. – Normalmente, eu faria essa pergunta a Avery, mas nesse momento nossa relação não é das melhores.

A frase fez Leda empertigar-se mais na cadeira. Será que Avery e Atlas tinham brigado por causa *dela*? Talvez Avery tivesse dito alguma coisa para Atlas, que Leda não era boa o bastante para ele, e Atlas a tivesse defendido. Leda não quis acreditar que sua melhor amiga faria isso, mas será que Avery continuava sendo mesmo sua melhor amiga?

– Obrigada por perguntar, mas eu realmente não quero falar sobre isso.

– Desculpe, esquece o que eu disse. – Atlas parecia realmente arrependido. – Quer dançar?

Leda assentiu, agradecida, e ele a conduziu de volta para a pista de dança.

– Tá achando estranho, estar de volta? – perguntou ela depois de um tempo.

– Mais ou menos – admitiu Atlas. – É que a Torre é tão diferente de qualquer outro lugar, sabe?

– Bem, com certeza é diferente da Amazônia – respondeu Leda, sem pensar.

Os pés de Altas de repente se fincaram no chão.

– Como é que você sabe da Amazônia? – perguntou ele, bem devagar.

Merda.

– Eu acho que você falou nisso – respondeu ela, desejando ter o poder de desfazer o que havia dito.

– Eu com certeza não disse – corrigiu ele.

– Bem, então foi Avery, ou seus pais, eu não sei. Ouvi em algum lugar – disse ela de improviso.

Mas Atlas não se deixava enganar facilmente.

– Leda, o que está rolando com você? – Seus olhos castanhos se entrecerraram, cheios de desconfiança.

– Nada, eu juro. Me desculpe.

Atlas assentiu, e pareceu deixar o assunto pra lá. Os dois continuaram a dançar, mas Leda ainda podia perceber seu maxilar rígido, a tensão em seu corpo, que parecia dedilhar o espaço entre eles.

Depois de mais uma música, ele se afastou.

– Quer tomar alguma coisa?

– Quero – respondeu Leda, um pouco enfática demais.

Ela começou a segui-lo, mas Atlas fez que não com a cabeça.

– O bar está tão cheio... Deixe que eu trago pra você. Champanhe, certo?

– Obrigada! – respondeu Leda desamparada, apesar de champanhe realmente não ser sua bebida, e sim a de Avery.

Ela vagou em direção às enormes salas laterais do salão, perguntando-se onde suas amigas estariam. Mas, antes de vê-las, seus olhos foram atraídos pelo pai, sozinho num canto. Ele estava encolhido, como se não quisesse ser visto, e murmurava, claramente em um ping com alguém.

A mente de Leda viajou imediatamente para o fim de semana anterior, quando ele mentira sobre o golfe. Por impulso, ela fez login no sistema de leitura labial com suas lentes e focou atentamente na boca de seu pai, a vários metros de distância. O programa havia sido criado como uma ferramenta para pessoas com deficiência auditiva, mas Leda descobrira que ele era muito útil para a espionagem, quando se usavam as novas lentes com supercapacidade de aumento.

– Ainda não posso dizer à minha família – traduzia uma voz robótica em seu ouvido, num tom monotonamente irritante, o que o pai dizia. Leda se perguntou *o que* ele não podia contar a elas, pensando sobre o que ele tinha dito. Pouco depois:

– Tudo bem. Falo com ela na próxima semana.

Leda, atordoada com o que acabara de ouvir, observou-o terminar o ping e ir embora, bem na hora em que a mãe apareceu ao seu lado.

– Leda! Você está linda! – exclamou Ilara, como se não tivesse visto a filha se arrumar. – Onde está Atlas?

– Foi pegar bebidas – respondeu, sem rodeios.

– Leda...

– Prometo que vou me comportar – acrescentou, ainda pensando no comportamento de seu pai. Leda observou o vestido carmim da mãe e suas joias caras, e percebeu que não reconhecia o bracelete em seu punho.

– É novo? – perguntou ela, por um instante distraída.

– Seu pai acabou de me dar por nosso aniversário de casamento. – Ilara estendeu o bracelete, uma rede intrincada de ouro cravejada de diamantes, para que Leda o examinasse.

– Isso *e* uma echarpe Calvadour? Uau! – Leda nunca vira o pai ser tão generoso.

– Eu não ganhei uma Calvadour – respondeu Ilara, intrigada. – Como assim, querida?

– Aí estão minhas duas garotas!

O pai de Leda atravessou a multidão para dar o braço à mãe dela. Eles formavam um casal admirável; ele tão branco e ela tão negra, o bolso vermelho e quadrado do smoking dele exatamente da mesma cor do vestido dela. Leda estava pensando sobre o que teria sido aquele ping bizarro e o que tinha acontecido à echarpe. Teria ele pensado em um presente melhor e a devolvido? Aquilo fazia sentido, mas, ainda assim, ela não conseguia descartar o sentimento de que algo maior estava acontecendo.

– Preciso encontrar Atlas. – Leda recuou, de repente ansiosa, quase em pânico. Queria algo para beber. Imediatamente.

– Leda...

– Te vejo em casa – disse ela por sobre o ombro.

Quando chegou ao bar, avançou descaradamente até o início da fila, procurando Atlas.

– Com licença. Desculpe – murmurava, pouco preocupada com as pessoas que empurrava. Sua necessidade era como uma coceira que desesperadamente subia-lhe a pele. Em alguma parte de sua mente, ela registrava isso como um alerta, mas Leda só lidaria com isso mais tarde, quando seu peito não estivesse tão angustiado.

No começo da fila estava o par de Avery. Watt, se ela não estava enganada. Leda não havia sido formalmente apresentada a ele na festa de Eris, apesar de tê-lo visto lá, zanzando atrás de Avery como um cachorrinho perdido. E agora ele era o convidado dela no baile do Clube Universitário? Parecia impossível que ele tivesse simplesmente aparecido na vida de todo mundo do nada, sem nenhum motivo ou explicação.

– Watt, certo? – perguntou, aproximando-se dele. – Você está aqui com a Avery?

– Você notou que acabou de furar uma fila imensa para chegar ao balcão do bar?

– Tudo bem; sou amiga de todo mundo aqui – respondeu Leda, com um gesto afetado. Bem, era mais ou menos verdade.

– Quem sou eu para ir contra essa lógica – respondeu Watt, e sua boca se contraiu com um sorriso que ele mal conseguiu segurar. Será que estava rindo dela? – Já que você está com tanta sede assim, deixe eu te comprar uma bebida.

– As bebidas são liberadas – retrucou Leda com irritação, enquanto um garçom de luvas brancas virava-se para Watt. Ela começou a dizer que queria...

– Um uísque com soda para a moça. E, para mim, uma cerveja. E um champanhe – concluiu Watt.

Quando o garçom lhe entregou as bebidas, Watt e Leda foram até uma mesa alta num canto, passando pela multidão.

– Como é que você sabia o que eu queria tomar? – perguntou Leda, um pouco confusa. Soda e uísque não era exatamente a bebida favorita das garotas, mas era a única coisa que a acalmava quando ela ficava muito agitada.

– Um palpite de sorte – respondeu Watt com desenvoltura. – Mas tenha cuidado. Basta apenas um.

Ela o encarou, perplexa. O que diabos ele quis dizer com isso? *Basta apenas um* era o que elas costumavam falar em Silver Cove. No entanto, Watt só estava bebendo sua cerveja inocentemente.

– Desculpe – interrompeu ela, com o máximo de gentileza que conseguiu reunir. – Eu nem me apresentei. Sou Leda Cole. – Ela estendeu a mão, e Watt a apertou, ainda com

aquele atordoante sorriso malicioso no rosto.

– Eu sei – respondeu ele.

– Olhe, isso não parece justo – prosseguiu ela, mais agitada do que gostaria. – Não sei nada sobre você! Me fale de você.

– Ah, eu não sou muito interessante – respondeu ele em voz baixa.

– Onde você estuda?

– Jefferson High.

Ela franziu a testa, desejando que pudesse confirmar essas informações em suas lentes de contato sem dar muito na vista.

– Não conheço. Você é...

– Fica no 240º andar – interrompeu ele, debruçando-se sobre a mesa, observando-a. Watt não era alto, mas havia algo de impositivo em sua postura. Leda começou a achar que seria melhor se estivessem sentados.

– Entendi. – Ela não sabia como reagir. Nunca havia falado com ninguém de um andar tão inferior, mesmo na época em que morava numa região mais baixa da Torre. – E como foi que você disse que conheceu a Avery?

– Eu não disse. – Ele deu uma piscadinha. – Parece que você está muito interessada em saber de mim. É porque Avery é sua melhor amiga, certo? – Ele falou isso de propósito, e Leda corou de raiva. Será que Avery tinha contado a esse cara sobre a briga que tiveram?

– É – respondeu Leda na defensiva.

Avery apareceu como se chegasse na hora marcada. Seu cabelo estava preso num coque, alguns cachos soltos moldavam seu rosto, e sobre uma orelha havia uma incandescente, como todas costumavam usar no ensino médio. Era totalmente manjado, mas Avery conseguia usar aquilo sem ficar brega. Sério, na semana seguinte todo mundo provavelmente estaria usando incandescentes de novo. Avery aproximou-se e a luz brilhou em seu vestido, que tinha gola alta e estava coberto com pequenas lascas de espelho. “Claro que você escolheu esse”, pensou Leda, com amargura surpreendente. “É um vestido que literalmente reflete você para si mesma infinitamente.”

– Olá! – Avery se aproximou de Watt, e acabou ficando tensa ao perceber a presença de Leda. – Ah... Oi, Leda. E aí, que está achando da festa?

“Ah, eu acabei de fazer uma enorme besteira com o cara de quem estou a fim, e estou sentindo muita falta da minha melhor amiga. Fora isso, a festa está completamente...”

– Fantástica – respondeu Leda, e um sorriso abriu-se em seu rosto como uma máscara.

Avery assentiu.

– Vi sua mãe. Ela disse que vocês provavelmente vão à Grécia no Natal? Eu não fazia a menor ideia – comentou, desajeitada.

“Claro que você não fazia ideia. A gente nem se fala mais.”

– Pois é – respondeu Leda, sentindo-se triste de repente. – Lembra-se de quando a gente teve de ser a Grécia no modelo diplomático? – ela falou abruptamente, sem saber por que estava trazendo isso à tona.

– E nosso baklava caseiro fez todo mundo passar mal? – Avery juntou-se a ela.

– Não deixa de ser uma estratégia de vitória. Mandar todo mundo de volta para casa – disse Leda circunspecta. As duas riram. Por um rápido instante, o mundo pareceu normal mais uma vez.

Até que as risadas morreram, e elas olharam uma para outra por sobre a mesa; as duas pareceram perceber que as coisas realmente não iam bem entre elas.

Avery foi a primeira a sair pela tangente.

– Será que a gente pode dançar? – perguntou, virando-se para Watt e deixando sua taça de champanhe ainda cheia sobre a mesa.

– Você quem manda. – Watt pegou a mão de Avery. – Foi um prazer, Leda.

– Tchau, Leda – disse Avery por sobre o ombro enquanto puxava Watt para a multidão.

– Tchauzinho – murmurou Leda, mas eles já não estavam à vista. Leda ficou na mesa por um tempo, e virou o uísque com soda, em seguida o champanhe que Avery deixara para trás. Havia algo estranho naquele tal de Watt. Ela não confiava nele. Leda quis pedir mais informações a Avery, mas eram tantas coisas que precisava conversar com ela que Leda já não sabia como começar.

Pensou ter visto Atlas na pista de dança, onde ele a havia deixado. Quis voltar para encontrá-lo.

No entanto, em vez disso, ela voltou-se para o bar, com os pequenos ombros empertigados como uma faca. Antes de voltar, ela pegaria outra bebida.

ERIS

ERIS ESTAVA DEITADA na cama de Mariel, encolhida de lado, à toa. Por entre as pálpebras semicerradas ela observava Mariel em sua escrivaninha, digitando furiosamente alguma lição. As paredes estavam pintadas de verde-claro, cobertas por instafotos de Mariel e suas amigas e vários pôsteres de fotografia – o pôr do sol sobre uma cadeia de montanhas escarpadas, a lua reluzindo durante um eclipse. Os alto-falantes dela tocavam música country. À exceção de Avery, Eris nunca havia conhecido alguém que fosse obcecado por música country, e ela há tempos já havia deixado esse assunto para lá, dispensando o que considerava uma das incompreensíveis esquisitices de Avery. Era meio engraçado o fato de que a melhor amiga de Eris e a garota com quem ela estava saindo tivessem algo tão peculiar em comum.

– Tá perto de acabar? – perguntou Eris a Mariel, apesar de não estar incomodada. Na verdade, ela estava gostando disso mais do que esperava, de ficar tranquila e calada com Mariel enquanto ela fazia sua lição de casa. Não tinha lembrança de jamais ter ficado na cama de outra pessoa só vendo o tempo passar, sem qualquer expectativa.

– Tô quase terminando – respondeu Mariel, com a sobrancelha vincada de concentração.

Onde você está? Caroline mandou um flicker.

– Na casa de Mariel – disse Eris em voz alta, compondo uma resposta. Caroline tinha conhecido Mariel e sabia que ela e Eris estavam passando muito tempo juntas ultimamente. – É minha mãe – acrescentou ela para explicar, já que Mariel tinha ouvido a mensagem.

Mariel assentiu.

– Parece que vocês estão se acertando – observou ela.

Era verdade. Depois do almoço que as duas tiveram com o pai de Leda, depois de Eris ter descoberto que ele também era *seu* pai, ela e a mãe estavam numa espécie de trégua. Tinham começado a sair novamente, como costumavam fazer: passeando em seus lugares favoritos nos andares superiores e até jantando juntas na maioria das noites. Era legal não ter tanto ressentimento com relação à mãe.

– Teve mais alguma notícia do seu pai biológico? – perguntou Mariel. – Quando você vai vê-lo de novo?

– Não sei – respondeu Eris. Eles não tinham feito planos de se encontrar novamente, ou discutido qualquer tipo de apoio que o sr. Cole poderia lhes dar, se é que daria. Ela

chegou a tocar nesse assunto antes, porém Caroline lhe disse que não se preocupasse, pois isso estava sendo providenciado. O que ela queria dizer? Eris não parava de especular se ela e a mãe se mudariam para um dos andares de cima e começariam a fazer parte de uma grande família com os Cole.

– Bem, tenho certeza de que ele vai entrar em contato – comentou Mariel, mais confiante do que Eris. – Provavelmente, isso é tão estranho e novo pra ele quanto é para você.

– Obrigada – respondeu Eris, contente por ter decidido contar toda a história a Mariel.

Tinha desabafado com ela na mesma tarde em que descobrira tudo. Em parte porque precisava compartilhar a novidade com alguém, e não podia falar com qualquer outra pessoa dos andares superiores, uma vez que todos lá conheciam Leda. Mas, acima de tudo, ela abriu o jogo com Mariel simplesmente porque queria que a outra garota soubesse e estava interessada em sua opinião. Eris não conhecia ninguém que encarasse a vida como Mariel, que *pensasse* como Mariel.

– Agora, chega de falar de mim – disse Eris, de repente louca para se distrair. – Quero falar sobre você.

– Mas eu gosto tanto de falar sobre você – brincou Mariel. Eris sentou-se na cama e a encarou irritada, fazendo-a rir. – Desculpe – comentou, apesar de não lamentar absolutamente nada. – Sobre o que você quer falar?

– Eu sei que sou infinitamente fascinante – disse Eris com indiferença. – Mas falando sério. A gente se conheceu há o quê, um mês? E ainda tem um montão de coisas que não sei sobre você.

– Sério que faz um mês?

Eris jogou a almofada em Mariel, que se esquivou.

– Está bem, o que você quer saber?

– Cor favorita – Eris perguntou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

– Essa pergunta é bem a sua cara – comentou Mariel, mas antes que Eris pudesse jogar outra almofada, ela respondeu:

– Verde! Verde-claro, na verdade.

– Aula favorita na escola.

– Essa é fácil. Debate.

– Sério? – Eris não conseguiu reprimir a pergunta. Todos os alunos das aulas de debate eram terríveis, com seus uniformes de colete irritantes e poses de sabichão. Mariel parecia legal demais para ser um deles.

– Se você está tão surpresa, é porque com certeza eu não debati com você o suficiente – provocou Mariel.

– Fique à vontade para tentar. – Eris sorriu. – O que você pensa em fazer no futuro?

– Aparecer nos hologramas.

– Eu também!

Mariel riu novamente. Ela girou a cadeira para encarar Eris, ergueu os pés e os cruzou. Uma de suas meias era rosa com bolinhas brancas; a outra, pontilhada com minúsculas abóboras.

– Não acho que teríamos a mesma carreira nos hologramas – comentou ela, com os olhos agitados. – Eu quero ser comentarista política.

– Esse pessoal que lê notícia?

– Os que fazem a mediação de debates para presidente, e comentam sobre problemas, e escrevem artigos para os feeds de notícias. – Mariel olhou para baixo, puxando as mangas do suéter. – Eu só quero ajudar as pessoas a entender o que está acontecendo. Ajudá-las a formar opiniões.

– Por que não se candidata para um cargo político, daí não vai apenas estar ajudando as pessoas a pensar, mas *fazendo* as coisas de fato? – sugeriu Eris, e foi para a ponta da cama, perto o suficiente para tocar o braço de Mariel.

– Quem sabe – respondeu Mariel, mas parecia não acreditar nisso de verdade. – Próxima pergunta – acrescentou, olhando para Eris, que inclinou a cabeça, pesando seus pensamentos. Ela não sabia nada sobre a vida amorosa de Mariel; nem sequer sabia se ela saía tanto com garotos quanto com garotas.

– Você já se apaixonou? – perguntou.

– Não – respondeu Mariel rápido; rápido demais, Eris pensou. Ficou imaginando por quem Mariel havia se apaixonado, e ficou surpresa ao sentir-se um tanto decepcionada, ou talvez enciumada.

– E você? – pressionou Mariel.

– Não. Quer dizer, eu também não.

A canção mudou para uma faixa rápida e animada de música country: uma voz feminina cantava sobre como ela ia se vingar de alguém que a havia traído. Mariel voltou calmamente para a lição, e Eris pegou seu tablet, clicando sem muito interesse nos feeds. Seu coração batia forte, mas ela não sabia por quê.

O baile de outono do Clube Universitário estava acontecendo naquele instante, a quilômetros acima de suas cabeças. Avery tinha se oferecido para levá-la como convidada, mas Eris recusou a oferta. Ela não sabia ao certo se queria enfrentar os olhares ou correr o risco de topar com o seu pai, isto é, com o homem que ela pensara ser seu pai. Nem com um pai nem com o outro, ela corrigiu-se mentalmente, pois o sr. Cole com certeza também estaria lá.

Ainda assim, enquanto os minutos passavam e Eris via as fotos de seus amigos vestindo roupas elegantes e se divertindo muito, ela começou a se arrepender de ter dito não para Avery. Pôs-se a imaginar o que estaria vestindo naquele instante, se estivesse

lá. Talvez o vestido rosa-claro com a barra de recortes em ondas, ou algo prateado – esse não era o tema da festa este ano? Ela puxou o convite em suas lentes. *O Clube Universitário convida você para uma noite estrelada*, dizia em letra cursiva caprichada, em que estrelas animadas caíam e explodiam nos cantos de sua visão. E de súbito lembrou que um cometa passaria naquela noite.

– Acabei – avisou Mariel, dando um clique para entregar sua lição. – Tá a fim de fazer o que hoje à noite?

– Pegue seu casaco. – Eris sorriu. – A gente vai sair numa aventura.

* * *

– Não estou entendendo – comentou Mariel enquanto elas andavam ao longo da Jersey Highway na rua 35. As lâmpadas, abastecidas por energia solar, emitiam anéis entrelaçados de luz dourada na calçada. Mais à frente, Eris pôde ver a pesada forma do museu naval Intrépido, um velho e enorme navio ancorado no andar do rio Hudson. Eles tinham ido para lá no quarto ano, durante uma excursão. Eris ainda se lembrava de como Cord havia tentado desafiar Avery e ela a saltar do navio, para ver se a água lhes daria guelras de sereia. Cord... Fazia semanas que não pensava nele, não é?

– Todas as suas perguntas terão resposta, prometo. – Eris apressou o passo em direção a um portão onde estava escrito: PÍER 30, ÁREA RESTRITA A FUNCIONÁRIOS. Ela digitou o código que havia comprado online, e as portas se abriram.

Elas entraram em uma doca de madeira, com fileiras de portas de ferro corrugado em ambos os lados. A água balançava suavemente sob seus pés, e Eris não conseguia parar de sorrir. Ela adorava essa sensação: a deliciosa emoção de sair em uma busca enlouquecida por algo que você pode ou não encontrar, sabendo o tempo todo que, independentemente do que aconteça, a noite em si será decerto maravilhosa.

Ela digitou o mesmo código em uma das portas, que se retraiu até o teto, revelando um pequeno espaço quase completamente ocupado por um barco hover de quatro lugares. Sua forma lembrava a Eris o topo de um cogumelo, com jatos propulsores saindo de seu casco brilhante. A única decoração era um decalque descascado da bandeira norte-americana.

– Veste isso aqui – disse ela, jogando um cinto inflável.

– De quem é esse barco? – Mariel entrou na minúscula doca fechada e prendeu o cinto ao redor da cintura. Eris apertou um botão, e o barco hover começou descer em direção à água.

– A gente está pegando emprestado – respondeu ela sem maiores explicações. Sabia muito bem que o tipo de aluguel que fizera, fora do expediente, era ilegal. As luzes ao redor do barco davam uma cor verde salobra à água na rampa.

Eris tirou os sapatos antes de pegar a mão de Mariel e puxá-la para dentro, sobre um dos quatro assentos de vinil branco que circunscreviam seu interior.

– Você sabe pilotar isso? – perguntou Mariel, observando-a. Parecia dividida entre ceticismo e entusiasmo.

– Tem piloto automático. Pelo menos, foi o que me disseram. – Eris sorriu, apertou o botão de partida, e o barco zarpou noite adentro.

Elas perpassaram a superfície da água, tão escura e impenetrável quanto a de um espelho negro. O cabelo de Eris saracoteava em um emaranhado indolente. Borrifos de água esguichavam em seu rosto, dando-lhe uma surpreendente sensação de prazer. Do outro lado do rio, em Nova Jérsei, luzes esparsas piscavam intensamente.

Mariel estava olhando para a água, observando o quanto elas tinham avançado. Havia algo quase majestoso na linha sombreada de seu perfil, em seu longo nariz e na testa alta. Ela então virou, deu uma piscadinha para Eris, e a ilusão se partiu.

– Aonde você está levando a gente, oh, intrépida capitã? – Mariel levantou a voz sobre o som do vento e do motor.

– A algum lugar onde a gente possa ver ao redor *disso*. – Eris apontou para a Torre, que se alongava numa altura impressionante dentro da escuridão.

Elas passaram pela forma enevoada da Estátua da Liberdade, indo para o sul em torno dos portos marítimos, onde Eris pôde ouvir sons de música e risadas estrondosas. Quando elas por fim estavam distantes o suficiente para a Torre já não preencher todo o céu, Eris desligou o motor. Ela inclinou-se sobre o parapeito, passou os dedos na água e os tirou rapidamente. Estava muito fria.

– Eu amei. É uma surpresa incrível – comentou Mariel em meio ao repentino silêncio.

– Isto não é a surpresa – explicou Eris –, pelo menos, não toda a surpresa. – Os gritos da South Street foram ficando mais altos. Eris podia ouvir a música tocando e as dançantes luzes cor-de-rosa dos alucigarros ao longo das águas.

– Será que está rolando alguma rave hoje à noite? – perguntou Mariel.

Eris riu.

– Todo mundo está aqui pelo mesmo motivo da gente – respondeu ela, passando o braço em torno de Mariel. – Olha. – Eris apontou para cima, e ambas ergueram o rosto para as estrelas.

Um cometa cortou o céu de veludo negro, e sua cauda tremulava como um leque.

– É lindo – disse Mariel, suspirando.

Eris absorveu a imagem, tentando não pensar no Clube Universitário, em como Avery e Leda estavam provavelmente coladas às janelas neste exato momento, vestidas com roupas caras e segurando taças de champanhe enquanto o cometa reluzia no céu. *Pare*, disse a ela mesma. Isso era muito melhor.

– Sabe, ele tem quase o mesmo nome que eu – falou, lembrando-se do que havia lido mais cedo. – Eros, em vez de Eris. Parece que só vai passar pela Terra novamente daqui a mil anos.

– O deus do amor. – Mariel riu. – Eris, por outro lado, é a deusa do...

– Caos – completou Eris com pesar. Ela sempre enchia o saco da mãe com relação a isso e Caroline alegava que não sabia na época, que havia escolhido o nome porque o achou bonito.

– Às vezes, amor e caos são a mesma coisa – disse Mariel baixinho.

Como resposta, Eris virou-se e a beijou, impedindo-a de ver o cometa.

Mariel reagiu com avidez, passando os braços sobre os ombros de Eris. Havia algo novo naquele beijo, uma ternura que Eris desconhecia.

Por fim, Mariel afastou-se.

– Eris. Tô com medo.

– O quê? Por quê? – O cometa tinha sumido do céu. Elas podiam ouvir os gritos de festejo brindando sua chegada no centro da cidade. Eros, o cometa do amor.

– Eu só... – Mariel parecia estar prestes a dizer algo. Eris podia sentir o nervosismo crepitar em sua pele, como eletricidade. – Não quero me machucar.

Por algum motivo, Eris teve a impressão de que aquilo não era exatamente o que Mariel quis dizer. Mas ela apenas inclinou-se, repousando a cabeça suavemente no ombro de Mariel.

– Nunca vou fazer nada para te magoar. Prometo – sussurrou.

A parte cínica e mundana de Eris riu de si mesma por ter dito disso, por ter feito uma promessa que ela jamais conseguiria cumprir. Bem, ela pensou com determinação, dessa vez precisava simplesmente cumpri-la.

Eris sentiu Mariel relaxar um pouco a seu lado. O barco balançava para frente e para trás, gentilmente fustigado pelas ondas.

– Eu prometo – repetiu Eris, e as palavras se dissiparam no céu como a fumaça na escuridão.

AVERY

– OBRIGADA PELA CARONA – disse Avery assim que o hover estacionou em frente ao seu apartamento. Seus pais haviam deixado a festa há horas e ela não fazia a menor ideia de onde seus amigos estavam a essa altura, nem mesmo Leda ou Atlas. Ela tinha se distraído com as danças, as risadas, todo o conjunto de entretenimento que cercava o cometa. E tinha se distraído com Watt.

Ela tinha se divertido com ele essa noite, muito mais do que havia esperado. De alguma maneira ele conseguia ser dedicado sem ser sério, autoconfiante sem ser idiota. Enquanto ele a acompanhava até a porta de casa, ela se deu conta de que, depois de deixá-la, ele teria que descer quase oitocentos andares até chegar em casa. Ela tentou imaginar como era a vida dele em casa e não conseguiu. Se perguntou por que não havia feito mais perguntas sobre *ele*, um pouco envergonhada de como ele deveria achar que ela era autocentrada.

– Claro! – Watt estendeu a mão delicadamente e tocou a parte de trás da orelha dela, pegando a incandescente. Estava seca e marrom agora, seu perfume doce. Apenas algumas horas antes ela tinha sido uma estrela viva.

– Acho que a noite acabou mesmo, né? – disse ela, saudosa. Watt se moveu para jogar a flor fora, mas ela o deteve. – Não. Ainda não. Quero guardá-la. Só mais um pouco.

Ele estendeu a flor para ela, obedientemente, seus olhos nos dela, pensativo. Avery pegou a flor morta e a colocou na palma da mão. Ela sentia como se pudesse ouvir o coração de Watt ecoando no espaço entre eles.

Watt se inclinou devagar para colocar os lábios na testa dela. Ele parou, dando a Avery a chance de recuar. Ela não o fez, mas também não se inclinou em direção a ele. Simplesmente ficou parada, esperando.

Quando ele estava colocando os lábios dele sobre os dela, o beijo parecia inevitável. Avery o beijou sem pensar, ansiosa para descobrir o gosto dele, para saber como se sentiria. O beijo foi suave e calmo e ela amou a sensação das mãos mornas dele em sua cintura.

Quando finalmente se separaram, nenhum dos dois falou nada. Avery sentiu uma alegria estranha, dolorida. Ela finalmente tinha conseguido: tinha beijado outro garoto que não fosse Atlas. E de verdade dessa vez, não apenas alguém que ela estava evitando, ou um beijo desengonçado durante as férias, mas alguém que ela poderia vir a gostar de verdade. Parecia um sacrilégio, mas ainda assim não tinha sido nem um pouco difícil.

Talvez fosse disso que ela precisasse, pensou ela, para ajudá-la a superar Atlas de uma vez por todas. Talvez *Watt* fosse o que ela precisava.

– Boa noite, Avery – disse ele, se virando em direção ao hover. A confusão dentro de Avery explodiu numa única palavra.

– Espere.

Watt parou, a porta do hover entreaberta.

O coração de Avery batia rápido demais, sua respiração irregular. Ela imaginou se Atlas estaria em casa, se os veria juntos. *Pare de pensar em Atlas*. Ela não queria que Watt fosse embora, mas ao mesmo tempo não tinha certeza se estava pronta para isso. Mas talvez ela jamais estivesse pronta.

– Eu estava pensando... – Ela mordeu os lábios. Watt ficou esperando, pacientemente, observando-a observá-lo. E Avery percebeu que sua decisão tinha sido tomada. – Você quer entrar?

WATT

INICIALMENTE, Watt não teve certeza se tinha escutado direito.

– Sim, quer dizer, eu adoraria – respondeu ele, tentando não parecer ansioso demais.

Ele deixou o hover ir embora e ela pegou a mão dele e o guiou para dentro da casa, pela magnífica entrada espelhada que se abria para uma sala de estar de dois andares. Ele esperou que fossem em direção ao sofá, mas Avery se virou imediatamente para a direita, em direção a um corredor acarpetado. Será que eles estavam indo para onde ele estava pensando? Ele não estava acostumado a fazer essas coisas sem a ajuda de Nadia.

– Esse é meu quarto – murmurou Avery, abrindo a porta.

Watt percebeu de relance que o quarto era bonito, com uma grande cama de dossel, completamente decorado em azul e creme, quadros antigos e espelhos pesados igualmente espaçados nas paredes. Mas ele não conseguia prestar atenção em nada além de Avery. Watt hesitou, sua cabeça rodando, pensando se deveria dar o primeiro passo ou se isso seria demais.

E então Avery se inclinou para beijá-lo e ele parou de pensar.

Eles caíram de costas na cama, enrolados. Watt não estava mais sendo cuidadoso com seus beijos. Avery começou a desabotoar a camisa dele impacientemente, arrancando as alças do seus suspensórios e então as mãos dela percorreram o peito nu dele, empurrando-o contra os travesseiros, seu beijos insistentes, quase desesperados. Em alguma parte de sua mente que ainda funcionava, Watt queria dar um grito de vitória.

Ele não conseguia acreditar. Estava no quarto de Avery Fuller, na cama de Avery Fuller, beijando Avery Fuller. A garota mais incrível, mais linda, mais interessante no mundo inteiro. E, de todos os caras no mundo, ela de alguma maneira o havia escolhido.

Ele colocou as mãos no zíper do vestido dela. Avery emitiu um som no fundo de sua garganta. Não entendendo o que ela queria dizer, Watt desceu o zíper completamente e Avery pulou para trás, como se tivesse levado um choque.

Ele piscou, assustado.

– Desculpe. Podemos ir mais devagar – disse ele.

– Não. Não é... eu só... – Avery respirou fundo. – Não posso fazer isso. – Ela parecia estar à beira das lágrimas.

Watt se sentou e passou a mão pelos cabelos.

– Eu prometo. Não vamos fazer nada que você não queira. – Ele pegou a camisa e a vestiu, se sentindo culpado.

– Não é isso... – disse ela, mordendo os lábios. – Acho melhor você ir embora. – Havia uma certeza em sua voz que assustou Watt mais do que qualquer coisa que ela tinha dito.

– Tudo bem, mas... por quê? – Ele não pôde evitar a pergunta.

Avery não disse nada, nem olhou para ele. De repente ele se lembrou da festa de aniversário de Eris, de como eles estavam conversando, flertando até, e de uma hora para outra Avery tinha ficado pálida e o largado com Ming. E aquele comentário estranho que ela havia feito essa noite, de que nem sempre a gente tem tudo o que quer? Mesmo sem Nadia, a mente de Watt conseguia juntar as peças.

– Você gosta de outra pessoa? – Ele sabia que era uma pergunta descarada, mas queria saber. Avery só olhou para ele, aparentemente irritada.

– Tudo bem. Deixa pra lá – disse Watt, odiando quão amarga sua voz soava.

Sem dizer mais nada, ele se virou e caminhou para fora do quarto de Avery, para fora de seu apartamento e talvez para fora de sua vida para sempre.

LEDA

LEDA SE SENTOU NO BANCO do hover ao lado de Atlas. Era mais tarde do que imaginava e ela havia bebido mais do que pretendia. Toda a incerteza em sua vida a estava tirando do sério. Mas não importava, ela e Atlas estavam aqui, juntos, finalmente sozinhos. Ela escorregou para mais perto dele, bêbada demais para se importar, e ergueu o olhar.

Ela estava cansada de esperar. Queria Atlas tão desesperadamente que já não conseguia mais pensar direito. O hover chegou à casa dela e Leda começou a beijá-lo.

– Leda. – Ele a afastou, segurando os pulsos dela com as mãos e pousando-os no colo.

– Você deveria entrar – insistiu ela.

Atlas balançou a cabeça.

– Precisamos conversar.

Aquelas quatro palavras foram um balde de água gelada.

– Então converse – disse ela, seca.

– Me diverti muito com você na festa – começou Atlas, sem jeito. – Você está linda essa noite, sabia? Mas – continuou ele, e naquele *mas* ela percebeu que seu coração seria despedaçado – acho que não deveríamos sair de novo.

– Você não gostaria de ao menos dormir comigo primeiro antes de fugir? Como fez da última vez?

Atlas se encolheu.

– Sinto muito. O que aconteceu em Catyan... eu deveria ter parado antes que fôssemos além.

– Se o que aconteceu foi um erro, por que você me convidou para sair de novo essa noite?

– Porque você é incrível. Qualquer cara teria muita sorte em sair com você. – Atlas olhou bem no fundo dos olhos dela. – Você merece alguém melhor do que eu... merece a verdade. E a verdade é que estou apaixonado por outra pessoa. Não seria justo com você nos envolvermos quando meu coração sente isso.

– Tudo bem, então.

Atlas começou a circular o carro para abrir a porta para ela, mas Leda saiu do hover e bateu a porta antes que ele tivesse a chance.

– Sinto muito, Leda. Espero que possamos continuar amigos – disse ele.

Ela subiu a escada com cuidado, demonstrando o quanto ela não estava abalada,

teimosia e orgulho ferido mantendo sua cabeça erguida. Ela tentou imaginar o que ele diria se soubesse que, da última vez que fez isso com ela, Leda tinha se descontrolado e acabado passando dois meses na clínica de reabilitação.

Ela deveria ter se ligado. Deveria ter sabido que Atlas brincaria de bumerangue com seus sentimentos mais uma vez, que a convidaria para ir com ele a eventos em público e então dizer calmamente que queria ser "justo". "Vou lhe mostrar o que é justiça", pensou ela, caminhando para a porta de casa sem virar a cabeça nem um milímetro na direção dele.

Mas assim que estava segura em seu quarto, Leda desabou no chão, segurando a cabeça com as mãos. Uma parte assustadora dela odiava Atlas pela maneira como ele a havia tratado. Ela queria machucá-lo, a ele e a quem quer que fosse a garota estúpida por quem ele estava apaixonado.

Leda percebeu, surpresa, que ainda não havia usado a arma mais poderosa de seu arsenal. Ela começou a murmurar, escrevendo uma mensagem para Nadia.

Você estava errada. Atlas acabou de me contar que está apaixonado por outra pessoa. Descubra quem é ou está demitida.

Alguns instantes depois, uma resposta que ela não esperava entrou em seu campo de visão.

–*Tarde demais. Estou fora.*

O sangue dela ferveu.

– *Ninguém desiste de mim. Você não pode desistir agora.*

– *Mas você não acabou de me demitir? Está difícil acompanhar suas alterações de humor.*

– *Ora, seu...*

– *Sinto muito, mas estou farta de todos vocês* – interrompeu Nadia. A conexão foi terminada quando ela bloqueou Leda permanentemente.

Leda não tinha entendido o que a hacker quis dizer com "todos vocês" e também não estava muito preocupada. Ela se sentiu traída. O mundo estava caindo sobre ela. Havia perdido sua melhor amiga, depois Atlas e agora, além de tudo isso, Nadia. Meu Deus, ela só queria ter alguém para conversar! Sem falar nos lances estranhos que estavam rolando com seu pai ultimamente. Leda se sentiu encurralada, em pânico. Ela queria extravasar. "Pense", disse a si mesma, mas nenhuma ideia lhe vinha à cabeça. Ela fechou os olhos e respirou fundo, tremendo.

Não estava dando mais para aguentar.

Ela resgatou o flicker que não tinha enviado a Ross e ainda esperava na pasta rascunhos.

Sou eu. O que você tem?

AVERY

AVERY SUSPIROU ao estender as pernas no sofá cinza da sala de estar. Ela gesticulou desanimada, seus gestos ativando o sistema, mostrando os milhares de canais na tela holográfica. Mas ela só conseguia pensar em Watt e na maneira como ele a tinha olhado quando ela o mandou embora.

Avery se sentia péssima pela maneira como tinha terminado a noite. Ela sinceramente não queria ter enganado Watt. Quando ele apareceu na sua porta, tão bonito em seu terno, ela havia sentido uma pontada de excitação. E aquela sensação só tinha aumentado durante a noite.

Talvez fosse o fato de ele ter conversado com ela, *verdadeiramente* conversado com ela, prestando atenção nas coisas que a interessavam. Talvez fosse seu perfume limpo e morno quando ela encostou o rosto dela no dele na pista de dança. Ou talvez fosse simplesmente o fato de que alguma coisa tinha de mudar na vida de Avery, mudar drasticamente, se ela ainda tivesse qualquer esperança de superar seus sentimentos por Atlas. E essa era a mudança mais drástica em que ela podia pensar. Seja qual fosse o motivo, no final da noite ela havia decidido seguir o conselho de Jess – de acabar logo com isso. Ela decidiu que ia transar com Watt.

Só que quando chegou a hora, Avery congelou. Ela gostava de Watt, gostava de verdade, mas ainda assim não conseguiu. Por mais louco que fosse, ela sempre havia imaginado aquele momento com Atlas. Independentemente de quanto ela tentasse convencer a si mesma, ela não suportava a ideia de estar com ninguém além dele.

Ela pensou no que Watt dissera mais cedo, sobre como ela sempre olhava para trás, enquanto ele olhava para frente. De repente ela pensou se isso era porque se interessar pelo passado era mais fácil do que pensar no futuro, no – *seu* futuro. Porque um futuro com Atlas era impossível, mas um futuro *sem Atlas* seria insuportável.

Avery checou suas mensagens mais uma vez. Nenhuma mensagem de Watt. Ela tinha mandado um flicker curto para ele pedindo desculpas pela maneira que as coisas haviam terminado e dizendo que ela esperava que ele tivesse chegado bem em casa, mas não obteve resposta.

Se ao menos ela pudesse conversar com Leda. Mas ela não fazia a menor ideia se Leda e Atlas ainda estavam na festa ou na casa de Leda... Avery percorreu os canais mais uma vez, tentando desesperadamente não pensar em Leda e Atlas. Era melhor se concentrar no que doía menos, na maneira como ela havia estragado as coisas com Watt.

Ela escutou o apito da porta de entrada e se sentou, surpresa, colocando as mechas soltas de seus cabelos atrás das orelhas. Seus pais haviam chegado em casa há horas e estavam dormindo no quarto deles no final do corredor. Tinha que ser Atlas.

– Avery? – disse ele da porta de entrada. – Não imaginei que você estivesse em casa.

– Você voltou – disse ela, se sentindo idiota.

– Sim – respondeu ele, sentando ao lado dela no sofá.

– Pensei que estivesse com Leda – falou Avery, sem conseguir se conter.

– Eu estava, mas a deixei em casa. Eu disse a Leda que não podemos mais sair juntos.

– Ah. – Avery se sentiu triunfante de repente ao ouvir aquela notícia, ao mesmo tempo odiando estar feliz com a tristeza da amiga. Parte dela sabia que, se não se tratasse de Atlas, Leda estaria ligando para ela naquele momento, para falar sobre tudo o que tinha acontecido e tramar algum plano mirabolante para se vingar dele, bem ao estilo Leda.

Eles ficaram sentados por alguns instantes, ambos olhando para a tela, para um comercial de doce de pitaia. Dragões animados voavam em círculos pela tela, piscando seus cílios longos.

Atlas se virou para ela.

– Então, qual é o lance entre você e esse tal de Watt?

– Como assim?

– O que você vê nele, afinal?

– Você me disse na semana passada que achava ele legal! – explodiu ela. Atlas não respondeu. – Não que seja da sua conta, mas terminamos tudo. Acho que hoje a noite foi para términos, não é? Está feliz agora?

Atlas olhou nos olhos dela, seus olhos castanhos penetrantes, sem piscar.

– Aves. Eu só me importo com a *sua* felicidade.

Ela sentiu sua raiva aumentar.

– O lance é que você estava certo. Watt é um cara legal. Não é culpa dele se ele não é... – Ela não conseguia terminar aquela frase.

– Não é o quê? – quis saber Atlas.

Avery estava cansada, tão cansada de fingir que não se importava de ver Atlas com outras garotas, de esconder sua dor atrás de um sorriso. O peso do fingimento era tanto que ela sentia que ia partir ao meio.

Mesmo assim ela hesitou. Se dissesse a verdade, se contasse a Atlas o que estava em seu peito, estaria arriscando perdê-lo para sempre.

– Não é você – sussurrou ela, afinal.

As palavras ficaram flutuando no espaço entre eles, lentamente destruindo o mundo em que Avery viveu até então. No silêncio um novo mundo estava se formando. Avery prendeu a respiração.

E de repente os braços de Atlas a estavam envolvendo, os lábios dele nos dela.

Avery respondeu apressada, despreocupada, seu coração doendo de tanta alegria. Os beijos deles eram urgentes, febris, e ela nunca se cansaria de beijá-lo.

Em determinado momento, Atlas a pegou no colo e começou a guiá-la pelo corredor, para o quarto dele. A cabeça de Avery estava encostada no peito dele e ela podia ouvir o batimento acelerado de seu coração, a pulsação no mesmo ritmo da dela. Ela sentia o mesmo – euforia. E sob ela uma corrente elétrica de medo diante da proibição do que estavam prestes a fazer. Ela tremeu.

Um estrondo. Ela percebeu que Atlas havia derrubado o abajur ao lado da cama. Ambos congelaram, prendendo a respiração. Seus pais ainda estavam em casa – dormindo no outro extremo do apartamento, mas ainda assim estavam lá.

Nada aconteceu, e depois de alguns instantes Avery relaxou.

– Desculpe – disse Atlas, mas Avery riu e o puxou para a cama com ela.

– Não importa. Nada mais importa, só você.

Ela o puxou para beijá-lo de novo, os beijos dele queimando sua pele, ofuscando qualquer pensamento.

***

Quando Avery acordou, o corpo de Atlas estava enroscado com o dela, os braços dele sobre seus ombros, a respiração dele suave em seu ouvido. Então tinha sido real, ela não tinha simplesmente imaginado tudo. Ela ficou parada, aproveitando a sensação de ter Atlas ao lado dela, tão perto. Então ela se virou de lado e deu um beijo nele.

Atlas se mexeu.

– Oi – disse ele, acordando e sorrindo.

– O que você está pensando? – perguntou Avery, porque não tinha certeza de como dizer o que ela queria.

– Nesse momento, estou pensando como é bom ficar deitado aqui, abraçando você – murmurou ele, puxando-a para mais perto de si.

Ela se aninhou ao lado dele, mas um milhão de perguntas povoavam sua cabeça.

– Atlas – tentou ela de novo –, depois da festa de Eris, quando nos beijamos... você nem se lembrou... – Ela olhou para ele ansiosa, mas o cenho dele estava franzido.

– *Eu* não lembrei? – repetiu ele. – Aves, foi você que agiu como se nada tivesse acontecido!

– Não! – disse ela automaticamente. Aquilo não podia ser verdade. Ou podia?

– Você nem me beijou de volta, no terraço – continuou Atlas. – Eu fiquei morrendo de medo. Por que acha que fui embora tão rápido?

– Mas na manhã seguinte você estava lá comendo waffles como se nada tivesse

acontecido!

– Só porque pensei que era o que você queria que eu fizesse.

Avery balançou a cabeça. Mas, quando relembrou os eventos daquela noite, pensou quão frágil tinha sido aquele beijo, como ela não tinha se movido com medo de quebrar o encantamento e fazer com que Atlas fosse embora. Talvez ela realmente tivesse feito o que ele disse.

– Eu achei que você não se lembrava. Ou que não se importava – sussurrou ela.

– Claro que eu me lembro. Como poderia esquecer que beijei a garota que eu amo?

Avery prendeu a respiração.

– Eu também te amo – disse ela, tão feliz por finalmente poder dizer em voz alta.

Já estava perto do amanhecer. Ela tinha de voltar para seu quarto antes que seus pais acordassem. Olhou mais uma vez para Atlas, que estava deitado apoiado em um dos cotovelos sob o lençol branco. Ele observou seu rosto, lendo seus pensamentos como sempre.

– Você vai para seu quarto – disse ele.

Avery assentiu e se sentou, relutantemente. Mas havia mais uma coisa que a incomodava.

– E Leda? – perguntou ela. A teimosia era seu único defeito, como dizia Atlas.

Ele desviou o olhar.

– Me sinto péssimo pela maneira que tratei Leda nessa história toda.

Avery pensou que deveria se sentir péssima também. Entretanto, embora Leda fosse sua melhor amiga, era difícil pensar nela agora como outra coisa além do obstáculo que a havia mantido afastada de Atlas.

– Eu sinceramente não pretendia enganá-la – completou ele, arrependido. Avery se lembrou da maneira como se sentiu a respeito de Watt na noite anterior.

– Por que você transou com ela nos Andes?

– Porque eu não podia ter *você*, Aves. – Ele balançou a cabeça. – Pensei que ficar com Leda iria me ajudar a parar de pensar em você o tempo inteiro. Foi por isso que fui embora... para fugir da maneira que eu me sinto com relação a você. Eu esperava que, se fosse para bem longe, encontraria um jeito de deixar de te amar.

– Fico feliz que não tenha funcionado.

– Claro que não funcionou. – Sorriu Atlas. – Jamais poderia ter funcionado.

WATT

WATT VOLTOU PARA CASA, vindo da academia, na tarde de domingo. Deu um longo gole em seu shake de proteína com analgésico, sentindo dor nos ombros. Ele tinha solicitado ao robô instrutor de boxe uma sessão dura de treinamento na esperança de que, se batesse no robô com força suficiente, esqueceria a dor da rejeição de Avery. Por enquanto não tinha funcionado.

Watt não respondeu a mensagem que Avery mandou na noite passada. A mensagem parecia mais um fora do que qualquer coisa. Quando ele ligou Nadia novamente, ela sugeriu que ele respondesse. Mas ele era humano e irracional, por isso não tinha respondido de propósito, apesar dos conselhos de Nadia. Ele esperava que seu silêncio fosse o suficiente para manter pelo menos um pouco do seu orgulho.

Ele foi até o deque de observação do 236º andar, cheio de fontes de água reciclada, carrinhos de picolé e crianças barulhentas. Havia mais gente aqui do que de costume. Ele olhou o céu através das janelas que iam do chão ao teto e viu que uma tempestade estava se formando.

Eu não tinha percebido que iria chover hoje, comentou ele com Nadia, se aproximando da janela. Desde que era criança ele amava dias chuvosos, os dirigíveis coloridos que se erguiam no ar liberados pelos hidrossulfatos, a maneira como a umidade se agregava ao redor dos produtos químicos formando espirais perfeitas, e finalmente o som agradável da chuva caindo. Os seres humanos não conseguiam controlar o clima em escala global, é claro, mas haviam descoberto como induzir ou prevenir a chuva localmente quase cinquenta anos atrás. Watt imaginava como teria sido na época em que as pessoas estavam à mercê do clima, se elas também achavam que a chuva era linda ou se a odiavam porque não podiam controlá-la. *Avery saberia a resposta*, pensou ele, e se irritou por pensar nisso.

– De nada – soou a voz de Nadia em suas antenorelhas.

Espere um minuto. Foi você que fez isso?

– Você precisava de alguma coisa para animá-lo – disse ela, simplesmente.

Às vezes me pergunto se estou desperdiçando seus talentos, pensou Watt, balançando a cabeça devagar. Deixe com Nadia que ela vai invadir o sistema da Secretaria Metropolitana de Controle Meteorológico simplesmente porque um garoto de dezessete anos levou um fora da garota de que ele estava a fim. Entretanto, ele estava agradecido a Nadia por seus esforços.

– Você acha que Avery gosta de outra pessoa? – perguntou ele a Nadia quando os primeiros pingos de chuva começaram a cair. As extremidades da Torre estavam cobertas deles, nos locais em que ela se afunilava para cima.

– Eu sei que sim.

– Como assim, *você sabe*? – respondeu Watt, confuso.

– Quer que eu conte a verdade?

Watt hesitou. Parte dele estava aliviada pela rejeição de Avery não ter sido especificamente destinada a ele, que ele não tinha feito nada de errado para fazer com ela mudasse de ideia. Mas outra parte estava irritada com ela por tê-lo convidado para sair, já que claramente estava a fim de outro cara. Claro que Watt queria saber quem era.

Porém, se ele perguntasse a Nadia, não seria muito diferente de Leda. E saber quem era não iria mudar o que aconteceu.

– Obrigado – disse Watt a Nadia –, mas não quero saber.

Ele se manteve firme no caminho e quando entrou em casa e Zahra e Amir pularam nele, animados, implorando para que brincasse com eles. Se manteve firme durante o jantar, quando ajudou os pais a limparem a cozinha e quando colocou os gêmeos para dormir.

Mas a verdade é que ele não parava de pensar naquilo. Agora que ele sabia que Nadia sabia, que a verdade estava literalmente *dentro* de sua cabeça, era como um comichão que ele precisava coçar desesperadamente. Finalmente, sua força de vontade fraquejou. Ele entrou no quarto e fechou a porta.

– Mudei de ideia – disse ele para Nadia. – Quero saber. – Ele não estava nem aí que nada iria mudar se ele soubesse, que ele ficaria ainda mais chateado. Ele precisava saber quem Avery havia escolhido no lugar dele.

– Vou tocar para você o áudio do computador no quarto de Atlas – disse Nadia. – É de depois que você foi embora ontem.

– Tudo bem. – Watt não estava entendendo direito o que Nadia estava fazendo. Talvez Avery tivesse contado a Atlas de quem ela gostava.

Watt franziu o cenho ao ouvir Atlas murmurando e um momento depois uma voz feminina sussurrando. Certo, então tinha uma garota no quarto dele. Ele percebeu que Leda iria querer esse áudio. Ele poderia cobrar uma grana preta por isso. Já ia abrir a boca para pedir a Nadia para adiantar para a parte onde tinha Avery...

Os dedos de Watt apertaram com força os braços da cadeira. *Meu Deus!* Ele reconheceu a voz da garota. E a raiva dele se transformou em náusea quando ele percebeu a verdade.

RYLIN

ALGUNS DIAS DEPOIS, Rylin estava parada na porta do quarto de Cord, se preparando para o que estava prestes a fazer. Ela já tinha feito aquilo uma vez antes, mas tinha sido diferente. Naquela época, Cord era apenas um idiota que tinha dado em cima dela depois da festa na casa dele, não o garoto que a havia levado a Paris e a fez rir, deixou-a *feliz* –, apesar de tudo o que estava acontecendo na vida dela. O garoto por quem ela estava se apaixonando, apesar de saber os perigos.

Ela pensou em V e na ameaça de Hiral na cadeia, e tremeu, apreensiva. Tinha que fazer isso agora. Cord acabara de sair para ir para a escola, ela tinha escutado a porta se fechando, e ela queria pegar os Spokes e entregá-los antes de ele voltar para casa. Movendo-se rapidamente, decidida, entrou no quarto e pegou cinco Spokes do esconderijo de Cord, colocando-os no bolso de trás da calça jeans dela. Rylin saiu do quarto e estava na metade do corredor quando...

Deu de cara com Cord.

– Oi! – disse ele, segurando-a pelos ombros para equilibrá-la. – Vai para onde com essa pressa toda?

– Pensei que você tivesse ido embora – disse ela e então se encolheu. Não era a melhor coisa a dizer. Ela não conseguia parar de pensar na última vez em que isso tinha acontecido, quando tinha beijado Cord para impedir que ele descobrisse que ela o havia roubado. Mas agora ele confiava tanto nela que nem seria necessário distraí-lo.

– Vou sair de novo – disse ele, e ela percebeu que ele usava jeans e uma camiseta branca e não o uniforme da escola.

– Você vai matar aula de novo – pensou ela, em voz alta.

Cord olhou para ela atentamente, e por um instante Rylin pensou, amedrontada, que ele tinha descoberto o que ela tinha feito, mas ele assentiu, como se tivesse tomado uma decisão.

– Quer vir comigo? – perguntou ele.

Rylin hesitou. Os Spokes estavam fazendo um buraco em seu bolso traseiro.

– Não sei – começou ela, e parou ao ver uma leve decepção no rosto de Cord. – Ah, tudo bem – completou ela. Essa era uma péssima ideia, sair com Cord quando ela estava levando tantos envelopes. Porém esse lugar claramente significava algo para Cord.

– Confie em mim. Você não vai se arrepender – disse ele misteriosamente, e sorriu.

***

Eles desembarcaram do helicóptero privativo nos jardins de uma casa aparentemente abandonada em West Hampton.

– O que é esse lugar? – perguntou Rylin, sua voz ansiosa enquanto Cord destrancava a porta. As hélices do helicóptero começaram a girar, soprando a grama e formando círculos concêntricos antes de levantar voo novamente. Rylin respirou fundo, aproveitando os cheiros que o mundo fora da Torre oferecia: solo, fumaça e mar. Às vezes era bom sair.

– Meu pai era dono dessa casa – explicou Cord. – Eu nem sabia que ela existia até algum tempo depois que eles morreram. Ele deixou esse lugar para mim em seu testamento. – Cord disse essas palavras com calma, mas Rylin ficou triste por ele.

– Só para você? Não para Brice? – ela não pôde deixar de perguntar.

– Pois é. Não faço ideia de por quê. Talvez ele achasse que eu ia gostar daqui. Ou que, por algum motivo, precisava mais desse lugar do que Brice. – Ele parou, a porta aberta, e olhou para Rylin. – Você é a primeira pessoa que trago aqui.

– Obrigada por dividir isso comigo – disse ela, baixinho.

Ele a guiou pelo corredor de entrada da casa, onde luzes automáticas se ligaram, revelando uma sala de estar pequena e aconchegante e degraus que levavam a um segundo andar. Por um momento Rylin imaginou se estariam aqui numa escapada romântica, mas Cord já estava atravessando a cozinha e abrindo outra porta.

– Aqui está – disse ele no tom mais reverente que ela já o tinha ouvido usar. Luzes fortes iluminaram uma garagem repleta de pelo menos uma dúzia de carros.

Rylin entrou, confusa. Dentro da Torre não era permitido dirigir carros de verdade, apenas hovers, que eram de propriedade dos Serviços Prediais e operados por um algoritmo central. Quase ninguém na Torre possuía um carro de verdade, exceto algumas famílias dos andares superiores, que os mantinham suspensos em garagens hidráulicas. Mesmo nos subúrbios, Rylin sabia que as pessoas raramente usavam carros de verdade. Era muito mais fácil juntar dinheiro e dividir um hover com outras pessoas ou simplesmente pagar uma mensalidade de algum serviço de transporte.

Um carro, nos Hamptons, Rylin podia entender. Mas por que Cord tinha *tantos* carros?

Cord riu, vendo as dúvidas no rosto dela.

– Olhe mais de perto – sugeriu ele.

Ela percorreu a mão sobre a superfície de um deles, liso e vermelho. Grãos de poeira ficaram suspensos no ar. Ela percebeu que o carro tinha um volante e um pedal de freio... e aquilo era um acelerador?

– Espere um pouco! – disse Rylin, como se tivesse acabado de entender o que estava

acontecendo. Esses carros não eram automatizados. – Eles são...?

– Sim – disse Cord, orgulhoso. – Eles são antigos, *muito* antigos. Carros controlados pelo motorista, criados antes dos carros automatizados. Meu pai os deixou para mim. – Ele olhou carinhosamente para o modelo conversível que Rylin estava circulando. – Esse tem quase oitenta anos.

– Mas de onde vieram todos esses carros? Não são ilegais?

– Meu pai os colecionou ao longo dos anos. Eles são difíceis de encontrar, especialmente porque são ilegais de dirigir e é extremamente difícil conseguir fazê-los funcionar de novo. Além do mais, eles funcionam à base de combustíveis fósseis, não eletricidade, e petróleo é caro.

– Por que tê-los? – disse Rylin, sem rodeios.

Cord parecia excitado.

– Você já esteve num carro automatizado, né?

– Sim. Quando visitamos nossos avós em Nova Jérsei, quando eu era criança. – Rylin se lembrava de como sua mãe havia chamado o carro pelo tablet e ele tinha aparecido momentos depois com outra família lá dentro, já que eles só tinham dinheiro para fazer uma viagem conjunta. Eles tinham inserido o endereço na tela do interior do carro e lá foram eles, guiados pelo computador central do sistema de trânsito.

– Bom, esses aqui são completamente diferentes dos carros automatizados com seu limite de velocidade. Venha, vou mostrar.

Rylin ficou parada onde estava.

– Você quer dizer que sabe como dirigir essas coisas? – perguntou ela, em dúvida. Ela não tinha certeza de que queria entrar numa máquina enorme e perigosa com Cord no comando.

– Eles têm cintos de segurança. E sim, eu sei dirigi-los.

Mas os cintos de segurança não tinham salvado os milhões de pessoas que morriam em acidentes de carros todos os anos, quando os carros operados por motorista ainda eram legais. Ela lembrava pelo menos isso de sua aula de saúde e segurança.

– Como você aprendeu a dirigir? – perguntou ela, enrolando.

– Eu tive ajuda. E pratiquei bastante. Agora *vamos*! – provocou ele. – Onde está seu senso de aventura?

Ele abriu a porta para ela, gentilmente. Rylin suspirou, desobediente, mas se sentou onde ele instruiu. Os Spokes ficaram pressionados contra suas nádegas, uma lembrança do que ela havia feito mais cedo. Ela deixou de lado a onda de culpa que tomou conta dela ao lembrar.

Cord pegou a maçaneta da porta da garagem e a ergueu manualmente, deixando a luz do entardecer entrar. Rylin cobriu os olhos com as mãos, protegendo-os. Ela observou enquanto Cord conferia o carro, checando os pneus, o motor. Os movimentos dele eram

sucintos e concentrados, as sobrancelhas franzidas. Finalmente ele se sentou no banco do motorista e virou a chave na ignição. O motor ligou.

Eles percorreram a estrada residencial, cercada de casas que olhavam para eles, vazias, abandonadas na baixa estação, em direção à saída para a Via Expressa de Long Island. Rylin ficou maravilhada pela maneira com que as mãos de Cord se moviam no volante.

– Quer que eu a ensine a dirigir mais tarde? – disse ele com uma piscadela, vendo que ela o observava. Ela balançou a cabeça, muda.

A estrada se estendia silenciosamente em ambas as direções, à esquerda em direção a Amagansett e à balsa para Montauk, e à direita de volta à cidade. Rylin podia ver a Torre ao longe, nada além de uma sombra escura à distância. Se não soubesse a verdade, poderia pensar que era uma nuvem de chuva.

– Lá vai – disse Cord e afundou o pé no acelerador.

O carro pulou para frente como um organismo vivo, a agulha do velocímetro subindo para cinquenta, oitenta, noventa. Todo o mundo pareceu encolher. Rylin perdeu completamente a noção de tempo e espaço. Não havia nada além disso, o carro sob eles e a curva na estrada, seu sangue sendo bombeado quente e rápido em suas veias. A paisagem passava depressa, um borrão de céu e floresta negra pontuado apenas pela faixa amarela no chão.

A estrada tinha uma curva à frente. Rylin observou enquanto Cord virou o volante levemente, deixando o carro seguir suavemente o movimento. Seu corpo inteiro tremia com a energia do veículo sob eles. Ela entendia por que Cord amava tanto isso.

O vento soltou seus cabelos, um emaranhado de nós caindo em seus ombros. Ela podia sentir Cord olhando para ela e queria lembrá-lo de que ele tinha que olhar para frente, mas algo dentro dela dizia que não era necessário. Ele estava dirigindo apenas com a mão esquerda, tendo deixado a mão direita cair no console do meio, e Rylin a segurou. Nenhum dos dois disse nada.

Finalmente, Cord virou numa ruazinha estreita. Rylin ainda tremia pelo choque e euforia da estrada. Ela viu uma placa que dizia PROIBIDO ESTACIONAR e queria fazer uma piada, sobre como, apesar de ela ter estado num carro apenas uma vez, sabia o que estava implícito em estacionar, até que viu a linha branca da praia, e todos os pensamentos fugiram de sua cabeça.

– Ah! – exclamou ela, tirando os sapatos para correr para a água. O vento havia agrupado a areia em montinhos, a água refletindo o céu cinza. – Amei aqui! – disse ela, animada enquanto Cord parava atrás dela. Ela e Lux só tinham ido à praia uma vez, em Coney Island, e a praia era feia e lotada. Aqui ela só via o céu, a areia e Cord, nem mesmo as casas que ela sabia que estavam atrás das dunas. Eles podiam estar em qualquer lugar do mundo.

Um trovão soou e de repente começou a chover sobre eles.

Cord murmurou algo para suas lentes. Quase imediatamente, uma cobertura flutuante surgiu de onde estava guardada, na mala do carro, e flutuou pela chuva até eles.

– Quer voltar? – perguntou ele por sobre o barulho da tempestade enquanto eles se posicionavam debaixo da cobertura flutuante. Ela era do tamanho de um lençol grande, listrada em vermelho e branco, como os guarda-chuvas antigos que Rylin já tinha visto em fotografias. Mas diferentemente dos guarda-chuvas, que aparentemente tinham que ser segurados pela pessoa que os quisesse utilizar, as coberturas flutuantes eram erguidas por pequenos motores em cada extremidade.

Pode ter sido por causa da tempestade. Ou daquela aventura louca no carro ou do fato de que eles estavam longe de tudo o que se parecesse com a vida normal. Mas Rylin estava cansada de esperar. Nenhum dos problemas que a mantinha longe de Cord parecia ser importante, nem mesmo os Spokes em seu bolso, que ela roubara dele. Tudo aquilo sumiu no horizonte, sobreposto pelo som da tempestade e os batimentos de seu próprio coração.

Ela o beijou, puxando-o para se deitar na areia. A chuva caiu ainda mais forte sobre a cobertura flutuante deles, mas debaixo dela a areia ainda estava morna.

Cord pareceu entender o que ela pretendia. Ele não disse nada, apenas a beijou bem devagar, como se eles tivessem todo o tempo do mundo.

ERIS

ERIS ESTAVA NA ENTRADA do Cascade, um restaurante francês fora de mão que ficava no 930º andar. Ela tentou ligar para a mãe mais uma vez, só por desencargo de consciência, mas Caroline não atendeu e também não estava em casa. Eris balançou a cabeça, irritada, e entrou. Ela jantaria com o sr. Cole sozinha mesmo.

Desde o almoço na semana passada, Eris vinha fazendo perguntas constantes para sua mãe. O que significava o fato do sr. Cole ser seu pai? Quando elas o veriam de novo?

– Não sei, Eris. Faz pouco tempo que tudo se esclareceu – disse Caroline, depois suspirou. – Vou mandar uma mensagem para ele e veremos o que ele vai responder.

E então o sr. Cole havia marcado esse jantar. Eris tinha esperado por esse dia a semana inteira, tinha discutido incansavelmente com Mariel, que havia escutado o que ela tinha a dizer, mas não parecia ter certeza de que conselho dar.

A parte mais estranha era ver Leda na escola e não poder dizer nada. O sr. Cole havia pedido a Eris para deixar que ele contasse a ela, em seu próprio tempo. É claro, o segredo era *dele*. Mas Eris não conseguiu se conter e ficou observando Leda a semana inteira, maravilhada com o fato de elas serem meio-irmãs, em busca de características semelhantes em seus rostos tão diferentes. Talvez alguma coisa ao redor da boca, pensou ela um dia, durante o almoço, observando Leda do outro lado da mesa. Elas duas tinham a boca bem desenhada e o lábio inferior cheio, sensual. Eris sempre tinha pensado, maldosamente, que uma boca daquelas era um desperdício em Leda, que era certamente contida demais para dar um bom uso a ela. Mas ela nunca tinha notado o quão semelhante era de sua própria boca.

– O que foi? Tem alguma coisa grudada nos meus dentes? – ralhou Leda, notando que ela a estava observando. Eris revirou os olhos e desviou o olhar, como se estivesse entediada com aquela pergunta.

Agora ela balançou os cabelos com sua autoconfiança de sempre e assentiu para a recepcionista.

– Mesa do sr. Cole – murmurou ela e seguiu a garota até onde seu pai biológico estava sentado, uma mesa redonda pequena perto das janelas.

– Eris – disse o sr. Cole calorosamente quando ela se sentou. – Você está uma graça.

– Obrigada. – Ela estava usando um vestido que havia pedido emprestado a Avery, azul-marinho com pregas que abraçavam sua silhueta e se abriam ao redor dos joelhos. Colocara o colar de pérolas da mãe e se sentia quase normal novamente.

– Sinto muito que minha mãe não tenha vindo – começou ela, prestes a explicar que havia procurado Caroline em todos os lugares, mas o sr. Cole balançou a cabeça.

– Eu já conversei com ela. – Por um instante a mandíbula dele se contraiu, mas o momento passou e ele relaxou de novo, sorrindo. – Então, Eris – disse ele. – Fiquei sabendo que perdi seu aniversário no mês passado.

Fazia mesmo apenas um mês desde a festa dela no Bubble Lounge, desde que todos os laços com sua vida anterior foram desfeitos para sempre? Parecia fazer mais tempo.

– Tudo bem – disse ela, mas o sr. Cole pegou algo dentro de sua maleta: uma caixa de echarpes da Calvadour. Eris prendeu a respiração e desfez o laço largo de papel. Guiado por pequenos sensores biodegradáveis, o laço se transformou numa borboleta de origami e voou em busca da lata de lixo reciclável mais perto.

Eris resfolegou. Dentro da caixa havia uma linda echarpe de caxemira bordada à mão, com estampa equestre e borda de flores vermelhas. Ela havia visto a echarpe na vitrine da Calvadour. Era uma peça exclusiva e extremamente cara. Exatamente o tipo de coisa que Eris costumava comprar para si mesma, no tempo em que dinheiro não era problema.

– Isso é demais. Não posso aceitar – murmurou ela, embora é claro que não tivesse a mínima intenção de devolver o presente. Ela enterrou o rosto na caxemira e respirou fundo.

– Considere esse presente válido pelos dezessete anos de aniversários em que seu pai não te deu nada – disse o sr. Cole, de modo abrupto.

Pai. Não era a primeira vez que ele usava aquela palavra para se referir a ela? Sentindo-se impulsiva, Eris se levantou e se inclinou para beijá-lo levemente no rosto, da mesma maneira como ela sempre costumava fazer com o homem que achava que era seu pai.

Seu pai pareceu um pouco surpreso com aquela demonstração de afeto, mas a aceitou. Eris imaginou se Leda não fazia coisas assim. Ora, ele teria que se acostumar com a impulsividade de Eris.

– Obrigada – disse ela, e amarrou a echarpe ao redor do pescoço, deixando o bordado exclusivo cair pelas suas costas. Era o acessório perfeito para aquele vestido azul-marinho.

O garçom se aproximou e eles pediram o jantar. As luzes ficaram mais leves, os candelabros nas paredes foram acesos. Eris olhou pelas antigas janelas que tinham vista para o Parque Haxley, um pequeno espaço público com jardins e fontes. Ela percebeu que alguém poderia vê-los juntos, aqui perto das janelas. Seu pai, parecendo pensar o mesmo, inclinou sua cadeira mais para o centro do restaurante.

– Então, Eris. Me fale sobre o apartamento de vocês.

– Nosso apartamento?

– Onde você e sua mãe estão morando no momento. Não é muito... espaçoso para vocês duas, é?

– Não posso dizer que seja enorme – admitiu ela.

– Em que andar fica?

– No 103º.

Ele empalideceu diante da resposta.

– Meu Deus! Eu não sabia que a situação estava assim tão ruim. – Eris não gostou muito do desprezo na voz dele, mas deixou para lá. – Pobre Caroline – disse ele para si mesmo.

Os pratos chegaram. O pai de Eris continuou a fazer perguntas. Sobre sua mãe, a vida delas lá embaixo, os trabalhos da escola, se ela tinha tido notícias de Everett Radson. Eris respondeu todas as perguntas, imaginando o que ele estava querendo realmente. Talvez a ideia maluca que ela teve não fosse assim tão maluca. Talvez ele de fato fosse sugerir que eles passassem mais tempo juntos, como uma família, todos eles. Eris considerou a possibilidade e percebeu que não era completamente avessa a ela, embora fosse ser estranho no começo ser publicamente ligada à Leda. Mas, se era isso que ele estava querendo insinuar, não disse com todas as letras.

Finalmente eles terminaram de comer e o garçom veio limpar a mesa.

– Obrigada – disse Eris enquanto seu pai se inclinava para pegar a conta. Ela balançou a echarpe sobre os ombros, se abrigando do frio. – Vou me certificar de que minha mãe venha da próxima vez. – Embora tenha sido extremamente prazeroso ter o pai só para ela a noite toda.

– Eris – disse ele levemente. – Não tenho certeza se devemos fazer isso de novo.

– O quê?

Ele fitou a toalha de mesa e sem dúvida sua expressão mudou.

– Gostei muito de poder passar mais tempo com você nesses últimos dias, Eris. De verdade. Estou orgulhoso da jovem que você está se tornando. Você é muito parecida com sua mãe quando tinha a sua idade, sabia? – A expressão dele se contraiu. – Mas estarei mentindo se disser que essa notícia não foi um choque para mim. E não tenho certeza se é prudente continuarmos a passar tempo juntos, em público.

Eris sentiu como se o ar tivesse acabado de repente.

– Por quê? – conseguiu perguntar.

– Esse relacionamento é complicado – disse o sr. Cole. – Ele complica as coisas para mim, para sua mãe e até para você.

– E para a sua família – disse Eris, percebendo o que ele realmente estava querendo dizer. – Sua esposa, Jamie e Leda.

Ele piscou ao ouvir aqueles nomes.

– Bem... sim – admitiu ele. – Não quero que eles descubram, por motivos óbvios.

Você entende, é claro.

Eris de fato entendia. Ela e a mãe eram o segredinho que ele queria manter escondido.

– E a respeito de sua situação financeira – disse o sr. Cole, agora usando um tom estritamente profissional –, já conversei a respeito com sua mãe, embora ela não tenha me dito que a situação de vocês estivesse tão terrível. – Com o orgulho ferido, ela queria gritar que não estava *terrível*, que elas estavam indo *bem*, apesar das circunstâncias. – Transferi um montante para a sua conta, assim como para a da sua mãe. Também vou pagar uma mesada para vocês duas. O valor já foi depositado. Por favor, você poderia conferir?

Um pouco chocada, Eris murmurou o comando para acessar sua conta bancária e quase engasgou ao ver a quantidade de zeros que estava creditada.

– Isso é o suficiente? – perguntou o sr. Cole, mas é claro que a pergunta era ridícula. O valor era mais do que suficiente para sair dos andares inferiores, comprar um novo apartamento, substituir todas as suas roupas e mais ainda. Era o suficiente para comprar sua antiga vida novamente. Eris sabia o que ele realmente estava perguntando: se ela estava entendendo o preço que teria de pagar. Que ela jamais deveria contar a ninguém que ele era seu pai biológico. Nem a Leda, ou melhor, *especialmente* a Leda.

Ele estava comprando o seu silêncio.

Eris não respondeu imediatamente. Ela estava fitando o rosto do pai, que ela passou a semana inteira estudando, em busca de algum traço que fosse parecido com ela, mas dessa vez ela estava tentando ler as emoções dele. Ela via resignação, um pouco de medo e também algo que poderia ser carinho. Ela podia se ver refletida nos olhos dele, enquanto ele a fitava sem dizer nada.

Seu pai biológico estava cortando qualquer ligação com ela. Isso deixava Eris mais perturbada do que ela imaginava. Ela se sentia sozinha, rejeitada e revoltada. Mas a emoção mais forte de todas era o alívio, a certeza de que ela não teria mais que ser pobre.

Como ela não era de se demorar uma vez que decidisse alguma coisa, Eris se levantou repentinamente.

– É mais do que o suficiente – disse ela. – Obrigada pela echarpe... e por todo o resto.

O sr. Cole assentiu, entendendo sua resposta.

– Adeus, Eris – disse ele.

Eris se virou e saiu do restaurante sem dizer mais nada, sem nem mesmo se despedir do único pai que lhe restava.

"Abandonada por dois pais", pensou ela, amargamente. Ela estava se saindo uma grande candidata a fazer terapia.

LEDA

LEDA ESPEROU EM FRENTE aos portões do Haxley Park na First Avenue, olhando de um lado para o outro da rua. Ela estava tremendo de tão tensa. Se encontrar aqui no Haxley tinha sido ideia de Ross, porque era onde eles costumavam se encontrar antes de Leda ir para o centro de reabilitação.

Ela respirou fundo e entrou no parque, os portões antigos de ferro operados por sensores se abrindo automaticamente. As lembranças do passado a invadiram. A primeira vez que ela tinha tomado xenperheidrina, ficando tão atenta que foi para casa e terminou todos os trabalhos do resto do ano escolar. A tarde que ela fumou relaxantes e fixou deitada na grama, olhando para as nuvens no teto, esperando encontrar algum padrão. A vez em que ela e Cord usaram seus Spokes juntos e passaram a tarde caçando um mosquito até voltarem, rindo, para o apartamento dele.

E agora aqui estava ela de novo.

Todo mundo sabia que Haxley era o melhor parque nos andares superiores para ficar chapado. Havia um monte de ventiladores no teto, já que o parque estava situado numa das extremidades da Torre, onde o fluxo geral de ventilação tendia a baixar. Não tinha área de recreação infantil, o que significava que não havia crianças ou babás. Na verdade o parque ficava convenientemente vazio a maior parte do tempo, visto que ficava escondido no canto leste de um andar que concentrava basicamente escritórios. A única parte que geralmente tinha alguém era perto das janelas, onde havia dois restaurantes: um de comida francesa e um de frutos do mar, que tinham vista para os jardins.

Como esperado, a trilha que cortava o parque estava vazia, mesmo numa sexta-feira à noite.

– Onde *está* você? – disse Leda baixinho, mandando uma mensagem para Ross.

A intensidade das luzes internas da Torre estava sendo diminuída com o cair da tarde. Ela sentiu um arrepio. O sistema central de ventilação significava que sempre era mais frio nas extremidades da Torre, especialmente em locais públicos onde ninguém queria pagar a conta de luz. Leda se encolheu, desejando ter mudado de roupa depois da aula. Mas ela tinha vindo direto da escola, sem nem mesmo parar em casa. Ela estava ansiosa para tomar alguma coisa.

À sua frente, havia um jardim com uma fonte, o piso coberto de trevos de quatro folhas. Leda não viu ninguém em canto nenhum. Ela decidiu esperar por Ross ali.

Foi quando ela viu um rosto conhecido e parou no meio do caminho.

Seu pai estava no restaurante francês, aquele que tinha janelas de vidro com vista para o canteiro de rosas. Leda achou estranho. Ela tinha ouvido a mãe dizer que o pai ia trabalhar até mais tarde hoje. Talvez ele tenha conseguido terminar mais cedo... Mas quem estava com ele? Leda ficou na ponta dos pés, erguendo o pescoço para ver melhor.

Sem dúvida ele estava com uma mulher e ela definitivamente não era a mãe de Leda. Mas não era uma mulher. Olhando para o corpo magro e pálido, ela percebeu que era uma garota não muito mais velha do que ela.

E então a garota mexeu nos cabelos, lindos cabelos brilhantes e avermelhados, e Leda percebeu que conhecia aqueles cabelos, mesmo que não pudesse ver o rosto da garota. Era inconfundível.

Que diabos seu pai estava fazendo com *Eris*?

– Leitura labial – murmurou ela, se concentrando o máximo possível na boca de Eris, desesperada para saber sobre o que eles estavam conversando. Uma mensagem piscou diante dos seus olhos: *leitura obstruída, necessário encurtar a distância.*

Apesar de tudo, Leda se recusava a acreditar nas evidências diante dos seus olhos. Com certeza deveria haver alguma outra explicação para o que ela estava vendo... Com certeza seu pai não podia estar tendo *um caso* com Eris. Tinha que haver outro motivo para eles estarem jantando sozinhos, numa sexta à noite, em segredo.

Ela observou, perplexa, quando Eris estendeu a mão para pegar alguma coisa das mãos de seu pai. Eris sorriu. E então ela se levantou, se inclinou e *beijou* o pai de Leda, seus cabelos bloqueando a visão de Leda da boca deles.

Leda ficou olhando como se fosse um filme em câmera lenta. Seus pés pareciam grudados no chão. Ela observou Eris, ainda sorrindo, estender uma echarpe sobre os ombros. Era a echarpe que Leda tinha visto na maleta do pai, a echarpe caríssima com flores vermelhas.

Leda cambaleou para frente, querendo gritar. Ou vomitar. Agora tudo fazia sentido: a maneira estranha com que seu pai vinha se comportando ultimamente, os segredos que estava escondendo.

Ele estava tendo um caso com Eris Dodd-Radson. Ou Eris Dodd. Ou seja lá qual fosse seu nome agora.

– Leda?

– Já estava na hora! – ralhou ela, correndo em direção a Ross. – Por que você demorou tanto?

– Ei, alguém está um pouquinho nervosa.

Ele era jovem, os cabelos ruivos cheios e um rosto tão lindo e inocente que poderia ter sido feito cirurgicamente. Os olhos castanhos eram grandes, os cílios longos e grossos e as pupilas ligeiramente dilatadas, como as de alguém usando lentes de contato, ou

alguém constantemente chapado. Ele piscou devagar, como se estivesse se esforçando para se manter acordado.

– Então – disse ele. – Eu, hum... eu tenho más notícias. Não tenho xenperheidrina.

– Como é que é? – Aquele tinha sido o único motivo para Leda encontrá-lo, comprar um envelope de xenperheidrina e tomar uma dose atrás da outra até que seu mundo parasse de desmoronar. – Você está falando *sério*?

Ele fez uma careta.

– Desculpe, eu não...

– E que merda você *tem*?

Ross abriu a mochila e começou a tirar as drogas, uma a uma.

– Então, eu tenho BFX, um pouco de maconha, alguns relaxantes, que você precisa seriamente...

– Vou levar tudo – disse Leda, interrompendo Ross. Ela puxou a sacola das mãos dele e começou a remexer no que tinha lá dentro.

– Você sabe que aí tem droga suficiente para vários...

– Eu disse que não estou nem aí! Eu *preciso*, tá?! – gritou ela, descontrolada. Ross não disse nada. – Quero tudo, menos isso – completou ela, pegando os envelopes e os entregando para ele. Ela sabia por experiência própria como era terrível consumir Spokes de má qualidade e o fato de o rótulo ter sido alterado era um sinal de que, seja quem fosse a pessoa que originalmente recebera aquela prescrição, Leda não iria querer entrar na cabeça dela.

Ross assentiu e pegou os Spokes de volta, os olhos ainda grudados nela.

– Por que não fica com um? – disse ele depois de algum tempo. – Por conta da casa. Se a viagem for ruim, não custou nada, certo?

– Você não muda, né? – disse Leda, rolando os olhos e lembrando que antigamente Ross empurrava apenas relaxantes para ela. “Acho que entrei para o time dos usuários peso-pesados”, pensou ela amargamente. Mas ela ficou com o envelope de Spoke. A droga era cara demais para ser recusada.

Ela assentiu para pagar a Ross e fez um gesto que poderia significar “obrigada” ou “me deixe em paz”. Ross deu de ombros, aceitando o pagamento, e enfiou as mãos nos bolsos antes de ir embora.

Leda abraçou a bolsa vermelha sobre o peito, os envelopes de papel estalando dentro dela, um som reconfortante. Ela precisava se chapar, se chapar tanto que a imagem de Eris beijando seu pai fosse apagada de sua mente para sempre.

AVERY

– ESTOU TÃO FELIZ que mamãe e papai tenham viajado – murmurou Avery. Os pais dela tinham ido a um casamento no Havaí nesse final de semana e só iriam voltar no domingo.

– Eu também – disse Atlas, deitado atrás dela no sofá. Avery ainda usava o uniforme da escola, mas Atlas estava sem camisa, o que a distraía. – Mas eu estou mesmo feliz por estar com você, Aves – acrescentou ele, beijando-a de leve na nuca.

Avery estremeceu. Ela amava quando ele a tocava dessa maneira. Na verdade, ela amava quando ele a tocava de qualquer jeito, mesmo que fosse apenas roçando os pés nos dela sob a mesa de jantar, o que ele tinha feito a semana inteira.

Ela sabia o que Atlas queria dizer. Ela nunca havia imaginado que pudesse ser assim tão feliz. Era como se ela tivesse vivido a vida inteira num mudo com limites e então de repente descoberto o caminho para um mundo mais vasto, mais feliz.

Ela recebeu uma mensagem em suas lentes de contato. *Está fazendo o quê?*, tinha escrito Eris.

– Desculpe, estou em casa assistindo a um filme com Atlas – murmurou baixinho, escrevendo uma resposta. – Era Eris – disse ela, oferecendo uma explicação, pois é claro que ele a havia escutado.

Atlas assentiu.

– Você pode convidá-la para vir aqui, se quiser – disse ele, mas Avery balançou a cabeça.

– E fazer com que você coloque sua camisa? Hum, acho que não.

Ela sentiu Atlas sorrir entre seus cabelos.

– Como está Eris com todos os problemas familiares? – perguntou ele. Tinha estado na festa dela, tinha presenciado o fiasco.

– Acho que ela está bem – disse Avery. O que era verdade. Eris parecia bem melhor esses últimos dias, sua atitude bem mais otimista. – Ela está até começando a sair com uma garota dos andares baixos da Torre, que estou curiosa para conhecer.

– Cord não deve estar muito feliz com isso – disse Atlas, mas Avery balançou a cabeça.

– Acho que foi ele quem terminou o namoro com Eris.

– Sério? Deve ter sido a primeira vez que isso acontece. – Eris era famosa por terminar os relacionamentos quando as coisas começavam a ficar sérias. Ela tinha feito

isso com pelo menos dois colegas de Atlas no último ano.

Avery virou para o outro lado, seu rosto apenas alguns centímetros do dele.

– Eris me fez uma pergunta essa semana. Queria saber por que estou tão feliz ultimamente.

– Mesmo? E o que você respondeu?

– Eu disse que tenho um novo instrutor de yoga – disse Avery, se fingindo de séria.

– Yoga? Esse é meu codinome? – Atlas se inclinou para beijá-la e Avery pressionou seu corpo no dele.

Eles ficaram deitados, a respiração relaxada, nenhum dos dois querendo levantar.

– Atlas – começou Avery. – Quando foi que você percebeu que me amava?

– Eu sempre te amei – disse ele.

– Eu quero dizer, quando foi que você percebeu de verdade?

Atlas balançou a cabeça.

– Eu sempre soube. Por quê, para você teve um momento específico?

Avery mordeu os lábios. Agora ela se sentia boba por ter mencionado esse assunto, mas Atlas estava olhando para ela, curioso.

– Foi um dia depois da escola. Você provavelmente nem se lembra – disse ela. – Caminhamos pela rua juntos, em direção à fila do elevador, mas você ia descer para o ringue de hóquei e eu ia voltar para casa. Fiquei esperando e podia vê-lo através do fosso do elevador. Acho que você não me olhou... – Ela hesitou por um momento, se lembrando de como Atlas tinha sido iluminado por trás, a luz deixando dourado o contorno do seu corpo. – Por algum motivo, o fato de estarmos seguindo caminhos diferentes me deixou triste. Eu sei que soa idiota – acrescentou ela, falando rápido. – Mas vendo você naquele momento, eu simplesmente pensei que jamais queria ficar longe de novo.

– Eu não esperava que você fosse dizer isso – admitiu Atlas.

– Por quê?

– Eu achava que você iria narrar algum momento épico, dramático. Mas gostei mais da sua história.

Ela assentiu, entrelaçando as mãos nas dele. Ela podia sentir calos novos nas suas mãos, bem na base de cada dedo, por causa de todo o trabalho duro que ele havia feito esse ano. Ela queria beijar cada calo, um por um.

– Pronta para dormir? – perguntou Atlas.

– Mas nem acabamos o filme ainda – protestou Avery, embora é claro que eles não estivessem prestando atenção no filme. Mas Atlas não disse nada, pois entendia. Ela não queria ir porque dormir significava o fim de mais um dia, o que significava que eles estavam um dia mais próximos de voltar à realidade. Tinha sido tão divertido recentemente, com os pais deles viajando. Eles estavam brincando de casinha, sem se

preocupar em serem descobertos. Ela olhou ao redor, para o caos que havia tomado conta do apartamento deles: pratos sujos de comida, travesseiros jogados e a camisa de Atlas jogada no canto do sofá.

Avery sabia que sentiria saudade disso quando seus pais retornassem. Ela vinha tentando ignorar a realidade da situação deles, mas a verdade terrível estava sempre ali, rondando sua mente. Porque não importava o que ela e Atlas fizessem, o relacionamento deles jamais poderia ser mais do que isso, mais do que momentos secretos roubados quando fosse possível. Eles jamais poderiam ter uma vida juntos.

– Qual foi o lugar que você mais gostou de visitar esse ano? – disse ela, se sentando, tentando tirar aqueles pensamentos da cabeça.

Atlas considerou a pergunta.

– Visitei tantos lugares, Aves. Fui para praticamente todos os lugares onde eu sabia que seria difícil me encontrar. Cuba, o Ártico, Budapeste. Trabalhei num alojamento na selva amazônica e num rancho na Nova Zelândia. Fui garçom na África por algum tempo – completou ele, assentindo para o colar dela.

– Parece solitário – suspirou Avery.

– E foi. Especialmente porque eu estava tentando esquecer você – disse Atlas, e havia uma dor na voz dele que ela não gostava de ouvir. Ela imaginou com quantas mulheres ele havia dormido na tentativa de esquecê-la, mas então afastou o pensamento imediatamente. Nada disso importava agora.

– Mas houve um lugar em particular que eu realmente gostei. Uma ilha na Indonésia que foi praticamente esquecida pelo resto do mundo. As praias têm a areia extremamente branca e a água é tão cristalina que é possível ver o fundo do mar. A cidade é pequena e as casas têm telhados coloridos. Eles não comem nada além de peixe, arroz e rum. Mas são extremamente felizes. Trabalhei num pesqueiro lá durante algum tempo.

– Parece incrível. – Avery sorriu diante da imagem de Atlas usando uma camisa com as mangas dobradas e um chapéu de abas largas, puxando peixes para dentro do barco no meio do nada. Era o extremo oposto do que ele fazia agora, trabalhando para os pais deles.

– Não tem absolutamente nenhuma tecnologia – disse ele. – Eles nem mesmo recebem turistas. Tive que alugar um barco especialmente para chegar até lá e viajei quase um dia inteiro pelo mar.

Avery foi tomada de repente por uma ideia maluca, maravilhosa.

– E se fôssemos para lá?

Atlas olhou para ela. Ela manteve o olhar, e a ideia foi tomando corpo.

– Você acabou de dizer que não existe tecnologia lá. Ninguém jamais iria nos encontrar. Poderíamos nos reinventar, começar uma nova vida.

– Avery – disse ele, cautelosamente, mas ela não se importou, já podia ver a imagem em sua mente: a casinha que eles teriam, com uma varanda e uma rede para as noites quentes de verão. E degraus descendo em direção à praia, onde eles iriam caminhar de mãos dadas ao pôr do sol. Exceto...

– Mamãe e papai – disse ela em voz alta, e a imagem do futuro deles tremeu um pouco.

– Exatamente – concordou Atlas. – Você ficaria extremamente triste de deixá-los.

Ela assentiu, sua mente ainda atordoada pelos pensamentos, e percebeu que alguma coisa na frase dele soava estranha.

– Nós dois ficaríamos tristes.

Ele pareceu relutante em falar.

– Só que eles não são meus pais.

– É claro que são!

– Avery – disse ele, calmamente. – Eu não nasci nessa vida, como você. Eu tinha sete anos quando cheguei aqui. Me lembro de como era minha vida antes, como é sentir fome e medo. Me lembro de como é não poder confiar em ninguém.

– Ah – suspirou ela, triste. Atlas nunca tinha dividido aquelas experiências com ela. Sempre que ela fazia perguntas sobre o seu passado, ele se fechava completamente. Ela havia decidido parar de perguntar.

Atlas segurou as mãos dela, apertando-as e olhando no fundo de seus olhos.

– Essa vida nunca foi verdadeiramente minha. Por isso não sinto como se a estivesse perdendo. Mas é diferente para você. Quero que você pense muito bem antes de decidir desistir de tudo.

Avery piscou, afastando as lágrimas, mas não havia dúvidas. Ela faria qualquer coisa, abandonaria o que fosse para ficar com Atlas.

– Talvez possamos visitá-los algum dia – sugeriu ela. Atlas percebeu o significado daquelas palavras.

– Você está falando sério? – disse ele baixinho, como se não conseguisse acreditar. – Você quer mesmo ir?

– Sim – sussurrou ela, e então falou alto: – Sim, sim, sim! – Ela beijou Atlas sem parar, certa de que aquela era a melhor decisão, o começo do resto da vida deles.

Atlas puxou Avery e a abraçou. Ela ficou dentro daquele abraço por alguns instantes, a cabeça pousada sobre o ombro dele, aproveitando a sensação do corpo dele. Era maravilhoso poder tocá-lo. Ela prometeu que jamais deixaria de valorizar isso.

– E quando podemos ir? – perguntou ela quando eles finalmente se desgrudaram.

Atlas ergueu as sobrancelhas.

– Quando você quer ir?

– Essa semana?

Ele riu, mas não pareceu chocado.

– Tudo bem. Acho que consigo organizar tudo.

– Vamos fazer uma festa amanhã à noite – decidiu ela num impulso. Assim que disse em voz alta, sabia que era uma ótima ideia. Eles reuniriam todo mundo e agiriam como se fosse apenas mais uma festa num sábado à noite, mas na verdade seria a festa de despedida deles. Algum dia, quando eles dois estivessem morando no outro lado do mundo, iriam rir se lembrando disso, uma festa com os colegas da escola, onde todo mundo ficou bêbado e eles trocaram olhares furtivos o tempo inteiro, perdidamente apaixonados. Eles fariam uma despedida silenciosa dos amigos.

– Sério? – perguntou Atlas.

– Sim! Não organizamos uma festa desde antes de você ir embora. Vai ser ótimo organizarmos juntos. Será nosso adeus secreto.

Avery parou por um instante, percebendo que jamais veria Leda, ou Eris novamente. Mas ela não podia pensar assim. Tinha que pensar na vida dela e de Atlas e no fato de que eles finalmente poderiam ter o que sempre acharam que fosse impossível. Eles realmente iriam construir um futuro juntos.

– Muito bem. Você me convenceu – disse ele, sorrindo.

Avery pegou o tablet e escreveu uma mensagem, publicando-a no feed.

– Está perfeita – disse ele, lendo a mensagem em suas lentes de contato assim que foi publicada. – *Você* é perfeita. – Ele se inclinou para beijá-la, mas Avery se afastou.

– Ninguém é perfeito, muito menos eu – rebateu ela, um pouco irritada com a afirmação. Atlas sempre soube que não deveria dizer coisas desse tipo para ela. Ele era a única pessoa com quem ela podia contar para não dizer isso.

– Desculpe. Eu deveria ter dito que você é perfeita *para mim* – corrigiu Atlas.

Satisfeita, Avery se aproximou dele e o beijou. Ela estava feliz de uma maneira que nunca esteve antes.

– Eu iria com você para qualquer lugar, sabia? – disse ela, e Atlas sorriu.

– Ótimo – disse ele. – Então vamos para todos os lugares. Juntos.

E então a noite realmente terminou e a tela holográfica continuou transmitindo o filme para uma plateia vazia.

LEDA

LEDA TROPEÇOU E CAIU de joelhos atrás da fonte, tentando ficar fora do campo de visão do restaurante, muito embora não fosse ela quem deveria se sentir envergonhada. *Eris e o pai dela*. Ela considerou a ideia de ir para casa, mas estava desesperada demais, as mãos tremendo, e ela não podia arriscar ser pega pela mãe. Sua pobre e traída mãe.

Ela remexeu na sacola que tinha recebido de Ross. As drogas se espalharam no chão, seu estoque de felicidade fabricada. Os olhos de Leda imediatamente foram atraídos para o pequeno envelope de Spokes. Talvez não fosse uma má ideia poder entrar na cabeça de alguém – alguém perturbado, claro, mas ela também não era?

Leda rasgou a parte de cima do envelope e colocou a pílula amarela na boca, engolindo-a a seco.

Houve um momento de desconforto enquanto sua mente instintivamente tentava lutar contra a droga. Isso não acontecia quando os Spokes eram prescritos especialmente para você, é claro, mas havia sempre um minuto de ajuste quando se tomava os Spokes de outra pessoa, já que a necessidade de consciência deles forçava seu cérebro. Ela prendeu a respiração, obrigando a mente a se acalmar, e os Spokes cobriram seus sentidos como um cobertor.

Tudo parecia mais suave, mais líquido. O tempo parecia se esticar como um elástico de cabelos. Ela piscou. Seja quem fosse essa pessoa, ela obviamente sofria de ansiedade... Esses Spokes eram basicamente relaxantes. Ela quase podia *sentir* a outra pessoa, como um fantasma, à medida que a droga agia sobre seu cérebro em busca de memórias que não estavam lá, tentando obter as respostas emocionais de que a pessoa precisava.

Leda esticou as pernas e se apoiou nos cotovelos, as demais drogas ainda espalhadas sobre o chão de trevos, como doces coloridos. As sombras da tarde estavam se estendendo sobre a fonte e pelas suas pernas. Não estava mais frio. Leda pensou de novo em Eris e seu pai, sufocando uma risada sombria. Ela fechou os olhos. Fragmentos de memória e pensamentos inacabados se escondiam em sua cabeça, como um animal encurralado. *Eu sei quem você é,* ela queria dizer. *Mas por quê?* Que estranho. Aquilo parecia um *déjà-vu*, como uma música que ela já tinha ouvido antes. Cores e formas dançavam diante de seus olhos.

Ela reconhecia esse barato.

Ela soube de repente e instintivamente, com uma certeza animal trazida pela droga, da mesma maneira como sabia que precisava de ar. Ela já tinha feito isso antes, já tinha

experimentado essa mistura de remédios e neuroestimulantes. Esses Spokes eram de Cord.

Que estranho, pensou ela, afundando as mãos nos trevos de quatro folhas. Ela quebrou uma unha. Doeu um pouquinho. Por que os Spokes de Cord estavam com *Ross*? Cord não estava desesperado por dinheiro. Provavelmente esses Spokes eram roubados.

Cord precisava saber! Ela tinha que contar para ele!

Leda flutuou para o 969º andar como um balão.

– *Cord!* – gritou ela, batendo na porta. De alguma maneira ela tinha conseguido chegar até lá, embora não se lembrasse de ter pegado o elevador nem um hover. – *Ainda bem,* pensou ela, porque as mãos estavam começando a se desprender do corpo e ela estava começando a ficar preocupada. Ela as enfiou debaixo dos sovacos. – *Cord!* – repetiu ela, mais alto.

A porta se abriu, mas não era Cord quem estava ali. Era Brice.

– Leda! E aí, beleza? – disse o irmão mais velho de Cord. Ele estava vestido para sair, em jeans escuro e uma camisa social com alguns botões abertos. Ele estava muito descolado. Ela queria conseguir ser mais como ele.

Leda piscou. Não tinha certeza de por que ela estava ali. Talvez Brice soubesse.

– Você está bem? – perguntou ele, os olhos preocupados. Ela ainda estava numa posição estranha, as mãos enfiadas debaixo dos sovacos. Ela as libertou, sem graça. Era mais importante que Brice gostasse dela. Mesmo que suas mãos flutuassem para longe. – Por que você não entra? – disse ele, pegando o cotovelo dela e a guiando para dentro do apartamento. As paredes pareciam estar flutuando ao redor dela, como ondas no oceano.

Brice a guiou para se sentar no sofá da sala, colocando um copo de água gelada na mão dela. Ela imediatamente bebeu tudo. Ele não disse nada, apenas colocou mais água. Ela bebeu o segundo copo mais devagar.

– Você está doidona – disse ele, e ela ficou aliviada porque no tom dele havia aprovação, ou pelo menos divertimento. – O que você tomou?

Leda ainda tinha a bolsa vermelha nas mãos. Ela tirou o envelope vazio de Spokes e o entregou para Brice sem dizer nada.

– São de Cord – se lembrou de falar.

Os olhos de Brice ficaram semicerrados.

– Você está me dizendo que são de Cord? Ele os deu para você?

Ela não respondeu.

– Leda Marie Cole! – disse Brice de repente, estendendo as mãos e pegando os ombros dela, e alguma coisa, talvez a menção de seu nome completo, que ela não imaginava que ele soubesse, a fez voltar à realidade, pelo menos parcialmente. Ela balançou a cabeça.

– Não! – disse, com a voz fraca, e pigarreou. – Meu fornecedor os tinha. É por isso

que eu queria... quero dizer, fiquei preocupada com Cord. São roubados, né? – Ela sentou sobre as mãos para fazer com que parassem de tremer.

Ela viu nos olhos dele que ele havia compreendido.

– Rylin – disse ele, baixinho.

– O quê? – perguntou Leda. Brice olhou para ela, desconfiado, depois pareceu entender que ela não iria se lembrar, ou que realmente não importava.

– Nossa nova empregada. Acho que ela e Cord estão ficando um pouco... próximos demais – explicou ele.

– Demita ela – disse Leda automaticamente. – Conhecendo Cord, a essa altura ele já dormiu com ela mesmo.

– Eu amo seu jeito implacável. – Riu Brice. – E Leda, você sempre deveria perguntar a Cord ou a mim se você estiver a fim de tomar Spokes. Não fale com seu fornecedor de novo. Sinceramente, você teve sorte dessa vez.

– Eu nem queria Spokes, mas era só o que ele tinha... eu queria xenperheidrina.

– Espere um minuto – disse Brice. – Não saia daqui. – Como se ela fosse para algum lugar, pensou ela, em transe.

Momentos depois ele reapareceu.

– Olhe o que eu tenho aqui. – Ele deixou cair um saco cheio de pílulas nas mãos estendidas dela.

Elas eram pequenas, quadradas e brancas, marcadas com um pequeno X.

– Ah, graças a Deus – gemeu Leda, tomando duas pílulas ao mesmo tempo.

Os pensamentos dela, que estavam confusos e nebulosos, imediatamente ficaram aguçados. Seu corpo inteiro parecia inundado por uma nova onda de energia. Ela olhou para Brice, que a estava observando, parecendo extremamente interessado.

– Obrigada – disse ela, as palavras já mais claras do que antes. – Brice Anderton, ambulatório humano. Você está certo, eu deveria ter vindo falar com você diretamente.

– Ah, essa é a Leda Cole que conhecemos e amamos – disse ele secamente enquanto Leda olhava o apartamento com novos olhos. Ela não vinha aqui havia anos, exceto para festas, quando o local ficava barulhento e cheio de gente. Era maior do que ela se lembrava. Tudo parecia mais claro, desenhado em linhas mais limpas, os detalhes mais aparentes, como se delineados com os hidrocores pretos que ela costumava usar quando criança. Seu coração batia tão rápido que parecia que ia saltar para fora.

“Eu tenho que ir”, disse Brice depois de algum tempo, ainda observando Leda. “Embora eu quisesse poder ficar. Você é muito mais divertida do que Cord tem estado ultimamente.”

Ela devolveu o pacote de pílulas para ele, relutantemente, mas Brice balançou a cabeça.

– Por favor, fique com elas. É o mínimo que eu posso fazer depois do que você me

disse.

Leda assentiu, agradecida.

– Posso ficar aqui alguns minutos antes de voltar para casa? – perguntou ela. Brice deu de ombros e saiu.

Milhares de cenas dançaram pelo cérebro superestimulado de Leda. Eris e o pai dela, se beijando. Atlas. Avery. O cara com quem Avery estava saindo, Watt, rindo dela na festa. Os olhos de Atlas quando ele disse que gostava de outra pessoa. *Você merece a verdade*, ele tinha dito a ela. A verdade liberta, não era esse o ditado? E tinha de dizer a Cord para demitir a empregada. E tinha de saber quem era a garota de que Atlas gostava mais do que dela. *Como queira*, dissera Nadia, e prometeu descobrir quem era, mas nada saiu do jeito que Leda queria, não é?

As ideias rondaram sua mente como um borrão de cores de um caleidoscópio. Mas se antes aqueles pensamentos pareciam que iam acabar com ela, agora ela estava mais concentrada, sentia uma urgência crescente. Nossa, ela amava drogas estimulantes. E xenperheidrina era a melhor delas. Ela respirou fundo, deixando a droga correr pelas suas veias, a sensação chegando à ponta dos dedos.

Nadia. E tinha de perguntar a Nadia sobre Eris e seu pai, descobrir há quanto tempo estava rolando aquele romance. “Meu Deus”, pensou ela, enojada, “provavelmente começou depois que Eris descobriu que estava pobre. Aquela interesseira escrota.”

Quando estava na metade da mensagem, Leda lembrou que não contava mais com os serviços de Nadia, que tinha pulado fora.

Tinha alguma coisa estranha a respeito de Nadia também, agora que ela tinha parado para pensar.

E de repente ela soube. A resposta era tão elegante em sua simplicidade que ela se impressionou por não ter percebido antes.

Ela sabia exatamente aonde tinha de ir e o que tinha de fazer. Movendo depressa, os olhos petrificados e a respiração um pouco acelerada demais, ela jogou a bolsa sobre os ombros e começou a descer o elevador.

WATT

WATT E DERRICK estavam na sala da casa de Watt, sentados no sofá de plástico amarelo, enquanto bebiam dose após dose de uma garrafa de uísque barato que Derrick tinha trazido.

– Faz tempo desde a última vez em que você sentiu vontade de beber sozinho numa sexta à noite – disse Derrick, embora não tenha soado chateado com aquela afirmação.

– Não estou sozinho. Você está aqui – disse Watt.

Mas, se não fosse por Derrick, Watt estaria sozinho, porque Nadia estava desligada. Ele a estava deixando mais tempo desligada, ultimamente, desde as notícias que ela havia lhe dado mais cedo naquela semana. Ele não sabia ao certo por quê, só sabia que queria um pouco mais de paz dentro de sua própria cabeça. Além do mais, ela era um pouquinho irritante, mesmo moralista, quando ele bebia pesado como agora. Ficava sempre lembrando a ele sobre a quantidade de álcool em seu sangue, enviando notícias sobre as consequências do envenenamento por álcool.

– É verdade – disse Derrick olhando ao redor, as fotografias nas paredes, a pilha de brinquedos espalhados, blocos de isopor, lápis de colorir e uma coroa de Zahra. – É por causa de Avery? – perguntou ele.

Watt tomou outro gole de uísque.

– O que aconteceu?

– Vamos conversar sobre outra coisa. – Watt não estava a fim de falar sobre isso, sobre como a única garota de quem ele já gostou de verdade estava dormindo com o irmão. É claro que ele sabia que eles não eram irmãos de sangue, que Atlas tinha sido adotado quando Avery era pequena, mas mesmo assim.

– Quer ir ao Pulse? – sugeriu Derrick, mas Watt balançou a cabeça. Ele sabia que Derrick estava certo, que ele devia enterrar os pensamentos sobre Avery nos braços de alguma garota desconhecida, cujo rosto ele nem iria se lembrar na manhã seguinte. Mas naquele momento ele preferia o uísque. Pelo menos a bebida não tentava conversar com ele.

Derrick abriu a boca para fazer outra sugestão, mas foi interrompido por batidas insistentes na porta.

– Watt?

"Que m...", pensou ele, confuso. Era uma voz que Watt nunca, jamais havia esperado ouvir em qualquer dos pisos inferiores da Torre, muito menos em seu apartamento.

– Watt, é melhor você me deixar entrar!

– Você não me disse que estava esperando a visita de uma garota. – Riu Derrick, admiração em seu tom de voz.

– Eu não estava – disse Watt, simplesmente. Conseguindo fazer seus reflexos de bêbado funcionarem, e esperando que os pais não tivessem ouvido as batidas, ele correu para abrir a porta.

De pé do outro lado, ainda de uniforme da escola e com as sapatilhas tamborilando impacientemente no degrau em frente ao apartamento dos pais dele, estava Leda Cole.

– Precisamos conversar – disse ela, quase cuspindo.

Watt ficou parado, como bobo. Ele não conseguia realmente processar a presença dela ali. Mas Derrick parecia mais em controle de si mesmo, ou talvez tenha bebido menos.

– Oi. Sou Derrick, amigo de Watt – disse ele, dando um passo à frente e estendendo a mão. – Prazer em conhecê-la... – Ele deixou a frase inacabada, esperando que Leda lhe dissesse seu nome, o que ela não fez.

– Precisamos conversar – disse ela novamente. – Em particular. É sobre Nadia.

A menção de Nadia foi como um balde de água fria no rosto de Watt.

– Derrick – disse ele, se virando para o amigo. – Desculpe. Você poderia...

Mas Derrick já estava saindo, passando por Leda em direção ao corredor, onde as luzes estavam suaves. Ele se virou e perguntou, sem emitir nenhum som: "Quem é Nadia?" Watt o ignorou, abrindo mais a porta para que Leda pudesse entrar.

– Por que você não entra? – disse ele, guiando-a para a sala de estar, olhando nervoso para trás, para o apartamento escuro. Seus pais iriam surtar se soubessem que ele estava aqui com uma garota.

– Parece que interrompi alguma coisa – disse ela, olhando a garrafa de uísque e os copos plásticos em cima da mesinha de centro. Havia algo de diferente no jeito arrogante dela, um tremor em sua voz, um nervosismo em seus gestos que Watt não tinha visto antes. Ela parecia tão pressionada que um simples toque faria com que explodisse em mil pedaços.

– Posso te oferecer algo para beber? – perguntou Watt. Era engraçado pensar em Leda Cole bebendo uísque barato com ele no 240º andar. Para surpresa dele, ela assentiu e se sentou. Ele serviu uma dose para ela e completou seu próprio copo, sentando-se no sofá, o mais distante dela possível. Ela olhava para ele, ansiosa, mas ele assentiu com a cabeça, como se dissesse "damas primeiro". Watt estava bêbado demais para confiar em si mesmo para iniciar uma conversa. Ele precisava que ela desse o primeiro passo para que ele determinasse exatamente o quanto ela sabia sobre Nadia.

– Eu sei que você é Nadia.

Watt abriu a boca para protestar, embora não fizesse a mínima ideia do que poderia

dizer, mas Leda continuou a falar:

– Eu já liguei os pontos, por isso nem precisa tentar negar.

Nadia. Ele precisava da ajuda de Nadia. *Ligar quant*, pensou ele e se sentiu reconfortado pelos bipes que confirmavam o despertar de Nadia.

– O que faz você pensar isso? – perguntou ele, cauteloso, nem confirmando nem negando a afirmação.

– Ora, por favor. Eu sabia que havia algo de errado com você desde a primeira vez que te vi, na festa de Eris.

– Mas eu nem conversei com você naquela noite! – protestou ele, mas Leda deu de ombros.

– Você estava se comportando de maneira estranha, demorando um pouquinho mais do que o normal olhando para tudo, parecendo um pouco desconfortável, como se aquele não fosse seu lugar, e não era. Além do mais, você usa lentes de contato, mas jamais te vi dando qualquer comando verbal. É um pouco bizarro, para dizer a verdade. Como se você nem as estivesse utilizando.

Watt não conseguia acreditar que Leda havia percebido isso. É claro que ele não dava comandos de voz às suas lentes. Ele pensava os comandos através de Nadia.

– Mas eu ainda não entendo como você descobriu que sou Nadia – disse ele.

A boca de Leda se abriu num sorriso, e Watt percebeu que, sem querer, havia acabado de confirmar.

– Para um "especialista em serviços de informação", como se autodenomina, você não é muito cauteloso. Você sempre dizia "como queira" – explicou, erguendo as mãos para gesticular as aspas no ar – em suas mensagens, e também pessoalmente, na festa. Levei algum tempo para juntar as coisas.

Ele não podia acreditar que tinha sido tão idiota. *Se você não tivesse me desligado sempre que Avery estava por perto, eu poderia tê-lo alertado sobre isso,* lembrou Nadia a ele.

– Como você descobriu onde eu moro? – perguntou Watt, ignorando o sermão de Nadia.

– Não foi difícil descobrir. Você me disse que estudava na Jefferson High. Eu simplesmente liguei para a sua escola e fingi ser uma mãe que havia perdido o link para o diretório online. – Ela balançou a cabeça impacientemente. – Nem todos os problemas precisam ser *hackeados*, sabia? Às vezes simplesmente *falar* com as pessoas funciona.

Os instintos dela não eram ruins.

– Então parece que você nem precisava ter me contratado – disse ele, enrolando. *Arrume um jeito de sair dessa enrascada. Não parece que vai acabar bem,* dizia Nadia. Mas Watt não a estava escutando.

– É verdade, já que você é um merda no que faz.

– Sou o melhor do mercado! – disse ele, defensivamente. – Peguei todas aquelas

mensagens para você, encontrei Atlas na Amazônia...

– Sem falar que você é uma pessoa terrível – continuou Leda. – Não posso acreditar que você fingiu me ajudar, pegou meu *dinheiro*, tudo isso para tentar dormir com minha amiga. – Ela revirou os olhos. – Quero dizer, fala sério? Que clichê idiota é esse? Sabe quantos caras já tentaram dormir com Avery? Nenhum deles consegue nada. Ela é completamente pudica.

– Você diz que eu sou uma pessoa terrível, mas você fala sobre sua melhor amiga dessa maneira?

– Eu tenho meus motivos – ralhou Leda, bebendo o uísque num só gole. Ela estendeu o copo, pedindo mais, e Watt serviu mais sem dizer nada.

– Só para esclarecer as coisas, eu nem sabia da existência de Avery até depois de você me contratar. – Ele não sabia por que sentia a necessidade de se explicar, mas continuou falando turbinado pelo uísque e por algum instinto. Ele não tinha conversado sobre Avery com ninguém, ou pelo menos com ninguém que a conhecesse. – E sim, eu achei que ela era bonita e tentei conhecê-la mais um pouco. E daí? Não fiz nada de errado.

– Tentou "conhecê-la um pouco mais". – Riu Leda. – Tentou transar com ela, é isso o que você quer dizer.

– Pelo menos não estou obcecado por um cara que está a fim de outra pessoa!

Os olhos de Leda se estreitaram e suas bochechas ficaram vermelhas.

– Você é patético – explodiu ela. – E incompetente. Essa foi *a única* coisa que eu pedi para que você descobrisse e ainda assim você não conseguiu. Grande hacker, você.

Exceto que ele de fato havia descoberto. Watt se encolheu, a ideia de Avery e Atlas juntos o deixando enojado. Ele bebeu o restante do uísque para disfarçar seu desconforto. A sala começou a rodar.

Leda o estava observando. Seu olhar estranhamente calculado.

– Ela te deu o fora, não foi? – disse ela baixinho, se aproximando um pouco dele. Watt estava confuso, mas parte dele também gostou da súbita proximidade dela. Ele podia sentir seu perfume de rosas, doce e forte.

– Sim.

– Sinto muito. Se isso serve de consolo, Atlas me deu o fora também. Mas tenho certeza de que você já sabia disso, com suas habilidades de hacker.

– Como se eu tivesse algum interesse de saber sobre a sua vida, agora que você não me paga mais – disse ele, sarcástico.

Leda riu, como se aquela fosse a piada mais engraçada que ela já tinha ouvido. Ela remexeu dentro da bolsa um instante.

– Quer um? – perguntou ela, estendendo uma coleção de pílulas em diversas formas e cores.

Nadia soou vários alarmes na cabeça de Watt.

– Não, obrigado – disse Watt, sério. – Sou mais chegado a uma bebida, entende?

Alguma coisa passou pelo rosto de Leda naquele momento e então sumiu.

– Claro.

Ela colocou as pílulas na bolsa e se inclinou sobre a mesa, se ocupando em preencher os copos deles mais uma vez. Quando ela devolveu o copo para Watt, ele percebeu que alguns dos botões de pérola da camisa de seu uniforme estavam desabotoados. Ele podia ver o delicado sutiã branco dela sob a blusa.

– À nossa saúde – disse Leda. – Ambos rejeitados pelos irmãos Fuller. Mas nós vamos sobreviver, não vamos? Saúde!

Ela ergueu o copo, ansiosa. Watt fez tim-tim e então bebeu sua dose num único gole. A garrafa estava mais perto de estar vazia do que cheia.

– Obrigada. – Leda estendeu os braços sobre a cabeça e se recostou, como se completamente à vontade naquele sofá. – É bom não estar sozinha nesse momento – disse ela.

Watt percebeu que Nadia estava tentando falar com ele. Mas embora ela não fosse afetada pelo álcool, *ele* era – os neurônios em seu cérebro faziam conexões muito mais lentamente do que o normal, incapazes de processar completamente as mensagens que ela estava tentando enviar através das sinapses dele.

– Eu sei o que você quer dizer – disse ele, percebendo que estava falando meio embolado.

– Watt.

A mão de Leda estava em sua coxa e ela olhava fundo nos olhos dele, como que fazendo uma pergunta. Ela era muito mais bonita do que ele havia percebido: os olhos brilhantes, a boca carnuda e a pele macia.

Era uma péssima ideia. Ela se moveu, sentando-se em cima dele, as pregas de sua saia se abrindo sobre as pernas dele como as penas do rabo de um pavão, então ela colocou sua boca sobre a dele. Ele pensou em protestar, mas então as mãos de Leda estavam sob a camisa dele, depois descendo, e nada mais parecia importar.

RYLIN

NA NOITE DE SÁBADO, Rylin caminhou até o apartamento de Cord. Há semanas não se sentia tão leve. Ela tinha se encontrado com V antes para entregar os cinco Spokes adicionais. Estivera morrendo de medo de que ele pudesse exigir ainda *mais*, e não tinha certeza do que teria dito se ele exigisse, mas ele só assentiu, deu um sorriso misterioso e transferiu os quinze mil nanos para a conta dela imediatamente. Ela enviara o dinheiro à polícia para pagar a fiança de Hiral, mas ainda não tinha ouvido notícia de quando ele seria liberado. Não estava exatamente ansiosa por aquilo, depois do encontro deles. O que ele diria quando ela lhe dissesse que estava tudo terminado entre os dois?

Ela pensaria nisso quando fosse a hora. Tinha arrumado o dinheiro da fiança conforme ele havia exigido; ele não podia pedir mais nada. Além do mais, ela só queria pensar em Cord agora. Sentia-se tonta sempre que se lembrava da tarde que passaram em Long Island: as ondas batendo na praia, os pés deles enfiados na areia enquanto a chuva caía na cobertura flutuando acima da cabeça deles.

Ela caminhou até a porta da frente, usando um vestido novo sem mangas com zíperes brilhantes nas laterais e decote redondo. Cord não tinha dito o que iriam fazer esta noite, mas quando lhe enviou a mensagem naquele dia parecia que ele tinha algo especial em mente.

Ela abriu os olhos diante do scanner de retina, mas a porta não se abriu automaticamente, como fazia desde que Cord a acrescentara na lista de pessoas aprovadas para entrada, semanas atrás. Rylin franziu o cenho; Cord teria que chamar um técnico para dar uma olhada. Ela apertou a campainha.

– Cord? – chamou, batendo na porta como as pessoas dos andares inferiores costumavam fazer. Finalmente a porta se abriu.

Rylin atravessou o vestíbulo da entrada e passou pela cozinha. O apartamento parecia estranhamente quieto: não era uma calmaria tranquila, mas quase um silêncio de expectativa, como num cinema holográfico logo antes de um filme começar. Ela apressou o passo.

– Ah, aí está você – disse Brice, da sala de estar.

Estava sentado numa cadeira de espaldar alto e reto; seus tornozelos firmemente plantados no chão, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira. Para Rylin parecia um rei em seu trono.

– Oi, Brice – disse, ansiosa para sair dali. A postura rígida e calculada dele estava deixando-a nervosa.

– Senta. – Ele acenou para a cadeira na frente dele.

– Brice, eu...

– Precisamos bater um papinho sobre seu vício em Spokes – disse ele, com a voz suave como seda, e estendeu um braço para bloquear a passagem dela.

Rylin continuou de pé.

– O que você quer dizer? – perguntou ela sem transparecer emoção, mas um calafrio subiu por sua espinha, deixando os pelos de seus braços arrepiados.

– Ora, Rylin, nós dois sabemos que você andou roubando de Cord, então pode parar com o teatrinho.

Ela não disse nada, com medo de que qualquer protesto só fizesse com que ela se afundasse ainda mais. Seu coração se agitou no peito de um jeito perigoso.

Os olhos de Brice passaram por Rylin de uma maneira ousada e íntima.

– Eu sabia que tinha alguma coisa desde o momento em que te conheci. Tentei avisar o Cord, mas ele não quis nem saber. E, veja só, eu tinha razão.

– Por favor, deixa eu explicar – disse ela, inclinando-se para a frente.

– Não, deixa *eu* explicar. Vou lhe dizer o que vai acontecer agora: você vai entrar no quarto de Cord e terminar com ele de um jeito que ele nunca mais vai querer ver você pintada de ouro na frente dele.

– Não – disse Rylin, automaticamente. Ela não podia fazer isso. Ela se recusava.

– Vou explicar melhor. Se você não terminar com meu irmão, vou dizer a ele que você o *usou* para roubar suas drogas e depois vou avisar a polícia. Você vai parar na cadeia. Estamos entendidos?

– Eu não usei seu irmão – sussurrou Rylin.

Brice apenas olhou para ela, sem dizer nada.

– Você não tem nenhuma prova – acrescentou ela, mas havia um buraco em seu coração.

– Vai ser a minha palavra contra a sua. Em quem você acha que eles vão acreditar?

Brice estava certo. Rylin sabia como essas coisas funcionavam.

– Por favor – sussurrou novamente.

– Você tem cinco minutos – disse Brice.

Rylin ficou surpresa ao sentir lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ela estava chorando. Ela, a garota que nunca chorou. Respirou, trêmula, e se levantou, enxugando as lágrimas. Então começou a caminhar em direção ao quarto de Cord.

– Oi – disse ela calmamente, batendo na porta. – Você está ocupado?

– Rylin! Eu pensei que você só viesse mais tarde. – Cord abriu a porta, e a expressão ansiosa em seu belo rosto quase quebrou a determinação de Rylin. – Uma das minhas

amigas vai dar uma festa esta noite – Cord estava dizendo, enquanto saía para o corredor. Rylin o seguiu, impotente. – Queria que você fosse. Para conhecer alguns amigos meus – continuou Cord, contando sobre sua amiga Avery e seu apartamento incrível, mas Rylin não estava prestando atenção; estava olhando para cima, para o vulto sombrio de Brice no topo da escada. Ele acenou imperceptivelmente.

– Cord – interrompeu Rylin, com o coração partido. – A gente precisa conversar.

Ele fez uma pausa.

– Claro – disse, depois de um momento, evidentemente tentando parecer otimista. – Vamos sentar.

Rylin sacudiu a cabeça. Queria acabar logo com isso; já estava doendo demais.

– Não posso mais continuar saindo com você.

– O quê? – disse ele imediatamente, atordoado. – Rylin. O que está acontecendo?

– É que eu... – *Para ele nunca mais querer ver você nem pintada de ouro*. – Tenho um namorado – disse ela lentamente.

– Não estou entendendo. – Cord afundou-se numa cadeira, como se de repente não conseguisse mais continuar de pé.

– Sabe o meu amigo Hiral, o que eu lhe disse que foi preso por tráfico? Eu namoro ele. Eu só estava... fingindo que gostava de estar com você, porque queria continuar nesse trabalho. Aí você me levou para Paris, e... – Ela hesitou, mas não importava; tinha deixado tudo claro. A pior parte era que o que ela tinha dito era verdade. Pelo menos no início. Rylin nunca se desprezou tanto quanto naquele momento.

– Você estava fingindo o tempo todo? – Cord estava olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes, como se não conseguisse acreditar nas palavras que saíam de sua boca.

– Sim.

– Saia da minha casa *agora*.

O tom dele era gélido.

– Desculpe – sussurrou Rylin, olhando o rosto de Cord com os olhos embaçados. Conhecia os traços dele de cor, depois de tê-los delineado com a ponta dos dedos na penumbra encantada da tempestade. Mas algo tinha mudado.

Era essa a aparência que ele tinha naquela festa, ela percebeu, tantas semanas atrás: a aparência de quem não está nem aí para nada nem para ninguém. A aparência que ele tinha quando estava escondendo o que sentia, quando Rylin ainda não conhecia como ele realmente era, por baixo daquela casca.

– Eu vou dizer mais uma vez – vociferou ele, cheio de raiva. – Dê o fora daqui e não volte nunca mais.

Rylin tropeçou para trás, chocada com o vazio que enxergou nos olhos de Cord. Ele estava olhando diretamente através dela, como se ela não estivesse ali. De repente

parecia que a tarde que eles tinham passado juntos tinha acontecido com outra garota.

– Adeus. – Rylin virou-se para a porta. Estava no vestíbulo de entrada, prestes a sair do apartamento de Cord pelo que certamente era a última vez, quando ouviu Brice descendo a escada.

– Sinto muito, Cord – estava dizendo. Ela ouviu um barulho de gelo caindo em um copo e percebeu, cheia de raiva, que eles estavam bebendo. – Mas, sério, ela é do trigésimo segundo andar. O que se poderia esperar de uma garota como essa?

ERIS

– ERIS? – Mariel estava batendo à porta da frente.

– Já vou! – gritou Eris, equilibrando-se em um sapato de salto vermelho enquanto ia calçando o outro, correndo para abrir a porta para Mariel. Nunca tinha se tocado do quanto era conveniente a lista de acesso instantâneo até ter de ser obrigada a atender a própria porta.

– Desculpe, eu só preciso de mais uns minutinhos, para enrolar meu cabelo... – disse, voltando para seu quarto. Sua mãe tinha saído sei lá para onde. Provavelmente para procurar um apartamento para comprar, ela não falava de mais nada desde que recebera a transferência do sr. Cole.

Mariel caminhou com toda a calma do mundo pela bagunça do quarto de Eris.

– Eu já devia ter imaginado que estaríamos seguindo o horário-Eris – disse, meio de brincadeira. – Você sempre tem tanta dificuldade assim para se decidir? – Ela indicou a cama estreita de Eris, invisível sob a montanha de roupas empilhadas por cima.

– Eu gosto de ter opções – respondeu Eris, sentindo uma pontada inexplicável de culpa. A maioria daquelas roupas tinha sido comprada na maratona de compras que ela e sua mãe tinham feito esta manhã, financiada pelo sr. Cole.

O babyliss soltou um bipe, e Eris o apanhou para começar a trabalhar as camadas em torno de seu rosto, com o lábio inferior curvado sobre os dentes. Ao ver aquilo, Mariel suspirou.

– Aqui, deixa que eu faço – disse ela, indo até o canto onde Eris estava. Quando ela se virou, Eris viu de relance o seu vestido preto. Era inacreditavelmente decotado. Normalmente, Eris não se importaria; Deus sabe que ela era totalmente a favor de mostrar a pele, mas o decote era tão profundo que revelava parte de uma das tatuagens de Mariel, um texto manuscrito em espanhol. Eris encolheu-se ao ver aquilo: a tatuagem semirrevelada parecia absolutamente brega.

– O que tá escrito aí? – Ela não conseguiu conter a curiosidade.

– Ah, a tatuagem? – Mariel arqueou seu pescoço para olhar por cima do ombro. – Você não sabe procurar as coisas na internet, Eris? – Ela riu e começou a usar o babyliss para enrolar mechas de cabelo de Eris, deixando-as cair em ondas desalinhadas. – Tá vendo? Eu tenho mais jeito que você.

– Obrigada. – Seus olhos se encontraram com os de Mariel no espelho. Mariel estava sorrindo. Eris sorriu automaticamente também.

– Fale mais sobre essa festa – continuou Mariel. – Estou animada para conhecer seus amigos.

Avery ia dar uma festa esta noite, a primeira festa de verdade que ela e Atlas dariam desde que ele voltara do exterior. Um festão.

– Quer pegar um dos meus vestidos emprestado? – Eris ouviu a si mesma dizendo.

Mariel fez uma pausa. A mecha de cabelo de Eris no babyliss chiou, e Mariel a soltou.

– Qual o problema com meu vestido? – perguntou.

Eris abriu a boca para responder, mas não disse nada. Como dizer à sua namorada que ela não estava bem? Que perto das suas colegas de classe elegantes com suas roupas feitas sob medida e sua maquiagem impecável ela parecia quase de dar dó?

A ideia do que as pessoas iam dizer sobre Mariel – e sobre *ela*, levando Mariel para a festa – fez com que ela corasse de repente.

– Nenhum. Deixa para lá – emendou rapidamente. Depois de um instante de silêncio doloroso, continuou, respondendo à pergunta de Mariel como se nada tivesse acontecido. – Enfim, você vai amar a Avery. Ela é minha melhor amiga desde criança. Ela e seu irmão, Atlas, é que estão dando a festa, e Jess e Risha vão estar lá também, tenho certeza, e todas as meninas com quem eu costumava jogar hóquei... – Ela estava tagarelando, e sabia disso. Mariel continuou arrumando o cabelo de Eris, seus movimentos tensos, as costas rígidas pelo orgulho ferido.

– E Leda?

– Tenho certeza de que vai estar lá também.

– Ela já está sabendo do lance do pai dela?

Eris hesitou um momento.

– Ele não vai dizer nada para Leda.

– O quê! – Mariel pousou o babyliss e se moveu para olhar Eris no fundo dos olhos. – Eris, por que você não me disso isso antes? Eu pensei que o jantar tivesse ido bem! Como assim, ele não vai dizer nada a ela? – Mariel parecia chateada.

Eris respirou fundo e contou toda a história, do restaurante, da echarpe e de todas as perguntas que o sr. Cole tinha feito sobre como ela e sua mãe estavam se virando. Que ele mencionou que provavelmente não seria uma boa ideia aquilo vir à tona publicamente, que causaria muitos transtornos em seu trabalho e com a sua família.

– Ele transferiu uma grana boa para nós – disse Eris, encerrando a história. – Vamos conseguir voltar para os andares de cima, assim que a gente encontrar um apartamento.

– Espera aí. Deixa eu entender melhor. – Mariel recuou um passo e agora estava olhando para Eris com algo semelhante a nojo. – Ele está *pagando* vocês duas para não dizerem que você é filha dele?

– Essa é uma maneira dura de colocar as coisas.

– Você vai me desculpar, mas de que outro jeito você colocaria as coisas? Eris, esse

homem está comprando seu silêncio com um apartamento novo cheio de coisinhas brilhantes! Você não percebe? É dinheiro para calar a boca!

– Eu vou aceitar. – Eris endireitou os ombros, obstinadamente. – Já decidi. Já até gastei uma parte. – Ela apontou para o monte enorme de roupas na cama, todas novas e caras, ainda em seus cabides de veludo de butiques.

– Não te incomoda que seu pai esteja subornando você para ficar quieta? Porque sua existência é *inconveniente* para ele? – Mariel tinha levantado a voz.

– Por que você está ficando tão chateada com isso? – disparou Eris em resposta. – Eu não posso forçá-lo a passar tempo comigo se ele não quiser. Pelo menos com dinheiro eu posso fazer alguma coisa.

– Fazer o quê? Comprar mais merdas inúteis? – Mariel agarrou um punhado de colares da cômoda e deixou que deslizassem pelos seus dedos. – Isso realmente te faz *feliz*, Eris?

– Faz! Faz, sim!

Mariel olhou para ela, horrorizada. Eris suspirou e abaixou a voz.

– Não foi isso o que eu quis dizer. É que... Você não entende? Eu posso fazer *coisas* com dinheiro, coisas reais, que importam. Eu poderia ajudar você e sua família! – Interpretando errado a expressão de Mariel, Eris continuou. – Você poderia ir morar num andar superior. Não teria mais que trabalhar no Altitude depois da escola... você poderia se concentrar na escola, passar mais tempo com sua mãe.

– Meu Deus, Eris. Você não entende, não é? Eu não quero sua caridade de merda.

– Não é...

– Eu pensei que você tivesse mudado – continuou Mariel, e a decepção em seu rosto bateu em Eris como um tapa. – Pensei que você estivesse diferente, mas eu estava errada. Você continua sendo exatamente a mesma garota desprezível e mimada que ia para o Altitude todos os dias e olhava através de mim como se eu nem sequer estivesse lá.

– *Eu* é que não mudei? – Eris sentiu sua raiva aumentar. – Você continua sendo tão teimosa e arrogante quanto no primeiro dia que te conheci!

– Sabe de uma coisa, Eris? O dinheiro não vai resolver seus problemas.

– Não, mas pelo menos vai me tirar desse buraco de merda! – gritou Eris.

Na mesma hora ela se deu conta de que tinha ido longe demais.

– Este buraco de merda foi onde eu cresci – disse Mariel com frieza, pontuando cada palavra.

– Desculpe – Eris começou a dizer, mas Mariel já estava dando outro passo para trás, aumentando cada vez mais a distância entre elas.

– Esquece, Eris. Deus me livre de eu ir a essa festa e envergonhar você com este vestido que você aparentemente odiou tanto. – Ela se virou e saiu do quarto. Um

momento depois, Eris ouviu a porta da casa fechar-se.

Pensou em correr atrás de Mariel, mas seus pés estavam enraizados no lugar. Eris sentiu como se alguma coisa estivesse se estilhaçando dentro dela. Talvez fosse seu orgulho se quebrando, pensou; seu orgulho idiota, tolo, teimoso. Ou talvez fosse o seu coração.

Ela se aproximou do espelho e respirou fundo, trêmula, tentando se controlar. Não havia como negar que ela estava linda em seu novo vestido vermelho-sangue. Por sorte, ela possuía o acessório perfeito para ele.

Eris amarrou a echarpe que o sr. Cole lhe dera bem junto ao pescoço, em estilo parisiense, e partiu para a festa de Avery sozinha.

– DESLIGA A LUZ – gemeu Watt, rolando para o lado.

Tudo doía. Sua garganta parecia seca, sua língua embolada, e sua cabeça doía mais do que no dia em que ele tinha instalado Nadia. Não entendia por que a maldita luz não se apagara, mas manteve os olhos bem fechados em uma tentativa corajosa de bloqueá-la. Sentiu vontade de soltar um palavrão, mas parecia ser muito esforço.

– Watzahn – falou Nadia em suas orelhas.

– Ai! Mais baixo! – Ele estremeceu de dor, pondo as mãos sobre as orelhas. Rolou de lado e percebeu, vagamente, que ainda estava com as mesmas roupas da noite passada. O que tinha acontecido?

– Beba – ordenou Nadia. Havia uma jarra de água na mesinha ao lado de sua cama, e um vidro de analgésicos. Watt conseguiu se sentar e apanhou a jarra com as duas mãos.

– Nossa – disse ele, balançando a cabeça, depois de beber quase metade da jarra. – Que horas são?

– Oito da noite do sábado.

– Merda! – Watt começou a se levantar, mas caiu de novo na cama, as pernas bambas. – Meus pais...

– Finja que você está doente. Entrei na clínica local e invadi o sistema de um robô que faz os prontuários, criei um atestado que diz que você está com gripe. Arrumei até um robô mensageiro para dar fim no uísque antes que eles acordassem, para esconder as provas – disse Nadia, quase orgulhosa. – Seu pai o carregou para a cama. E sua mãe estava cuidando de você antes de ter de sair para o trabalho. Fiz o robô-médico mandar que eles trouxessem tudo isso para você – acrescentou ela, em referência à água e ao analgésico.

– Obrigado – murmurou. O modo de Nadia enfrentar as crises era impressionante.

– Eu avisei você sobre os efeitos colaterais potenciais das substâncias ilícitas.

– O quê? – Ele tomou outro gole da água e esfregou os olhos, exausto. – Meu Deus. Nunca tive tanta ressaca antes.

– Isso não é ressaca. Você foi drogado – insistiu Nadia. – Pela Leda. O quanto você se lembra?

Leda. Ele tinha se esquecido que ela viera. Watt lutou para colocar os eventos da noite anterior em ordem cronológica, mas tudo parecia um borrão. Lembrava-se de ter estado com Derrick, depois de Leda aparecendo em sua casa... De suas perguntas sobre

Atlas... E do beijo deles, com gosto de uísque...

Não se lembrava de mais nada depois disso.

– O que aconteceu? – sussurrou ele, rouco.

– Eu vou te mostrar o registro – respondeu Nadia. Mesmo quando Watt estava intoxicado demais para que Nadia conseguisse se comunicar com ele, alterado demais para registrar suas próprias memórias, Nadia estava lá para registrar tudo. Era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição.

Ela fez as cenas passarem diretamente nas lentes dele, como se fosse um vídeo de realidade virtual.

Watt reviveu os acontecimentos da noite passada através da sua própria perspectiva de bêbado – Leda entrando, conversando com ele sobre Avery e lhe oferecendo as drogas. Ele viu a si mesmo recusando – dessa parte ele se lembrava –, e ela então apenas deu de ombros e começou a servir uísque para os dois.

Nadia fez uma pausa no vídeo e aproximou a imagem das mãos de Leda, reproduzindo-a em câmera lenta.

– Está vendo? Ela colocou algo em sua bebida.

– Por que diabos ela faria isso?! – gritou ele.

Nadia continuou a reproduzir as imagens. Watt assistiu, consternado, a Leda sentar-se em seu colo, de pernas abertas, e o beijar. Como ele tinha sido idiota, pensou Watt. O beijo continuou, longo demais, a ponto de incomodá-lo.

– Pode acelerar essa parte, Nadia – disse, e ela obedeceu.

Eventualmente, as pálpebras de Watt começaram a fechar-se, ele imaginou sob efeito da droga, e Leda se recostou, olhando-o com um ar malicioso.

– Watt. – A voz dela era leve e persuasiva, doce, melosa. – Como está se sentindo?

– Ótimo – murmurou.

– Você foi muito malvado, sabia? – Os olhos de Watt se abriram por um instante, e ele a viu se aproximar da cabeça dele. Adivinhou que ela estivesse brincando com seu cabelo. Felizmente a reprodução de Nadia incluía apenas áudio e estímulos visuais, não toque.

– Não – protestou Watt. Seus olhos se fecharam e não se abriram mais.

– Você mentiu para mim agora, quando agiu como se nunca pudesse descobrir quem Atlas estava vendo nas minhas costas.

– Eu não...

– Você sabe quem é, não sabe? – A voz dela era suave, como um colchão de penas. O tipo de voz que se usaria para falar com uma criança doente.

– Sei. – *Merda*, pensou ele, ouvindo tudo agora, o estômago retorcido de pavor.

– E quem é? – A doçura desapareceu, substituída pela urgência.

– Avery...

– Concentração, Watt! Eu perguntei com quem o *Atlas* está saindo. Esqueça a Avery!

– Não, Avery e Atlas, eles estão juntos...

Houve um longo silêncio. Watt de repente ficou contente por seus olhos terem estado fechados durante todo aquele tempo. Ele não queria imaginar o olhar no rosto de Leda enquanto ela processava essa notícia.

– Você tem certeza? – perguntou ela, calmamente, por fim. Ele podia ouvir o choque em sua voz. – Atlas e Avery Fuller? Você sabe que eles são irmãos – disse, mas naquele momento parecia que ela estava se lembrando das coisas tanto quanto ele.

– Nadia invadiu o sistema dos dois! Eu os ouvi na cama...

Watt ouviu os sons de frascos de comprimidos chacoalhando, de farfalhar de roupas, e então a voz de Leda vinda de mais longe, na porta.

– Obrigada, Watt – disse ela. – Você foi muito útil. Bons sonhos.

Watt ouviu a porta se fechar, e então o replay terminou.

"O que eu fiz?", pensou Watt, horrorizado.

– Não se culpe – disse Nadia. – Eu fiz uma varredura em seus sinais vitais esta manhã e descobri que ela lhe deu uma dose extremamente alta de vertolomina, misturada com alguns sedativos. É uma droga desinibidora, conhecida por retardar tanto os processos cognitivos que as pessoas têm dificuldade de mentir.

– Eu mencionei *você*! – acrescentou Watt, com alarme crescente.

– Sim, mas Nadia era o nome que você usava com ela. Provavelmente ela pensou que fosse apenas uma confusão de bêbado.

– Você está esquecendo que essa Leda é completamente insana.

E agora ela sabia sobre Avery e Atlas.

Watt não podia explicar o senso de responsabilidade que ele sentia por tudo. Tecnicamente ele não lhe devia nada – ela lhe dera um pé na bunda para ficar com seu próprio *irmão*, lembrou a si mesmo. Contudo, odiava a maneira como havia lidado com tudo aquilo. Lembrou-se de como ela estava triste no dia em que a conheceu na Arena, quando ela lhe disse melancolicamente que ninguém podia conhecer ninguém de verdade, porque todo mundo escondia algum grande segredo.

Ele tinha pegado o maior segredo dela e o entregado de bandeja nas mãos da sua ex-melhor amiga maluca, que não tinha escrúpulos para nada.

– Leda já soltou a notícia sobre Avery e Atlas? – Watt sentou-se, de repente.

– Não – garantiu Nadia. – Eu acompanhei todos os movimentos dela hoje, e parece que Leda não fez nada, ainda. Até onde eu sei, ela nem mesmo viu Avery.

– Onde elas estão?

– Avery vai dar uma festa – disse Nadia, e puxou o feed de Avery em seus contatos. – Leda está indo para lá agora.

– Então eu preciso ir até lá! – Watt se dirigiu para a porta, ainda metido em sua

roupa amassada da noite anterior. Ele não tinha certeza do motivo, mas tinha um pressentimento, quase uma premonição, de que algo terrível estava prestes a acontecer. Tudo estava confuso e zoado demais para não acabar em desastre.

RYLIN

RYLIN ESTAVA SENTADA na cama, sem ver nada, mal conseguindo pensar. O quarto estava escuro. Ela sabia que Chrissa estava preocupada com ela, que ela deveria ir dizer algo a sua irmã, mas não conseguia se mexer. Continuou piscando no escuro, a cabeça um redemoinho de pensamentos sombrios, girando. Desejou que pudesse voltar no tempo e fazer tudo diferente.

Ouviu uma batida à porta da entrada.

– Ry – chamou Chrissa, a voz trêmula. – É Hiral.

Rylin levantou-se e passou a mão pelos cachos emaranhados. Ainda estava usando o vestido com zíperes que ela tinha tão ingenuamente colocado anteriormente.

– Pode deixar que eu atendo, não se preocupe – disse ela a Chrissa, e foi abrir a porta.

Lá estava ele, parado na porta como se nada entre eles tivesse mudado, usando a mesma calça de moletom que estava usando quando ele foi preso. Eles deviam ter devolvido suas roupas quando o soltaram, o que significava que provavelmente ele devia ter ido direto da prisão para lá. Não era um bom sinal.

– Hiral – disse ela com cuidado, sem fazer nenhum movimento em direção a ele. – Eu estou tão feliz por você ter sido solto.

– Graças a você, meu amor. – Ele a olhou e deu um estranho sorriso. – Pronta para sair para comemorar?

– Entra – disse ela, abrindo a porta.

– O quê? Nem um beijinho de boas-vindas?

– Hiral, sente-se. Precisamos conversar – disse ela, usando as mesmas palavras que tinha usado com Cord, embora desta vez fossem sinceras. A amarga ironia daquilo não passou despercebida para ela.

Ele sentou-se em uma das cadeiras de plástico e tamborilou os dedos na mesa. Parecia ainda mais musculoso do que quando foi preso, como se os contornos de seu corpo tivessem sido sombreados com um lápis, embora Rylin não tivesse ideia de como ele tinha conseguido ficar grande assim na prisão.

– Você ainda está chateada porque pedi a você para me ajudar com a fiança – adivinhou ele, observando-a.

Era parte do motivo.

– Eu não gosto do V, verdade.

– Foi por causa do V que consegui sair. Você devia se sentir agradecida por ele!

– Ele me fez roubar de novo!

Hiral arqueou as sobrancelhas.

– Você simplesmente não gosta de fazer o trabalho sujo, só isso. Meu Deus, Ry, se eu não te conhecesse bem acharia que você não está feliz em me ver.

Ela não podia ter pedido uma deixa melhor.

– Quero terminar.

As palavras pairaram entre eles. Ela ficou tensa, esperando uma explosão súbita, algum ato de violência.

Hiral soltou uma risada áspera, sem alegria.

– Não posso dizer que estou surpreso, depois do jeito que você agiu quando me visitou na prisão. Como se você se sentisse obrigada a ir me ver. – Seus olhos se estreitaram. – No começo pensei que você estivesse apenas assustada com tudo, mas depois você nem quis me tocar. Quando eu lhe dei um beijo de despedida, você se encolheu toda.

– Você me ameaçou!

– E *funcionou*! Nós dois sabemos que você não teria arranjado a venda se não fosse por isso.

Quando Rylin não respondeu, ele inclinou-se para frente, o rosto retorcido em um grunhido feio.

– É o Anderton, não é? – acusou ele. – Você anda vendo aquele almofadinha canalha.

– Hiral, as coisas entre a gente não dão certo há muito tempo. Nós dois sabemos muito bem disso – disse ela, tão gentilmente quanto podia.

– Puta que pariu – disse Hiral, e a fúria em sua voz era inconfundível. – Você foi pra cama com ele.

Rylin não disse nada. Achava que não conseguiria mentir. Mas a verdade devia estar estampada em seu rosto, porque de repente Hiral soltou um som raivoso, gutural, e virou a mesa inteira de lado.

– O que você acha que...? – arfou Rylin, assim que a mesa caiu com um estrondo no chão. Uma das pernas do móvel se quebrou, os copos se espalharam pelo chão. Hiral estava vermelho, resfolegando.

– Eu confiei em você, Rylin!

– Evidente que não, senão não teria sido forçado a me *chantagear*! – gritou ela.

No silêncio repentino, uma calma misteriosa se assentou sobre o rosto de Hiral.

– Talvez eu ainda faça isso – disse ele. – Agora que eu sei como você me traiu, talvez eu conte à polícia o que você fez e suas atividades ilícitas.

– Não, você não vai fazer isso – disse Rylin, com mais coragem do que de fato sentia. – Porque, embora às vezes você aja como se fosse, você não é uma pessoa cheia de ódio. Você continua sendo a mesma pessoa por quem eu me apaixonei, mesmo que agora a

gente esteja seguindo cada qual o seu próprio caminho. – Ela abaixou a voz, um pouco melancólica. – Eu sei que você disse a V que foi você quem roubou os Spokes. Obrigada. Por me proteger.

Hiral olhou para ela por um momento.

– Você me dá nojo – disse ele por fim, e saiu, batendo a porta.

– Rylin? – Chrissa apareceu, saindo do quarto. Estava muito pálida.

– Você ouviu tudo?

– Sim. O que está acontecendo?

A cabeça de Rylin estava girando. Ela não conseguia raciocinar. Queria proteger Chrissa, mantê-la fora daquela história, mas estava falhando completamente.

– Certo – disse. – É que... prometa que vai me ouvir antes de ficar chateada. – Ela respirou fundo, e contou tudo para Chrissa. A primeira noite em que trabalhou na casa de Cord, o roubo, a prisão de Hiral e a ameaça que ele lhe fez, e tudo o que tinha acontecido desde então. Só não mencionou os momentos de intimidade, como a praia.

Chrissa não disse nada enquanto a irmã falava, apenas ouviu, de olhos arregalados. Juntas, elas levantaram a mesa, apoiaram-na – ela bamboleou apenas em três pernas, mas conseguiu ficar de pé – e recolocaram os copos caídos. Finalmente, Rylin acabou de falar, sentou-se e apoiou a cabeça entre as mãos, fechando os olhos.

– Você ama ele – disse Chrissa baixinho.

Rylin assentiu, sem olhar para a irmã.

– Então vá dizer a ele!

– Não posso! O irmão dele me ameaçou!

– Se ele te ama da mesma maneira que você o ama, vocês vão dar um jeito! Ele não vai deixar o irmão procurar a polícia. Ou vai dizer que ele te *deu* os Spokes. Vocês vão dar um jeito!

Rylin hesitou ao ouvir alguma coisa na voz de Chrissa. Era *esperança*, percebeu: uma esperança idiota, ingênua, romântica, de que o amor poderia conquistar tudo. Rylin sentiu-se tola por acreditar nisso, mas Chrissa tinha razão.

Ela precisava pelo menos tentar.

– Vá lá para cima! – disse Chrissa ansiosamente, ganhando ímpeto. – Vá contar a verdade para ele, exatamente do jeito que me contou!

Rylin balançou a cabeça.

– Ele está em uma festa agora, no milésimo andar. De uma garota chamada Avery. – A última coisa que ela queria era entrar de penetra em uma festa e fazer um papelão.

– Sério, Ry? E quando foi que uma festa impediu você de fazer alguma coisa?

Rylin riu, balançando a cabeça.

– Isso é inédito, você me convencendo a ir a uma festa.

– Então vai logo!

Rylin assentiu diante das palavras de sua irmã, tomada por um súbito sentimento de urgência. Ela devia ir lá em cima, dizer a verdade a Cord e tentar corrigir o que havia estragado de modo tão terrível. Talvez ele pudesse encontrar uma maneira de lhe perdoar.

LEDA

LEDA PAROU À PORTA na festa de Avery e Atlas, olhando ao redor da sala com um sorriso estranho no rosto. Meu Deus, como era bom estar de volta. Ela se sentia completamente desperta, pela primeira vez em meses. Cada célula em seu corpo estava em estado de alerta máximo, batendo com raiva e xenperheidrina.

Que loucura essas últimas vinte e quatro horas, pensou ela, lembrando tudo o que tinha acontecido – e todos os segredos que tinha amealhado, que sua mente acelerada pesava e avaliava e juntava cuidadosamente. Eris e seu pai. Leda estremeceu ao lembrar, ainda enojada. Descobrir que os Spokes de Cord tinham sido roubados e contar a Brice. Colocar Watt na parede e saber da verdade sobre Avery e Atlas. O que ele disse era terrível, incompreensível e tão chocante que fez Leda cair em silêncio, mas ela percebeu que, por mais loucura que fosse, fazia sentido, ainda que de um jeito meio errado. Aquilo explicava muitas coisas sobre os dois Fuller, desde o momento em que Leda ficou com Atlas em Catyan. Droga, desde o momento em que ela e Avery se tornaram amigas.

Não é de admirar que ela precisasse de drogas, pensou Leda, um pouco enlouquecida. O tempo todo ela estava fazendo o papel de vela na historinha de amor bizarra dos irmãos Fuller, sem ter a mínima ideia disso.

Bem, naquela noite tudo iria mudar.

Leda mal conseguira dormir depois de saber a verdade sobre Avery e Atlas. Tinha passado o dia inteiro em casa, enfiando vários comprimidos de seu estoque na boca, a cabeça indo de uma viagem para outra enquanto ela criava situações cada vez mais elaboradas para se vingar. Tinha ido à festa esta noite para fazer exatamente isso. Queria destruir Avery e Atlas, pública e dolorosamente.

Abriu caminho através da multidão em direção às janelas da sala de estar, onde sabia que encontraria Avery. Ela apanhou uma dose atômica em uma das bandejas, no caminho, e virou tudo de uma vez. O álcool ardeu veloz em seu corpo já superestimulado.

Seus contatos se iluminaram com um pedido de link – de ninguém menos que "Nadia". Watt. Ele precisava readicioná-la, depois de ter se desconectado dela permanentemente. Sombria e divertida, ela aceitou o pedido.

– E aí – disse, quando ele imediatamente ligou para ela. – Como está se sentindo?

– O que você vai fazer com a Avery?

Ela suspirou com ar dramático.

– Pare de tentar bancar o príncipe encantado, Watt. Você já perdeu a jogada.

– Leda, por favor...

– Você já tem muito com que se preocupar nesse momento, fique sabendo – ameaçou ela, e desligou.

O segredo de Watt tinha sido o mais surpreendente de todos. Depois que ela o drogou e conseguiu arrancar dele a verdade sobre Avery e Atlas, não tinha conseguido se conter e foi bisbilhotar o apartamento da família dele. A porta do quarto de Watt estava aberta; foi fácil demais entrar e dar uma olhada rápida ao redor. Ela não tinha certeza do que estava procurando, exatamente. Ela só queria saber de que maneira ele podia ser um hacker tão bom, saber como um garoto de dezessete anos dos andares inferiores tinha conseguido infiltrar a segurança da casa dos Fuller e o Departamento de Estado.

Em uma das gavetas da mesa de Watt, ela encontrou uma caixa achatada de processadores ópticos de silício. Pesquisou na internet e o que descobriu a deixou atônita. Aquilo só era usado para construir computadores quânticos.

Watt Bakradi tinha um *quant* ilegal.

Nadia invadiu o sistema. Engraçado, percebeu, Nadia devia ser o nome que ele tinha dado ao seu brinquedinho ilegal.

Ela bisbilhotou o quarto dele por algum tempo, procurando pelo computador para poder roubá-lo; mas depois de meia hora de buscas, desistiu. Não importava se tinha em mãos o computador real: agora tinha a carta de chantagem definitiva para usar contra Watt, e poderia usá-la indefinidamente, porque se ela o denunciasse ele iria para a prisão perpétua.

Seria divertido, na verdade, ter Watt na palma da sua mão. E com o *quant* hacker de Watt trabalhando para ela, ninguém nunca mais conseguiria surpreender Leda.

Eles eram mentirosos, todos eles, pensou; Atlas e Avery, Eris, seus pais – todos haviam escondido alguma coisa dela. Era doloroso, mas ao mesmo tempo estranhamente reconfortante ter aquele conhecimento, como se em algum nível ela já soubesse de tudo o tempo todo e agora tivesse apenas a satisfação de ver suas suspeitas comprovadas.

Ela não podia confiar em ninguém no mundo além de si mesma. Mas enfim, Leda nunca havia confiado mesmo.

ERIS

QUANDO ERIS CHEGOU, a festa de Avery estava ainda mais lotada do que imaginara. Todos os alunos dos últimos anos da Berkeley estavam ali, bem como a galera mais ousada de outras séries e alguns adolescentes que Eris tinha certeza de que não estudavam lá.

Moveu-se lentamente pelo mar de gente, parando a todo instante para cumprimentar as pessoas, contar uma história e aceitar elogios. Esta noite deveria ser de comemoração, lembrou a si mesma. Finalmente, depois de semanas de tormento, ela estava prestes a recuperar sua antiga vida.

No entanto, por alguma razão idiota, aquela noite lhe parecia falsa – as roupas de grife de seus amigos pareciam exageradas, suas palavras pareciam sem sentido. Eris não conseguia parar de pensar no que Mariel tinha dito. Comparado ao tempo que passava com Mariel, isso parecia um turbilhão bizarro movendo-se rápido demais. Por que ela valorizava tanto isso aqui?

Gostaria de saber o que Mariel estaria fazendo agora. Desejava que ela estivesse ali, desejava poder se desculpar. *Por que não?,* decidiu, ela não tinha como estragar mais as coisas do que já tinha estragado. Engolindo o orgulho, Eris escreveu uma mensagem para ela. *Desculpe. Eu não quis dizer o que eu disse. Foi uma idiotice horrível e eu estou arrependida. Como posso fazer tudo ficar bem*? Ela acenou com a cabeça, e a mensagem foi enviada.

Eris olhou para cima e viu Leda olhando para ela do outro lado da sala.

Por força de hábito ela deu um sorriso forçado – embora ele tenha saído mais parecido com uma careta – e acenou de leve. Mas Leda não acenou de volta. Simplesmente ficou olhando para Eris, sem piscar, com uma raiva tão crua no olhar que Eris deu um passo involuntário para trás. Sentia que não conseguia caminhar por causa dos olhos de Leda, que a percorriam lentamente e que por fim caíram sobre a echarpe que envolvia seus ombros. Seu rosto estava tão duro e inflexível quanto a lâmina de uma faca.

"Leda sabe", pensou Eris descontroladamente, tomada de um pânico repentino. Devia saber, se estava olhando para Eris daquele jeito.

Eris hesitou e quebrou o contato visual, sem saber o que dizer. Não era justo que Leda a odiasse – nada disso era sua culpa. Eris não tinha *pedido* para ser parente dela. Olhou-a de novo, pronta para enfrentar o olhar de ódio, ou mesmo ir até lá confrontá-la,

mas Leda havia desaparecido na multidão.

– Oi. – Ela sentiu um toque em seu braço e ao se virar viu Avery. – Você está bem?

– Acho que sim. – Eris estava tremendo um pouco, completamente perturbada com aquela cena. Sua cabeça começara a latejar. Será que Leda de alguma forma teria incutido aquela dor nela com o poder da pura malícia?

– O que está acontecendo?

Eris não queria falar daquilo.

– Não é nada. Você está linda, aliás.

Avery parecia tão feliz ultimamente, Eris notou. Dava para quase sentir a alegria irradiando-se dela, como ondas de calor.

– Você também – derramou-se Avery. – Cadê a sua namorada? – Ela começou a olhar em torno, mas Eris balançou a cabeça.

– Ela não veio. Brigamos. Feio.

– Ah, Eris. – Avery apertou sua mão em simpatia. – Eu sinto muito. Mas vocês vão fazer as pazes, certo?

– Espero que sim. – Desta vez, Eris não tinha tanta certeza.

Ela estremeceu, sentindo de repente o peso de outro olhar sobre si. Ela sentiu por um momento um medo cego de que fosse Leda novamente, e ficou na dúvida se não teria sido melhor não ter vindo à festa, mas não era Leda.

Era Cord. Ele estava na janela, bebendo sozinho, e Eris soube instintivamente que alguma coisa estava errada.

– Eu vou... – Ouviu sua voz dizendo a Avery.

Avery seguiu a direção de seu olhar e suspirou.

– Tome cuidado – disse ela em advertência. Mas Eris já estava cruzando a sala para falar com o único rapaz que já tinha terminado com ela.

– O que aconteceu? – disse ela sem cumprimentá-lo.

– É bom ver você também, como sempre. – Cord estava afetando seu velho sarcasmo, mas Eris podia sentir uma profunda camada de dor por baixo. Seus olhos pareciam vermelhos. Ela se perguntou se ele estaria doidão.

– Estou tendo um dia de merda também, se é que isso faz você se sentir melhor – disse ela. Eles foram para um canto, atrás de uma das gigantescas esculturas que a mãe de Avery colecionava. Era o máximo de privacidade que eles poderiam ter, a menos que fossem para um quarto. Ou um armário.

– Ah, sério? – Cord deu uma risadinha sem graça. – Eu garanto que o meu foi mais fodido ainda. A menos que seu novo namorado tenha fingido se apaixonar por você só por causa da sua grana. Opa, desculpe – acrescentou ele, parecendo se lembrar de repente que ela não tinha mais dinheiro.

– É uma nova namorada desta vez – disse Eris, sem se abalar –, e não, ela não fez

nada disso. Eu é que ferrei tudo com ela, em grande estilo. – Cord fez menção de lhe entregar seu copo de bebida, mas ela balançou a cabeça. – Tá tudo bem, não estou no clima para isso – acrescentou.

Ele deu de ombros e virou o copo.

– Alguém realmente fingiu se apaixonar por você? – pressionou Eris, um pouco descrente.

– Sim. Ela era minha empregada, se é que dá para acreditar. Eu sei, sou um idiota. – Ele deu a Eris um olhar de soslaio. – Mas, agora que eu sei como você estava sem dinheiro no início do ano, acho que você estava fazendo a mesma coisa.

– Eu vou perdoar esse comentário tendo em vista o quanto você está bêbado.

Cord encolheu os ombros.

– Pega aí – disse ele, e entregou-lhe um drinque que apanhou de uma bandeja que passava.

Eris fez que não.

– Sendo justa, porém – continuou ela –, eu nunca fingi me apaixonar por você. Era só sexo.

– E você é muito boa nisso também – disse Cord, deslizando a mão pela bunda dela.

Eris deu um tapa em sua mão, sem se abalar.

– O mais triste – disse ela – é que eu estava realmente a fim dessa garota.

– Você a ama? – perguntou Cord.

– Eu não sei.

– Se você não tem certeza, então definitivamente você não está apaixonada – disse Cord.

Eris riu.

– Como se você fosse um especialista! – *A menos que*... – Espera aí, você ama essa garota?

– Não acredito no amor – declarou Cord.

– Que coisa terrível – disse Eris, sem pensar, embora não tivesse tanta certeza assim. – Todo mundo acredita no amor.

– Eu acredito na felicidade – disse Cord, e algo em seu olhar lhe disse que ele estava muito distante agora, dela, da festa, de toda a Torre. – Eu apenas não tenho certeza se o amor consegue trazer isso a alguém.

Eris não sabia o que responder, mas não sentia que Cord precisava de uma resposta de sua parte. Era estranho: estar com ele era bem diferente de estar com Mariel. Era mais fácil, de alguma forma. Como se Cord fosse o espelho escuro de Eris. Ele não esperava nada dela que não esperasse de si mesmo – ou seja, não esperava quase nada.

Eris inclinou-se para a frente, deixando seu peito ficar um pouco mais proeminente em seu sutiã de bojo, tentando entrar naquele clima tão familiar do flerte. Parecia que

nenhum tempo tinha se passado, como se fosse verão, e ela e Cord estivessem jogando seus jogos – e, no entanto, tudo estava diferente. Era como um eco daquela época, um pouco menos intenso, um pouco menos emocionante. Ambos tinham mudado muito também.

– Eu senti sua falta, Eris. – Cord riu de novo, um som vazio. – A gente... meio que se merece, é ou não é?

Houve um tempo em que Eris teria ficado animada ao ouvi-lo dizer isso, porém agora as palavras a atingiram com uma pontada doída de solidão. Ela olhou para ele e suspirou imperceptivelmente.

– Sim. Acho que merecemos mesmo.

AVERY

– ESTA É A FESTA MAIS LOUCA que já demos – sussurrou Avery para Atlas, os corpos apertados no minúsculo armário de roupa de cama da casa. Ela estivera ansiando por este momento desde o início da noite. Tinha sido uma tortura deliciosa: cruzar olhares com Atlas do outro lado da sala, roçar as mãos quando eles passavam um pelo outro, mas sem poder fazer mais nada até aquele momento, escondidos de todos.

– E vai terminar em grande estilo – respondeu ele, e a beijou.

Avery ficou maravilhada com toda aquela emoção ilícita, de estar abraçada ao garoto que ela amava – o garoto com quem planejava fugir, dentro de poucos dias –, enquanto seus colegas estavam a apenas alguns metros de distância, no fim do corredor. Era uma loucura.

Ela inclinou-se para Atlas, querendo tirar sua camisa botão por botão e atirá-lo em cima das toalhas macias, mas em vez disso sem querer bateu a cabeça dele na prateleira atrás. Ele soltou um palavrão e estremeceu de dor.

– Desculpe! – exclamou Avery, recuando.

– Não, *eu* que peço desculpas. – Atlas riu pesarosamente. – Eu teria te levado para o meu quarto, mas já estava ocupado.

– O meu também! – Normalmente Avery teria ficado furiosa ao ver algum casal em seu quarto. Mas agora, ali em pé com Atlas, com o cabelo desgrenhado e o vestido azul coberto de pelúcia branca das toalhas, ela não ligava a mínima. – Eu acho que isso é o sinal de que está sendo uma grande festa – acrescentou ela.

– É como eu disse, estamos finalizando com um estrondo. – Atlas inclinou-se para pousar mais um beijo em seus lábios. – Te vejo lá fora – murmurou, e sumiu no corredor. Avery contou até vinte antes de dirigir-se para o outro lado, incapaz de tirar o sorriso pregado em seu rosto.

A festa *estava* mesmo ótima. Avery tentou saborear cada detalhe para que pudesse relembrar todos um dia, quando ela e Atlas estivessem velhos e de cabelo branco, vivendo felizes para sempre. Naquela tarde eles tinham orientado os robôs a empurrarem a mobília da sala de estar de encontro às paredes, para liberar uma pista de dança no meio. Agora o lugar estava lotado de gente, todo mundo rindo, bebendo e se divertindo. Garrafas cintilantes de bebidas estavam dispostas sobre a bancada e eram constantemente substituídas do estoque que ela tinha encomendado. A música explodia das caixas de som, cujo volume se autorregulava de acordo com o nível das vozes. E,

pelo menos até então, ninguém tinha feito nenhuma idiotice.

Mas ainda que aquela festa estivesse sendo um desastre total, Avery se lembraria dela para sempre. Ela adorava cada momentinho que passava com Atlas, especialmente agora que eles finalmente haviam descoberto o amor de um pelo outro.

Ela caminhou em direção à pista de dança e viu Risha ali com Scott Bandier, o que era novidade, e Jess com Patrick, como sempre. Se ao menos pudesse dançar por um minuto com Atlas. Mas enfim, ela lembrou, com outro irreprimível sorriso, eles teriam o resto da vida deles para dançar juntos.

Uma mão apertou seu braço, como um torno.

– Eu estava procurando você.

Avery ofegou. Leda estava horrível. Seu cabelo estava preso para trás em um coque apertado, destacando a arquitetura severa de seu rosto. Suas feições estavam esticadas e cansadas, sua boca era uma linha fina. Ela parecia frágil, de algum modo, em seu vestido de estampa geométrica, como se seu corpo estivesse funcionando à base de nada a não ser uma vontade inflexível – e drogas.

Avery conhecia aquele olhar; era como Leda costumava ficar antes das provas às vezes, quando exagerava na xenperheidrina. Ela ficava ligada o dia todo, fazia o teste e depois ia para casa dormir até o efeito passar. Avery nunca tinha aprovado aquilo, mas sempre que tocava no assunto com Leda ela se fechava e ficava na defensiva.

Leda soltou seu braço. Estava tremendo de agitação.

– Cara, não dá para acreditar. Você é uma amiga terrível, sabia disso? Para não falar no quanto você é repugnante – vociferou ela.

– Leda. O que você tomou? – perguntou Avery, gentilmente puxando a amiga para um canto da sala.

– Não toca em mim! – falou Leda alto, obviamente não dando a mínima se estava fazendo um papelão. Algumas pessoas olhavam para elas, com as sobrancelhas levantadas. – Eu *sei* de tudo – disse Leda. – Então não *mexa* comigo, tá legal?

Avery sentiu uma pontada nervosa de apreensão. Não ousou falar. Estava tentando ler os olhos de Leda, que vasculhavam loucamente a festa inteira. Um instinto doentio lhe disse que Leda estava procurando por Atlas.

– Onde ele está? – sibilou Leda.

– Ele quem? – perguntou Avery, tão inocentemente quanto podia.

– O seu irmão! Ou devo dizer o seu *namorado*?

Avery sentiu-se enjoada, como se o mundo estivesse inclinando-se perigosamente. Leda tinha falado aquilo quase em um sussurro, e o barulho da sala estava tão alto que Avery tinha certeza de que ninguém ouvira nada – ainda. Ela não podia arriscar.

– Podemos conversar sobre isso em particular? – perguntou, com toda a dignidade que ela pôde reunir. Olhou fundo nos olhos de Leda. – Por favor. Pelo bem de todos os

nossos anos de amizade. Por favor, não faça isso, aqui não.

Algo da velha Leda brilhou em seus olhos, e ela cedeu um pouco, como se estivesse sendo movida a pura indignação e agora lhe faltasse a propulsão necessária para manter-se de pé.

– Tudo bem – cedeu. – Mas só por alguns minutos.

Avery assentiu. Era o máximo que ela poderia conseguir agora.

– Me siga – disse ela, colando um sorriso rígido em seu rosto e acenando com a cabeça para todos que passavam por elas, como se tudo estivesse bem. Como se ela e sua melhor amiga estivessem saindo para retocar a maquiagem juntas e fofocar, e não ameaçar uma à outra com seus segredos mais obscuros, mais íntimos.

Mas em todos os lugares que ia havia pessoas. Os quartos dela e de Atlas, a biblioteca, a estufa: a festa espalhara seus tentáculos por todo o apartamento. Todos os cômodos tinham alguém – nocauteado ou se agarrando, ou uma combinação das duas coisas. Avery sentiu que Leda ia ficando cada vez mais inquieta ao lado dela, uma bomba-relógio silenciosa que tiquetaqueava até o momento de explodir.

Então Avery teve a ideia que mudaria tudo, para sempre.

– Aqui – disse, empurrando a porta da despensa e segurando a maçaneta escondida. – Ninguém vai estar aqui em cima. Podemos conversar em total privacidade.

Segurou a escada e ela se retraiu para baixo, revelando um quadrado de céu azul-escuro mais acima. A prova do estado de Leda era que ela nem sequer reagiu diante da existência de um telhado escondido no apartamento de Avery. Ela apenas inclinou a cabeça de leve e disse, com voz fria como gelo:

– Você primeiro. – Com os saltos de couro italiano deslizando um pouco nos degraus da escada, Avery começou a subir na escuridão.

LEDA

LEDA DEU UM PASSO à frente com dificuldade, por causa do vento. Seus instintos deveriam estar gritando com ela para voltar atrás e descer a escada, mas eles estavam abafados por um poderoso coquetel de xenperheidrina e várias outras drogas cujos nomes ela tinha esquecido. Agora, a xenperheidrina a mantinha atenta, ainda que com a consciência meio embaçada e ferida. Mas sua visão já estava começando a ser tomada por estranhas distorções, formas alongadas e sombras iluminadas. Era tudo agradável e cintilante, como uma holografia de carrossel para crianças.

– Transando com o irmão, um telhado secreto. – Ela se virou para enfrentar Avery. – Quantos outros segredos a Avery Fuller perfeita terá escondido, hein?

– Não precisa ser cruel. – Avery permaneceu imóvel.

A luz da lua brilhava sobre seu vestido azul-prateado, fazendo com que ela parecesse alguma estátua antiga de uma deusa grega.

– Quem sabe se precisa ou não sou eu! – disse Leda com maldade. Ali no telhado, tão perto das estrelas, ela se sentia jovem, viva e cheia de ódio. – Então... você e o Atlas. O que você acha que seus pais vão dizer quando descobrirem?

– Como *você* descobriu? – perguntou Avery em voz baixa.

– Eu tenho meus métodos. – Nem sonhando Leda falaria sobre Watt para Avery. Embora ali estivesse uma bela justiça poética: o menino que tinha se apaixonado desesperadamente por Avery foi quem entregou seu mais sombrio segredo.

Ela viera à festa aquela noite atrás de vingança, lembrou a si mesma. O que elas estavam fazendo ali no telhado, *de papinho*? Leda sacudiu a cabeça, tentando se concentrar. Ela não estava em plena forma. Talvez tivesse exagerado na dose de hoje.

– Leda – disse Avery, cheia de hesitação. – Eu o amo desde sempre. Desde que nós éramos crianças. Mas até agora nunca pensei que existia a possibilidade de nós dois... – Ela parou. – Eu não queria te machucar. Sinto muito por tudo o que aconteceu com você.

– Foi por isso que você agiu como uma vaca comigo o ano todo? Porque eu tava a fim do Atlas?

– Desculpe – começou a dizer Avery, mas Leda já estava falando mais alto que ela, a voz estrangulada.

– Você me fez pedir desculpas, na festa de Eris! Você me fez *implorar* pelo seu perdão! Eu pensei que você achava que eu não *servia* para ele!

– Leda! Claro que você serve para...

– E o tempo todo você só queria ele *pra si mesma*!

Avery empalideceu.

– Eu sinto muito. Foi muito difícil para mim, ver vocês dois juntos.

– Você não acha que foi difícil *para mim*, perder o único cara de quem eu já gostei na vida e a minha melhor amiga de uma vez só, justamente quando minha família está caindo aos pedaços? – Leda quase gritou. Estendeu a mão para limpar, furiosa, a única lágrima que lhe escapara do canto do olho. Remédios idiotas, que a faziam perder o controle sobre suas emoções. Leda não tinha prometido que nunca deixaria que ninguém a visse chorar?

Avery notou o gesto e deu um passo à frente, mas a mão de Leda no mesmo instante se colocou no caminho dela, alertando-a para recuar.

– Leda, o que está acontecendo com sua família? – perguntou Avery.

Leda não respondeu. Foda-se Avery e sua falsa simpatia. Ela não estava nem um pouco a fim de falar sobre isso. Mesmo entupida de droga, ela só podia lidar com uma crise de cada vez.

A voz de Avery era suave.

– Por que não voltamos lá para baixo? Podemos conseguir ajuda para você, seja lá qual for o problema, e...

– Não chega perto *de mim*! – gritou Leda. Seu corpo inteiro tremia de tensão.

Avery ficou em silêncio.

– O que você vai fazer? – perguntou ela, com cautela.

– Eu não sei!

Por que ela estava no telhado mesmo? Era tudo culpa de Avery. Avery é que a engambelou para que ela viesse até ali, "pelo bem da nossa amizade". *Que amizade?*, deveria ter perguntado. Precisava voltar a seguir seu plano, mas ela estava com dificuldade de lembrar qual era o plano mesmo... Ela só sabia que queria fazer Avery sofrer tanto quanto ela. Atlas também, embora por algum motivo a maior parte da raiva de Leda estivesse voltada para Avery. Por outro lado, fazia sentido. A traição dela foi muito maior.

– Eu não sei – disse Leda novamente, olhando para sua ex-amiga enquanto uma nuvem encobria a lua.

RYLIN

RYLIN ATRAVESSOU A PORTA para entrar no milésimo andar – e em outro mundo.

Nem ter trabalhado no apartamento de Cord, nem mesmo a viagem para Paris com ele, poderia prepará-la para esse nível de grandeza. Tudo, desde a entrada gigantesca de dois andares até a enorme sala de estar com janelas do chão ao teto, tinha sido projetado nos mínimos detalhes para enfatizar o bom gosto e a riqueza da família Fuller.

E, abarrotados neste apartamento absurdamente caro, centenas de adolescentes, ruidosos e de olhos brilhantes, bêbados, dançando. Rylin abriu seu caminho, esforçando-se ao máximo para encontrar Cord.

As pessoas estavam olhando para ela. A maioria reparou em seu vestido e seus sapatos baratos e ignorou-a; mas alguns dos olhares se interessaram mais. Rylin manteve o olhar voltado para a frente, desafiando alguém a vir falar com ela. Precisava encontrar Cord. Não gostou daquilo, da multidão esmagadora, da música no último volume e da forma como os olhos de todo mundo se dilatavam por causa das lentes de contato.

Este era o mundo de Cord, Rylin lembrou a si mesma. Não era essa a impressão que tinha quando eles estavam juntos – parecia que eles criavam um mundo próprio, só dos dois –, mas aqueles eram seus amigos. Ele quis trazê-la aqui esta noite, antes de ela arruinar tudo.

Seu tablet vibrou com uma mensagem de Lux. *Eu estou na floresta de aço, e Hiral está aqui, chateado. Cadê você? Tá tudo bem?*

Estou bem. Explico mais tarde, respondeu. A galera ao redor percebeu que ela estava digitando com os dedos em um tablet barato. Viram seus olhos, notaram a falta de lentes de contato, dirigiram olhares ainda mais curiosos em sua direção.

Ignorando a todos, Rylin deu uma volta metódica por ali procurando Cord, tentando planejar o que ela diria quando o visse. Ela apanhou uma bebida de uma bandeja que passava, esperando que aquilo acalmasse seus nervos. Não devia ter vindo; foi um erro. Onde estaria ele? Ela já tinha rodeado a festa inteira, duas vezes, e nenhum sinal dele. Talvez ele já tivesse ido embora.

E então ela o viu.

Ele estava no canto da biblioteca ao lado da sala de estar, conversando com uma garota de cabelos ruivos dourados. Rylin prendeu a respiração ao vê-los. A maneira

como seus corpos se inclinavam em direção um do outro, a mão dela apoiada no braço dele, seus quadris tocando-se muito de leve. Rylin soube, sem que ninguém precisasse lhe dizer, que Cord tinha dormido com ela.

Rylin ficou ali parada por um momento, observando como a menina ria de algo que Cord disse. Ela era linda, Rylin pensou amargamente, cheia de curvas suaves, os olhos grandes e aquele cabelo revolto. Cord riu junto com ela, correndo os olhos sobre seu corpo com deleite, e abaixou a mão ainda mais na sua cintura. A visão deles juntos foi como um soco no estômago de Rylin.

Sentindo que alguém o olhava, Cord olhou na direção dela.

– Rylin – disse ele como um idiota, como se não tivesse certeza de que podia acreditar em seus próprios olhos. E, de fato, por que deveria? O que Rylin Myers estava fazendo no milésimo andar? Eles ficaram parados por um instante, os dois olhando um para o outro, como se fossem atores em algum filme ruim e a imagem tivesse se congelado.

– Ah – murmurou a menina, virando-se para olhar Rylin, seus estranhos olhos âmbar iluminando-se em reconhecimento. – É ela? Sua empregada?

Aquelas palavras, a compreensão de que Cord tinha falado dela com aquela estranha, desencadearam alguma coisa em Rylin, e ela virou-se às cegas, subitamente desesperada para dar o fora dali.

– Espere, Rylin! – Ela pensou ouvir Cord dizer atrás dela, mas não tinha certeza se realmente tinha ouvido aquilo por causa do barulho da multidão, e de todo modo era tarde demais: ela já estava fugindo correndo dali.

– É ELA? – perguntou Eris novamente, virando-se para Cord. – Sua empregada? – Ela era bonita, Eris tinha que admitir, com seu rosto oval de pele clara e olhos amendoados cintilantes.

– Sim – disse Cord pensativo, olhando a garota se afastar.

– Por que ela fugiu desse jeito?

Para Eris, aquele parecia um comportamento estranho. Se ela tivesse visto um menino de quem estava a fim conversar com outra pessoa, teria se aproximado e entrado na conversa. Faria uma cena tal até conseguir o que queria.

Cord olhou para ela com o rabo do olho.

– Você tá ligada que meio que intimida as outras meninas, né?

– Eu? – Eris riu. Ela já tinha sido chamada de muitas coisas em seus dezoito anos, sexy, egoísta e volúvel, mas intimidadora era a primeira vez.

Estava prestes a dar uma resposta espirituosa, mas, ao observar o rosto de Cord, percebeu que o clima de brincadeira entre os dois tinha mudado. Os pensamentos de Cord estavam voltados para dentro, e ele parecia indeciso em relação a alguma coisa.

– Ah, meu Deus – murmurou Eris. – Você a ama.

Cord não respondeu, e isso em si já era a resposta.

– Você a ama, mesmo depois de ela ter usado você – prosseguiu Eris, intrigada. – Apesar de toda a sua grande declaração de que você não acredita no amor, você é só um otário como qualquer outra pessoa.

– Amor e confiança não são sinônimos – respondeu ele, enquanto as lentes de contato de Eris se iluminavam com uma nova mensagem.

Você está falando sério mesmo ou só está bêbada?

Eris se virou, gesticulando para Cord para indicar que ia fazer uma ligação, e fez um ping para Mariel. Ela atendeu depois do quarto toque.

– Eu estou falando sério. Tudo o que eu disse é verdade. Eu nem estou bebendo esta noite! E me desculpe – Eris se apressou em dizer, tudo de uma vez só. – Muitas mil desculpas. Eu nunca deveria ter dito aquilo.

Mariel ficou em silêncio. Eris sabia que ela precisava fazer algo mais.

– Eu agi errado e fui insensível. Eu simplesmente te ataquei. Estava na defensiva, depois que você reagiu mal quando eu disse que tinha aceitado o dinheiro.

– Eu não quero brigar com você, Eris – disse Mariel depois de uma pausa. Parecia

cansada. – Eu também sinto muito. Eu sei que eu também provoquei você. É que eu... me preocupo com você.

– Eu também me preocupo com você – disse Eris suavemente.

– Verdade que você não está bebendo? – perguntou Mariel, parecendo não acreditar.

– É. Eu não estava no clima, depois da nossa briga. – Ela suspirou. – Fiquei pensando nela a noite toda, tentando encontrar um jeito de me reparar com você. Eu não quero te perder – acrescentou, um pouco mais calma.

Mariel respirou fundo.

– Por que você não vem para cá e a gente conversa?

– Sim! – exclamou Eris. – Estou indo agora!

Um calor repentino se espalhou pelo centro do seu peito e ela soltou uma gargalhada; um riso alegre e borbulhante que saiu sem pensar. Mariel a perdoou. Se Mariel tinha lhe perdoado, tudo iria dar certo.

Ela começou a se afastar, mas o olhar de confusão e mágoa nos olhos de Cord a fizeram parar. Bem, por que o romance de Cord com aquela garota também não poderia dar certo? Se ela e Mariel tinham encontrado um jeito de se resolver, não havia motivo para que Cord e sua empregada não pudessem fazer o mesmo.

– Se você ama aquela menina, vá conversar com ela – insistiu Eris. Mas Cord apenas balançou a cabeça, teimoso e burro, como os garotos sempre eram.

Eris sentiu-se dividida. Não podia simplesmente deixá-lo assim, agora que ela havia recuperado aquilo que tinha mais medo de perder. Sentia-se expansiva, fulgurando com uma alegria selvagem e intensa.

“Posso consertar as coisas para ele!” A ideia veio clara e soou aguçada em sua mente, como os sinos na igreja de Mariel.

Eu preciso fazer um favorzinho pra um amigo. É importante. Desculpa! Chego aí em meia hora, respondeu ela a Mariel, e olhou para Cord.

– Eu vou trazer essa menina para você – declarou ela.

– O quê? – Cord parecia perdido. – Aonde você vai...?

– Eu vou trazer essa menina para você, e depois vou encontrar a Mariel! – gritou Eris por cima do ombro, encantada. Saiu correndo na direção da garota do andar inferior, rindo de novo do quanto o universo era estranho.

RYLIN

RYLIN SAIU CORRENDO a esmo pela festa, sem dar a mínima para quem estivesse rindo dela. Tudo o que ela queria era dar o fora, mas tinha se perdido naquele apartamento ridiculamente enorme e, sei lá como, ido parar na cozinha. Havia gente ali, algumas pessoas num canto; ela ouviu suas vozes. Deu meia-volta, tentando encontrar a saída, e viu um clarão de cabelo ruivo-dourado no corredor, logo atrás dela. "Que merda", Rylin pensou descontroladamente, aquela garota a estava *seguindo*?

Ela agarrou a maçaneta de uma porta que parecia levar a uma despensa, e entrou depressa.

Seus olhos se arregalaram com o que ela viu e, em seu choque, ela deixou a porta aberta. No meio daquela pequena despensa havia uma escada – e no alto um quadrado de azul profundo que só poderia ser o veludo do céu, salpicado de estrelas.

Esta era uma escada que dava acesso ao telhado.

Ela ouviu vozes lá em cima, vozes de meninas, mas estavam longe e o vento era ruidoso demais para que ela distinguisse o que diziam.

Rylin hesitou, a curiosidade momentaneamente superando todas as outras emoções. Por que não subir esta escada e ver aonde levava? Ali, na festa, estavam Cord e a garota ruiva e a dor aguda da decepção. E, mais para baixo, estavam Chrissa, Hiral, Lux e todos os outros que Rylin tinha conseguido magoar. Toda aquela maldita Torre estava repleta dos erros dela, mas lá em cima, no telhado, quem sabe?

Ela agarrou as bordas da escada, segurando firme com as unhas pintadas de preto, e subiu. Momentos depois estava saindo pelo alçapão. Quase não podia acreditar em seus próprios olhos. Ela estava de pé no topo da *Torre*. Todo mundo da floresta de aço estava a literalmente quatro mil metros abaixo dela. Ela estava sobre uma plataforma central, provavelmente grande o suficiente para acomodar cerca de trinta pessoas apertadas, com um gradil em um dos lados. Nas outras extremidades, despencava numa inclinação drástica que sumia entre as sombras. Acima, Rylin podia ver a ponta da Torre, arqueando-se para o alto. Ela estremeceu, esfregando os braços nus. Não tinha contado com o vento daqui.

As garotas do outro lado da plataforma estavam brigando. Rylin podia ouvir em suas vozes. Eram duas: uma negra cujos pulsos finos estavam erguidos, gesticulando irritada, e uma loira que provavelmente era a garota mais linda que Rylin já tinha visto. Ainda não a haviam notado.

– Eu não sei! – vociferou a menina mais baixa, afastando-se um passo da loira. Havia tanta mágoa e ameaça em sua voz que Rylin assustou-se um pouco. Ela não gostaria de ter aquela garota como inimiga.

Era melhor descer. Não queria se meter naquela história. Mas, antes que ela pudesse voltar, ouviu passos subindo a escada.

LEDA

LEDA PENSOU TER OUVIDO um barulho. Olhou bruscamente para o alçapão. Havia uma *garota* ali de pé, percebeu com perplexidade.

– Quem é você? – perguntou, raivosa.

– Rylin Myers – balbuciou a garota, e Leda pensou que reconhecia aquele nome. – Desculpe, eu não queria...

– Melhor você ir embora – disse Avery com urgência. Mais passos subiram pela escada e, em seguida, apareceu a cabeça ruiva-dourada de Eris. Ótimo. A última pessoa na face da Terra que Leda queria ver agora estava ali.

– Ah, aí está você! – exclamou Eris, saindo da escada, olhando para a tal da Rylin. – Escuta, eu só quero conversar com você. Cord está procurando...

– Qual é seu problema, hein? – sussurrou Leda, venenosa. Sua raiva tinha se desviado violentamente de Avery para Eris, concentrada em um único ponto ardente.

Eris levantou uma sobrancelha.

– Calma aí, Leda. Tenho certeza de que ela não queria vir até aqui.

– Não estou falando com ela, estou falando com *você*! – A lua cintilou sobre a echarpe cor de creme da Calvadour, a echarpe que o *pai* de Leda deu a Eris, e Leda perdeu completamente qualquer resto de controle que ainda conservava. – Como você ousa me olhar agora?

– Eris! – gritou Avery. – Desça agora, tá me ouvindo?

Eris olhou para a outra garota, a que ela tinha seguido até ali, e depois de novo para Leda. Por alguma razão louca, ela não arredou pé.

– Acho que você já descobriu tudo – disse ela depressa, olhando diretamente para Leda. – Seu pai lhe contou?

– Não quero falar com você! – Leda recuou freneticamente, aproximando-se da beira do telhado.

Avery veio para o lado de Eris, e as duas trocaram um olhar preocupado.

– Leda – disse Avery, e Leda ouviu o medo em sua voz –, por favor, venha aqui, e a gente conversa melhor.

Mas Leda olhava apenas para Eris, com os olhos grudados na echarpe. Como ela ousava sair por aí usando aquilo em público, o presente de um homem casado? Ela não tinha vergonha na cara?

– Qual seu problema, hein?! – gritou. – Por que você não pode simplesmente deixar

minha família em paz?!

Ela recuou mais um passo, sentindo-se desesperada. Elas estavam literalmente encurralando-a, aquelas duas meninas que supostamente eram suas *amigas*. Pois é, só que uma delas estava tendo um caso com seu pai e a outra tinha roubado o único garoto por quem ela se apaixonara. A piada na história toda era ela, pensou freneticamente, por ter amigas de merda. Ela enfiou a mão desajeitadamente no bolso interno da lateral do seu vestido, procurando por outro comprimido de xenperheidrina. Ela só precisava *raciocinar* com um pouco mais de clareza, e então iria descobrir como lidar com tudo aquilo. Mas a mão voltou vazia.

– Eu sei que você está chateada! – Agora Eris também tinha levantado a voz. – Desculpa, tá legal? Eu sei que é estranho! Mas eu não vou contar para ninguém. E nunca mais vou ver... – Ela hesitou um pouco. – O seu pai novamente. Prometo.

– Pegue essa sua echarpe idiota e dê o *fora* daqui! – Leda queria chorar, ou berrar, ou esquartejar Eris membro a membro; qualquer coisa menos ficar ali mais um segundo ouvindo Eris falar de seu pai. Como se ela já não tivesse tido o suficiente com que lidar naquela noite!

Agora Eris estava ao lado dela, perto o suficiente para Leda arrancar a echarpe de seu pescoço. Seu coração batia com a clareza aguda e ardente provocada pelos estimulantes. As duas estavam perigosamente perto da borda. Avery gritava, pedindo para que elas voltassem.

– Isso tudo também foi estranho para mim, tá legal? – murmurou Eris, olhando fundo nos olhos de Leda. – Por favor – disse ela, e tentou tocar o braço de Leda. Foi a gota d'água.

– Eu já falei, não me *toque*! – gritou Leda, e empurrou Eris às cegas. Ao longe, pensou ter ouvido mais passos subindo a escada.

Eris tropeçou para trás, quase em câmera lenta, seus saltos altíssimos dobrando-se sob seu corpo.

Por um momento pareceu que ela recuperaria o equilíbrio, e Leda tentou segurá-la, mas já era tarde, Eris tinha caído para trás. Seu belo rosto estava de olhos arregalados pelo choque. Leda observou enquanto a garota despencava em direção ao chão, as dobras de seu vestido vermelho esvoaçando em volta de seu corpo, a echarpe tremulando como uma bandeira branca inútil de rendição. Parecia estranhamente bela, pensou Leda com distanciamento assustador, a forma como seu vulto minúsculo deslizava para a escuridão da cidade lá embaixo.

Leda continuou parada olhando mesmo muito depois de Eris desaparecer de vista.

Uma eternidade incomensurável mais tarde, o horror do que tinha acontecido finalmente penetrou na mente de Leda. Ela enterrou o rosto entre as mãos e começou a gritar.

À distância, o sol estava aparecendo no horizonte, esticando seus dedos vermelhos e ousados para o céu noturno que batia em retirada.

Quando olhou para ele, tudo o que Leda conseguia ver era o vermelho intenso e nauseante de sangue recém-derramado.

WATT

WATT NÃO CONSEGUIA acreditar no que tinha visto.

Tinha chegado à festa e aberto caminho violentamente pela multidão, perguntando se alguém tinha visto Avery ou Leda. Até que duas garotas do primeiro ano com cara de assustadas apontaram na direção da cozinha. Ele viu a porta da despensa aberta, e uma escada que subia até a escuridão, e seu estômago se revirou de angústia enquanto Nadia dizia com urgência:

– Vá até lá. Agora.

No topo da escada, Watt encontrou Leda e Eris aos berros. Eris tinha tentado tocar Leda, e Leda tinha recuado e a empurrado para trás. Então Eris *caiu*, simplesmente deslizou pela lateral da Torre em direção ao vazio. Ele pensou em sua queda, os braços estendendo-se para cima inutilmente. Se ela tivesse sorte, morreria de choque antes do impacto.

Sentiu-se enjoado ao pensar em como o corpo dela, ou o que quer que tivesse sobrado dele, devia estar agora, no chão.

Leda continuava parada, olhando pela beirada da Torre, os olhos vazios, a boca aberta em um grito agudo, interminável. No telhado estavam outras meninas também: Avery e uma garota de olhos verdes brilhantes e cabelos escuros que ele não reconheceu. As duas estavam olhando em completo estado de choque o local onde Eris tinha desaparecido.

Watt não conseguiu mais suportar. Estendeu as duas mãos e puxou Leda para trás, com força, de modo que sua cabeça balançou um pouco e o grito sobrenatural finalmente chegou ao fim.

Eles ficaram se entreolhando por um instante, ele, Avery e a outra garota. Todos tinham visto o que havia acontecido. O rosto de Avery estava lívido, seus ombros tremiam, e Watt percebeu que ela estava chorando em silêncio, o luar tingindo suas lágrimas de um tom cintilante de prata. Claro, Eris era a amiga mais antiga de Avery. Ele sentiu vontade de abraçá-la enquanto ela soluçava, mas não se mexeu.

Leda estava curvada, tremendo. Seus olhos se mexiam depressa sob as pálpebras fechadas, e seu rosto estava retorcido de dor. Meu Deus, ela ainda estava alta desde a noite passada? Watt não podia acreditar que ontem mesmo ele estava tomando uísque com Derrick na sala. Tudo que aconteceu desde então parecia confuso – Leda seduzindo-o e o drogando, ele despertando e indo até ali, louco de preocupação com

Avery.

Mas tinha chegado tarde demais para salvar Eris.

A menina desconhecida quebrou o silêncio.

– Precisamos ligar para a polícia – disse ela, e sua voz tremia um pouco.

Watt perguntou a Nadia quem ela era, e Nadia checou suas feições com o sistema central de reconhecimento facial da Torre. *Rylin Myers, 32º andar.* Watt não entendia como ela tinha vindo parar ali.

Avery piscou os olhos, aturdida.

– Vou ligar – disse ela, mas ainda estava chorando. Watt não conseguiu suportar ver aquilo. Havia muito pouco que ele poderia fazer para ajudar agora, mas o mínimo que ele poderia fazer era lhe dar a chance de sofrer dignamente.

– Deixe que eu ligo – disse ele. Avery assentiu, agradecida.

Foi como se as palavras fossem encantadas e tivessem arrancado Leda do pesadelo em que ela estava presa. Ela levantou a cabeça, os olhos brilhando.

– Ah, não senhor, você não vai não – disse ela, assustadoramente calma. – É melhor você pensar duas vezes antes de fazer isso.

– Leda, Eris *morreu* – disse Avery. – Temos que pedir socorro!

– Ninguém pode socorrê-la se ela está morta – disse Leda, impiedosamente.

– É culpa sua que ela morreu! – gritou Avery.

– É mesmo? – Leda respirou fundo. Quanto mais o resto deles entrava em pânico, mais ela parecia estar recuperando uma certa calma. – Pelo que eu me lembro, você é quem trouxe todo mundo aqui em cima.

– Você *empurrou* a Eris!

– Empurrei? – Em comparação com o grito de Avery, a voz de Leda parecia baixa e silenciosa. – Acho que não. Acho que Eris bebeu demais, na *sua* festa. – Ela focou seu olhar em Avery novamente, sem piscar, como se fosse uma górgona e pudesse transformar sua amiga em pedra. – E aí ela escorregou.

Rylin interrompeu.

– Eu *vi* você empurrá-la. Vou contar à polícia o que eu vi.

Leda olhou ao redor, seus olhos saltando de pessoa em pessoa como se ela fosse um animal encurralado planejando uma fuga. Sua mente parecia estar analisando várias possibilidades.

– Rylin, certo? – perguntou ela, virando-se para a garota do andar inferior. – Você é a última pessoa que devia procurar a polícia agora, e você sabe muito bem por quê.

Rylin hesitou, e, no silêncio, Leda endireitou os ombros, ganhando impulso. – Nenhum de vocês vai procurar a polícia até a gente combinar nossa historinha direito. Eris ficou bêbada; escorregou e caiu. Se alguém disser o contrário, então eu não posso prometer que vou proteger *seus* segredos. – Ela riu como uma louca, com um brilho forte

em seus olhos.

Watt se arrepiou ao entender o que aquilo significava. Ela estava tentando ameaçá-lo por sua atividade de hacker. Dane-se, pensou; ele e Nadia eram cuidadosos, não deixavam vestígios de suas atividades.

– Você tá achando que pode me ameaçar por causa dos meus bicos? – vociferou, sem se importar com o fato de Avery e a outra garota estarem ouvindo. – Você nunca vai conseguir provar nada! Você não tem nenhuma prova contra mim!

– Oh, Watt... – disse Leda. Sua voz baixou, conspiradora. – Como eu ia dizendo, tenho coisa muito pior contra você. Não me pressione. – Ele olhou para ela, confuso. – Desculpe pelos comprimidinhos – acrescentou Leda, em um tom quase alegre. – Mas você que me obrigou a apelar a esse ponto. Se tivesse sido um pouquinho mais *divertido*, eu não precisaria ter recorrido a uma coisa dessas.

Avery olhou de Watt para Leda, lutando para acompanhar o que estava acontecendo. Watt estava lívido.

– Eu vou ligar para a polícia e contar tudo! – berrou ele.

– Como você quiser – disse Leda, com um sorriso tenso, sem achar nenhuma graça. – Por favor, deixe eu falar com eles também, para que eu possa contar quem é realmente essa Nadia.

O silêncio caiu sobre o telhado. Leda olhou para Watt. *Seria possível que ela realmente soubesse?* Mas como?

– Ah, é – disse Leda, acompanhando a direção dos pensamentos dele. – Estou tão ansiosa para conhecer a Nadia, sabia! De um jeito completamente impossível de quantificar. – Ela enfatizou muito de leve a sílaba *quant*, de modo que só ele ouvisse o tom.

Watt sentiu o chão se abrir. Ele jamais poderia dizer nada.

– Quanto a você – disse Leda, voltando-se para Rylin –, eu direi à polícia o que você fez com Cord. Você vai pegar no mínimo dez anos de cadeia por isso. Talvez até a prisão perpétua.

Rylin empalideceu. Watt se perguntou o que Leda teria contra ela. *Nadia, tente descobrir,* ordenou ele. Talvez houvesse algum jeito de ajudar. Se apenas um deles pudesse sair da palma da mão de Leda!

– Eu não vou esconder o que você fez, Leda, não depois que... – Avery começou a dizer, mas Leda virou-se bruscamente para ela e a interrompeu:

– *Nem pense* em abrir a boca, Avery. Seu segredinho é o pior de todos.

Avery ficou em silêncio. Watt se compadeceu por ela. Claro, ele sabia o que Leda tinha contra Avery, porque tinha sido ele quem lhe entregara aquele segredo em uma bandeja de prata.

– Então – continuou Leda, e pela primeira vez sua voz estava um pouco trêmula, com

certo tom nervoso histérico. – Estamos combinados? Eris ficou bêbada, escorregou e caiu. Certo?

Ela olhou para cada um deles, um por vez. Rylin assentiu lentamente, e então Avery fez o mesmo, marionetes impotentes que eram. Watt olhou para Leda por um instante, a cabeça em disparada, desesperado para encontrar uma solução.

Mas não havia nenhuma saída à vista. Ele iria mentir sobre a morte de uma menina inocente.

De modo inevitável, Watt por fim assentiu, exatamente como Leda sabia que ele iria fazer.

AVERY

AVERY NUNCA TINHA VISTO a igreja de São Martinho, do 947º andar, tão lotada quanto na manhã do funeral de Eris.

O funeral de Eris. Era quase impossível de acreditar, mesmo para Avery, que a vira morrer.

A igreja estava à meia-luz e coberta de preto, cheia de pessoas vestidas com roupas elegantes e lúgubres. Os únicos pontos brilhantes eram uma profusão de flores brancas ao redor do caixão de madeira encerada mais à frente, e o telão ao lado dele, que exibia imagens intermitentes de Eris, todas elas retratos rígidos e posados que sua mãe devia tê-la obrigado a fazer, e não as selfies espontâneas com que Eris lotava seus feeds.

Eris teria odiado isso aqui, pensou Avery, com um soluço que era também uma meia risada. Era tudo sombrio e muito tradicional. Bem diferente de como a própria Eris tinha sido, expansiva e cheia de vida.

Ela tinha tantas lembranças de Eris. As duas brincando de se fantasiar quando crianças, lutando para ver com quem ficaria o vestido de princesa que mudava de cor quando você agitava uma varinha eletrônica. A vez em que elas fizeram juntas aquele horroroso corte de cabelo de cuia na sétima série, a noite em que tomaram cerveja pela primeira vez, como Eris tinha levado Avery para a casa dela com aquele mesmo corte de cabelo enquanto Avery passava mal a noite inteira. As duas rindo na aula de latim porque na tradução todas as palavras pareciam palavrões. A vez em que fugiram para passar um fim de semana em Londres só porque Eris declarou que estava "de saco cheio de Nova York".

Eris estivera passando por um momento difícil nos últimos tempos, no entanto, e de repente Avery se arrependeu de não ter ajudado mais a amiga. Eris precisara muito de sua ajuda, mas Avery estava envolvida demais em seu próprio drama de Atlas, Leda e Watt para fazer mais do que apenas organizar uma festa de aniversário para ela. E até mesmo isso terminou em desastre.

Pelo menos Eris tinha sido feliz nas últimas semanas, com aquela garota do andar inferior com quem ela estava saindo. Avery imaginou onde estaria aquela garota, se ela estaria ali naquela tarde. Queria tê-la conhecido. Eris nem sequer contara a Avery o seu nome.

Avery olhou em volta, de seu ponto de vista privilegiado na frente da igreja. Parecia que todo mundo que conhecia Eris estava ali, todos os colegas de classe e professores, os

pais dos amigos e os amigos dos pais. Avery viu Watt lá atrás, com um olhar tão sombrio quanto o dela, embora ela não tivesse falado com ele desde aquela noite. Os outros amigos de Eris estavam na fileira atrás dela: Jess, Risha, até mesmo Ming – e Leda, é claro, cujos olhos estavam fixos nas costas de Avery o tempo todo. A família de Eris estava no banco da frente: sua mãe, com um vestido de crepe preto que não era exatamente apropriado para um funeral, embora ninguém fosse ter coragem de lhe dizer isso; a tia de Eris, Layne, que viera da Califórnia; e, para a surpresa de Avery, Everett Radson e sua mãe idosa. A avó Radson olhava para a frente, os olhos inescrutáveis. Avery nunca tinha visto uma pessoa coberta com tantos diamantes, como se ela quisesse compensar em quilates o que lhe faltava em juventude. Ao lado dela, o sr. Radson soluçava com o rosto coberto por um lenço com monograma.

Avery queria sentir raiva dele em apoio a Eris. Não parecia direito que ele tivesse abandonado Eris em vida e agora ficasse tão desolado com sua morte. No entanto, ela não conseguia sentir raiva de um homem que parecia destruído pela tristeza.

Avery e sua família estavam no segundo banco, atrás dos Dodd-Radson, um lugar de honra surpreendente, dado que Eris morrera na festa de Avery. Entretanto, os pais de Eris não pareciam culpá-la pelo que havia acontecido. Ela não poderia dizer o mesmo de seus próprios pais, que mal conseguiam olhar para ela. Os rostos ainda estavam lívidos de choque. Ao lado de Avery estava Atlas, mais lindo que nunca com seu terno escuro. Ele não parava de tentar chamar sua atenção, mas ela olhava determinada para o telão em frente, que exibia em sequência os retratos posados da sua amiga morta.

– Porque nada trouxemos a este mundo, e manifesto é que nada poderemos levar dele...

Nada, nada, nada, a palavra ecoou na cabeça de Avery. De nada Avery entendia, porque era exatamente o que tinha feito por Eris: nada. Ela não contara a ninguém a verdade sobre a morte da amiga, nem mesmo a Atlas.

A verdade não mudaria as coisas, ela tentara racionalizar. Não traria Eris de volta à vida. Porém, Avery sabia que esses pensamentos eram covardes e egoístas, e desprezava a si mesma. Depois da queda de Eris – apenas três noites atrás, embora parecesse uma eternidade –, Avery tinha interrompido bruscamente a festa e chamado a polícia. Eles chegaram quase que no mesmo instante. Avery levou-os ao telhado e explicou com voz trêmula como o havia descoberto, e que levara alguns amigos aqui para mostrar a vista. Os quatro tinham sido interrogados pela polícia. Como haviam acertado, todos mantiveram a versão de Leda: Eris estava bêbada e escorregou.

Avery ficou um pouco chocada com a facilidade com que a mentira foi aceita. Ninguém pediu nenhuma prova, nem pressionou por mais informações. Avery sabia que deveria ter sido responsabilizada por abrir o telhado para visitas, para começo de conversa, mas a única consequência foi a visita de uma equipe de manutenção para

fechar o lugar para sempre. E todos os olhares que lhe destinavam agora, piores do que antes. *Que chocante que Avery Fuller tenha sido tão descuidada,* sussurravam todos, *deixando a amiga bêbada subir naquele telhado assim. Que acidente trágico*.

O enorme órgão da igreja começou a tocar e todos se puseram a cantar um hino fúnebre. Avery apanhou o hinário antigo – aquela igreja não era como a dela, do tipo que projetava a letra nas lentes de contato das pessoas – e tentou acompanhar, com sua voz rouca. Estava segurando o hinário com a mão direita, mas a esquerda, ao lado de Atlas, pendia de lado. Ele roçou seu dedo mindinho contra o dela, muito de leve, em um gesto de apoio silencioso.

Avery o ignorou. Podia sentir Leda olhando para ela lá de trás, desafiando Avery a testar seus limites.

Avery não sabia o que fazer em relação a Atlas. Ela o amava tanto que doía, com um amor que saturava cada fibra de seu ser. Mas aquele amor estava complicado agora, esmagado pela tragédia e pela dor.

Eles não podiam mais fugir, agora que Leda sabia da verdade. Antes não haveria problema se fizessem isso – seus pais acabariam criando alguma história, uma maneira de explicar tudo, da mesma maneira como fizeram no ano passado, quando Atlas desapareceu. Mas, se fugissem agora, Avery sabia que Leda revelaria seu segredo tão logo eles se fossem. E ela se recusava a submeter seus pais a isso. Ela e Atlas teriam de ficar, pelo menos até que descobrissem um jeito de lidar com Leda.

Um segredo por um segredo, pensou ela, cáustica. Sim, ela tinha um segredo contra Leda, para rebater o que Leda sabia sobre ela e Atlas. Mas por quanto tempo esse equilíbrio tênue poderia realmente durar?

Agora tudo estava diferente. A época antes da morte de Eris parecia outra vida, outro mundo. Aquela Avery tinha ficado para trás. Aquela Avery tinha se quebrado, e uma nova Avery – mais dura, mais calejada – tinha emergido dos cacos estilhaçados.

Ali parada, incapaz sequer de chorar a dor pela morte da sua amiga, Avery teve a sensação de que, enquanto Leda estivesse por perto, ela jamais voltaria a sentir-se segura novamente.

MARIEL

MARIEL ESTAVA NOS FUNDOS da igreja, meio escondida nas sombras, quase uma sombra em si mesma. Estava usando o vestido que Eris tinha odiado tanto, porque não tinha nenhum outro vestido preto, mas por cima atirara um suéter e, tudo combinado com seus brincos de pérola falsos e sua sandália baixa preta, não ficou tão terrível. Tinha inclusive deixado de lado o seu batom vermelho costumeiro, apenas passara um pouco de pó em torno de seus olhos, vermelhos de tanto chorar. Ela queria estar bonita ao dizer seu último adeus a Eris. A única garota que ela realmente tinha amado, embora não tivesse contado a ela, ao menos não com todas as palavras.

Ela apertou o rosário no bolso com tanta força que sua mão ficou branca e olhou ao redor.

A igreja estava repleta de pessoas vestidas com roupas pretas de alta costura, com bolsas de couro de grife, chorando com o rosto enfiado em lenços com monograma. Teriam mesmo sido todos amigos de Eris? Não podiam conhecê-la tão intimamente quanto Mariel. Certamente eles não sentiam tanta *saudade* de Eris quanto ela, com uma dor lancinante que rugia por dentro dela e ameaçava afogá-la. Toda manhã, nos últimos três dias, Mariel acordara pensando em algo que queria dizer para Eris – e então se lembrava, e a dor a atingia mais uma vez.

Misturado com o sofrimento havia uma terrível culpa que a roía por dentro, pelas coisas cruéis que ela dissera na noite em que Eris morreu. Ela não tinha falado a sério; só ficou irritada no calor do momento, com medo de que, quando Eris se mudasse para um dos andares superiores da Torre, Mariel a perdesse para aquele mundo. Quando Eris foi para a festa sozinha, Mariel ficou em um estado quase frenético.

Ela sabia que amava Eris mais do que Eris a amava, que talvez Eris nem sequer a amasse. Saber disso a enchia de medo.

Tinha amado Eris desde o começo, praticamente. Ela não sabia por quê, mas ela se sentiu inexoravelmente atraída por ela desde o primeiro instante. Eris era brilhante e livre, com certeza; mas também era luminosa e magnética, com uma energia que fazia Mariel sentir-se repentinamente cheia de vida. Ela tentou lutar contra aquilo, por um tempo, mas no fim das contas Mariel nunca tivera escolha. Ela não tinha como não amar Eris.

Quando Eris ligou para ela, ainda na festa, Mariel suspirou de alívio. Elas iam fazer as pazes. Eris disse que chegaria em sua casa logo mais. Mariel ficou acordada a noite

inteira e metade da manhã seguinte, esperando, mas Eris não apareceu.

No fim das contas, ela acabou de fato perdendo Eris para este mundo da alta sociedade.

Mariel desviou os olhos para o caixão na frente da igreja. Não podia acreditar que Eris estivesse realmente dentro daquela coisa. Não era grande o suficiente para abarcá-la, com sua gargalhada intensa e seus gestos exagerados e suas emoções maiores do que a vida. Nem aquela igreja inteira – não, nem toda a *Torre* – era grande o suficiente para abarcá-la. Eris era maior do que tudo aquilo.

Enquanto o padre continuava a recitar, Mariel pensava no modo como Eris tinha morrido. Disseram que ela seguiu seus amigos idiotas até uma parte do telhado da Torre que deveria estar fechada ao acesso. Que tinha bebido demais, escorregado e caído. Um acidente terrível e trágico, evitável.

Mariel sabia que não era verdade. Eris *disse* que não estava bebendo. E ela lhe enviara aquela mensagem estranha, avisando que iria fazer um favor para um amigo antes de ir para a casa dela. O que Eris tinha ido fazer? Que tipo de amigo levaria Eris até o telhado? Alguma coisa na história não fechava, e isso atormentava Mariel.

Aquela gente da alta-sociedade pensava que era imune aos problemas reais, que estavam seguros lá em cima, encarapitados a milhares de metros do chão, com seu dinheiro e suas conexões. Mas estavam errados. Mariel iria descobrir a verdade sobre a morte de Eris. Se alguém tivesse sido o responsável, se alguém tivesse alguma coisa para esconder, ela o faria pagar.

Ela ficou nos fundos da igreja durante o restante da missa fúnebre, sem ter sido convidada, e ignorada. Porém, qualquer um que olhasse com mais atenção teria notado os candelabros lançando sombras sobre os ossos de suas maçãs do rosto dramáticas, iluminando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

AGRADECIMENTOS

ESCREVER UM ROMANCE sempre foi meu sonho, entretanto às vezes parecia algo impossível. Agradeço por ter recebido uma quantidade extraordinária de apoio e assistência ao longo de todo esse processo.

Em primeiro lugar, um obrigada imenso a toda a equipe da Alloy Entertainment. Joelle Hobeika, minha editora incansável, intrépida e corajosa: obrigada por ser minha parceira de crime desde o início. Este livro se beneficiou demais de seu incentivo e de suas ideias, de maneiras que nem eu poderia quantificar. Josh Bank, o primeiro a me ouvir vendendo a ideia de *O milésimo andar:* obrigada por se apaixonar pela história do mesmo modo que eu, e as horas incontáveis que passou ajudando a melhorá-la me impressionam. Sara Shandler, obrigada pela energia, pelo incentivo e pelas sugestões editoriais. Les Morgenstein, Gina Girolamo, Maggie Cahill e todo mundo do escritório da Alloy de Los Angeles, valeu por todo seu esforço de transformar *O milésimo andar* em série de televisão. Obrigada ainda a Theo Guliadis, pela genialidade no trato de mídias sociais; Elaine Damasco, pela capa maravilhosa, luxuosa e totalmente perfeita; Liz Dresner, pelo seu talento em design; Romy Golan, por nos manter dentro do prazo; Stephanie Abrams e Matt Bloomgarden, por lidarem com mais planilhas financeiras e contratuais do que o número de páginas deste livro; e Heather David, por de alguma maneira fazer toda essa operação funcionar sem percalços apesar de todos os nossos esforços em contrário.

Agradeço demais a toda a maravilhosa equipe da HarperCollins, sem a qual este livro jamais teria sido possível. Emilia Rhodes: como fomos longe desde a época em que editávamos romances de vampiros juntas. Não existe ninguém com quem eu teria gostado mais de trabalhar neste projeto quanto você. Obrigada por acreditar nele, e em mim. Jen Klonsky: obrigada, obrigada e obrigada mais uma vez pelo entusiasmo infinito e pelo apoio durante todo o processo. Alice Jerman: sei por experiência própria o quanto é difícil ser assistente de um processo editorial e portanto agradeço muito sua ajuda. Sarah Kaufman, Alison Klapthor e o resto da equipe de design da Harper: obrigada por produzirem este livro de uma maneira tão linda. Um enorme agradecimento segue também para Elizabeth Ward e o restante da equipe de marketing da Harper, pelos seus esforços incansáveis e extremamente criativos de espalhar a notícia sobre *O milésimo andar.*

À equipe de Direitos Autorais, obrigada por levarem este livro a tantos lugares do

mundo. Não consigo acreditar no quanto conseguiram vendê-lo em tão pouco tempo – ainda parece um sonho.

Aos meus amigos e família, obrigada por todas as suas contribuições para este trabalho e por me aguentarem durante o processo de criação. Mãe e pai: eu jamais teria chegado até aqui sem seu apoio e confiança inabaláveis. John Ed e Lizzy, vocês sempre foram minha inspiração e meus primeiros fãs. Obrigada aos meus avós, principalmente Snake, por me ensinar a ler tantos anos atrás. Sinto demais sua falta, e sempre sentirei.

Obrigada também à família Field, por me abrigarem durante mais de um longo fim de semana de escrita, com um agradecimento especial a Kiki, por me levar de carro para casa depois de um casamento, em uma viagem de oito horas, enquanto eu escrevia no banco da frente. E por fim, claro, a Alex: obrigada por sua paciência, seus incentivos em forma de guacamole, por conversar sobre adolescentes fictícios por mais tempo do que merecia e por ler este livro a cada passo do caminho.

Título original
THE THOUSANDTH FLOOR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © 2016 *by* Alloy Entertainment e Katharine McGee

Todos os direitos reservados.

Edição brasileira publicada mediante acordo
com Rights People, Londres.



Original produzido por Alloy Entertainment
1325 Avenue of the Americas
Nova York, NY 10019
www.alloyentertainment.com

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
SOFIA SOTER

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de produção digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: março, 2018.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M429m
McGee, Katharine
O milésimo andar [recurso eletrônico] / Katharine McGee; tradução Ana Carolina Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2018.
recurso digital (O milésimo andar ; 1)

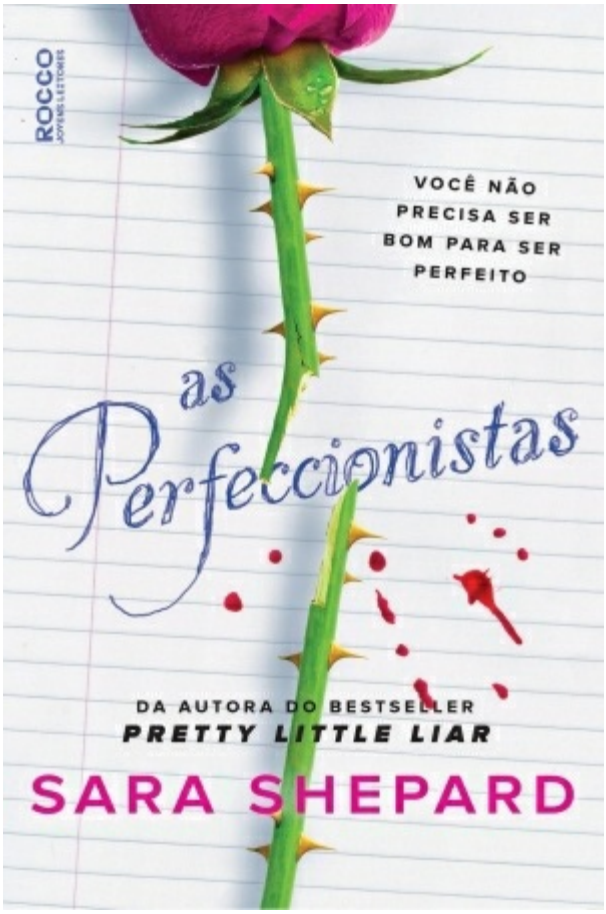
Tradução de: The thousandth floor
ISBN 978-85-7980-398-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título. III. Série.
17-46315 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

KATHARINE MCGEE é de Houston, Texas. Ela estudou literatura inglesa e francesa em Princeton e tem MBA por Stanford. Ela começou a pensar sobre arranha-céus quando morava em um apartamento de segundo andar em Nova York... e a partir daí começou a escrever. *O milésimo andar* é seu primeiro romance.


ROCCO
JOVENS LEITORES
VOCÊ NÃO PRECISA SER BOM PARA SER PERFEITO
as Perfeccionistas
DA AUTORA DO BESTSELLER
PRETTY LITTLE LIAR
SARA SHEPARD

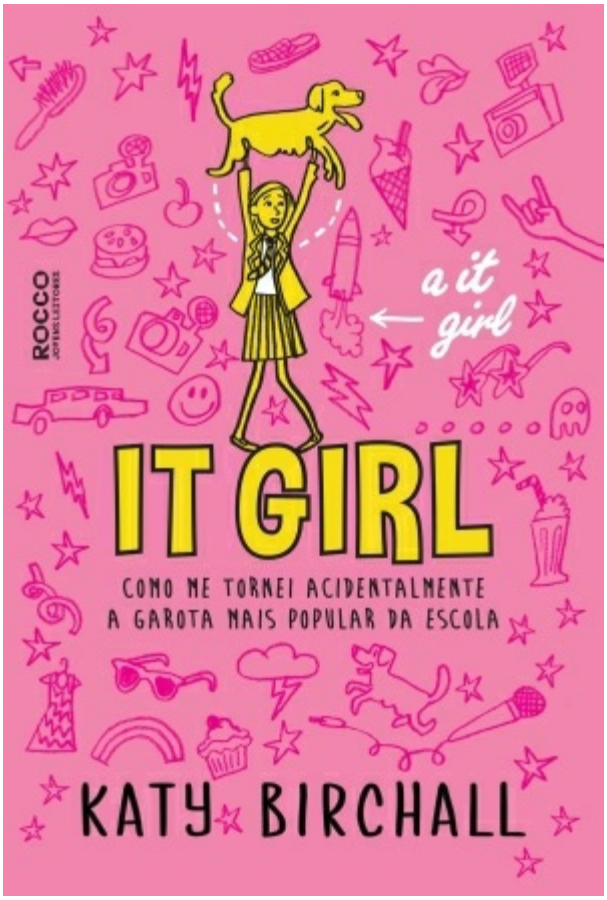
As perfeccionistas

Shepard, Sara
9788579803598
288 páginas

Compre agora e leia

Coleção Pegadas MisteriosasTOME CUIDADO COM O QUE VOCÊ DESEJA. Em Beacon Heights, Washington, cinco garotas do último ano do ensino médio sabem que você não precisa ser bom para ser perfeito. Mackenzie, um gênio da música, quer desesperadamente entrar na Julliard, mesmo se isso significar um dueto com o namorado da sua melhor amiga. A linda Ava não se orgulha de usar sua beleza para conseguir a nota máxima. A atlética Caitlyn está a um gol de uma bolsa de estudos de esporte – isso se ela conseguir dar um tempo no drama do seu relacionamento. A popular Julie tem tudo o que quer – literalmente, graças a sua mãe acumuladora – e vai fazer de tudo para manter o segredo da sua família. Parker, antiga it girl, está experimentando seu lado mais selvagem. As cinco meninas acham que não têm nada em comum, até que descobrem que odeiam a mesma pessoa: o rico e convencido Nolan, que fez coisas terríveis com cada uma delas. Elas montam o plano de um assassinato perfeito – um assassinato hipotético, é claro. É tudo apenas um desejo... até que elas acordam um dia e descobrem que se tornou realidade. Nolan foi morto – exatamente do jeito que elas planejaram. Mas elas não fizeram isso. Então quem fez? De repente, as meninas são as principais suspeitas do assassinato. E, a não ser que elas encontrem o verdadeiro assassino, suas vidas perfeitas vão começar a estilhaçar ao redor delas.

Compre agora e leia


ROCCO
JOVENS LEITORES
a it girl
IT GIRL
COMO ME TORNEI ACIDENTALMENTE
A GAROTA MAIS POPULAR DA ESCOLA
KATY BIRCHALL

It girl

Birchall, Katy
9788579803796
272 páginas

Compre agora e leia

Coleção La Vie En RoseObjetivos de vida de Anna Huntley:1. Manter a amizade com os meus dois maravilhosos novos (e únicos) amigos da escola sem fazer nada idiota e socialmente inadequado.2. Treinar o Cão (meu labrador) para cumprimentar batendo a pata na mão. Provavelmente é o objetivo mais ambicioso da lista.3. Não botar fogo (de novo) no cabelo da rainha-substituta malvada da escola.4. Descobrir se os itens 2 e 3 constituem ser socialmente inadequada e idiota.5. Ir para a África distribuir arroz.6. Ficar escondida no armário pro resto da vida com Cão porque meu pai está noivo de uma das atrizes mais famosas do mundo, os paparazzi querem botar minha cara em todos os jornais e todos na escola (e no mundo) estão prestes a descobrir o meu grau de inadequação social.7. Será que arroz já está ultrapassado? Talvez eu possa distribuir chocolate na África também. Eu gosto de chocolate. Tenho que descobrir como fazer isso de dentro do armário...

Compre agora e leia

Clarice Lispector

A MULHER QUE MATOU OS PEIXES



ROCCO
JOVENS LEITORES

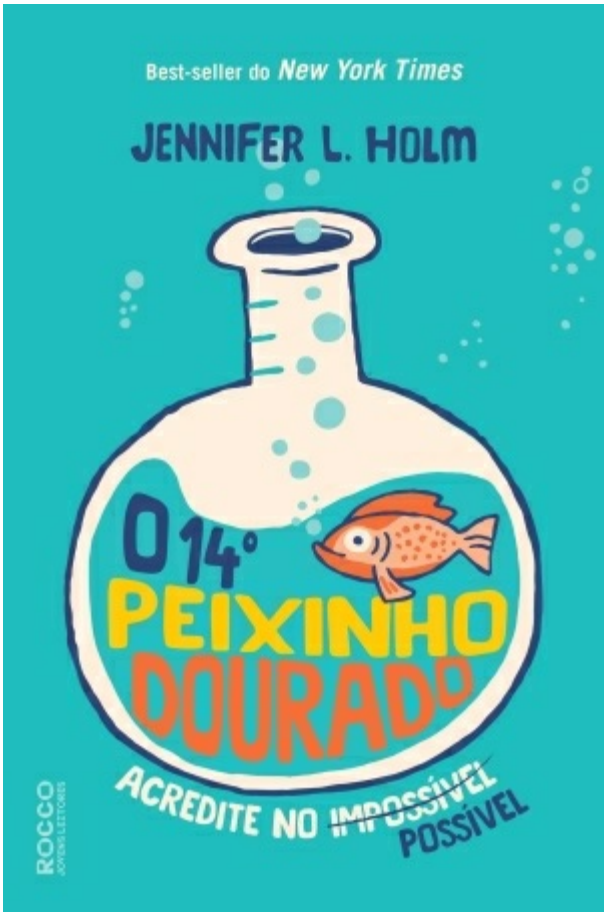
A mulher que matou os peixes

Lispector, Clarice
9788581226033
32 páginas

Compre agora e leia

"A mulher que matou os peixes infelizmente sou eu." Clarice Lispector começa confessando o "crime" que cometeu sem querer. E para explicar como tudo aconteceu, ela escreveu uma história de compreensão e afeto, contando sobre todos os bichos de estimação que já viveram em sua casa. Os que vieram sem ser convidados e foram ficando, e os que ela escolheu para criar, e que foram muitos: uma lagartixa que comia os mosquitos e mantinha limpa a sua casa, cachorros brincalhões, uma gata curiosa, um miquinho esperto, vários coelhos...Antes de mais nada, ela explica que sempre foi alguém que gosta de animais, de crianças e também de gente grande. Todos os bichos que aparecem em seus livros fizeram, em algum momento, parte de sua vida. Nada mais natural, então, do que contar simplesmente o que aconteceu com cada um deles. Por isto mesmo, estas histórias são narradas de modo coloquial e muito próximo do cotidiano infantil. Mesmo quando ela fala sobre dor e perda, quando explica que, às vezes, as coisas acontecem diferente da maneira que queremos.Clarice mostra, em A mulher que matou os peixes, que além de conhecer muito de perto o universo infantil, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade. Ela trata os sentimentos com toda a delicadeza e fala direto ao coração.

Compre agora e leia


Best-seller do New York Times
JENNIFER L. HOLM
O 14º
PEIXINHO
DOURADO
ACREDITE NO POSSÍVEL
ROCCO

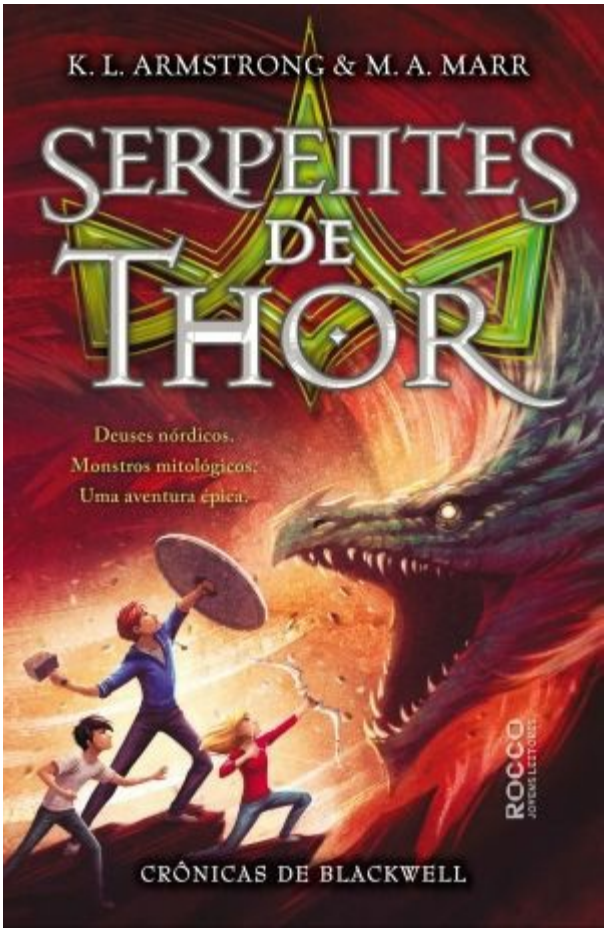
O 14º peixinho dourado

Holm, Jennifer L.
9788579803994
192 páginas

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Extraordinárias.Um dia, Estrelinha, minha professora da pré-escola, deu um peixinho dourado para cada um levar para casa. Ela os comprou numa promoção na pet shop. Na hora da saída, explicou para nossos pais:– O peixinho vai ensinar sobre o ciclo da vida aos seus filhos. Eles não costumam durar muito.Douradinho viveu muito, até que a verdade veio à tona com minha mãe: – Ellie, este não era o Douradinho original. O primeiro peixe só durou duas semanas. Quando ele morreu, comprei outro e o coloquei no aquário. Nesses anos todos, já tivemos uma porção de peixes. O Décimo Terceiro Douradinho recebeu um funeral no vaso sanitário, e perguntei a minha mãe se eu podia ter um cachorro.Ellie, uma garota de onze anos, nunca gostou de mudanças. Ela sente falta do quinto ano. Ela sente falta de sua antiga melhor amiga. Sente saudade até do seu peixinho dourado que acabou de ir embora. Então, um dia, um menino estranho aparece. Ele é mandão, mal-humorado e surpreendentemente parece muito com o avô de Ellie, um cientista que sempre foi obcecado com a ideia de imortalidade. Aquele garoto cheio de espinhas poderia mesmo ser o vovô Melvin? Será que ele finalmente descobriu o segredo para a juventude eterna?De um jeito leve e com muito humor, este livro celebra as maravilhas da ciência e explora questões fascinantes sobre a vida e morte, família e amizade, imortalidade... e possibilidade.

Compre agora e leia


K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR
SERPENTES DE THOR
Deuses nórdicos.
Monstros mitológicos.
Uma aventura épica.
ROCCO
CRÔNICAS DE BLACKWELL

As serpentes de Thor

Armstrong, K. L.
9788579803765
304 páginas

Compre agora e leia

Coleção Aventuras Extraordinárias Lendas nórdicas estão entre nós… Os jovens de treze anos Matt, Laurie e Fen conseguiram superar desafios quase impossíveis para reunir os descendentes e Campeões dos Deuses Nórdicos, ficando cara a cara com trolls, com monstros que cospem fogo e até com a morte. Agora, os três devem completar a missão mais difícil de todas: evitar o fim do mundo. Eles precisarão de toda sua força e coragem – e uns dos outros – para derrotar os monstros perigosos e os obstáculos pelo caminho. No entanto, quando descobrem que Matt deve ir para a batalha final sozinho e Fen e Laurie são jogados em outras direções, os amigos têm que aceitar que não poderão seguir juntos nessa jornada. Matt, Laurie e Fen terão que lutar para serem fiéis a eles mesmos, uns aos outros, e para sobreviver. Com o futuro da humanidade por um fio, não há muito espaço para erros – e para salvar o mundo, cada um deles terá que aprender o que realmente significa ser um Campeão. As apostas não poderiam ser mais altas nesse desfecho eletrizante da trilogia Crônicas de Blackwell!

Compre agora e leia